



ORGULHO E PRECONCEITO E ZUMBIS

JANE AUSTEN E SETH GRAHAME-SMITH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Contracapa:

"É uma verdade universalmente aceita que um zumbi, uma vez de posse de um cérebro, necessita de mais cérebros."

"Jane Austen não é para qualquer um. Nem zumbis. Mas misture os dois e a única questão é: por que ninguém pensou nisso antes? Usar mortos-vivos canibais nessa diferente reinterpretação é apenas o que a joia de Austen precisava."

— *Wired*

"Já houve alguma obra literária que não pudesse se melhorada acrescentando-se zumbis?"

— Lev Grossman, *Time*

"*Orgulho e preconceito e zumbis* é uma proeza. Depois de se divertir com uma intriga atemporal, é difícil lembrar como o romance de Jane Austen teve sucesso sem os mortos-vivos. O que começa como um truque termina como a valorização vitoriosa do encanto da linguagem, dos personagens e das passagens de Austen. Nota 10."

— *The Onion A.V. Clube*

Abas:

Orgulho e preconceito e zumbis é uma versão ampliada do popularíssimo romance de Jane Austen, trazendo cenas inéditas com zumbis partindo crânios de pessoas vivas para devorar seus miolos. Na abertura desta história, ficamos sabendo que uma misteriosa praga se abateu sobre o tranquilo vilarejo de Meryton, na Inglaterra — e os mortos estão retornando à vida!

Nossa implacável heroína, Elizabeth Bennet, está determinada a eliminar a ameaça zumbi, mas logo sua atenção é desviada pela chegada do altivo e arrogante Sr. Darcy. O que se segue é uma deliciosa comédia de costumes, repleta de civilizados embates entre os dois jovens enamorados — além de batalhas um tanto mais violentas, em cenas nas quais o sangue jorra fartamente.

Conseguirá Elizabeth subjugar as crias de Satã? Poderá ela superar os preconceitos sociais da aristocracia local? Complementado com amor, emoção, duelos de espada, canibalismo e milhares de cadáveres em decomposição, *Orgulho e preconceito e zumbis* transforma uma obra-prima da literatura mundial em algo que você terá vontade de ler.

JANE AUSTEN é autora de *Razão e sensibilidade*, *Persuasão*, *Mansfield Park* e outras obras-primas da literatura inglesa.

SETH GRAHAME-SMITH, em certa ocasião, fez um curso de literatura inglesa. Mora em Los Angeles.

www.intrinseca.com.br

Orgulho e Preconceito e Zumbis



JANE AUSTEN E SETH GRAHAME-
SMITH

Tradução de Luiz Antonio Aguiar



ALGUNS POUCOS CONVIDADOS, QUE DESAFORTUNADAMENTE ESTAVAM PRÓXIMOS DEMAIS DAS JANELAS, FORAM AGARRADOS E

IMEDIATAMENTE DEVORADOS.

CAPÍTULO 1

É UMA VERDADE universalmente aceita que um zumbi, uma vez de posse de um cérebro, necessita de mais cérebros. E nunca tal verdade foi mais inquestionável do que durante os recentes ataques ocorridos em Netherfield Park, nos quais os dezoito moradores de uma propriedade foram chacinados e consumidos por uma horda de mortos- vivos.

— Meu caro Sr. Bennet — disse-lhe certo dia sua esposa —, já soube que Netherfield Park foi alugada novamente?

O Sr. Bennet respondeu que não havia tomado conhecimento disso, e continuou absorto em suas tarefas matinais, que consistiam em afiar adagas e limpar mosquetes — já que os ataques dos não mencionáveis vinham aumentando de forma alarmante nas últimas semanas.

— Pois foi — replicou ela.

O Sr. Bennet não comentou.

— E não quer saber quem se mudou para lá? — disse em voz estridente sua mulher, perdendo a paciência.

— Mulher, estou cuidando dos meus mosquetes. Diga as asneiras que quiser, mas me deixe tratar da defesa de minha propriedade!

Tal resposta foi como um convite a prosseguir, o que bastou para a Sra. Bennet.

— Ora, muito bem, meu caro marido. A Sra. Long contou que Netherfield foi alugada por um jovem de grande fortuna; que ele conseguiu escapar de Londres numa charrete de quatro cavalos tão logo a estranha praga rompeu a linha de defesa de Manchester.

— Como ele se chama?

— Bingley. Um jovem solteiro com quatro ou cinco mil de renda por ano. Que beleza para nossas meninas.

— Como assim? Será que ele pode treiná-las no manejo da espada e do mosquete?

— Como você pode ser tão maçante? É claro que sabe que estou me referindo a ele se casar com uma delas.

— Um casamento? Em tempos como os que vivemos? Certamente o Sr. Bingley não tem tal intenção.

— Intenção? Ridículo! Como pode dizer uma coisa dessas? É *muito* provável que ele se apaixone por uma delas. Portanto, você deve visitá-lo tão logo ele chegue.

— Não vejo razão para isso. Além do mais, não devemos utilizar as estradas mais do que o absolutamente necessário, sob o risco de perdermos mais cavalos e veículos para o infeliz flagelo que tem atormentado tanto nosso bem-amado Hertfordshire ultimamente.

— Mas pense em suas filhas!

— É nelas que penso, mulher tola! Preferiria imensamente que estivessem com a mente concentrada nas artes mortais a toldada por sonhos com matrimônio e fortuna, como obviamente acontece com você! Vá visitar esse Bingley, se acha que deve, embora eu a advirto para o fato de que nenhuma de nossas filhas tem muito o que as recomende; são tolas e ignorantes como a mãe delas, à exceção de Lizzy, que, mais do que as irmãs, desenvolveu aquele instinto matador.

— Sr. Bennet! Como pode insultar suas próprias filhas dessa maneira? Você se delicia em me envergonhar. Não tem nenhuma compaixão pelos meus pobres nervos.

— Interpreta-me mal, minha cara. Nutro intenso respeito por seus nervos. São meus velhos conhecidos. Pelo menos nestes últimos vinte anos é praticamente tudo sobre o que tenho ouvido falar.

O Sr. Bennet era um misto tão peculiar de perspicácia, humor sarcástico, reserva e autodisciplina que a convivência de 23 anos havia sido insuficiente para que a esposa lhe entendesse o temperamento. Já a mente *dela* apresentava menos dificuldades à compreensão. Tratava-se de uma mulher de escassa inteligência, pouca instrução e gênio instável. Quando estava insatisfeita com algo, fazia-se de doente dos nervos. Quando estava de fato nervosa — o que era seu estado constante, desde o primeiro surto da estranha praga, ainda em sua juventude —, só obtinha consolo apegando-se a tradições que agora pareciam supérfluas para os demais.

O Sr. Bennet dedicava sua própria existência a manter as filhas vivas.

A Sra. Bennet, a lhes conseguir casamento.

CAPÍTULO 2

O SENHOR BENNET FOI UMA das primeiras pessoas a visitar o Sr. Bingley. Aliás, visitá-lo sempre fora sua intenção, apesar de, até o último momento, garantir à esposa que não deveria fazê-lo;

assim, até o final da tarde após a visita, ela ainda não tomara conhecimento do ocorrido. E tudo foi revelado da maneira que se segue. Observando sua segunda filha empenhada em entalhar o brasão dos

Bennet no punho de uma espada nova, ele subitamente se dirigiu a ela, dizendo:

— Espero que o Sr. Bingley aprecie isso, Lizzy.

— Não estamos em condições de saber *do que* o Sr. Bingley gosta — disse a mãe da moça em voz ressentida —, uma vez que não chegaremos a visitá-lo.

— Ora, mamãe — replicou Elizabeth —, você esquece que iremos encontrá-lo no próximo baile.

A Sra. Bennet não se dignou a responder, mas, incapaz de se conter, começou a repreender uma das filhas:

— Pelo amor de Deus, Kitty! Pare de tossir desse jeito. Soa como se você tivesse sido contaminada.

— Mãe! Que coisa pavorosa de se dizer, com tantos zumbis nas redondezas — retrucou Kitty, perturbada. — Quando será esse seu próximo baile, Lizzy?

— De amanhã a quinze dias.

— Ah, sim, precisamente — gritou a mãe. — E será impossível apresentar o Sr. Bingley a minhas filhas, já que eu própria não fui apresentada a ele. Ah, desejaria jamais ter escutado o nome Bingley!

— Lamento ouvir *isso* — disse o Sr. Bennet. — Se já o soubesse esta manhã, certamente não teria ido visitá-lo. Que infelicidade. Mas o fato é que fui visitá-lo, e agora não há como escapar às apresentações.

O espanto das mulheres era exatamente o efeito que ele desejava causar; e o da Sra. Bennet superou o de todas as demais. No entanto, quando o primeiro frêmito de alegria passou, ela se apressou a declarar que era exatamente isso o que esperava.

— Que bondade de sua parte, meu caro Sr. Bennet! Mas eu sabia que acabaria por persuadi-lo. Sabia que ama suas filhas de tal modo que não negligenciaria a necessidade de travar relações com esse senhor. Ora, estou muito contente, e que brincadeira fez de tudo isso, saindo logo cedo, pela manhã, sem dizer nada até agora.

— Não confunda minha indulgência com qualquer relaxamento de nossa disciplina — disse o Sr. Bennet. — As meninas devem continuar seu treinamento, com ou sem Bingley.

— Claro, claro — apressou-se a assentir a Sra. Bennet. — Elas devem se tornar mais letais do que nunca.

— Agora, Kitty, pode tossir à vontade — caçoou o Sr. Bennet; deixando o aposento enfasiado com os excessos da esposa.

— Que pai magnífico têm vocês, meninas — disse ela quando a porta se fechou. — Alegrias como essa são cada vez mais raras desde que o bom Deus decidiu fechar os portais do Inferno e condenar os mortos a vagar entre nós. Lydia, minha adorada, apesar de você ser a mais jovem, ouse dizer que o Sr. Bingley dançará com você no baile.

— Oh! — exclamou Lydia, deslumbrada. — Isso não me amedronta. Embora seja a mais jovem, sou a mais experiente na arte de atrair o sexo oposto.

Mãe e filhas passaram o restante da noite em conjeturas sobre quão brevemente o Sr. Bingley haveria de retribuir a visita do Sr. Bennet e tentando decidir quando já seria apropriado convidá-lo para jantar.

CAPÍTULO 3

ENTRETANTO, NEM MESMO todas as perguntas que a Sra. Bennet, com a ajuda de suas cinco filhas conseguiu fazer sobre o assunto foram o suficiente para extrair do marido uma descrição satisfatória do Sr. Bingley. Elas o assediaram de várias maneiras — com perguntas diretas, engenhosas conjeturas e suposições vagas; mas ele sempre as ludibriava, e, por fim, elas foram forçadas a se contentar com a informação de segunda mão da vizinha, a Sra. Lucas. Seu relatório foi extremamente favorável. A Sra. Lucas ficara encantada com ele. Bingley era bastante jovem, muitíssimo bonito e, para coroar

tudo, pretendia comparecer ao baile acompanhado de um grande grupo. Nada poderia ser mais adorável.

— Se ao menos eu puder ver uma de minhas filhas instalada em Netherfield — disse a Sra. Bennet ao marido — e todas as demais igualmente bem casadas, nada mais terei a desejar.

— E se eu puder ver todas as cinco sobreviverem às atuais dificuldades pelas quais passa a Inglaterra, também nada mais desejarei — replicou ele.

Poucos dias depois o Sr. Bingley retribuiu a visita do Sr. Bennet. Os dois ficaram conversando na biblioteca por cerca de dez minutos. Ele havia alimentado esperanças de lhe concederem ver, ainda que rapidamente, as jovens, de cuja beleza e sobre cujas habilidades marciais tanto lhe haviam falado; no entanto, pôde avistar-se apenas com o pai. Já as moças tiveram sorte algo melhor, pois gozavam da vantagem de observá-lo de uma janela no andar de cima e viram que ele trajava um casaco azul, montava um cavalo preto e portava uma carabina francesa atravessada nas costas — uma arma um tanto exótica para um cavalheiro inglês. No entanto, pela maneira desajeitada como a portava, Elizabeth deduziu que ele tinha pouco treinamento em armas, bem como nas artes mortais como um todo.

Um convite para jantar logo lhe foi enviado; e a Sra. Bennet já planejava os pratos do cardápio que deveriam enaltecer sua posição como responsável pelas lidas domésticas quando chegou a resposta, adiando o evento. O Sr. Bingley precisava estar em Londres no dia seguinte e, conseqüentemente, não poderia aceitar a honra daquele convite etc. A Sra. Bennet ficou assaz desconcertada. Não conseguia imaginar que tipo de obrigação ele poderia ter na cidade para retornar para lá tão pouco tempo depois de sua chegada a Hertfordshire. A Sra. Lucas serenou um pouco seus receios levantando a hipótese de que talvez ele estivesse indo a Londres para reunir um grupo grande de conhecidos para o baile; e logo chegou a notícia de que o Sr. Bingley deveria trazer 12 damas e sete cavalheiros com ele para a festa. As moças lamentaram um número tão

grande de mulheres, mas ficaram aliviadas quando souberam que, em vez de doze, ele trouxera somente seis damas de Londres — suas cinco irmãs e uma prima. E quando o grupo chegou ao baile, consistia em somente cinco pessoas ao todo — o Sr. Bingley, duas irmãs, o marido da mais velha e outro jovem senhor.

O Sr. Bingley era simpático e extremamente cortês. Tinha uma aparência atraente e maneiras amistosas e refinadas. Suas irmãs eram jovens distintas, com um ar decidido, embora diferente dos que têm bom treinamento em técnicas de combate. Seu cunhado, o Sr. Hurst, parecia nada mais do que um cavalheiro; já seu amigo, o Sr. Darcy, logo atraiu a atenção de todo o salão devido ao seu porte elegante, sua boa estatura, suas feições nobres, sua postura aristocrática — e a notícia, que circulou entre todos os presentes nem bem fazia cinco minutos de sua chegada, de que ele havia liquidado mais de mil não mencionáveis depois da queda de Cambridge. Os cavalheiros concordavam que ele tinha uma fina estampa de homem, enquanto as mulheres afirmavam que era mais bonito do que o Sr. Bingley, e ele passou a granjear grande admiração, até que seus modos provocaram tal desapontamento que reverteram sua maré de popularidade; Isso porque descobriram que era orgulhoso em demasia, achava-se superior aos que o acompanhavam e nada agradava a ele.

O Sr. Bingley em pouco tempo travou relações com as principais pessoas presentes no salão; era vivaz, expansivo, dançou todas as danças e ficou deveras aborrecido porque o baile terminou cedo demais, mencionando que também promoveria um baile, em Netherfield. E embora ele carecesse da habilidade do Sr. Darcy com a espada e o mosquete, tanta sociabilidade já se impunha por si. Que contraste! O Sr. Darcy era o homem mais orgulhoso e mais desagradável do mundo, e todos torciam para que jamais voltasse para lá. Entre os que mais violentamente o atacaram, estava a Sra. Bennet, cujo desagrado em relação às suas atitudes, de maneira geral, foi

particularmente aguçado pelo fato de ele ter desdenhado de uma de suas filhas.

Por causa da escassez de homens, Elizabeth Bennet fora obrigada a ficar sentada no curso de duas danças. Durante parte do tempo, o Sr. Darcy estivera próximo dela o bastante para que a moça entreouvisse uma conversa entre ele e o Sr. Bingley, que havia deixado a dança por alguns minutos para tentar pressionar seu amigo a aderir à diversão.

— Ora, vamos, Darcy — disse ele. — Vou fazer você dançar de qualquer maneira. Odeio vê-lo aí parado com esse ar idiota.

— Não o atenderei, por certo. Sabe que detesto dançar, a não ser que conheça bem minha parceira. Numa festa como esta, não o suportaria. Suas irmãs já estão dançando, e não há nenhuma outra moça aqui com quem dançar deixaria de representar uma punição para mim.

— Mas por minha honra! — exclamou o Sr. Bingley. — Em toda a minha vida nunca vi tantas moças lindas reunidas como temos aqui esta noite. E entre elas há até mesmo algumas excepcionalmente belas.

— *Você* está dançando com a única moça realmente bonita neste salão — disse o Sr. Darcy, examinando a mais velha das irmãs Bennet.

— Ah, sim, ela é a mais linda criatura que já vi! Mas uma das irmãs dela, sentada justamente atrás de você, também é belíssima e, ousaria eu dizer, uma companhia muito agradável.

— De quem está falando? — e, voltando-se, observou Elizabeth por alguns instantes, chegando mesmo a cruzar o olhar com ela, até que se retraiu e, gelidamente, disse: — É razoável, mas não chega a ser bonita o bastante para *me* tentar. Neste momento não estou com disposição para dar atenção a moças que são desprezadas pelos demais homens.

Enquanto o Sr. Darcy se afastava, Elizabeth sentiu o sangue ferver. Nunca em sua vida fora tão insultada. O Código dos Guerreiros exigia que ela vingasse sua honra prontamente. Assim, Elizabeth abaixou-se e alcançou o tornozelo, tomando cuidado para não chamar a atenção. Então, sua mão encontrou

a adaga oculta por baixo de seu vestido. Sua intenção era seguir aquele arrogante Sr. Darcy até o lado de fora e rasgar sua garganta.

Mas, mal ela havia fechado os dedos em torno do cabo da adaga, um alarido de gritos encheu o salão, imediatamente seguido pelo estilhaçar de vidraças. Os não mencionáveis surgiram, invadindo o ambiente com seus movimentos desengonçados, embora ligeiros, e seus trajes fúnebres em farrapos. Alguns vestiam túnicas tão rasgadas que os deixavam escandalosamente expostos; outros tinham as vestes tão imundas que se poderia supor que fossem nada mais que lixo e sangue seco. Os corpos

estavam em variados estados de putrefação; os que haviam falecido recentemente apresentavam uma coloração levemente esverdeada e a pele flácida, enquanto os que já estavam mortos havia muito mostravam-se cinzentos e quebradiços — tendo seus olhos e língua há muito se transformado em poeira, enquanto seus lábios, repuxados para trás, formavam um eterno sorriso de caveira.

Alguns poucos convidados, que desafortunadamente estavam muito perto das janelas, foram agarrados e imediatamente devorados. Quando Elizabeth se pôs de pé, de pronto percebeu que a Sra. Long lutava para se livrar das mandíbulas de duas pavorosas fêmeas que haviam se aferrado à cabeça dela, partindo seu crânio como se fora uma noz, o que projetou um esguicho de sangue escuro para o alto que chegou a atingir os candelabros.

Enquanto os convidados fugiam para todos os lados, a voz do Sr. Bennet sobrepôs-se ao pânico:

— Meninas! O Pentagrama da Morte!

Sem hesitar, Elizabeth juntou-se às quatro irmãs, Jane, Mary, Catherine e Lydia, no centro do salão de dança. As cinco jovens sacaram das adagas presas ao tornozelo e se posicionaram nas pontas de uma estrela imaginária. Partindo do centro do salão, iniciaram um movimento conjunto em que avançavam, passo a passo, mantendo o desenho, cada qual com sua adaga em riste em uma das mãos e a outra elegantemente apoiada na parte inferior das costas.

De um canto do salão, o Sr. Darcy observava Elizabeth e suas irmãs abrindo caminho, enquanto decapitavam um zumbi depois do outro, sem se deterem. Ele conhecia apenas uma outra mulher, em toda a Grã-Bretanha, capaz de manejar uma adaga com tanta habilidade, tamanha graça e tal eficiência mortal.

Quando as jovens alcançaram as paredes do salão, o último dos não mencionáveis já havia tombado.

À exceção do ataque, a noite de um modo geral foi bastante agradável para toda a família. A Sra. Bennet viu sua filha mais

velha ser elogiada por todos do grupo de Netherfield. O Sr. Bingley chegou a dançar com Jane duas vezes, e ela recebeu deferência especial das irmãs dele. Jane ficou tão satisfeita quanto a mãe, embora manifestasse seus sentimentos de modo mais discreto. Elizabeth deliciou-se com o contentamento de Jane. Mary escutou seu nome ser mencionado à Srta. Bingley como a moça mais prendada da vizinhança. Catherine e Lydia tiveram a sorte de não ficar sem par em nenhuma dança, o que era tudo o que as preocupava nos bailes. Portanto, todas estavam em ótima disposição quando retornaram a Longbourn, o vilarejo onde viviam e no qual eram os principais moradores.



O SR. DARCY OBSERVAVA ELIZABETH E SUAS IRMÃS
ABRINDO CAMINHO, DECAPITANDO UM ZUMBI DEPOIS DO

OUTRO, SEM SE DETEREM.

CAPÍTULO 4

QUANDO JANE E ELIZABETH ficaram a sós, a primeira, que antes havia sido comedida nos elogios ao Sr. Bingley, confessou à irmã o muitíssimo que o havia apreciado.

— Ele é exatamente o que um jovem deve ser — disse ela. — Sensato, bem-humorado, vivaz; e jamais conheci alguém com uma reunião de atributos tão feliz. Tanta amabilidade, tanta cortesia.

— Ah, sim — respondeu Elizabeth. — Mas, no calor da batalha, nem ele nem o Sr. Darcy puderam ser vistos empunhando uma lâmina ou uma clava.

— Ora, fiquei bastante envaidecida por ele me convidar para dançar por uma segunda vez. Não esperava dele tamanha atenção comigo.

— Não há dúvida de que ele é uma pessoa bastante agradável, e compreendo que tenha gostado tanto dele, apesar de sua falta de bravura. Você já gostou de muitos outros bem mais idiotas.

— Minha caríssima Lizzy!

— Ora, você sabe que tem uma forte tendência a gostar das pessoas de um modo geral. Jamais vê falhas em ninguém. Nunca escutei você falar mal de quem quer que seja em toda a minha vida.

— Não gosto de me precipitar no que concerne a censurar alguém.

— Sim, mas sendo sensata como é, como pode se mostrar também tão sinceramente cega às tolices e aos absurdos dos outros? Você também gostou das irmãs desse cavalheiro? Os modos delas não equivalem aos dele.

Eram de fato jovens distintas, às quais não faltava o poder se mostrarem agradáveis quando o desejavam, mas eram também

orgulhosas e até mesmo convencidas. Eram bastante bonitas, haviam frequentado um dos melhores educandários particulares de Londres, embora soubessem pouco das artes mortais nas quais Elizabeth e suas irmãs haviam sido meticulosamente treinadas — tanto na Inglaterra quanto durante suas viagens ao Oriente.

Já quanto ao Sr. Bingley, entre ele e Darcy havia uma sólida amizade, apesar da grande diferença de personalidade dos dois. Bingley não era de modo algum indefeso, mas Darcy era mais sagaz. Ele era ao mesmo tempo altivo, reservado e desdenhoso. Seus modos, por mais bem-educado que ele fosse, não eram acolhedores. Nesse aspecto, seu amigo levava uma enorme vantagem. Bingley podia ter certeza de ser bem recebido aonde quer que fosse; Darcy estava sempre fazendo com que as pessoas à sua volta se sentissem ofendidas.

Mas o que ninguém — nem mesmo o Sr. Bingley — sabia era a razão oculta por trás da atitude fria de Darcy. Isso porque, até recentemente, ele fora o retrato da cordialidade; um jovem bem-humorado e extremamente atencioso. Mas seu íntimo fora irreversivelmente modificado por uma traição sobre a qual nem sequer tinha estômago para comentar.

CAPÍTULO 5

A UMA CURTA, EMBORA perigosa, caminhada de Longbourn morava uma família com a qual os Bennet privavam de especial intimidade. No passado, Sir William Lucas havia sido um fabricante de vestes para sepultamento de tão sóbria beleza que o rei houvera por bem conceder-lhe o título de cavaleiro. Ele já reunira uma pequena fortuna, mas apreciável, quando a estranha praga tornara seus serviços desnecessários. Poucos continuavam achando que valia a pena gastar com

trajes finos para os mortos, quando eles os arruinariam ao rastejar para fora de seus túmulos. Assim, ele se mudara com a família para uma casa a pouco menos de dois quilômetros de distancia de Meryton.

Lady Lucas era uma senhora boníssima, embora não fosse esperta o suficiente para ser uma vizinha conveniente para a Sra. Bennet. Eles tinham muitos filhos. A mais velha, uma moça sensata e inteligente de quase 27 anos, era amiga íntima de Elizabeth.

— Até que você começou bem a noite, Charlotte — disse a Sra. Bennet, com polida convicção, à Srta. Lucas. — Foi a primeira escolhida pelo Sr. Bingley para dançar.

— Sim, mas ele pareceu preferir a segunda escolha.

— Ah, suponho que você esteja se referindo a Jane, já que ele dançou com ela por duas vezes e porque ela enfrentou com tanta valentia os não mencionáveis.

— Mas será que não mencionei a conversa que escutei entre ele e o Sr. Robinson? O Sr. Robinson perguntou ao Sr. Bingley se ele estava gostando do baile de Meryton e se não achava que havia muitas jovens bonitas no salão, bem como *qual* delas ele considerava a mais bonita. E sua resposta imediata à última pergunta foi: "Ah, a mais velha das senhoritas Bennet, sem dúvida; não pode haver opiniões divergentes quanto a isso."

— Palavra de honra! Bem, isso de fato é inquestionável!

— Não foi tão agradável escutar o Sr. Darcy, entretanto — disse Charlotte. — Pobre Liza! Ser considerada meramente *razoável*.

— Suplico-lhe que não coloque isso na cabeça de nossa Lizzy para que ela não se sinta vexada por um tratamento tão grosseiro. Ora, ele é um homem tão desagradável que infeliz daquela de quem ele gostar. Na noite passada, a Sra. Long me disse...

E a voz faltou à Sra. Bennet ao pensar na pobre Sra. Long, seu crânio esmagado entre os dentes daquelas horrendas

criaturas. As mulheres ficaram imóveis, sentadas em silenciosa contemplação por alguns momentos.

— A Srta. Bingley disse-me — falou Jane, enfim — que ele jamais conversa muito, a não ser que esteja entre seus amigos mais íntimos. Com *estes*, mostra-se extraordinariamente agradável.

— O orgulho dele — disse a Srta. Lucas — não *me* ofende tanto quanto o orgulho em geral o faz, já que existe uma razão para isso. Não é de estranhar que um jovem tão inteligente, de nobre família, rico e com tudo a seu favor tenha uma autoestima elevada. Se eu posso me expressar assim, ele tem o *direito* de ser orgulhoso.

— Esta é uma verdade inquestionável — replicou Elizabeth —, e eu poderia perdô-lo por seu orgulho sem dificuldade se ele não tivesse mortificado o *meu*. Ouso dizer que teria cortado sua garganta se os não mencionáveis não me tivessem desviado a atenção.

— O orgulho — observou Mary, que se vangloriava da solidez de suas reflexões — é uma falha muito comum, acredito eu. Por tudo o que já li, estou convencida de que é deveras comum.

Elizabeth não pôde evitar revirar os olhos, enquanto Mary prosseguia:

— Vaidade e orgulho são coisas diferentes, embora as palavras sejam usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho refere-se mais a uma opinião que temos sobre nós mesmos; já a vaidade, ao que queremos que as outras pessoas pensem de nós.

Nesse momento da explanação, Elizabeth emitiu um sonoro bocejo. Embora admirasse a bravura de Mary em batalha, em momentos mais descontraídos a considerava uma companhia insuportavelmente tediosa.

CAPÍTULO 6

AS BENNET LOGO VISITAVAM Netherfield. As maneiras gentis de Jane conquistaram a boa vontade da Sra. Hurst e da Srta. Bingley; e embora a mãe fosse considerada intolerável, e que sobre as irmãs mais novas nem valesse a pena fazer qualquer comentário, o desejo de estreitar o relacionamento com *elas* foi dirigido às duas mais velhas. Jane recebeu essa deferência com enorme prazer, mas Elizabeth ainda enxergava certo esnobismo no modo como elas tratavam a todos. Era evidente para qualquer um que, sempre que se encontravam, o Sr. Bingley de fato admirava Jane e, para ela, era igualmente claro que Jane estava prestes a se apaixonar profundamente; no entanto, deixava-a satisfeita o fato de que isso provavelmente não era perceptível a todos. Elizabeth mencionou tais observações à sua amiga, a Srta. Lucas.

— Pode ser bem-visto — replicou Charlotte —, mas, por outro lado, às vezes é uma desvantagem ser tão reservada. Se uma mulher oculta sua afeição com a mesma habilidade do homem a quem se afeioou, pode perder a oportunidade de conquistá-lo. Em nove casos entre dez, convém a uma mulher demonstrar *mais* afeição do que sente. Sem dúvida, Bingley gosta de sua irmã. Mas ele pode muito bem não fazer nada, além de gostar dela, se ela não o incentivar.

— Mas Jane de fato o incentiva, pelo menos tanto quanto a natureza dela o permite. Lembre-se, Charlotte... em primeiro lugar, ela é uma guerreira, e, em segundo, uma mulher.

Bem — disse Charlotte —, desejo de todo o coração que Jane seja bem-sucedida; e caso ela fosse se casar com ele amanhã mesmo, eu diria que ela tinha tanta chance de ser feliz quanto se viesse observando o caráter dele por um ano inteiro. A felicidade no casamento é puramente uma questão de sorte, e sempre é melhor saber o mínimo possível dos defeitos da pessoa ao lado de quem você deverá passar o resto da sua vida.

— Ora, Charlotte, você me faz rir, mas o que diz é uma tolice. Você sabe que é uma tolice e que nunca agiria desse modo se estivesse em tal posição.

— Lembre-se, Elizabeth... não sou uma guerreira como você. Sou apenas uma moça idiota de 27 anos, que nem sequer tem um marido.

Ocupada demais observando as atenções do Sr. Bingley para com sua irmã, Elizabeth estava longe de suspeitar de que ela própria fosse objeto de interesse aos olhos do amigo dele. O Sr. Darcy, embora, a princípio, a contragosto, havia admitido que ela era bonita; havia olhado para ela sem maior admiração no baile e no encontro seguinte que tiveram, só lhe dirigira o olhar para criticá-la. Mas tão logo afirmara peremptoriamente — para si mesmo e seus amigos — que ela não tinha feições bonitas, já começava a enxergar um ar incomumente inteligente por conta da atraente expressividade de seus olhos escuros, além de sua extraordinária habilidade no manejo da adaga. A essa descoberta, sucederam-se algumas outras, igualmente atormentadoras. Embora tivesse detectado mais de uma falha na simetria de sua silhueta, também precisou reconhecer que suas formas eram ágeis e apreciáveis, e seus braços, surpreendentemente musculosos, se bem que não a ponto de diminuir sua feminilidade.

Veio-lhe então a vontade de saber mais sobre ela e, como um passo para conversar com ela pessoalmente, resolveu prestar atenção no que ela conversava com os demais. Ao fazer isso, chamou sua atenção. Foi na casa de Sir William Lucas, onde acontecia uma reunião com muitos convidados.

— O que pretende o Sr. Darcy — perguntou Elizabeth a Charlotte —, escutando minha conversa com o coronel Forster?

— Aí está uma pergunta que apenas o Sr. Darcy será capaz de responder.

— Bem, se ele insistir nessa atitude, sem nenhuma dúvida eu o deixarei saber que conheço suas intenções. Ainda não o perdoei por ter insultado minha honra e pode ser que ainda pendure sua cabeça sobre a minha lareira.

Pouco depois, o Sr. Darcy se aproximava delas. Elizabeth voltou-se para ele e disse:

— Não achou, Sr. Darcy, que fui extraordinariamente feliz agora há pouco, quando estava incitando o coronel Forster a nos oferecer um baile em Meryton?

— Com notável energia, de fato, mas bailes são um assunto que sempre torna as senhores mais enérgicas.

— Isso depende de quem o conduz, Sr. Darcy!

— Bem — disse a Srta. Lucas, subitamente ruborizada. — Vou abrir o piano, Eliza, e você sabe o que isso significa.

— Mas que estranha criatura é você no papel de amiga! Sempre quer que eu toque e cante antes de qualquer outro e de todos.

O desempenho de Elizabeth foi agradável, embora de modo algum marcante. Depois de uma ou duas canções, ficou feliz ao ser substituída no piano por sua irmã Mary, que, ao final de um longo concerto, ficou feliz de se reunir na dança às irmãs mais novas, algumas das Lucas e dois ou três oficiais num dos cantos do salão.

O Sr. Darcy estava de pé ali próximo, guardando silenciosa indignação diante desse modo de passar a noite, que excluía qualquer conversa, e estava por demais absorto em seus pensamentos para perceber que Sir William Lucas estava às suas costas, até que Sir Lucas disse:

— Mas que excelente diversão temos aqui para os jovens, Sr. Darcy. Considero que a dança esteja entre os mais requintados divertimentos das sociedades cultas.

— Certamente, Sir! E ainda tem a vantagem de estar igualmente em voga entre as sociedades menos cultas do mundo. Todo selvagem sabe dançar. Ora, fico me perguntando se até mesmo os zumbis não conseguiriam executar alguns passos com relativo êxito.

Sir William limitou-se a sorrir, incerto sobre como entabular conversa com um cavalheiro tão rude. Ficou mais do que aliviado com a aproximação de Elizabeth.

— Caríssima Srta. Eliza, por que não está dançando? Sr. Darcy, permita-me por gentileza apresentá-lo a esta jovem, que reputo como um par invejável. Não pode se esquivar de dançar agora, estou certo, diante de tanta beleza.

Ele tomou da mão da Srta. Bennet e apresentou-a ao Sr. Darcy, que não a teria recebido de malgrado. Ela, no entanto, subitamente recuou e com certeza aspereza disse a Sir William:

— Na verdade, Sir, não tenho a menor intenção de dançar. E suplico-lhe que não pense que vim nesta direção com o objetivo de conseguir um par!

O Sr. Darcy, com sóbria propriedade, requisitou a honra de receber-lhe a mão, mas foi em vão. Elizabeth estava resoluta. Ela lançou um olhar malicioso e afastou-se. Sua resistência não a indispôs com o Sr. Darcy, que pensava nela com certa indulgência quando foi repentinamente abordado pela Srta. Bingley:

— Creio que posso adivinhar o objeto de seus devaneios.

— Penso que não.

— O senhor deve estar refletindo sobre como seria insuportável passar muitas noites desta maneira... a insipidez, o barulho, a vacuidade... e, ainda por cima, o quanto todas essas pessoas se mostram convencidas. O que não daria eu para escutar suas restrições em relação a todos eles.

— Sua conjectura está totalmente errada, garanto-lhe. Minha mente estava absorta em pensamentos mais amistosos. Venho meditando a respeito do grande prazer que um belo par de olhos no rosto de uma linda mulher pode proporcionar.

A Srta. Bingley imediatamente fixou os olhos no rosto dele, expressando o desejo de que ele lhe confessasse que jovem tivera a seu crédito inspirar tais reflexões. O Sr. Darcy respondeu:

— Foi a Srta. Elizabeth Bennet.

— A Srta. Elizabeth Bennet! — repetiu a Srta. Bingley. — A Guardiã de Longbourn? A Heroína de Hertfordshire? Estou absolutamente atônita.

Você terá uma preciosa sogra, devo dizer. E, é claro, vocês dois juntos poderiam matar inúmeros não mencionáveis se combinassem a habilidade de ambos nas artes mortais.

Como ele a escutasse na mais completa indiferença, ela se mostrou decidida a divertir-se dessa maneira, e a compostura dele convenceu-a de que não teria problemas em insistir em suas ironias.

CAPÍTULO 7

O PATRIMÔNIO DO SR. BENNET consistia quase inteiramente em uma propriedade que lhe rendia duas mil libras ao ano e que, desafortunadamente para suas filhas, estava legada, na falta de herdeiros masculinos diretos, a um parente distante; ainda mais desafortunadamente para todos, tal propriedade era cercada por todos os lados por elevações, o que tornava sua defesa problemática. O patrimônio da mãe, embora mais do que suficiente para sua situação atual, não poderia senão suprir parcamente a deficiência do dele. O pai dela fora um advogado em Meryton e lhe deixara quatro mil libras.

Ela tinha uma irmã, casada com um certo Sr. Philips, que havia sido empregado do pai delas e o sucedera nos negócios, e um irmão, estabelecido em Londres, onde havia se formado em ciências e, no momento, era dono de algumas fábricas dedicadas ao esforço de guerra.

O vilarejo de Longbourn ficava a menos de dois quilômetros de Meryton, uma distância conveniente para as jovens, que para lá rumavam três ou quatro vezes por semana — a despeito dos não mencionáveis, que frequentemente atacavam os vilarejos ao longo da estrada — de modo a prestar seus respeitos à tia e

dar lucro à loja de uma modista que ficava no caminho. As duas irmãs mais novas, Catherine e Lydia, eram particularmente assíduas nesse percurso, já que tinham mais espaço vago na mente do que suas irmãs, de modo que quando quer que não houvesse nada melhor a fazer, uma caminhada até Meryton era necessária para preencher as horas matinais e, ocasionalmente, para que pudessem praticar suas habilidades. No momento, encontravam-se de fato bem supridas tanto de novidades quanto de animação, devido à recente chegada de um regimento da milícia à vizinhança, o qual, aliás, ali deveria permanecer por todo o inverno, arrancando caixões da terra endurecida e queimando-os. Meryton fora escolhida como o quartel-general desse regimento.

Assim, as visitas delas à tia agora propiciavam as mais importantes informações. Cada dia acrescentavam algo ao conhecimento que tinham sobre os nomes dos oficiais, além de pessoas que os conheciam e notícias recentes sobre os campos de batalha de Derbyshire, Cornualha e Essex — onde a luta era mais acirrada. Elas não conseguiam conversar sobre mais nada senão dos oficiais; e a grande fortuna do Sr. Bingley, a qual sempre que mencionada levava a mãe das moças a um estado de alvoroço, era, aos olhos delas, sem valor quando confrontada com alguma patente do regimento e o entusiasmo com que os oficiais descreviam a decapitação dos infectados a um mero toque de suas espadas.

Certa manhã, depois de escutar as efusões das filhas sobre o assunto, o Sr. Bennet observou friamente:

— Pelo que posso inferir daquilo que vocês dizem, temos aqui as duas jovens mais imbecis do país. Já suspeitava disso, mas agora estou convencido.

— Fico espantada, meu caro — protestou a Sra. Bennet —, que esteja tão predisposto a pensar tal coisa de nossas filhas.

— Se minhas filhas são imbecis, posso apenas nutrir a esperança de sempre ser capaz de percebê-lo.

— Sim... mas o que de fato ocorre é que elas são bastante espertas. Você esquece a rapidez com que se tornaram aptas

naqueles truques orientais que você insistiu em lhes impor?

— Exercitar-se o suficiente para matar alguns poucos desses pobres infectados não as torna sensatas, particularmente quando suas habilidades são mais frequentemente aplicadas para entreter alguns oficiais de bela estampa.

— Mamãe! — gritou Lydia. — Minha tia jura que o coronel Forster e o capitão Carter não têm comparecido à casa da Srta. Watson com a mesma assiduidade de quando aqui estiveram pela primeira vez, ela agora os vê com mais frequência queimando as criptas no cemitério de Shepherd's Hill.

A Sra. Bennet foi impedida de responder pela entrada de um mensageiro com um bilhete para a Srta. Bennet. Vinha de Netherfield, e o criado esperava uma resposta.

— Bem, Jane, quem o enviou? E o que diz?

— É da Srta. Bingley — disse Jane, que passou a lê-lo em voz alta.

MINHA CARA AMIGA,

Se você não for suficientemente tomada por compaixão a ponto de vir jantar hoje com Louisa e comigo, estaremos correndo o risco de odiarmos uma à outra pelo resto da nossa vida, já que um dia inteiro de *tête-à-tête* entre duas mulheres não pode terminar sem uma discussão. Venha logo que puder depois de receber esta, aproveitando que a estrada está livre da ameaça dos não mencionáveis. Meu irmão e os demais cavalheiros jantarão com os oficiais.

Sempre sua, CAROLINE BINGLEY

— Jantar fora! — resmungou a Sra. Bennet. — Isso não é nada bom, considerando-se os problemas que podem surgir na estrada para Netherfield.

— Posso usar a carruagem?

— Não, minha querida. O melhor é você ir a cavalo, visto que, ao que parece, teremos chuva, e *eles* surgem bastante depressa da terra molhada. Preferiria, então, que você pudesse escapar rapidamente; além do mais, se chover mesmo, você terá de pernoitar por lá.

— Seria até um bom plano — disse Elizabeth —, se você pudesse ter certeza de que eles não vão se oferecer para levá-la em casa.

— Eu preferiria ir na carruagem — queixou-se Jane, preocupada com a ideia de ter de sair a cavalo sozinha.

— Mas, minha querida, tenho certeza de que seu pai não pode dispensar os cavalos. Eles são necessários na fazenda, não é assim, Sr. Bennet?

— Eles são necessários na fazenda com mais frequência do que posso dispor deles, e já tive muitos abatidos na estrada.

Portanto, Jane foi obrigada a ir a cavalo, e sua mãe a acompanhou até a porta proferindo alegremente muitos prognósticos de mau tempo. Suas esperanças foram correspondidas. Jane havia partido não fazia muito tempo quando caiu uma chuva forte, e o solo amolecido abriu-se para deixar que saíssem inúmeras criaturas horrendas, ainda carregando andrajos de suas mais finas vestes, mas já sem possuir nada das boas maneiras que tanto as haviam distinguido em vida.

As irmãs de Jane ficaram preocupadas com ela, enquanto a mãe exultava. A chuva prosseguiu a noite inteira, ininterruptamente: sem dúvida, Jane não conseguiria retornar.

— Foi uma ideia feliz essa que tive, ora se foi! — comentou a Sra. Bennet mais de uma vez, como se lhe coubesse todo o crédito pela própria chuva. Até a manhã seguinte, no entanto, não pôde verificar toda a extensão do sucesso de seu artil. Mal a família havia terminado o desjejum quando um criado vindo de Netherfield trouxe o seguinte bilhete para Elizabeth:

MINHA QUERIDA LIZZY,

Acordei indisposta esta manhã, o que, suponho, se deve ao fato de ter sido violentamente atacada por vários não mencionáveis recém-desenterrados durante minha cavalgada até Netherfield. Minhas gentis amigas não aceitam ouvir falar no meu regresso até que melhore. Também insistem em que eu chame o Sr. Jones. Portanto, não fiquem alarmadas se ficarem sabendo que ele veio me ver. Mas, exceto por alguns hematomas e um corte sem gravidade, nada há de errado comigo.

SUA, ETC

— Ora, ora, minha cara — comentou o Sr. Bennet, depois de Elizabeth ter terminado de ler o bilhete em voz alta. — Se sua filha morrer... ou pior, se sucumbir à estranha praga, será um consolo saber que isso se deu em meio à caçada ao Sr. Bingley e sob suas ordens.

— Mas não receio que ela morra. As pessoas não morrem por causa de pequenos cortes e machucados. Além do mais, estão tomando conta dela muito bem.

Sentindo-se bastante ansiosa, Elizabeth estava determinada a ir ter com a irmã, embora a carruagem não estivesse disponível e ela não fosse uma boa amazona. Fazer o trajeto a pé era sua única alternativa. Anunciou, portanto, sua decisão.

— Como pode ser tão idiota — gritou a mãe — a ponto de pensar numa coisa dessas com tantos *delas* pelas redondezas, além de toda essa lama?! Você não estará apresentável quando chegar lá. Isso, se ainda estiver viva.

— Você esquece que sou uma aprendiz de Pei Liu de Shaolin, minha mãe. Além do mais, para cada não mencionável que se encontra pelas estradas, encontram-se também três soltados. Devo estar de volta na hora do jantar.

— Vamos acompanhá-la até Meryton — disseram Catherine e Lydia. Elizabeth aceitou a companhia delas, de modo que saíram

juntas, armadas somente com suas adagas presas ao tornozelo. Mosquetes e espadas Katana seriam armas mais eficientes para sua proteção, mas não eram consideradas apropriadas para moças e, como não dispunham das selas para escondê-las, as três irmãs optaram por preservar o recato.

— Se caminharmos depressa — disse Lydia, enquanto avançavam cautelosamente — talvez possamos ver o capitão Carter por alguns instantes antes de ele partir.

Em Meryton, as irmãs separaram-se: as duas mais jovens encaminharam-se juntas para o alojamento da esposa de um dos oficiais e Elizabeth prosseguiu em sua caminhada sozinha, cruzando uma propriedade depois da outra, sempre as atravessando pelos campos em passo rápido, saltando por cima de cercas e poças de lama. Durante seu frenético avanço, o cadarço de uma de suas botas desamarrou-se. Desejando não parecer desarrumada quando chegasse a Netherfield, ela ajoelhou-se no chão para refazer o laço.

De repente, escutou-se um terrível guincho, semelhante aos que os javalis emitem quando são abatidos. De imediato, Elizabeth deu-se conta do que se tratava e, sem hesitar, desembainhou a adaga do tornozelo. Ela se voltou, já com a lâmina em riste, e disparou com a horrenda visão de três não mencionáveis com os braços estendidos para a frente e a boca frouxamente arreganhada. O mais próximo parecia recém-falecido, já que seu traje fúnebre ainda não estava totalmente descorado nem seus olhos se mostravam pulverizados. Ele cambaleou em direção a Elizabeth num passo inalterado, e quando estava a um braço de distância da moça, ela enfiou-lhe a adaga no peito, forçando-a depois para cima. A lâmina continuou cortando e atravessou-lhe o pescoço, o rosto e perfurou até mesmo o topo do crânio. Ela tombou no chão e lá ficou, imóvel.

O segundo não mencionável era uma senhora, morta havia bem mais tempo que seu companheiro. Ela avançou contra Elizabeth, seus parecendo garras que se agitavam estapafurdidamente. Elizabeth levantou a saia e, deixando o

recato de lado, desfechou um rápido chute na cabeça da criatura, que explodiu numa nuvem de lascas de pele e ossos. Também ela tombou, agora definitivamente morta.

O terceiro era extraordinariamente alto e, apesar de morto havia muito, possuía força e leveza consideráveis. Elizabeth ainda não havia recuperado o equilíbrio depois de desferir o chute quando a criatura agarrou seu braço e forçou-a a largar a adaga. Ela saltou, conseguindo se livrar antes que ele lhe cravasse os dentes, e assumiu a posição do grou, que julgou ser a mais recomendada para um oponente daquela estatura. A criatura avançou, e Elizabeth aplicou-lhe um devastador golpe contra as coxas. Seus membros se partiram, e o não mencionável tombou ao chão, indefeso. A moça então recuperou a adaga e decapitou o último de seus adversários, erguendo a cabeça dele pelos cabelos e emitindo um grito de batalha, que se espalhou por um raio de bem mais de um quilômetro.

Finalmente, Elizabeth avistou a casa, já com os tornozelos feridos, as meias sujas e o rosto brilhando, devido ao calor do esforço despendido.

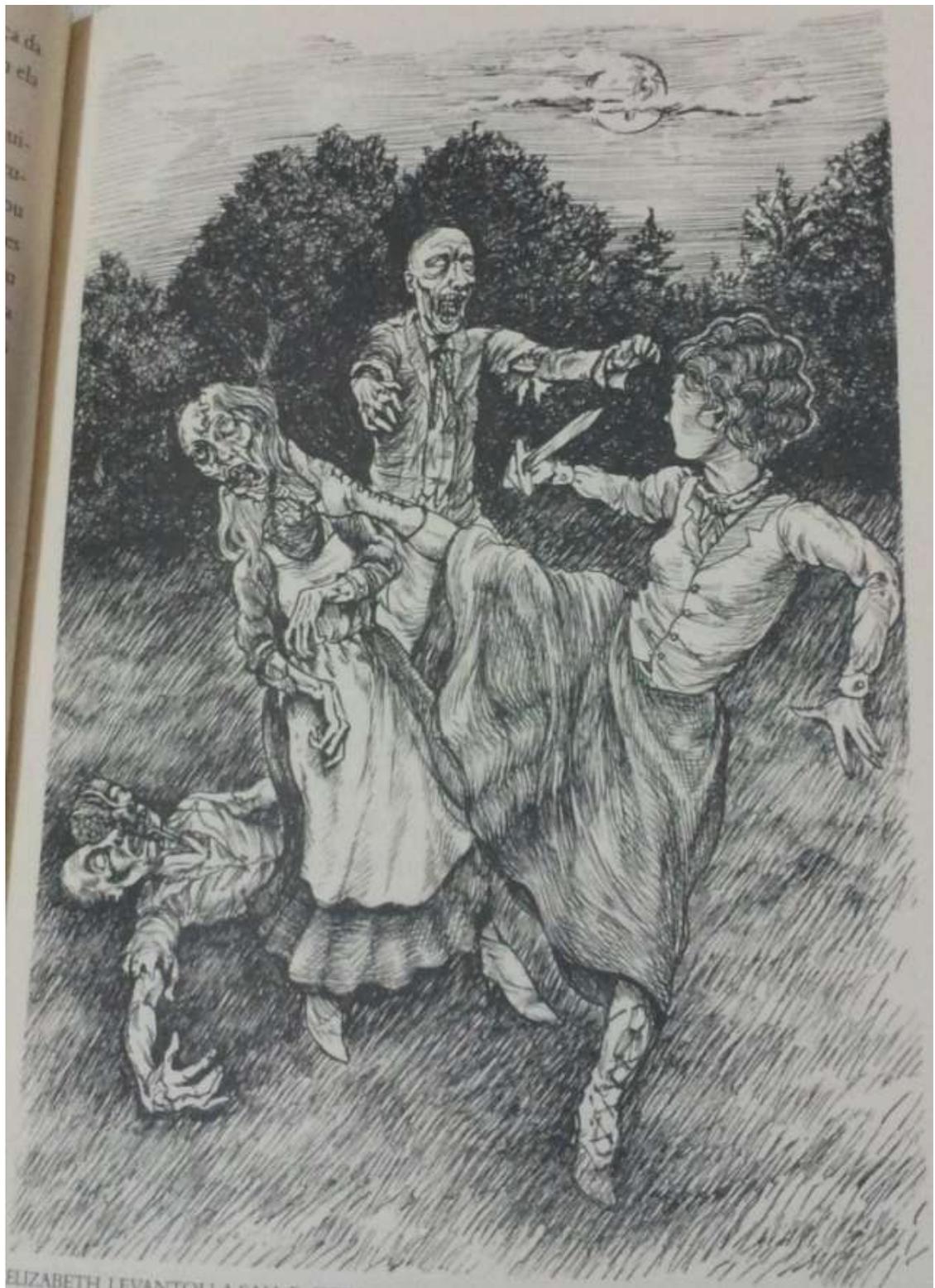
Ela foi conduzida à sala de desjejum, onde todos, menos Jane, estavam reunidos — e onde sua aparência também despertou bastante surpresa. O fato de ela ter caminhado cerca de cinco quilômetros com tantos não mencionáveis pelos arredores, vencendo a lama e a umidade do dia, e ainda por cima sozinha, era algo quase inacreditável para a Sra. Hurst e para a Srta. Bingley, e Elizabeth teve certeza de que elas a consideravam de modo bastante desdenhoso por conta disso. No entanto, foi recebida com extrema polidez por todos, e na atitude do irmão delas havia algo ainda melhor do que polidez: havia bom humor e gentileza. O Sr. Darcy falou muito pouco, e o Sr. Hurst não falou coisa alguma. O primeiro via-se dividido entre o realce que o exercício físico dera à compleição dela e a dúvida sobre se de fato havia justificativa para que a moça tivesse assumido tamanho risco vindo até lá sozinha, sem

qualquer outra defesa entre de uma adaga entre ela e a morte. Já o último pensava apenas no desjejum.

As perguntas de Elizabeth acerca da irmã não foram respondidas satisfatoriamente. A Srta. Bennet já se sentia mal quando fora dormir e, ao se levantar, estava bastante febril e sem condições de deixar o quarto. Elizabeth foi vê-la, intimamente aflita, já pensando que a irmã podia ter contraído a estranha praga.

Quando o desjejum acabou, as irmãs justaram-se a ela, e Elizabeth, enfim, começou a gostar delas ao ver quanta afeição e solicitude demonstravam por Jane. Veio o farmacêutico, que depois de examinar a paciente, disse, para grande alívio de todos, que a enferma não havia sido infectada pela estranha praga, mas sim por uma gripe violenta, sem dúvida por ter travado combates sob a chuva.

Quando o relógio bateu três horas. Elizabeth resolveu ir embora. A Srta. Bingley ofereceu-lhe a carruagem. Mas Jane mostrou-se disposta a partir com a irmã, de modo que a Srta. Bingley viu-se obrigada a converter o oferecimento da carruagem em um convite para que Elizabeth permanecesse em Netherfield por enquanto. A moça aceitou muito agradecida, e um servo foi despachado para Longbourn a fim de comunicar isso à sua família e na volta trazer algumas roupas, além de, por recomendação de Elizabeth, seu mosquetão favorito.



ELIZABETH LEVANTOU A SAIA E, DEIXANDO O RECATO DE LADO, DESFECHOU UM RÁPIDO CHUTE NA CABEÇA DA CRIATURA.

CAPÍTULO 8

ÀS CINCO HORAS DA TARDE, Elizabeth retirou-se para refletir um pouco e depois se vestir. Às seis e meia, foi chamada para o jantar. Jane não mostrava melhora alguma. Ao escutar isto, as irmãs

repetiram três ou quatro vezes o quanto lamentavam, o quanto um resfriado forte era perturbador, o quanto detestavam adoecer... e logo já não pensavam no assunto. A indiferença delas em relação a Jane, quando não se encontravam diante da moça, de ponto restaurou a antipatia que Elizabeth lhes tinha.

O irmão, Bingley, era o único daquele grupo que Elizabeth conseguiu olhar com alguma indulgência. Era evidente a ansiedade que sentia quanto ao estado de saúde de Jane, e o modo atencioso como tratava Elizabeth era deveras agradável à moça, a ponto de melhorar bastante seu mal-estar por se sentir uma intrusa ali, como julgava que os demais a consideravam.

Terminando o jantar, Elizabeth retornou de imediato para junto a Jane e a Srta. Bingley começou a criticá-la asperamente logo que ela saiu da sala. Seus modos foram qualificados como realmente péssimos, uma mistura de orgulho e impertinência; ela não sabia conversar, não tinha estilo nem era bonita. A Sra. Hurst concordou e acrescentou que ela, "em suma, não tinha nada que a recomendasse, além de ser bem treinada nas práticas de combate":

— Jamais me esquecerei de sua aparência esta manhã. Ela realmente parecia quase uma selvagem.

— De fato. Tem toda razão, Louisa. Que necessidade ela tinha de se aventurar por esses campos, numa época tão perigosa, somente porque sua irmã estava gripada? O cabelo dela, tão descomposto, tão imundo.

— E a saia de montaria dela! Espero que você tenha reparado. Tinha um palmo e tanto de lama. Além do mais,

tenho absoluta certeza de que havia pedaços de carne dos mortos-vivos na manga, sem dúvidas das criaturas que a atacaram.

— O retrato que você faz talvez seja bastante preciso, Louisa — disse Bingley —, mas não notei coisa alguma. Achei a Srta. Elizabeth Bennet com uma aparência ótima quando entrou na sala esta manhã. Em momento algum atentei para sua saia de montaria.

— Mas tenho certeza que o senhor reparou, não é, Sr. Darcy? — insistiu a Srta. Bingley. — E estou inclinada a pensar que não gostaria de ver sua irmã dar uma exibição como aquela.

— Certamente não.

— Ora, onde já se viu caminhar cinco quilômetros... ou seja quanto for... com lama até os tornozelos... e sozinha, absolutamente sozinha! Isso com a ameaça dos não mencionáveis noite e dia, arrancando pobres almas da estrada e carregando-as para sua maldição. O que poderia ela pretender com isso? A mim, tal atitude parece mostrar um abominável sentido de independência, da espécie mais presunçosa, uma típica indiferença de cidade pelo decoro do campo.

— A mim, parece demonstrar um afeto pela irmã, que eu muito admiro — disse Bingley.

— Receio, Sr. Darcy — observou a Srta. Bingley quase num sussurro —, que essa aventura tenha afetado bastante sua admiração pelos belos olhos dela.

— De modo algum! — replicou ele. — Estavam ainda mais brilhantes, devido ao esforço realizado.

Uma curta pausa se seguiu a tais palavras, e então a Sra. Hurst recomeçou a falar:

— Tenho muitíssima simpatia pela Srta. Jane Bennet. É uma jovem muito meiga, e espero, de todo coração, que ela se case bem. Mas com uma mãe e um pai daqueles, e com relações sociais tão baixas, receio que não haja chance de que isso ocorra.

— Creio que escutei você dizer que o tio delas é advogado em Meryton.

— Sim, e elas têm um outro, que vive em algum lugar próximo a Cheapside.

— O nome do lugar diz tudo! — acrescentou sua irmã. E ambas riram discretamente. — Deve tratar-se de uma região de gente *barata*.

— Mesmo que elas tivessem tios suficientes para encher todo o Cheapside — protestou Bingley —, isso não as tornaria minimamente menos agradáveis. Não prezam o valor delas como guerreiras? Na verdade, jamais vi moços de mão tão firme no combate.

— Mas isso deve diminuir significativamente a chance de se casarem com homens que desfrutem da consideração da sociedade — explicou Darcy.

A essa observação Bingley não levantou objeções, enquanto suas irmãs manifestavam sua convicta concordância.

No entanto, foi com renovada ternura que elas voltaram ao quarto de Jane quando deixaram a sala de jantar, e lá permaneceram lhe fazendo companhia até serem chamadas para o café. A jovem ainda se encontrava bastante debilitada, e Elizabeth não se afastou do seu lado até tarde da noite, quando teve o alívio de vê-la adormecer e quando lhe pareceu que já seria sua obrigação, menos do que um prazer, reunir-se aos demais no andar de baixo. Ao entrar na sala de visitas, encontrou todos entretidos em jogos de cartas e foi imediatamente convidada a se juntar a eles. No entanto, desconfiando que as apostas seriam muito altas, Elizabeth recusou e, usando a irmã como desculpa, disse que preferia distrair-se, pelo curto período em que estaria ali embaixo, lendo um livro. O Sr. Hurst olhou para ela espantado:

— Você prefere ler a jogar cartas? — perguntou. — Mas isso é bastante singular.

— Prefiro muitas outras coisas a jogar cartas, Sr. Hurst — respondeu Elizabeth. — E não é a última delas a sensação de

empunhar uma lâmina recém-afiada quando perfura a barriga proeminente de um homem.

O Sr. Hurst ficou calado pelo resto da noite.

— Mas cuidar de sua irmã, tenho certeza, lhe dá prazer — disse Bingley. — E espero que tal prazer seja incrementado por vê-la curada e bem-disposta.

Elizabeth agradeceu-lhe, e a seguir encaminhou-se para a mesa onde havia alguns poucos livros. Ele imediatamente se ofereceu para ir buscar outros para ela — tudo o que sua biblioteca poderia colocar-lhe à disposição.

— Desejaria que minha coleção fosse ainda maior tanto para lhe dar satisfação quanto para me conferir algum valor, mas sou um sujeito preguiçoso e, embora não possua muitos livros, tenho muitos mais títulos do que já li na vida.

Elizabeth garantiu-lhe que estaria perfeitamente bem atendida pelos livros que havia na sala.

— O que me espanta — disse a Srta. Bingley — é que seu pai tenha deixado tão poucos livros. Que belíssima biblioteca tem em Pemberley, Sr. Darcy.

— Tem a obrigação de ser boa — replicou ele —, já que resulta do trabalho de muitas gerações.

— Mas o senhor ampliou-a bastante também.
Vive comprando livros.

— Não posso compreender que se negligencie uma biblioteca de família em dias como estes. O que temos para fazer a não ser ficar dentro de casa e ler até que a cura finalmente seja descoberta?

Elizabeth desviou a atenção de seu livro e aproximou-se da mesa de carteados, colocando-se entre o Sr. Bingley e sua irmã mais velha, para observar o jogo.

— A Srta. Darcy cresceu muito desde a última primavera? — perguntou a Srta. Bingley. — Acha que será tão alta quanto eu?

— Creio que sim. Ela agora está mais ou menos da altura da Srta.

Elizabeth Bennet... ou até mesmo um pouco mais alta.

— Sinto tanta vontade de revê-la. Nunca estive com alguém que me deliciasse tanto. Que compostura, que maneiras! E tão magnificamente prendada, para alguém da sua idade!

— Acho extremamente surpreendente — disse Bingley — a maneira como jovens senhores possam ser tão prendadas como são, todas elas.

— Todas as jovens prendadas! Meu caro Charles, o que quer dizer?

— Ora, todas ornamentam mesas com desenhos, forram biombos e fazem bolsas de tricô. Dificilmente conheço alguma que não fale tudo isso e tenho certeza de que jamais ouvi falar de uma jovem pela primeira vez sem ser informado que era muito prendada.

— A palavra é utilizada — disse Darcy — em relação às moças que nada mais sabem fazer além de tricotar uma bolsa ou forrar um biombo. Minha irmã Georgina merece tal distinção, entretanto, visto que não apenas é exímia nas artes femininas, como também nas mortais. Não posso me vangloriar de conhecer mais de meia dúzia de moças, em todo o meu círculo de relacionamentos, que sejam tão prendadas.

— Nem eu, estou bem certa — disse a Srta. Bingley.

— Então, Sr. Darcy — observou Elizabeth —, o seu ideal de uma mulher prendada deve compreender um grande número de habilidades.

— Uma mulher deve ter amplos conhecimentos de música, canto, desenho, dança e idiomas modernos; também deve possuir treinamento de qualidade nos diferentes estilos de luta dos mestres de Kyoto, nas modernas táticas e nos armamentos europeus. Além de tudo isso, deve possuir um certo toque na sua postura, no seu modo de andar, no tom de sua voz, na sua maneira de se exprimir e nas expressões que usa; caso contrário, a palavra não estará sendo de todo merecida. Tudo isso ela precisa possuir e a tudo isso também deve acrescentar algo mais substancial, no aperfeiçoamento de sua mente, o que se consegue com intensa leitura.

— Não estou mais surpresa que o senhor conheça apenas seis moças prendadas. Ao contrário, admiro-me que conheça tantas.

— Você é tão severa com seu próprio sexo a ponto de duvidar que isso seja possível?

— Nunca conheci uma mulher assim. Pela minha experiência, ou uma mulher é muito bem treinada ou muito requintada. Nenhuma pode se dar ao luxo de ambos os domínios nos tempos atuais. Em relação às minhas irmãs, nosso querido pai julgou que o melhor seria que dedicássemos menos do nosso tempo aos livros e à música e mais a aprendermos a nos proteger dos pobres infectados.

A Sra. Hurst e a Srta. Bingley fizeram coro para protestar contra a injustiça de sua dúvida. Ambas também afirmavam enfaticamente conhecer muitas mulheres que contemplavam tal descrição quanto então o Sr. Hurst lhes exigiu moderação. Toda a conversa se extinguiu, e pouco depois Elizabeth deixou a sala.

— Elizabeth Bennet — disse a Srta. Bingley quando a porta se fechou às costas dela — é uma dessas jovens que busca ser bem-vista pelo outro sexo desvalorizando o seu próprio. Outro dizer que com muitos homens é um procedimento bem-sucedido. Entretanto, na minha opinião, é um recurso vil, um artifício meramente maldoso.

— Sem dúvida — respondeu Darcy, para quem o comentário fora prioritariamente dirigido —, há algo de maldoso em todos os artifícios que as moças utilizam para a sedução. O que quer que seja que guarda alguma afinidade com a astúcia, é desprezível.

A Srta. Bingley não ficou inteiramente satisfeita com essa resposta, não a ponto de insistir no assunto.

Elizabeth reuniu-se a eles de novo apenas para informar que o estado de sua irmã piorara e que não poderia se afastar dela. Bingley insistiu para que o Sr. Jones fosse imediatamente chamado. Já suas irmãs, convencidas de que nenhuma assistência local seria de qualquer serventia, recomendaram enviar prontamente um mensageiro para Londres, de onde

trariam um dos mais eminentes médicos do país. Elizabeth não quis sequer considerar tal sugestão — seria perigoso demais despachar alguém durante a noite; mas ela estava disposta a concordar com a proposta de Bingley; e ficou decidido que o Sr. Jones seria chamado logo ao amanhecer; se a Srta. Bennet não apresentasse inequívocos sinais de melhora. Bingley mostrava-se bastante perturbado; suas irmãs declararam estar tomadas de aflição. No entanto, consolaram-se cantando duetos depois do jantar, enquanto ele não pôde encontrar outro alívio senão ordenar à governanta que toda a atenção deveria ser dada à jovem doente e sua irmã.

CAPÍTULO 9

ELIZABETH PASSOU A MAIOR parte da noite no quarto da irmã, e pela manhã teve a satisfação de poder enviar uma resposta algo esperançosa às indagações que desde muito cedo recebera do Sr. Bingley, por intermédio de uma camareira. Pediu que levasse uma mensagem a Longbourn, chamando a mãe para visitar Jane, de modo que pudesse formar por si mesma uma opinião sobre as condições da enferma. A mensagem foi despachada de imediato, mas o cavaleiro foi interrompido por um grupo de recém-desenterrados zumbis na estrada e, pelo que se pôde presumir, assim que encontrou seu fim.

A mensagem foi despachada pela segunda vez, agora com mais êxito e seu chamado foi prontamente atendido. A Sra. Bennet, acompanhada por suas duas filhas mais novas e seus arcos, chegou a Netherfield logo depois do desjejum da família.

Caso houvesse encontrado Jane aparentando, minimamente que fosse ter contraído a estranha praga, a Sra. Bennet teria ficado arrasada; mas ao constatar pessoalmente que a

enfermidade não era alarmante, não teve desejos de que a filha se restabelecesse depressa demais, já que, uma vez curada, ela provavelmente deixaria Netherfield. Portanto, não deu ouvidos à proposta da filha de ser transportada para casa, e nem mesmo o farmacêutico que chegou mais ou menos na mesma hora, achou que isso seria aconselhável. Bingley veio ao encontro delas, manifestando esperança de que a Sra. Bennet não tivesse encontrado a Srta. Bennet pior do que esperava.

— De fato, assim a encontrei, Sr. Bingley — foi sua resposta. — Ela está muitíssimo doente para se transportada. O Sr. Jones disse que não devemos sequer pensar em transportá-la. Portanto, precisamos abusar um pouco mais da sua gentileza.

— Transportá-la! — exclamou Bingley. — Mas isso está fora de cogitação. Nem pensar!

A Sra. Bennet ficou profusa em seus agradecimentos.

— Estou certa — acrescentou — de que, não fosse pela ajuda de tão excelentes amigos, ninguém poderia dizer o que seria dela, visto que minha filha está muito doente e sofrendo bastante, embora com a maior paciência do mundo, devido, sem dúvida, ao seu longo aprendizado com Mestre Liu.

— Será que eu poderia ter a esperança de me encontrar com esse cavalheiro aqui em Hertfordshire? — perguntou o Sr. Bingley.

— Creio que não — respondeu ela —, pois ele jamais abandona seu confinamento no Templo Shaolin, na província de Henan. Foi lá que nossas garotas passaram muitos dias árduos, sendo treinadas para enfrentar todos os tipos de desconfortos.

— Posso perguntar de que natureza foram tais desconfortos?

— O senhor pode perguntar — disse Elizabeth —, embora eu prefira lhe dar uma demonstração.

— Lizzy — exclamou a mãe —, lembre-se de onde você está e não proceda como uma selvagem, d jeito que foi habituada a fazer em casa.

— Mal posso crer que a senhorita tenha tal caráter — disse Bingley.

— Meu caráter verdadeiro é de pouca relevância aqui — replicou Elizabeth. — É o caráter dos demais que me preocupa. Dedico boa quantidade de horas estudando-os.

— De modo geral, o interior — disse o Sr. Darcy — não pode oferecer senão pouca variedade de objetos para tal estudo. Numa comunidade do interior, nos vemos dentro de uma sociedade muito restrita e monótona.

— Exceto, é claro, quando o interior é invadido pelos mesmos não mencionáveis que infestam a capital.

— Sim, isso é totalmente verdade — exclamou a Sra. Bennet, ofendida pela maneira como ele se referira à comunidade interior. — Asseguro ao senhor que há tanto dessa *coisa* em nosso interior quanto na capital.

Todos se surpreenderam, e Darcy, depois de encará-la por um instante, afastou-se em silêncio. A Sra. Bennet, considerando que havia obtido uma plena vitória sobre ele, prosseguiu, triunfante:

— Não consigo ver nenhuma vantagem de Londres em relação ao interior, particularmente depois que a muralha foi erguida. Pode ser agora uma fortaleza repleta de lojas, mas nada mais do que uma fortaleza. Dificilmente será um lugar conveniente para os nervos frágeis de uma delicada dama. O interior é muitíssimo mais apreciável, não concorda, Sr. Bingley?

— Quando estou no interior — respondeu ele —, nunca desejo partir. Ocorre que o mesmo acontece quando estou em Londres. Cada qual possui suas vantagens, tanto no que diz respeito à praga quanto a outros aspectos. Embora eu durma melhor na segurança de Londres, no geral, sinto meu estado de espírito significativamente aprimorado por minha presença nesta propriedade.

— Ah Mas isso se deve a uma correta predisposição de sua parte. Já aquele cavalheiro — disse ela, olhando para Darcy de esguelha — pareceu pensar que o interior nada tem a oferecer.

— Na verdade, mamãe, a senhora está equivocada — disse Elizabeth, sentindo-se ruborizar diante do comportamento da Sra. Bennet. — A senhor compreendeu mal o Sr. Darcy. Ele apenas quis dizer que não há uma variedade tão grande de pessoas a se conhecer no interior como existe em Londres, o que você mesma deve reconhecer que é verdade. Assim como o Sr. Darcy, certamente, deve reconhecer que a escassez de túmulos torna o interior mais acolhedor num momento como o que vivemos.

— Indubitavelmente, minha querida. Mas quanto a não haver quem se possa conhecer nesta comunidade, acredito que haja poucas maiores que a nossa. Acredito que mantemos relações aqui com, no mínimo, 24 famílias. Digo, 23, eu suponho... que Deus guarde a alma da pobre Sra. Long.

Darcy limitou-se a sorrir; e o silêncio que se estabeleceu em toda a sala causou um estremecimento em Elizabeth. Bem que ela deseja falar, mas não conseguiu pensar em nada para dizer, e depois de um breve silêncio a Sra. Bennet deu de repetir seus agradecimentos ao Sr. Bingley por sua gentileza com Jane, acrescentando suas desculpas por ele se incomodar também com Lizzy. O Sr. Bingley foi irrepreensivelmente cortês em sua resposta e forçou sua irmã mais nova a imitá-lo nessa cortesia, proferindo as palavras que a situação exigia. De fato, ela interpretou seu papel sem muita delicadeza, mas a Sra. Bennet pareceu se contentar com isso e pouco depois mandou chamar sua carruagem. Ao seu sinal, a mais nova de suas filhas se adiantou. As duas moças haviam ficado trocando sussurros durante toda a visita e, como consequência disso, a mais nova cobrou do Sr. Bingley a promessa de que, tão logo ele retornasse à região, daria um baile em Netherfield.

Lydia era uma moça de 15 anos, com corpo forte e bem desenvolvido, uma bela compleição, realmente além de feições sempre sorridentes. Possuía todos os ingredientes da natureza de matadora da irmã, Lizzy, embora pouco da sensatez desta, e havia exterminado seu primeiro não mencionável com a idade de 7 anos e meio. Era bem característico dela, portanto, dirigir-

se sem cerimônia ao Sr. Bingley, a respeito do baile — e sem rodeios lhe recordar a promessa, acrescentando que seria a coisa mais vergonhosa do mundo se ele não mantivesse a palavra. A reação dele a essa súbita investida soou deliciosa aos ouvidos da mãe de Lydia.

— Estou mais do que pronto, garanto-lhes, para honrar meu compromisso. Logo que sua irmã se recobrar, podem vocês mesmas, se me fizerem essa gentileza, indicar a data do baile. No entanto, entendo que não desejem nenhuma festa nem dança enquanto ela ainda estiver adoentada.

Lydia declarou-se satisfeita com tais palavras:

— Ah, sim... Sem dúvida, é melhor que aguardemos até que Jane esteja bem e, a essa altura, é mais do que provável que o capitão Carter esteja novamente em Meryton. Assim, quando o senhor tiver dado o *seu* baile — acrescentou —, vou insistir para que eles façam o mesmo. Direi ao coronel Forster que será uma vergonha se ele não proceder assim.

Em seguida, a Sra. Bennet e suas filhas partiram, e Elizabeth voltou sem demora para junto de Jane, deixando seu próprio comportamento e o de suas familiares à mercê dos comentários das duas senhoras e do Sr. Darcy, o qual, entretanto, não se deixou persuadir a se associar a elas nas censuras à moça, apesar de toda a ironia da Srta. Bingley em relação aos *belos olhos* de Elizabeth.

CAPÍTULO 10

O DIA TRANSCORREU quase igual ao anterior. A Sra. Hurst e a Srta. Bingley passaram algumas horas da manhã com a moça acamada, que prosseguia, embora lentamente, em sua recuperação. Já à noite, Elizabeth reuniu-se ao grupo na sala de

estar. A mesa de carteados, entretanto, não foi armada. O Sr. Darcy estava escrevendo e a Srta. Bingley, sentada ao pé dele, observava o progresso de sua carta e, repetidamente, pedia sua atenção para recados que enviava à irmã dele. O Sr. Hurst e o Sr. Bingley jogava *piquet*, enquanto a Sra. Hurst os observava.

Elizabeth ocupou-se em limpar e passar óleo na coronha de seu mosquete, ao mesmo tempo que se divertia entreouvindo o que se passava entre o Sr. Darcy e sua companhia.

— Mas que contentamento será para a Srta. Darcy receber essa carta.

O Sr. Darcy não respondeu.

— O senhor escreve extraordinariamente depressa.

— E a senhorita tagarela extraordinariamente demais.

— Quantas cartas o senhor deve conseguir escrever ao longo de um ano! Inclusive cartas de negócios. Como o senhor deve odiar ter de escrevê-las!

— E, de fato, quão odioso é precisar escrevê-las com tanta frequência perto da senhorita.

— Por gentileza, coloque aí que quero muito rever sua irmã.

— Já fiz isso, a seu pedido.

— Como consegue que sua caligrafia seja tão uniforme? Ele ficou em silêncio.

— Diga à sua irmã que estou contentíssima de saber sobre seus progressos na harpa. E, por favor, comunique-lhe que estou absolutamente encantada com aquele pequeno desejo que fez para uma mesa.

— Srta. Bingley! Os gemidos de uma centena de não mencionáveis seriam mais agradáveis aos meus ouvidos do que mais uma palavra que seja vinda de sua boca. Se não conseguir se tornar agradável, serei obrigado a usar meu sabre para remover sua língua.

— Ah! Ora, não importa. Vou mesmo vê-la em janeiro. Mas o senhor costuma sempre lhe escrever cartas tão deliciosamente

longas, Sr. Darcy?

— São longas, sim, de hábito. No entanto, se isso é delicioso ou não, é algo que não me cabe determinar.

— Para mim, é uma regra estabelecida que qualquer pessoa capaz de escrever uma carta longa com facilidade não pode escrever mal.

Isso não será tomado como um elogio a Darcy, Caroline — disse o irmão dela, elevando a voz —, simplesmente porque ele *não* escreve com facilidade. Ele se esforça para utilizar o maior número que pode de palavras de quatro sílabas. Não é verdade, Darcy?

O Sr. Darcy continuou concentrado em sua carta, em silêncio, embora Elizabeth percebesse que ficara bastante aborrecido com o amigo. Quando concluiu a tarefa, o Sr.

Darcy instou a Srta. Bingley e Elizabeth a lhes proporcionarem um pouco de música. A Srta. Bingley dirigiu-se prontamente para o piano e, depois de um polido convite à outra para que tocasse, sentou-se.

A Sra. Hurst cantou em dupla com a irmã, enquanto Elizabeth tocava.

Era uma vez, quando a terra era inerte e os mortos jaziam em silêncio,

E a cidade de Londres era habitada somente por viventes, Então surgiu a peste, que se espalhou rápida e voraz,

E desde então nossa amada Inglaterra defendemos.

Enquanto se entretinham desse modo, Elizabeth não pôde deixar de reparar a frequência com que surpreendia o Sr. Darcy de olhos fixos nela. Ela mal era capaz de conjeturar que pudesse ser objeto de admiração de um cavalheiro de tanta importância; no entanto, que ele a observasse porque ela o

desagradava seria ainda mais estranho. A moça só pôde imaginar, portanto, que ela atraía sua atenção por haver nela algo ainda mais errado e repreensível, de acordo com as ideias dele de correção, do que em qualquer outra das pessoas presentes. A suposição não a magoou. Elizabeth não tinha apreço suficiente por ele para se importar com sua opinião.

A Srta. Bingley tocou a seguir, mudando a atmosfera da sala com uma alegre cantiga escocesa. Logo, o Sr. Darcy dirigia-se a Elizabeth e lhe dizia:

— Não se sente disposta a aproveitar esta grande oportunidade para dançar um ril, Srta. Bennet?

Ela sorriu, sem dar resposta. Ele repetiu a pergunta, um tanto perplexo diante do silêncio dela.

— Oh! — exclamou Elizabeth. — Eu já o havia escutado, mas não me ocorreu de imediato qual resposta deveria lhe dar. O senhor queria, sei disso, que eu dissesse *Sim*, de modo que pudesse ter o prazer de desdenhar meu gosto. Ocorre que me agrada desmontar esses ardis e roubar à pessoa sua satisfação imediata. No entanto, já me resolvi quanto ao que lhe devo dizer, e é que não: não tenho desejo algum de dançar um ril. Agora, desdenha de mim, se ousar.

— De fato, não ousou.

Elizabeth, tendo esperado de fato insultá-lo, ficou surpresa diante dessa atitude galante. Quanto a Darcy, ele jamais havia estado tão enfeitiçado por uma mulher como estava agora por ela. Realmente acreditava que, não fosse pela condição inferior da família dela, estaria sob o forte risco de se apaixonar e, não fosse por sua considerável habilidade nas artes mortais, estaria até mesmo ameaçado de ser derrotado por ela — já que nunca conhecera uma jovem mais gabaritada para o extermínio de um morto-vivo.

A Srta. Bingley percebeu tudo isso, ou suspeitou, o que foi o suficiente para se sentir enciumada, e seu enorme desejo de ver sua querida amiga Jane restabelecida ganhou novo ímpeto de sua vontade de se ver livre de Elizabeth. Frequentemente, tentava induzir Darcy a antipatizar com a hóspede, falando

sobre o suposto casamento deles e antevendo a felicidade de sua vida conjugal.

— Espero — disse ela, enquanto passeava com Darcy pelo jardim, no dia seguinte — que você transmita algumas orientações à sua sogra, quando esse ansiado evento acontecer, sobre as vantagens de se controlar a própria língua. E se conseguir, conviria curar as filhas mais novas dessa mania de correr atrás de oficiais. E, se posso mencionar um tema tão delicado, empenhe-se também em verificar a quantas anda essa afinidade, tão imprópria numa moça, da Srta. Bennet por armas de fogo, espadas e treinamento de combate, assim como todas essas bobagens que estão melhor se deixadas nas mãos dos homens e das senhoras de berço humilde.

— Há algo mais que queira propor para incrementar minha felicidade doméstica?

Nesse momento, vieram ao seu encontro, de uma outra alameda, a Sra. Hurst e a própria Elizabeth.

— Não sabia que planejavam dar uma caminhada — disse a Srta. Bingley, algo vacilante, temendo ter sido escutada.

— Você nos tratou abominavelmente — replicou a Sra. Hurst —, escapando às pressas sem nos dizer que estava saindo.

Então, tomando o braço livre do Sr. Darcy, deixou Elizabeth andando sozinha. A trilha permitia a passagem de somente três pessoas. O Sr. Darcy percebeu a grosseria e imediatamente disse:

— Esta alameda não é larga o bastante para nosso grupo. É melhor seguirmos pelo caminho principal.

Mas Elizabeth, que não tinha a menor intenção de prosseguir em tal companhia disse, sorrindo:

— Não, não, fiquem por aqui mesmo. Assim, juntos, formam um grupo encantador, e parecem bastante à vontade. A beleza do quadro seria arruinada se uma quarta pessoa se juntasse a vocês. Além disso, é quase certo que esse caminho esteja tomado pelos zumbis, e não tenho nenhuma intenção de me envolver num combate com eles hoje. Até mais. Ela, então,

saiu correndo, muito alegre, regozijando-se com a esperança de volta para sua própria casa em um ou dois dias, no máximo.

Jane já estava quase recuperada, a ponto de manifestar a intenção de deixar seu quarto por algumas horas naquela noite.

CAPÍTULO 11

TERMINANDO O JANTAR, quando as damas se retiraram, Elizabeth correu para junto da irmã e, encontrando-a bem-disposta, conduziu-a à sala de visitas, onde foi gentilmente recebida pela Srta. Bingley e pela Sra. Hurst, que manifestaram grande contentamento. Elizabeth jamais as vira tão delicadas quanto naquela hora que passaram juntas, antes de os cavalheiros retornarem. A despeito da falta de habilidades marciais que tinham, ela se viu obrigada a admitir que a capacidade delas de manter uma conversação era considerável.

"Se palavras pudessem decapitar um zumbi", pensou ela, "eu estaria agora na companhia das duas maiores guerreiras do mundo."

Mas quando os cavalheiros chegaram, os olhos da Srta. Bingley instantaneamente se voltaram para Darcy, e ela já tinha algo pronto para lhe dizer antes mesmo que ele se adiantasse alguns passos. Darcy dirigiu-se a Jane com um polido cumprimento. O Sr. Hurst também lhe inclinou levemente a cabeça, saudando-a, e disse que estava "deveras satisfeito que tivesse sido apenas um resfriado, na verdade, e não a estranha praga". No entanto, foram as palavras de Bingley as mais calorosas. Ele se mostrou tomado de atenções e de alegria. A primeira meia hora ele passou alimentando o fogo,

para que ela não sofresse perturbações por ter mudado de ambiente. Então, sentou-se ao pé de Jane e mal falou com qualquer outra pessoa. Elizabeth foi para junto do pequeno amolador, num canto da sala, de onde assistia à cena com grande prazer, enquanto afiava o gume das espadas dos cavalheiros — que, ao examinar, havia constatado estarem desconcertantemente sem corte.

Após o chá, o Sr. Hurst sugeriu à cunhada que armasse a mesa do carteador, mas foi em vão. Reservadamente, ela havia tomado conhecimento de que o Sr. Darcy não desejava jogar cartas, e logo o Sr. Hurst teve de escutar uma recusa a um pedido explícito de sua parte. Ela afirmou que ninguém tencionava jogar, e o silêncio de todos a respeito do assunto pareceu corroborá-la. O Sr. Hurst, portanto, nada pôde fazer, a não ser se esticar num dos sofás e começar a dormir. Darcy escolheu um livro: a Srta. Bingley imitou-o, e a Sra. Hurst, ocupada principalmente em brincar com uma das estrelas ninjas de Elizabeth, intervinha vez por outra na conversa entre seu irmão e a Srta. Bennet.

A Srta. Bingley parecia tão absorta em observar o progresso que o Sr. Darcy fazia na leitura de seu livro quanto em ler o dela própria. Estava sempre indagando alguma coisa ou olhando para a página dele. Não conseguia, no entanto, atraí-lo para qualquer conversa; ele limitava-se a responder à pergunta dela, e imediatamente continuava a ler. Por fim, já cansada de tanto tentar se concentrar em seu próprio livro, que havia escolhido apenas por ser o segundo volume da mesma obra que ele lia, ela soltou um enorme bocejo e disse:

— Como é agradável passar a noite desse modo! Afirmando que, afinal de contas, não há prazer que se iguale ao da leitura.

— Fala como alguém que jamais desfrutou do êxtase de segurar um coração ainda pulsando nas mãos — disse Darcy.

A Srta. Bingley — que estava mais do que acostumada a ser censurada por sua falta de treinamento em combates — não retrucou. Bocejou de novo, jogou de lado seu livro e correu os olhos pela sala, buscando algo que a distraísse. Quando escutou

seu irmão mencionando um baile à Srta. Bennet, voltou-se de repente para ele e perguntou:

— A propósito, Charles, você está pensando mesmo em promover um baile em Netherfield? Eu o aconselharia a consultar os desejos do nosso grupo. Creio que não estaria absolutamente equivocada em afirmar que há alguns entre nós para quem um baile seria mais um castigo que um divertimento.

— Se está se referido a Darcy — disse seu irmão em voz alta —, ele pode muito bem ir para a cama antes de o baile começar. Mas é uma coisa já decidida, e assim que o chão estiver suficientemente seco e firme de novo, e o atual surto de erupção de não mencionáveis cessar, vou despachar os convites.

— Eu apreciaria infinitamente mais os bailes se eles acontecessem de outra maneira — replicou ela.

— Você apreciaria os bailes infinitamente mais — disse Darcy — se soubesse o básico sobre o assunto.

Elizabeth ficou ruborizada e precisou suprimir um sorriso, ligeiramente surpresa com o fato de ele brincar com a impropriedade e também ligeiramente intrigada com o fato de ele se permitir a uma brincadeira, fosse qual fosse. Já a Srta. Bingley, sem conseguir entender a insinuação dele, não respondeu e logo depois se levantou e começou a caminhar pela sala. Tinha um porte elegante e andava muito bonito. Mas Darcy a quem tal exibição era destinada, mantinha-se inflexivelmente compenetrado na leitura. Em desespero, ela resolveu arriscar um último esforço e, voltando para Elizabeth, disse:

— Srta. Eliza Bennet, deixe-me persuadi-la a seguir meu exemplo. Venha caminhar pela sala. Asseguro à senhorita que se sentirá mais descontraída, depois de ficar sentada tanto tempo numa mesma posição.

Elizabeth não tinha necessidade nenhuma de descontrair — certa vez, haviam exigido que se mantivesse plantando bananeira por seis dias sob o escaldante sol de Pequim —, mas, ainda assim, aceitou imediatamente o convite. A Srta. Bingley

não teve menos sucesso com o verdadeiro objetivo de sua gentileza: o Sr. Darcy ergueu os olhos e inadvertidamente fechou o livro. Foi diretamente convidado a reunir-se a elas, mas declinou, observando que só conseguiria imaginar dois motivos para terem resolvido caminhar de um lado para outro da sala, juntas, e em ambos os casos sua intromissão seria indesejada.

— Mas o que ele pode estar querendo insinuar? — A Srta. Bingley estava morta de vontade de saber o que podia estar se passando pela cabeça dele, e perguntou à Elizabeth se ela fazia alguma ideia.

— Absolutamente, não — foi a resposta dela. — Mas, com toda certeza, é algo para nos depreciar, e a melhor maneira de frustrá-lo será não perguntar o que ele pretende estar sugerindo.

A Srta. Bingley, entretanto, era incapaz de tanta autodisciplina, e teimou em pedir explicação para ambos os motivos dele.

— Não faço a menor objeção a explicá-los — disse ele. — Ou vocês escolheram essa maneira de passar a noite porque são incapazes de se sentarem quietar, ou porque têm consciência de que suas silhuetas ganham muito aos nossos olhos, quando vocês caminham. No primeiro caso, ambas não passariam de garotas idiotas que não merecem minha atenção. No segundo, posso admirá-las muito melhor daqui onde estou. Efetivamente, o brilho do fogo revela todas as formas por debaixo do tecido de suas vestes.

— Oh! Que ultrajante! — exclamou alto a Srta. Bingley, afastando-se da lareira. — Nunca escutei nada tão abominável. De que modo devemos castigá-lo por essas palavras?

— Sou capaz de imaginar muitas maneiras — disse Elizabeth. — Contudo, receio que nenhum teria a aprovação dos presentes. Mas você não teria conhecimento de algum de seus pontos fracos, sendo os dois tão próximos?

— Oh, dou-lhe minha palavra de honra que não. E lhe asseguro que minha proximidade dele jamais revelou *tal coisa*.

O Sr. Darcy age com tranquilidade, presença de espírito, e bravura de combate.

— Sim, mas ele também não se deixa dominar por alguma vaidade, por um certo orgulho?

— Ah, sim, e a vaidade é uma fraqueza, não é mesmo? — disse a Srta. Bingley. — Já o orgulho... quando se trata de uma mente superior, o orgulho estará sempre sob controle.

Elizabeth virou o rosto para esconder um sorriso.

— Presumo que sua análise do Sr. Darcy esteja concluída — disse a Srta. Bingley. — Então, eu lhe pergunto: a que resultado chegou?

— Estou inteiramente convencida de que o Sr. Darcy não tem defeito algum.

— Discordo. Tenho defeitos, sim. Mas nenhum que me prejudique a compreensão, assim espero. Meu temperamento, por esse já não garanto. Por toda a minha vida considere como ofensas aquilo que os outros homens tomariam por trivialidade.

— Sem dúvida, trata-se de uma falha — disse alto Elizabeth. — Mas o senhor soube escolhê-la bem, pois essa eu compartilharia consigo. Também eu vivo pelo código dos guerreiros e mataria sem hesitação, se assim exigisse minha honra. Não precisa me temer, portanto.

— Acredito que haja em toda pessoa alguma tendência para uma manifestação qualquer do mal. Uma espécie de defeito de nascença, que nem mesmo a melhor educação pode anular.

— E o seu defeito, Sr. Darcy, é odiar a todos no mundo.

— E o seu — replicou ele com um sorriso — é o de, propositalmente, interpretá-los mal.

— Por favor, vamos desfrutar de um pouco de música — interveio a Srta. Bingley, casada de uma conversa na qual ela não conseguia se incluir.

— Louisa, você se importa que eu acorde Sr. Hurst?

A irmã não levantou a menor objeção, de modo que o piano foi aberto, e Darcy não lamentou por isso. Começava a perceber o perigo de dar a Elizabeth demasiada atenção.

CAPÍTULO 12

POR CONTA DE UM ACORDO entre as irmãs, na manhã seguinte Elizabeth escreveu à mãe para pedir que a carruagem lhes fosse mandada em algum momento do dia. Mas a Sra. Bennet, que havia planejado que as filhas ficassem em Netherfield até a próxima terça-feira, quando completaria exatamente uma semana desde a chegada de Jane, não poderia se forçar a recebê-las com prazer antes dessa data. Assim, sua resposta foi desapontadora. Segundo ela, as filhas possivelmente não poderiam dispor da carruagem antes da terça-feira, já que o veículo fora bastante danificado por balas de mosquete perdidas durante uma refrega entre soldados e um grupo de infelizes infectados, que acontecera próximo ao acampamento de Meryton.

Isso, ao menos em parte, era verdade, visto que a carruagem fora mesmo apanhada em meio ao fogo cruzado, quando Catherine e Lydia a usaram para uma visita a um grupo de oficiais. Mas, na realidade, o dano fora menos severo do que sugeria a Sra. Bennet. Num pós-escrito, ela acrescentou que se o Sr. Bingley e sua irmã insistissem para que elas permanecessem com eles por mais tempo, ela daria sua permissão. Totalmente contrária à ideia de retardar seu regresso para casa, no entanto, Elizabeth instou Jane a pedir emprestada a carruagem do Sr. Bingley imediatamente, e, afinal, ficou decidido que seus planos originais, que eram deixar Netherfield naquela mesma manhã, deveriam ser mencionados, e o transporte, solicitado.

O pedido despertou inúmeros protestos e preocupações. Manifestou-se o desejo de que elas ficassem pelo menos até o

dia seguinte, para esperar que o solo endurecesse mais, o que foi o bastante para que a partida fosse adiada por mais um dia. A Srta. Bingley lamentou que tivesse sido ela a propor a permanência das irmãs, já que os ciúmes e a antipatia que sentia por Elizabeth superavam em muito sua afeição por Jane.

Por seu lado, o Sr. Bingley ficou extremamente sentido por elas já terem de partir e repetidamente tentou persuadir a Srta. Bennet de que isso não seria seguro para ela — que ainda não havia se recuperado o suficiente para entrar em combate, caso a carruagem fosse atacada. No entanto, Jane recordou-lhe que não haveria melhor escolta, em toda a Inglaterra, do que Elizabeth.

O Sr. Darcy gostou da notícia — Elizabeth já ficara tempo demais em Netherfield. Ela o atraía mais do que ele gostaria que acontecesse. Além disso, a Srta. Bingley comportava-se de modo hostil à moça e se mostrava mais implicante do que de hábito em relação a ele próprio, que havia decidido que não permitiria deixar escapar mais nenhum sinal de admiração por Elizabeth. Firme nesse propósito, mal lhe dirigiu dez palavras durante o sábado inteiro, e apesar de terem sido deixados a sós por meia hora, em certa oportunidade, Darcy concentrou-se inteiramente no livro que lia sem sequer olhar para ela.

Domingo pela manhã, depois do serviço religioso, houve as despedidas. A gentileza da Srta. Bingley em relação a Elizabeth finalmente aumentou consideravelmente, assim como suas demonstrações de afeto por Jane. Quando as irmãs partiram, depois de enfatizar a Jane o prazer que lhe daria tanto vê-la em Longbourn como em Netherfield, e de abraçá-la com toda a ternura, ela chegou até mesmo a apertar a mão de Elizabeth, que deixou aquela casa com o espírito tomado de contentamento.

O percurso até Longbourn transcorreu agradavelmente, a não ser por um breve encontro com um pequeno grupo de zumbis ainda crianças, sem dúvida provenientes do orfanato da Sra. Beechman, que havia sucumbido recentemente, com toda a paróquia de St. Thomas. O cocheiro do Sr. Bingley não pôde

evitar de vomitar em seu lenço de pescoço ao ver os pequenos demônios pastando cadáveres enrijecidos pelo sol, numa campina próxima. Elizabeth manteve seu mosquete junto de si, para o caso de eles atacarem. Mas a sorte estava do lado das Bennet e, assim, as amaldiçoadas crianças não se deram conta da carruagem.

No entanto, as jovens não foram bem recebidas pela mãe. A Sra. Bennet recriminou-as por darem tanto trabalho e disse estar certa de que Jane teria se resfriado novamente. Seus protestos se inflamaram ainda mais ao ver o vômito do lenço de pescoço do cocheiro — evidência incontestável de que haviam deparado com os não mencionáveis pelo caminho. Já o pai ficou sinceramente satisfeito ao vê-las de volta, uma vez que as sessões noturnas de treinamento de artes mortais haviam perdido metade de sua animação com a ausência de Jane e de Elizabeth.

Encontraram Mary, como de costume, mergulhada no estudo da natureza humana. Catherine e Lydia tinham informações de um outro tipo para elas. Muito havia sido feito e dito no regimento desde a quarta-feira anterior; vários dos oficiais vinham comparecendo ao jantar na casa do tio delas, um recruta havia sido castigado com chibatadas por ter praticado atos indecentes com um cadáver decapitado e, além de tudo, havia corrido o rumor de que o coronel Forster iria se casar.

CAPÍTULO 13

— **ESPERO, MINHA CARA** — disse o Sr. Bennet para a esposa, durante o desjejum, na manhã seguinte —, que você tenha providenciado um bom jantar para esta noite, pois tenho

razões para esperar que outros venham se juntar à nossa família à mesa.

— A quem está se referindo, meu caro? Não tenho conhecimento de convidado nenhum, e disso tenho certeza, a não ser que Charlotte Lucas apareça sem avisar, e, neste caso, certamente que meu jantar será bom o bastante para ela, já que se trata de uma mulher de 27 anos, sem marido, e como tal deve contentar-se com pouco além de uma crosta de pão acompanhado de uma taça de solidão.

— A pessoa a quem me refiro é um cavalheiro, alguém de fora. Os olhos da Sra. Bennet cintilaram.

— Um cavalheiro de fora! É o Sr. Bingley, por certo. Ficarei imensamente feliz por reencontrar o Sr. Bingley. Mas... Ah, meu Deus! Que falta de sorte. Não há sequer uma porção de peixe que possamos preparar para hoje. Lydia, meu amor, toque a sineta. Preciso falar imediatamente com Hill.

— Não se trata do Sr. Bingley, sua velha insensata e imprestável — disse o marido.

— É uma pessoa que nunca vi em toda a minha vida.

Depois de se divertir por alguns instantes com a curiosidade delas, por fim ele esclareceu:

— Há cerca de um mês recebi esta carta; e mais ou menos quinze dias atrás eu a respondi. É do meu primo, o Sr. Collins, aquele que por ocasião do meu falecimento poderá se apropriar desta casa logo que lhe aprover.

— Oh, meu Deus! — gritou a esposa. — Suplico-lhe que não fale nesse homem odioso. Considero a maior crueldade do mundo que sua propriedade seja tomada de suas próprias filhas.

Jane e Elizabeth tentaram argumentar que todas as cinco irmãs eram capazes de prover sua subsistência por si mesmas; que poderiam ganhar suficientemente bem trabalhando como guarda-costas, assassinas ou mercenárias, se necessário. Mas esse era um assunto totalmente além da compreensão da Sra. Bennet, e ela continuou a reclamar amargamente contra a

maldade de um homem que não significava coisa alguma para ninguém.

— Sem dúvida, nada poderia ser mais iníquo — declarou o Sr. Bennet - e nada poderá limpar a consciência do Sr. Collins da culpa de herdar Longbourn. Mas, se vocês escutarem esta carta, talvez lhe tenham menos rancor devido à maneira como ele se expressa.

Hunsford, próximo a Westerham, Kent, 15 de outubro.

PREZADÍSSIMO SENHOR,

A animosidade que existia entre o senhor e meu falecido e honrado pai sempre me constrangeu. Ele foi um grande guerreiro, como o senhor também já foi, e sei que ele ansiava pelo dia em que ambos combateriam lado a lado — ainda nos tempos em que a estranha praga era não mais do que um contratempo isolado. Desde a morte dele, várias vezes me ocorreu propor deixar para trás o passado. No entanto, por algum tempo me deixei reter por minhas próprias dúvidas, temendo ser desrespeitoso em relação à memória de meu pai estar em bons termos com alguém que ele, outrora, jurou castrar. Entretanto, agora me resolvi quando ao modo como devo proceder sobre esse assunto, uma vez que, tendo me ordenado, tive a enorme felicidade de ser distinguido pela proteção da Honrável Lady Catherine de Bourgh...

— Meu Deus! — exclamou Elizabeth. — Ele trabalho para Lady Catherine.

— Deixem-me terminar — disse o Sr. Bennet com ar grave.

... cuja habilidade com a lâmina e o mosquete é ímpar, e a qual abateu mais não mencionáveis do que qualquer outra mulher conhecida. Como clérigo, considero meu dever promover e estabelecer a bênção da paz em todas as famílias. Se o senhor não fizer objeções quanto a me receber em sua casa, me permitirei a satisfação de visitá-lo e à sua família, segunda-feira, 18 de novembro, por volta das quatro horas, e provavelmente desfrutaria de sua hospitalidade até o sábado. Com os mais respeitosos cumprimentos à sua família, e meus protestos de boa vontade e amizade,

WILLIAM COLLINS

— Portanto, às quatro horas, provavelmente vamos receber em nossa casa esse cavalheiro imbuído de pacíficos propósitos — disse o Sr. Bennet, enquanto dobrava a carta. — Ele me parece um jovem bastante consciencioso e polido, e não duvido que tal aproximação se mostre proveitoso, especialmente sabendo dessa sua ligação com Lady Catherine.

O Sr. Collins, que chegou pontualmente na hora que havia marcado, foi recebido com enorme polidez por toda a família. Na verdade, o Sr. Bennet pouco falou, mas suas filhas e sua esposa tinham disposição suficiente para conversar, e além do mais, nesse aspecto, o Sr. Collins não aparentava precisar de nenhum encorajamento, nem mostrava propensão a ficar calado. Era um homenzinho gorducho e baixote, de 25 anos. Tinha um ar austero e pomposo, e seus modos eram bastante cerimoniais. Tão logo se viu sentado, cumprimentou a Sra. Bennet por conta de suas filhas. Declarou que havia escutado

muitos comentários sobre a beleza delas, mas, nesse caso, a fama que tinham ficava aquém da verdade, acrescentando que mal podia esperar para assistir a uma demonstração de suas já lendárias habilidades guerreiras.

— Tenho certeza de que está sendo absolutamente gentil; mas preferiria vê-las com maridos a mosquetes, já que de tudo serão privadas. Estranhos arranjos estão estabelecidos.

— A senhor alude, talvez, às disposições de sucessão sobre esta propriedade.

— Ah, sim, meu caro senhor. Exatamente isso. Trata-se de uma circunstância pesarosa para minhas pobres filhas, isso o senhor deve admitir.

— Madame, estou cômico da atribuição que isso representa para minhas gentis primas. Poderia falar mais sobre o assunto, mas devo acautelas quanto a parecer precipitado e inconsequente. Entretanto, asseguro às jovens que vim aqui predisposto a apreciar-lhes as virtudes. No momento, não direi mais nada; mas, quem sabe, quando nos conhecermos melhor...?

Ele foi interrompido pelo chamado para o jantar; e as moças trocaram um sorriso. As meninas não eram os únicos objetos da admiração do Sr. Collins. O salão, a sala de jantar e toda a mobília foram igualmente examinados e elogiados — e toda essa atenção em relação ao que havia ao redor realmente teria tocado o coração da Sra. Bennet não fosse a mortificante suspeita de que a tudo ali ele via como se fosse sua futura propriedade. O jantar foi bastante exaltado, e ele pediu que lhe dissessem a qual de suas belas primas devia ser atribuída a excelência daquela culinária.

Subitamente esquecendo seus modos, Mary empunhou seu garfo e saltou da sua cadeira para cima da mesa. Lydia, sentada junto a ela, agarrou seu tornozelo antes que ela conseguisse avançar sobre o Sr. Collins e lhe enfiasse o talher, ao que se podia presumir, na cabeça e no pescoço por conta de tal insulto. Jane e Elizabeth esconderam o rosto para que o Sr. Collins não as visse rindo.

Ele foi corrigido pela Sra. Bennet que, com alguma aspereza, disse que a família podia perfeitamente pagar uma boa cozinheira, enquanto as filhas, ocupadas demais com seu treinamento marcial, não precisavam se preocupar com a cozinha. Ele pediu perdão por ter aborrecido Mary. Num tom de voz suave, ela assegurou que não se sentira absolutamente ofendida; e mesmo assim ele insistiu em repetir suas desculpas por cerca de um quarto de hora.

CAPÍTULO 14

DURANTE O JANTAR, o Sr. Bennet praticamente não falou, mas quando os servos se retiraram, achou que já era tempo de entabular alguma conversa com essa hóspede, de modo que introduziu um assunto que, assim esperava, o entusiasmasse, comentando que ele tivera muita sorte em conseguir tão valiosa patronagem. Lady Catherine de Bourgh não apenas era uma das mais ricas súditas do rei, como também uma das mais mortíferas. O Sr. Bennet não teria escolhido melhor. O Sr. Collins foi eloquente nos elogios a Lady Catherine, enfatizando que jamais em sua vida testemunhara tamanha autodisciplina personificada em uma pessoa de importância. Lady Catherine era tida como orgulhosa por muitas pessoas que ele conhecia. No entanto, ele próprio jamais vira nela outra coisa a não ser uma singular dedicação à arte de matar zumbis. Sempre se dirigia a ele como se fosse a qualquer outro aristocrata. Não fazia a menor objeção a que ele assistisse aos seus treinos nem que, ocasionalmente, se ausentasse da paróquia por uma semana ou mesmo duas, a fim de visitar parentes. Chegou, inclusive, a aconselhá-lo a se casar logo que pudesse, desde que sua escolha fosse criteriosa.

— Sempre sonhei em ver Lady Catherine treinar — disse Elizabeth. —

Ela mora perto do senhor?

— Apenas uma alameda separa o jardim em que está localizado meu humilde retiro de Rosings Park, a residência da nobre senhora.

— Creio que escutei o senhor dizer que ela é viúva. Mas não tem parentes?

— Somente uma filha, a herdeira de Rosings e de muitas ricas propriedades.

— Ah! — exclamou a Sra. Bennet. — Nesse caso, ela está muito melhor do que muitas outras garotas. E como ela é, essa jovem? É bonita?

— É uma moça de fato bastante atraente. A própria Lady Catherine afirma que, em matéria de beleza autêntica, a Srta. de Bourgh é muito superior às mais belas do seu sexo, já que em suas feições possui os traços

característicos de quem tem berço. Desafortunadamente, sua constituição é sujeita a enfermidades, o que a impede de seguir o exemplo da mãe no que diz respeito às artes mortais. Receio que mal conseguisse erguer um sabre, quanto mais manejá-lo com a habilidade de minha senhora.

— Mas ela já foi apresentada à corte? Não me lembro de seu nome entre os das demais moças da aristocracia.

— Infelizmente, a precariedade de sua saúde também a impede de ir a Londres, de modo que, como salientei para Lady Catherine certo dia, a corte britânica fica privada de seu mais cintilante ornamento. Vocês bem podem imaginar o quanto me compraz oferecer esses pequenos e delicados elogios que as senhoras bem-educadas sempre apreciam.

— O senhor sabe bem do que fale — disse o Sr. Bennet. — Permita-me lhe pergunte se essas deferências são fruto do impulso do momento ou se partem de um cálculo prévio.

— Brotam principalmente da ocasião, embora eu, vez por outra, me delicie formulando e polindo esses pequenos e elegantes elogios, de modo a adaptá-los ao momento, quando este aparecer. Sempre me esforço para lhes dar ao máximo um ar de improviso.

As expectativas do Sr. Bennet foram plenamente contempladas. Seu primo era uma pessoa tão absurda quanto ele havia esperado, de modo que o escutava com o mais puro divertimento, mantendo, entretanto, a mais sóbria compostura e contenção.

Quando o chá terminou, o Sr. Bennet se deu o prazer de convidá-lo a ler para as moças e para sua esposa. O Sr. Collins assentiu prontamente, e um livro foi providenciado. Mas ao examiná-lo (tudo indicava que era um livro de uma biblioteca circulante), recuou e, desculpando-se, declarou que jamais lia romances, Kitty o fitou e Lydia emitiu uma exclamação de espanto. Outros livros foram trazidos, e depois de alguma consideração ele escolheu *Os sermões*, de Fordyce. Lydia engasgou quando ele abriu o volume e, antes que ele tivesse,

com tediosa solenidade, lido três páginas, interrompeu-o, dizendo:

— Mamãe sabia que meu tio Philips disse que um batalhão de reforço está vindo para se juntar ao do coronel Forster? Minha tia me contou isso no sábado. Caso alguma de minhas irmãs se disponha a me acompanhar, vou até Meryton amanhã para me informar melhor.

Lydia foi instalada por suas duas irmãs mais velhas a segurar a língua, mas o Sr. Collins, sentindo-se absolutamente ofendido, deixou de lado o livro e disse:

— Observo com frequência o quão pouco as jovens senhoras de hoje estão interessadas em livros de teor sério. Vou parar de importunar minhas caras primas.

Então, voltando-se para o Sr. Bennet, ofereceu-se como adversário para uma partida de gamão. O Sr. Bennet aceitou o desafio, acrescentando que ele agia sensatamente deixando as garotas em paz para os seus entretenimentos triviais. A Sra. Bennet e suas filhas se desculparam pela interrupção de Lydia, a qual, segundo afirmou a Sra. Bennet, lhe resultaria em dez golpes de bambu se ainda fosse discípula de Mestre Liu. Prometeram que não aconteceria de novo, se ele quisesse retomar a leitura. O Sr. Collins, no entanto, garantindo que não guardava ressentimento em relação à sua jovem prima, e que jamais tomaria qualquer procedimento dela como uma afronta, sentou-se em outra mesa com o Sr. Bennet e preparou-se para o gamão.

CAPÍTULO 15

O SR. COLLINS NÃO ERA um homem sensível, e essa deficiência de nascença fora pouco remediada pela educação e pelo convívio social. Ele passara a maior parte de sua vida sob a tutela de um pai corajoso, mas sem instrução. E, apesar de ter cursado uma universidade, sempre sofrera a discriminação de seus colegas devido a uma evidente falta do lustro que viria de família. A rigidez em que seu pai o criara lhe conferira muito conhecimento da arte do combate, o que, no entanto, era em grande parte anulado pela sua fraqueza de mente, por sua compleição rechonchuda e, no momento, pela boa vida que a patronagem lhe proporcionava. Um lance de sorte o recomendara a Lady Catherine de Bourgh, que fora forçada a decapitar seu pároco anterior, quando ele fora apanhado pelos mortos-vivos.

Dispondo agora de uma boa residência e de uma renda decente, ele fazia planos de se casar, e ao buscar a reconciliação com a família residente em Longbourn, tinha em vista conseguir uma noiva, já que pretendia escolher uma das filhas, se as achasse tão bonitas e gentis como habitualmente eram descritas. Considerava isso uma compensação — ou reparação — por herdar a propriedade do pai delas. Uma compensação que ele via como excelente, absolutamente legítima, apropriada, e até mesmo generosa de sua parte.

Seus planos não se alteraram ao conhecê-las. A filha mais velha tinha um rosto belíssimo e surpreendente tônus muscular, conforme observou, e à noite já era a sua escolhida. A manhã seguinte, no entanto, trouxe uma alteração, já que um *tête-à-tête* de um quarto de hora com a Sra. Bennet antes do desjejum, conversa que de início versou sobre sua residência paroquial, naturalmente o levou a confidenciar suas esperanças de poder encontrar uma esposa em Longbourn, o que suscitou da parte dela, além de sorrisos bastante amistosos e, de modo

geral, encorajamento, restrições justamente em relação a Jane, por quem ele havia se decidido até então. Já quanto às filhas mais *novas*, não lhe cabia dizer coisa alguma não se sentia capaz de dar uma resposta positiva —, mas não tinha conhecimento de nenhum impedimento, enquanto em relação à filha mais velha, ela se sentia na obrigação de alertá-lo, de alguma maneira, sobre o pressentimento que tinha de que ela logo ficaria noiva.

Elizabeth, a que vinha logo depois de Jane tanto em data de nascimento quanto em beleza, e talvez a superasse em habilidade, era a escolha a seguir mais lógica. A Sra. Bennet guardou ciosamente consigo a insinuação, já acreditando que em breve talvez tivesse duas de suas filhas casadas; e o homem sobre o qual ela sequer suportava falar, no dia anterior, agora gozava de sua mais elevada consideração.

A intenção de Lydia de dar uma caminhada até Meryton não foi esquecida; todas as irmãs, à exceção de Mary, aceitaram acompanhá-la, determinadas a permitir que ela sobrevivesse ao passeio. O Sr. Collins iria também, a pedido do Sr. Bennet, que era o mais ansioso para se ver livre dele.

O Sr. Collins aproveitou bem a chance que lhe oferecia o trajeto até Meryton, passando a maior parte do tempo ao lado de Elizabeth — que vigiava o bosque em torno, preparada para responder ao primeiro sinal de problemas com sua Brown Bess. Jane e as demais seguiam mais atrás, com seus mosquetes também engatilhados. O Sr. Collins, que se considerava um homem pacífico, não carregava nem arma de fogo nem espada, e feliz da vida fumava seu cachimbo de marfim e nogueira — "um presente de minha senhora", como fazia questão de alardear a cada oportunidade.

Mal havia passado algumas centenas de metros do velho campo de croqué, Elizabeth começou a sentir o cheiro da morte. Vendo seu corpo ficar tenso, as demais garotas apontaram seus mosquetes e cerraram fileiras, preparadas para rechazar o ataque, independentemente da direção que viesse.

— Há... algum problema? — perguntou o Sr. Collins, que de repente parecia prestes a desmaiar.

Elizabeth apertou um dedo contra os lábios e fez sinal para que suas irmãs a seguissem. Ela as guiou entre marcas de rodas de uma carroça no solo, seus passos tão leves que não deslocavam sequer o menor grão de terra. As marcas no chão prosseguiram por alguns metros, até que subitamente se desviaram para o bosque, onde galhos quebrados assinalavam o ponto exato onde havia perdido a direção e mergulhado na ravina que corria paralelamente a um dos lados da estrada. Chegando à borda, Elizabeth pôde examinar o fundo. Cerca de vinte metros abaixo, oito ou nove zumbis empapados de sangue rastejavam sobre uma carroça destrocada e seus barris que vazavam. A maioria concentrava-se em cavucar as entranhas do cavalo que puxava a carroça; mas uma aberração mais afortunada arrancava os últimos nacos de cérebro de dentro do crânio partido da condutora — uma jovem que as irmãs imediatamente reconheceram.

— Deus do céu! — sussurrou Jane. — Penny McGregor. Ah, coitada, pobre garota. Quantas vezes a prevenimos para que não saísse sozinha na carroça.

Penny McGregor entregava óleo para as lamparinas em Longbourn e na maioria das propriedades num raio de cinquenta quilômetros de Meryton, e isso desde que mal tinha idade para falar. Os McGregor possuíam uma casa modesta a pouca distância da cidade, onde diariamente recebiam carregamentos de gordura de baleia, da qual fabricavam óleo para iluminação e perfumes finos. O cheiro era insuportável, sobretudo durante o verão, mas todos precisavam desesperadamente dessas mercadorias, e os McGregor eram tidos como as pessoas mais gentis de Hertfordshire.

— Deus tenha piedade dessa infeliz garota — disse o Sr. Collins, que havia se juntado a elas.

— Será que não podemos prosseguir agora? — impacientou-se Lydia.

— Não há mais como ajudá-la. Além disso, pensem no quanto nossos vestidos ficarão enlameados se precisarmos lutar nessa maldita ravina.

Como Jane manifestou seu espanto diante de tais palavras e Kitty defendeu-as, Elizabeth arrancou o cachimbo da boca do Sr. Collins, soprou-o de modo a avivar ainda mais a brasa do tabaco e o atirou na ravina.

— Mas isso foi um presente de *minha senhora!* — gritou ele, bem alto para chamar a atenção dos zumbis lá embaixo. Eles olharam para cima e emitiram seus terríveis urros, que foram cortados por uma feroz e violenta explosão quando o cachimbo encontrou o óleo. Subitamente engolfados pelas chamas, os zumbis cambalearam, debatendo-se bestialmente e gritando, enquanto eram assados. Jane ergueu sua Brown Bess, mas Elizabeth desviou a arma.

— Deixe que ardam — disse. — Que eles provem um pouco da eternidade.

Em seguida, voltando-se para o primo, que havia desviado os olhos, acrescentou:

— Está vendo, Sr. Collins... Deus não tem piedade. E também nós não devemos ter.

Apesar de irritado por conta de tal blasfêmia, ele julgou aconselhável não dizer coisa alguma sobre o assunto, pois percebeu nos olhos de Elizabeth algo que lembrava trevas, uma espécie de vazio — como se a alma dela houvesse se ausentado, de modo que nem a compaixão nem o afeto pudessem intervir.

Ao entrarem em Meryton, depois de pararem na casa dos McGregor para transmitir a triste notícia, os olhos das mais jovens de pronto começaram a vagar por toda a rua à procura de oficiais, e nada além de um belo quepe, ou talvez o gemido de um morto-vivo, poderia atrair sua atenção.

Mas logo os olhares de todas as moças foram capturados por um jovem que ainda não conheciam, mas que parecia em tudo um cavalheiro, e caminhava junto a outro oficial, na lateral da rua. Lydia, já fora apresentada ao outro oficial, o Sr. Denny, que

Ihe fez uma reverência, quando os dois passaram por elas. Elas ficaram impressionadas com a beleza das feições do desconhecido, perguntando a si mesmas quem poderia ser. Determinadas a descobrir-lhe a identidade, Kitty e Lydia tomaram a iniciativa de atravessar a rua, sob o pretexto de estarem esperando alguém numa loja do outro lado, e para sorte delas, quando haviam acabado de alcançar a calçada os dois homens, retornando, também chegavam ali. O Sr. Denny dirigiu-se às duas, diretamente, e pediu permissão para apresentar seu amigo, o Sr. Wickham, que havia voltado de Londres com ele, na véspera, e que ele tinha a satisfação de anunciar que havia aceitado um posto em seu regimento. E, sem dúvida, tal decisão mostrou-se bastante sensata, visto que era tudo de que o jovem precisava para se tornar irresistivelmente charmoso. De fato, sua aparência lhe favorecia enormemente: possuía grande beleza, uma agradável compostura, e se tratava de fato de uma figura que enchia os olhos, além de falar de modo agradável. À apresentação logo se seguiu de uma alegre disposição ao mesmo tempo apropriada e despretensiosa. Todo o grupo estava ainda reunido, conversando prazerosamente, quando o barulho de cavalos chamou sua atenção. Avistaram, então, Darcy e Bingley, descendo a rua a galope. Ao reconhecerem as moças, os dois cavalheiros dirigiram-se imediatamente para elas, com a usual troca de cumprimentos. Bingley era quem mais falava, e Jane Bennet era seu principal alvo. Estava conforme disse, a caminho de Longbourn com o propósito de pedir notícias dela. O Sr. Darcy corroborou-o, inclinando a cabeça, e já começava a se obrigar a não fixar os olhos em Elizabeth quando eles foram subitamente arrastados para o recém-chegado.

Elizabeth percebeu como ambos se retraíram ao se verem, mas de um modo tão sutil que apenas seus olhos altamente treinados foram capazes de captar. Ambos mudaram de cor: um, empalidecendo, o outro, ficando vermelho. Depois de mais alguns momentos, o Sr. Wickham levou a mão ao quepe — uma saudação à qual o Sr. Darcy não se dignou a retribuir. Elizabeth

notou, pelas minúsculas contrações da mão com que Darcy acariciava a espada, que ele, por um instante, pensara em desembainhá-la. Qual seria o significado de tal cena?

Mais um minuto e o Sr. Bingley, parecendo não ter percebido o que ocorrera, pediu licença para ir embora e carregou o amigo.

O Sr. Denny e o Sr. Wickham acompanharam as jovens até a porta da casa do Sr. Philips, e se despediram com um cumprimento, apesar de a Srta. Lydia insistir para que entrassem e embora a Sra. Philips tivesse escancarado a janela junto da porta e, enfaticamente, reforçado o convite.

A Sra. Philips sempre ficava contente ao ver as sobrinhas; e as duas mais velhas, dada a recente ausência delas, eram particularmente bem-vindas. Jane apresentou o Sr. Collins, o que atraiu para ele as atenções da tia. Ela o recebeu com a maior polidez, que ele retribuiu em grau ainda maior, desculpando-se por estar se intrometendo ali sem que se conhecessem. A Sra. Philips ficava bastante impressionada com essas demonstrações de boa educação; mas seu interesse pelo primeiro jovem logo foi posto de lado por exclamações e perguntas a respeito do outro, sobre quem, entretanto, apenas poderia contar às sobrinhas o que elas já sabiam, ou seja, que o Sr. Denny o trouxera de Londres e que era um tenente comissionado no regimento que no momento lutava no norte. Ela o estivera observando havia uma hora, assim contou, enquanto ele andava para um lado e para o outro pela rua. Se o Sr. Wickham tivesse aparecido, Kitty e Lydia, provavelmente, teriam assumido tal ocupação, mas, infelizmente, ninguém passava pela janela agora, à exceção de uns poucos oficiais que, em comparação com o recém-chegado, havia subitamente se tornado "sujeitos estúpidos e desagradáveis". Alguns deles viriam jantar com os Philips na noite seguinte, e a tia prometeu-lhes que faria o marido visitar o Sr. Wickham e convidá-lo, se o pessoal de Longbourn viesse também. Ficou assim combinado, e o Sr. Philips prometeu que teriam um belo jantarzinho quente e, também, que organizariam um animado e divertido jogo de Criptas e Ataúdes. A perspectiva de passarem algumas horas tão agradáveis foi bastante estimulada, e eles se despediram em excelente estado de espírito.

Enquanto caminhavam para casa, Elizabeth contou a Jane o que observara entre os dois cavalheiros. Jane teria defendido um deles, ou ambos, se parecesse haver algo errado, mas,

assim como a irmã, não conseguiu pensar numa explicação para o que havia acontecido.

CAPÍTULO 16

COMO NENHUMA OBJEÇÃO foi levantada quanto à visita das jovens à tia, a carruagem, em hora apropriada, transportou o Sr. Collins e suas primas para Meryton.

Quando eles passaram pelo campo de croqué e pelo pedaço enegrecido de bosque que assinalava o lugar do descanso final de Penny McGregor, a conversa inconsequente que os entretinha até então subitamente foi interrompida, uma vez que nenhum dos seis ocupantes da carruagem conseguia pensar em nada a não ser nas notícias que haviam chegado a Longbourn naquela manhã. O pai de Penny, enlouquecido de dor, atirara-se num tonel de perfume em ebulição. Quando seus aprendizes conseguiram tirá-lo de lá, havia ficado gravemente desfigurado e cego. Os médicos não tinham certeza se ele sobreviveria ou mesmo se poderia se livrar do fedor algum dia. Portanto, todos ficaram imóveis em seus assentos, em respeitoso silêncio, até chegarem à periferia de Meryton.

Tendo alcançado seu destino, o Sr. Collins ficou à vontade para olhar à sua volta e admirar o que via. E ficou tão impressionado com o tamanho e com o mobiliário dos aposentos que quase poderia supor que estava em uma das salas de estar de Lady Catherine. A Sra. Philips percebeu todo o significado do elogio, uma vez que já estava ciente da habilidade de Lady Catherine para abater os pobres infectados, a qual, ela ousava acreditar, superava a de suas sobrinhas.

Em seguida, o Sr. Collins dedicou-se com satisfação a lhe descrever toda a grandeza de Lady Catherine e da sua mansão,

que havia recebido consideráveis benfeitorias, o que incluía um formidável *dojo* e novos aposentos para sua escolta pessoa de ninjas, tendo encontrado na Sra. Philips uma ouvinte atenta, cuja avaliação da importância dele aumentou com o que escutava, comentário, aliás, que já planejava transmitir a todos os seus vizinhos logo que possível. Para as garotas, que não podiam escutar seu primo sem iniciarem um silencioso inventário das incontáveis maneiras pelas quais desejariam assassiná-lo, o período de espera pareceu longo demais. No entanto, finalmente terminou. Os cavalheiros vieram ter com elas, e quando o Sr. Wickham entrou na sala, Elizabeth sentia-se como se tivesse sido atingida por um devastador chute em meia-lua. Tal foi o impacto dele sobre a moça — em quem esses aspectos do seu sexo, a despeito de todo o seu treinamento, permaneciam vulneráveis a certas influências. Os oficiais do condado, em geral, se mostravam bastante confiáveis, verdadeiros cavalheiros; mas o Sr. Wickham era uma pessoa tão superior a todos os demais, em compostura, aparência e mesmo no andar, quanto *eles* próprios eram superiores ao gorducho tio Philips, com seu rosto estufado e hálito de vinho do Porto, que vinha logo atrás deles, entrando também na sala.

O Sr. Wickham foi o felizardo em direção a quem todos os olhos femininos se voltaram; e Elizabeth, a felizarda, junto de quem ele, afinal, foi se sentar, e a habilidade com que ele imediatamente iniciou uma conversa, embora fossem apenas comentários sobre a noite chuvosa, a fez sentir que o mais comum, o mais entediante e o mais batido dos assuntos poderia se tornar interessante diante da habilidade de quem o desenvolvia.

Com tais rivais disputando a atenção das jovens, como o Sr. Wickham e os demais soldados, o Sr. Collins pareceu afundar-se em sua insignificância. Para as moças, ele, com certeza, não representava coisa alguma; mas ainda assim, nos intervalos, tinha na Sra. Philips uma gentil ouvinte e por ela foi meticulosa e mais do que abundantemente suprido de café e pãozinhos.

Quando as mesas de carteados foram armadas, ele teve a oportunidade de retribuir a gentileza, aceitando jogar como seu parceiro em Criptas e Ataúdes.

O Sr. Wickham, que não jogava Criptas e Ataúdes, com pronta amabilidade foi acolhido numa outra mesa, sentando-se entre Elizabeth e Lydia. A princípio, houve o perigo de que esta o monopolizasse, já que se atirava com mais desenvoltura e uma boa conversa; mas como Lydia também gostava muito de jogos de cartas, logo ela se mostrou demasiadamente interessada no jogo, ansiosa demais para descobrir se os adversários encontrariam suas *criptas* lugubrememente vazias ou seus *ataúdes* alegremente ocupados. Portanto, tirando as usuais exigências do jogo, o Sr. Wickham ficou à vontade para conversar com Elizabeth, que estava bastante desejosa de escutá-lo, embora o que de fato desejasse escutar dele não pudesse ter esperanças de ouvir — a história de seu relacionamento com o Sr. Darcy. Ela sequer se atreveu a citar aquele cavalheiro. Sua curiosidade, no entanto, foi inesperadamente satisfeita. O Sr. Wickham tocou no assunto espontaneamente. Perguntou a que distância Netherfield ficava de Meryton e, após receber a resposta, perguntou, de um modo um tanto hesitante, há quanto tempo o Sr. Darcy estava na região.

— Há cerca de um mês — respondeu Elizabeth. — É um homem que já matou muitos, pelo que eu soube.

— Sim — respondeu o Sr. Wickham. — Seu talento como guerreiro está fora de dúvida. A senhorita não poderia ter encontrado pessoa mais capaz de dar informações sobre como funciona aquela mente do que eu, já que tenho relações próximas com essa família desde a minha infância.

Elizabeth não conseguiu evitar a surpresa.

— A senhorita pode até ficar espantada com tal afirmação, depois de ter reparado, como deve ter acontecido com uma moça que possui seu treinamento, na frieza de nosso encontro ontem. Conhece bem o Sr. Darcy?

— Mais do que eu desejaria — protestou enfaticamente Elizabeth. — Passei quatro dias na mesma casa que ele e achei

a experiência bastante desagradável.

— Não tenho direito de dar *minha* opinião — disse o Sr. Wickham — quanto a ele ser ou não agradável. Não estou qualificado a formar um juízo a esse respeito. Eu o conheço há tempo demais e bem demais para poder fazer isso. Para *mim*, é impossível ser imparcial. Mas acredito que sua opinião sobre ele causaria espanto geral. Talvez a senhorita não a expressasse de modo tão categórico em outro lugar, a não ser aqui, no seio de sua própria família.

— Dou-lhe minha palavra de que não digo aqui nada mais do que diria em qualquer casa da vizinhança, a não ser em Netherfield. Ninguém gosta dele em Hertfordshire. Todos se sentiram aviltados com seu ar orgulho. E espero, Sr. Wickham, que não modifique seus planos a respeito deste condado por conta da presença dele na região.

— Ah! Não... Não permitirei que o Sr. Darcy me afaste daqui. Se ele deseja evitar me ver, é ele quem deve partir. Não nos tratamos em termos amistosos e sempre me desperta sofrimento encontrá-lo, mas não tenho motivo para evitá-lo. Afinal de contas, somos ambos guerreiros, e não condiz com a honra de um guerreiro esquivar-se à vista de outro homem. pai dele, Srta. Bennet, o falecido Sr. Darcy, foi um dos maiores matadores de zumbis que já viveu e o melhor amigo que já tive. Não posso estar na companhia desse Sr. Darcy sem padecer de milhares de dolorosas recordações. O comportamento dele em relação a mim foi vergonhoso. No entanto, acredito que poderia perdoá-lo por tudo, a não ser por ele ter frustrado as esperanças e desrespeitado a memória do pai.

Elizabeth viu-se cada vez mais interessada na conversa, e concentrou-se inteiramente nela. No entanto, tratava-se de um assunto, tão delicado que não era possível fazer perguntas.

O Sr. Wickham começou a falar de tópicos de interesse mais geral, como Meryton, seus moradores, a sociedade local; e parecia apreciar muito tudo o que já vira, à exceção, é claro, do número crescente de não mencionáveis — sem dúvida, em consequência do colapso de Manchester.

— Não fui talhado para a vida militar, mas determinadas circunstâncias, agora, a tornaram inevitável, como aconteceu a muitos que tinham outras pretensões na vida. No entanto, eu deveria seguir a carreira de clérigo. Fui criado para a Igreja e deveria a esta altura estar tendo uma vida de maior serventia, se essa tivesse sido a vontade do cavalheiro sobre quem estávamos conversando há pouco.

— De fato?

— Sem dúvida. O falecido Sr. Darcy havia me prometido a primeira das melhores paróquias que vagasse em suas propriedades. Era meu padrinho e extremamente ligado a mim. Não teria palavras para fazer justiça à sua generosidade. Tinha a intenção de zelar irrestritamente pelo meu futuro, e acredito que, de fato, o tivesse feito, mas, tendo sido morto na Segunda Batalha de Kent, quando surgiu a vaga, ela foi dada a outra pessoa.

— Deus d céu! — exclamou Elizabeth. — Mas como isso pôde acontecer? Como puderam deixar de cumprir suas determinações? E por que o senhor não buscou o amparo das leis?

— A designação foi feita em termos tão informais que eu não podia ter esperança nenhuma na lei. Um homem honrado não teria colocado em dúvida a disposições dele, mas foi o que fez o Sr. Darcy. Ou optou por tratá-las como uma mera recomendação, e afirmou que eu havia perdido o direito a reivindicar coisa nenhuma devido à minha extravagância e imprudência. Em suma, ele não tinha motivos reais para o que fez, a não ser o fato de sermos homens de tipos diferentes e de ele me odiar.

— Mas que chocante! Ele bem merece ser cravado na ponta de uma espada Zatoichi de bambu.

— Algum dia isso acontecerá, mas não por minhas mãos. Não consigo esquecer o pai dele, de modo que nunca seria capaz de denunciar o que ele fez ou desafiá-lo para um duelo.

Elizabeth elogiou-o por tal atitude, e o achou ainda mais bonito do que nunca, ao confessá-la.

— Mas quais — disse ela, depois de uma pausa — podem ter sido seus motivos? O que pode tê-lo levado a agir de modo cruel?

— Uma raiva intensa e consolidada contra mim. Uma raiva que só posso atribuir ao ciúme, em certa medida. Se o falecido Sr. Darcy gostasse menos de mim, seu filho me trataria melhor. Mas o afeto incomum de seu pai por mim o irritava, é o que acredito, e isso desde muito jovem ainda. O pai dele não via falhas em mim, e arrisco dizer que isso ocasionou tanto o ressentimento de Darcy contra o simples fato de eu existir. Assim, quando seu pai faleceu, ele viu chegar sua oportunidade de me castigar por todos os anos daquilo que considerava uma injustiça.

— Nunca pensei que o Sr. Darcy fosse tão perverso, embora jamais tenha gostado dele. Nunca o imaginei capaz de rebaixar-se a uma vingança tão maligna, nem de tanta injustiça e tanta desumanidade assim. A seguir, o Sr. Wickham contou a Elizabeth uma história de sua infância que, assim acreditava, ilustrava melhor a natureza dessa desumanidade. Quando ele e Darcy tinham não mais do que 7 anos de idade, o Sr. Darcy empenhava-se em aprimorar o treinamento de ambos. Certo dia, ao amanhecer, durante um treino de luta corpo a corpo, o jovem Wickham desfechou um forte pontapé em Darcy, que o atirou no chão. O Sr. Darcy, pai, implorou a Wickham que "desse um fim" em seu filho, com um chute direto na garganta. Ao protesto do menino, o Sr. Darcy em vez de puni-lo pela insolência, elogiou-lhe a generosidade de espírito. O jovem Darcy mais embaraçado por causa da preferência de seu pai do que por sua derrota, atacou Wickham quando este lhe deu as costas, derrubando-o com um golpe de bastão nas pernas que lhe quebrou os ossos. Levou quase um ano para que ele voltasse a andar sem o auxílio de uma bengala.

— Será que todo o seu abominável orgulho já lhe proporcionou algum benefício?

— Ah, sim. Com frequência o leva a demonstrar liberdade e alguma generosidade, e até mesmo a distribuir indiscriminadamente seu dinheiro, ou a oferecer hospitalidade,

auxílio aos seus servos e alívios para os pobres. É também dotado de um orgulho fraternal que, somado a um certo afeto fraternal, o torna um guardião bastante terno e cuidadoso de sua irmã.

— E que tipo de moça é a Srta. Darcy? Ele balançou a cabeça.

— Quisera eu poder dizer que é uma moça amistosa. Dói em mim falar mal de um Darcy. No entanto, ela é muito parecida com o irmão. Muito, muito orgulhosa. Quando criança, era afetuosa, terna e gostava muitíssimo de mim. Dediquei horas e horas a entretê-la. Mas ela nada mais significa para mim. É uma bela jovem de 15 ou 16 anos e, segundo creio, muito prendada nas artes mortais. Desde a morte do pai tem residido em Londres, e uma senhora mora com ela, supervisionando seu treinamento.

Depois de muitas pausas e outras tantas tentativas de conversar sobre outros assuntos, Elizabeth, não conseguindo evitar voltar ao tema inicial, disse:

— Fico espantada com a intimidade que ele tem com o Sr. Bingley. Como pode o Sr. Bingley que parece o próprio bom humor e é, assim creio, sinceramente gentil, ser amigo de um homem desse? Como podem conviver? Conhece o Sr. Bingley?

— Não muito.

— Ele tem um temperamento meigo, amistoso, é um homem charmoso. Não é possível que saiba quem é o Sr. Darcy.

Tendo a mesa de Criptas e Ataúdes logo a seguir se desfeito, os jogadores se reuniram ao redor de outra mesa, e o Sr. Collins tomou um lugar entre sua prima Elizabeth e a Sra. Philips, que fez as usuais perguntas sobre o êxito dele. Não fora grande; o Sr. Collins havia encontrado a maioria das criptas repletas de zumbis. Entretanto, quando a Sra. Philips desejou expressar seu pesar, ele garantiu, com toda a gravidade, que não era coisa de nenhuma importância, que considerava o dinheiro algo menor, e suplicou-lhe para que não se incomodasse com isso.

— Sei muito bem, cara senhora, que quando as pessoas se põem a jogar Criptas e Ataúdes, correm riscos como esse, e,

afortunadamente, não estou em uma situação na qual 5 *shilling* façam alguma diferença. Há muitos, sem dúvida, que já não podem dizer o mesmo, mas graças a Lady Catherine de Bourgh estou bem afastado da necessidade de dar importância a ninharias.

Isso atraiu a atenção do Sr. Wickham que, depois de examinar o Sr. Collins por alguns instantes, perguntou a Elizabeth, em voz baixa, se aquele seu parente tinha relações próximas com a família de Bourgh.

— Recentemente — explicou Elizabeth —, Lady Catherine de Bourgh concedeu-lhe um posto. Não sei bem como o Sr. Collins foi apresentado a ela, mas é certo que não a conhece há muito tempo.

— A senhorita sabe, é claro, que Lady Catherine de Bourgh e Lady Anne Darcy eram irmãs. Consequentemente, ela é tia do atual Sr. Darcy.

— Não, na verdade eu não sabia. Apenas tinha conhecimento de que Lady Catherine alega ter silenciado mais servidores de Satã do que qualquer outra mulher na Inglaterra.

— A filha dela, a senhorita de Bourgh, herdará uma imensa fortuna, e acredita-se que ela e o primo unirão suas propriedades.

A informação fez Elizabeth sorrir, a lhe vir à lembrança a pobre Srta. Bingley. Em vão, portanto, seria toda a sua atenção, em vão, também, e inútil, seria toda a afeição pela irmã dele, bem como os elogios com que cercava o próprio Sr. Darcy, sem suspeitar de que ele já estava destinado a outra.

— O Sr. Collins — disse Elizabeth — fala sempre muitíssimo bem tanto de Lady Catherine quanto de sua filha. No entanto, desconfio que sua gratidão o ilude e que, a despeito de ser sua protetora e uma grande guerreira, ela também é uma mulher arrogante e muito convencida.

— Creio que seja ambas as coisas e em alto grau — replicou Wickham. — Não a vejo há muitos anos, mas me lembro muito bem que jamais gostei dela e que sua postura era despótica e insolente. Tinha a fama de ser notavelmente hábil, mas acredito

que sejam sua fortuna e posição social que lhe granjeiem parte desse prestígio.

Elizabeth entendeu que ele havia feito uma avaliação bastante racional do caso, e assim eles continuaram a conversar, com satisfação, até que o jantar veio encerrar o jogo de cartas e concedeu às demais senhoras e jovens seu quinhão das atenções do Sr. Wickham. Era impossível haver conversa em meio ao barulho da mesa de jantar da Sra. Philips, mas as maneiras dele conquistaram a todos. Tudo o que dizia, dizia-o bem; e tudo o que fazia, fazia-o com elegância. Elizabeth foi para casa com os pensamentos todos voltados para ele. Não lhe ocorria nada que não fosse relacionado ao Sr. Wickham e ao que ele lhe havia contado; no entanto, não houve como a moça sequer mencionar o nome dele, pois ela e suas irmãs escutavam os gemidos dos não mencionáveis ecoando através do bosque mergulhado em completa escuridão, ecos que vinham de ambos os lados da estrada. Estavam distantes o suficiente para que não temessem um ataque iminente, mas perto o bastante para que sentisse a necessidade de evitar falar entre si. Fizeram todo o percurso em silêncio, as moças com suas armas de fogo em prontidão sobre o colo. Foi a única vez na vida em que não houve o que persuadissem o Sr. Collins a abrir a boca.

CAPÍTULO 17

NO DIA SEGUINTE, Elizabeth relatou a Jane tudo o que se passara entre ela e o Sr. Wickham. Jane escutou espantada e até mesmo preocupada. Não conseguia acreditar que o Sr. Darcy fosse tão indigno da consideração do Sr. Bingley. No entanto, não era da sua natureza questionar a veracidade das palavras de um jovem de aparência tão agradável quanto

Wickham. A possibilidade de ele ter tido os ossos das pernas despedaçados foi o quanto bastou para despertar toda a ternura da moça. Não restava nada a fazer a não ser pensar o melhor de ambos, defender a conduta de cada um e atribuir a alguma acaso ou mal-entendido e que não poderia ser explicado de outra maneira.

— Foram ambos — disse ela — ludibriados, de uma maneira ou de outra. Pessoas mal-intencionadas talvez tenham separado os dois com intrigas. Para nós, é impossível conjecturar sobre as razões que poderiam provocar o rompimento deles, mesmo sem culpa real de qualquer um.

— Absolutamente verdadeiro! Mas, então, Jane querida, o que você teria a dizer em defesa dessas pessoas mal-intencionadas que possivelmente se intrometeram no assunto? Você as inocenta também, ou teremos, aí, sim, a obrigação de pensar mal de alguém?

— Deboche o quanto quiser, mas isso não vai me levar a mudar de opinião. Minha querida Lizzy, avalie que imagem horrorosa faz do Sr. Darcy essa história. Ele destrutando dessa maneira o favorito de seu pai, aquele que seu pai treinara nas artes mortais e a quem prometera zelar pelo futuro. Não, isso é impossível.

— Para mim é mais fácil acreditar que o Sr. Bingley esteja sendo iludido do que na possibilidade de o Sr. Wickham ter inventado tudo o que me contou na noite passada. E isso com nomes, fatos, tudo mencionado com grande familiaridade. Se não for verdade, o Sr. Darcy que o desminta. Além disso, o Sr. Wickham parecia sincero.

— Tem razão, é difícil. E perturbador. Não sei o que pensar.

— Desculpe-me, mas eu sei exatamente o que pensar.

Entretanto, Jane só podia ter certeza de uma coisa — de que o Sr. Binley estivesse sendo iludido, sofreria terrivelmente quando toda a história viesse a público, bem como poderia até

mesmo julgar necessário um duelo para resgatar sua honra. Ela mal podia suportar pensar nisso.

As duas moças foram chamadas a deixar o *dojo*, onde transcorrera essa conversa, por causa da chegada justamente das pessoas sobre quem falavam. O Sr. Bingley e suas irmãs haviam chegado para fazer-lhes pessoalmente o convite para o há muito aguardado baile em Netherfield, que fora marcado para a terça-feira seguinte. Jane e Elizabeth ficaram embaraçadas por estarem recebendo visitas vestidas com seus quimonos, mas a aparência fora do comum delas não impediu as moças de se mostrarem deliciadas ao revê-las — particularmente sua amiga querida, Jane. As moças protestaram que já fazia muito tempo desde que se haviam visto pela última vez, e repetidamente indagaram o que ela tinha feito desde então. Ao restante da família deram pouca atenção. Evitaram a Sra. Bennet o máximo possível, pouco conversaram com Elizabeth e não chegaram a se dirigir aos demais. Logo estavam indo embora, levantando-se de suas cadeiras com uma lepidéz que surpreendeu ao irmão e se apressando como se estivessem ansiosas por escapar à hospitalidade da Sra. Bennet.

A perspectiva do baile em Netherfield foi extremamente apreciada por todas as mulheres da família. A Sra. Bennet decidiu considerá-lo como uma homenagem à sua filha mais velha e ficou particularmente lisonjeada por receber o convite do Sr. Bingley em pessoa, em vez de um cartão cerimonioso. Jane já vislumbrava uma noite alegre em companhia de suas duas amigas e sob a atenção do irmão delas. Elizabeth permitiu a si mesma o prazer de se imaginar dançando vezes seguidas com o Sr. Wickham, ao mesmo tempo que confirmava tudo o que soubera pelo que visse estampado nos olhos e no comportamento do Sr. Darcy.

Elizabeth estava tão contente na ocasião que, embora não falasse com frequência com o Sr. Collins, não conseguiu deixar de lhe perguntar se ele aceitaria o convite do Sr. Bingley e, caso de fato o aceitasse, se julgaria apropriado juntar-se aos

entretenimentos da noite. Para sua surpresa, descobriu que ele não tinha escrúpulos de nenhuma espécie quanto a isso e que nem de longe temia ser repreendido quer pelo arcebispo, quer por Lady Catherine por se atrever a dançar.

— De modo algum nutro a opinião — disse ainda ele — de que bailes dessa natureza, oferecidos por um jovem cavalheiro, de boa reputação, possam esconder alguma tendência malévola. Aliás, minha esperança é ter a honra de dançar com todas as minhas belas primas no decorrer da noite, e aproveito esta oportunidade para lhe pedir, Srta. Elizabeth, as duas danças iniciais, preferência que, assim confio, minha prima Jane atribuirá a um motivo justo e não a um desrespeito em relação a ela.

Elizabeth sentiu-se absolutamente sem ação. Acalentava a intenção de que o Sr. Wickham lhe pedisse exatamente essas danças. E em vez disso teria como par o Sr. Collins! Jamais sua ironia fora aplicada em um momento tão errado. No entanto, não havia o que fazer agora. A proposta do Sr. Collins foi aceita com a maior elegância possível. Logo em seguida, ela foi acometida de uma mais do que perceptível ânsia de vômito e, com toda a educação, cobriu o rosto com as mãos, de modo a impedir que seu mal-estar fosse testemunhado pelas pessoas à sua volta. Afortunadamente, a ânsia passou depressa, embora a compreensão do que a causara persistisse. Será que aquele clérigo baixinho e gorducho pretendia tê-la como esposa? Ela ficou horrorizada com o mero pensamento de casar-se com alguém cuja única habilidade com uma lâmina era cortar fatias de gorgonzola.

Se não tivessem sido preparativos para o baile de Netherfield, para as senhoritas Bennet mais jovens os dias seguintes teriam transcorrido numa lástima sem fim, já que da ocasião do convite até o dia do evento a chuva impediu que fossem a Meryton a pé. A terra estava mole de novo e os mortos, mais numerosos ainda. Não havia a tia, nem os oficiais, nem quaisquer novidades para se distrair, portanto. Até mesmo Elizabeth talvez sentisse sua paciência sendo testada por uma chuva que

interrompia totalmente o prosseguimento de sua aproximação com o Sr. Wickham, e nada menos do que um baile na terça poderia tornar suportáveis a sexta, o sábado, o domingo e a segunda-feira para Kitty e Lydia.

CAPÍTULO 18

ATÉ ELIZABETH ENTRAR no salão de Netherfield e procurar em vão pelo Sr. Wickham entre os muitos casacos vermelhos reunidos ali não lhe ocorrera nenhuma dúvida quanto à presença do Sr. Wickham. Ela havia se vestido com mais apuro do que o habitual e preparara-se para se dedicar plenamente à conquista de qualquer nicho ainda não invadido por ela no coração dele, confiando que, fosse o que fosse, isso não seria mais do que se poderia vencer no curso de uma noite. Mas bastou um instante para que lhe surgisse a sombria suspeita de que o nome dele havia sido propositalmente omitido, entre os oficiais convidados por Bingley, para agradar ao Sr. Darcy. E embora não fosse esse exatamente o caso, a certeza de sua ausência foi comunicada pelo amigo dele, Denny, que lhes disse que Wickham havia sido obrigado a ir a Londres, a serviço, na véspera, a fim de comparecer à demonstração de um novo veículo de transporte sobre o qual se propagandeava que fosse invulnerável a ataques por parte de aberrações putrefatas. Isso provou a Elizabeth que Darcy não era o responsável pela ausência de Wickham, mas seu ressentimento contra o primeiro foi agravado por uma imediata frustração. Ela estava resolvida a não travar com ele nenhuma conversa.

Tendo desabafado seu pesar a Charlotte Lucas, a quem não viu fazia uma semana, Elizabeth logo se viu capaz de mudar voluntariamente de assunto, assinalando para a amiga as esquisitices de seu primo, e insistindo que ela prestasse atenção em Collins. No entanto, as primeiras duas danças trouxeram de volta a contrariedade; foram verdadeira mortificação. O Sr.

Collins, desajeitado e anormalmente rígido, lhe infligiu todos os vexames e infelicidades que alguém pode sofrer da parte de seu par numa dança. O momento em que se despreendeu dele foi um êxtase.

A seguir, ela dançou com um oficial e teve a alegria de conversar sobre Wickham e de escutar que todos gostavam dele. Quando tais danças terminaram, ela voltou a Charlotte Lucas, e estava conversando com ela quando, de repente, se viu abordada pelo Sr. Darcy, que a pegou tão de surpresa, ao pedir-lhe a dança, que, sem perceber o que fazia, aceitou. Ele, sem demora, se afastou de novo, e ela se recriminou por sua falta de presença de espírito. "Se Mestre Liu tivesse testemunhado tal desatenção, seriam vinte chibatadas, pelo menos, e mais vinte subidas e descidas pelos mil degraus de Kwan Hsi."

— Ouso dizer que vai acabar achando o Sr. Darcy uma pessoa bastante agradável — disse Charlotte, tentando consolá-la.

— Que os céus não permitam! *Essa* seria a pior de todas as infelicidades.

Entretanto, quando a dança recomeçou, e Darcy se aproximou para chamá-la de novo, Charlotte não pôde deixar de alertá-la, num sussurro, para não ser simplória a ponto de permitir que suas fantasias a respeito de Wickham a fizessem parecer desagradável aos olhos de um homem dez vezes mais importante. Elizabeth não respondeu e tomou seu lugar entre os pares. Permaneceram algum tempo sem trocar uma palavra sequer, e ela começou a imaginar se assim ficariam pelo tempo que durassem as duas danças. A princípio, estava resolvida a não quebrar o silêncio até que, em sua fantasia, pareceu-lhe que o maior castigo contra seu par seria obrigá-lo a falar, e então emitiu um breve comentário sobre o baile. Ele respondeu qualquer coisa e de novo emudeceu. Após uma pausa de alguns minutos, ela se dirigiu a ele pela segunda vez, dizendo:

— É sua vez de dizer alguma coisa agora, Sr. Darcy. Já fiz um comentário a respeito do baile, e o senhor *precisa* falar qualquer coisa sobre o tamanho do salão ou o número de casais.

Ele sorriu e prometeu que o quer que ela desejasse que ele dissesse, seria dito.

— Muito bem. Essa resposta serve, no momento. Quem sabe, a seguir, eu deva dizer que os bailes particulares são muito mais agradáveis do que os públicos.

— Pelo contrário. Aprecio muito mais os bailes quando não são privados.

Elizabeth não pôde evitar o rubor. Mas estava determinada a não permitir que sua face traísse o menor sinal de que estava se divertido. Assim, acrescentou, ironicamente:

— Sempre vi bastante similaridade em nosso modo de ser. Ambos somos antissociais, inclinados a nos mostrarmos taciturnos e sem vontade de falar coisa alguma, a não ser que esperemos dizer algo que vá causar espécie no salão inteiro, ou que permita que sejamos vistos como extraordinariamente inteligentes.

— Tenho certeza de que essa não é uma característica muito marcando de seu próprio caráter — replicou ele. — Já o quanto espelha o meu, isso não posso dizer. Sem dúvida, a senhorita acredita que delineou um retrato fiel.

— Não devo avaliar meu próprio desempenho.

Darcy não teve resposta, e de novo ficaram em silêncio, até terminarem a dança, quando ele lhe perguntou se ela e suas irmãs defrontavam com frequência com zumbis, em seus passeios a pé a Meryton.

Ela respondeu afirmativamente e, incapaz de resistir à tentação, acrescentou:

— Quando nos encontramos por lá, há alguns dias, tínhamos acabado de ser apresentadas a um cavalheiro.

O efeito foi imediato. Uma intensa sombra de *arrogância* enrijeceu as feições de Darcy, que entretanto não disse coisa alguma, Elizabeth, já se recriminando intimamente por sua

fraqueza, não conseguiu prosseguir. Por fim, Darcy disse, bastante constrangido:

— O Sr. Wickham é abençoado por maneiras tão educadas que sempre lhe asseguram novas amizades. Se ele é igualmente capaz de *mantê-las*, já não é tão certo.

— Ele teve a terrível infelicidade de perder a *sua* amizade — replicou Elizabeth enfaticamente. — E também, pelo que entendi, a capacidade de andar por doze meses.

Darcy não respondeu e mostrou-se impaciente para mudar de assunto. Naquele momento, o Sr. William Lucas surgiu junto deles, com o propósito de atravessar a formação de dança para alcançar o lado oposto do salão. Mas ao perceber o Sr. Darcy, deteve-se para uma inclinação de alta cortesia, cumprimentando-o por sua habilidade de dançarino e pelo seu par.

— Fiquei de fato deliciado, meu caro senhor. Uma exibição tão superior de dançar raramente se vê. É evidente que o senhor pertence aos mais altos círculos. Permita-me dizer, entretanto, que seu belo par não o embaraça, já que se porta aqui com a ferocidade de quando está em combate! Espero apenas desfrutar deste prazer repetidamente, em especial quando um já desejado evento, minha cara Eliza (olhando agora para a irmã dela e para Bingley), tomar lugar.

Muitas serão as congratulações, então. Mas não me deixe interrompê-lo, meu caro. O senhor não me perdoará por afastá-lo dessa sedutora e bela jovem. Ah! Só de pensar nas muitas maneiras como suas muitas habilidades poderiam ser postas a serviço da atividade amorosa!

Darcy, com uma expressão bastante séria, direcionava os olhos agora para Bingley e Jane, que dançavam juntos. Recobrando-se, entretanto, voltou-se para seu par e disse:

— A interrupção do Sr. Williams me fez esquecer sobre o que conversávamos.

— Creio que não estávamos conversando sobre coisa alguma. O Sr. Williams não poderia ter interrompido duas pessoas que, neste salão, tivessem menos a dizer uma à outra.

Já tentamos dois ou três assuntos, sem sucesso e sobre o que iríamos conversar a seguir, não faço ideia.

— O que pensa sobre os orientais? — disse ele, sorrindo.

— Os... Ah, não! Tenho certeza de que jamais encontramos os mesmos orientais e que não nos sentimos do mesmo modo em relação a eles.

— Mas se *esse* é o caso, podemos comparar nossas opiniões diferentes. Creio que são um grupo estranho, tanto em aparência como em costumes. Apesar de haver estudado e morado sozinho no Japão, admito que minha opinião é falha. Preferiria ouvir seu relato sobre o tempo que passou entre os chineses.

— Não, não posso falar sobre os orientais num salão de baile, minha cabeça está repleta de outras coisas, aqui.

— O *presente* sempre absorve a senhorita em ambientes como este, não é verdade?

— Sim, sempre — respondeu ela, sem saber o que ele tinha dito, já que seus pensamentos haviam se afastado demais do assunto... para a dor provocada pelo ferro em brasa de Mestre Liu marcando sua carne; para os treinamentos de luta com suas irmãs sobre uma viga com a largura da lâmina de suas espadas, enquanto ferros pontiagudos aguardavam abaixo para castigar um pé que pisasse fora. Sua mente, então, retornou ao presente, e ela de repente exclamou: — Lembro-me de, em certa ocasião, tê-lo escutado dizer que o senhor não é dado a perdoar, que uma vez o ressentimento tenha surgido em seu íntimo, era impossível apagá-lo. Então, creio que o senhor deve tomar extremo cuidado para evitar que algo assim *surja*.

— De fato — disse ele, com voz firme.

— E nunca deve permitir que o preconceito o cegue.

— Espero conseguir agir assim.

— É obrigação daqueles que jamais mudam de opinião se assegurarem de que fazem bons julgamentos logo de início.

— Posso perguntar aonde pretende chegar com tais questões?

— Meramente a uma representação de como é *seu* caráter — disse ela, esforçando-se para anular sua seriedade. — Estou tentando decifrá-lo.

— E o que conseguiu até agora? Ela balançou a cabeça.

— Nada. Escuto tantas opiniões diferentes sobre o senhor que continuo extremamente intrigada.

— Não me é difícil acreditar — retorquiu ele, também sério — que os relatos sobre mim variem muito. Só posso desejar, Srta. Bennet, que não tente delinear meu caráter neste momento.

— Acontece que, se eu não o entender agora, posso não ter outra oportunidade.

— De modo algum eu interromperia um prazer seu — replicou ele, em tom frio.

Ela não disse mais nada, e eles entraram na dança seguinte, e depois se separaram em silêncio; e ambos os lados insatisfeitos, embora não no mesmo grau, porque no peito de Darcy crescia um poderoso sentimento em relação a ela, tanto que ele logo buscou perdoá-la e dirigir toda a sua raiva contra outra pessoa.

Elizabeth, então, aproximou-se de sua irmã mais velha:

— Quero saber o que descobriu em relação ao Sr. Wickham. No entanto, talvez você tenha estado envolvida em algo agradável demais para ficar pensando em mais alguém. Se for esse caso, pode ter certeza de que eu a perdoo.

— Não — replicou Jane. — Não me esqueci dele. Mas nada tenho de satisfatório para lhe contar. O Sr. Bingley ignora toda a história a respeito dele e não tem conhecimento algum sobre as circunstâncias que causaram o afastamento do Sr. Darcy. Ocorre que o Sr. Bingley garante pessoalmente a boa conduta, a probidade e a honra de seu amigo. Sinto dizer isso, mas, segundo sua opinião, o Sr. Wickham não é, de maneira alguma, um jovem respeitável.

— Mas o Sr. Bingley não conhece pessoalmente o Sr. Wickham...

— Não, jamais o vira até aquela manhã em Meryton.

— Não duvido da seriedade do Sr. Bingley — disse Elizabeth, ternamente. — Entretanto, você deve me desculpar por não ficar convencida exclusivamente por uma garantia desse tipo. A defesa do Sr. Bingley em relação ao amigo deve ter sido de fato enfática, mas já que ele desconhece diversas partes da história, vou me arriscar a manter minhas opiniões sobre ambos os cavalheiros.

Assim, passaram a outro assunto mais agradável a ambas. Elizabeth escutou deliciada as alegres, embora discretas, esperanças que Jane nutria em relação ao interesse do Sr. Bingley, e disse tudo o que pôde para encorajá-la. O Sr. Bingley, então, se reuniu a elas, e Elizabeth foi ter com a Sra. Lucas, a cujas perguntas a respeito das atenções do Sr. Darcy ela mal conseguira responder e já seu primo gorducho, o Sr. Collins, se aproximava delas, deixando-lhe com grande ansiedade que acabara de fazer uma feliz descoberta.

— Verdade? Não me diga que achou o bufê — replicou Elizabeth impaciente.

— Não. Descobri — disse ele —, por singular acidente, que se encontra nesta sala um parente muito próximo de minha protetora. Aconteceu-me de escutar o próprio cavalheiro em questão mencionar à jovem que faz as honras da casa o nome de sua prima, a Srta. de Bourgh, bem como o da mãe dela, Lady Catherine. Veja que maravilha são esses acasos. Quem iria prever que eu conheceria um, quem sabe, sobrinho de Lady Catherine de Bourgh neste baile. Sinto-me grato por ter a descoberta sido feito a tempo de eu poder prestar meus respeitos a ele, o que farei de imediato.

— O senhor não vai se apresentar por sua própria conta ao Sr. Darcy!

— Naturalmente que vou. E espero que ele me perdoe por não ter feito isso antes. Creio de fato que seja sobrinho de Lady

Catherine.

Elizabeth esforçou-se para dissuadi-lo de tal propósito, assegurando-lhe que o Sr. Darcy consideraria essa sua abordagem sem uma apresentação formal como uma impertinência, nunca como um cumprimento à sua tia. Que cabia ao Sr. Darcy, devido à sua condição superior, a iniciativa de uma aproximação. Quanto Elizabeth concluiu o que tinha a dizer, o Sr. Collins replicou:

— Minha cara Srta. Elizabeth, tenho na mais alta conta possível seu discernimento em todos os assuntos dentro do escopo de seu entendimento, particularmente no tocante ao extermínio dos exércitos de Satã. Mas permita-me dizer que deve haver larga diferença entre as formalidades e cerimônias estabelecidas para os leigos e aquelas que regulam o comportamento do clero. Afinal de contar, a senhorita maneja a espada do senhor, mas a mim cabe Sua sabedoria. E é a sabedoria, cara prima, que em última instância vai nos livrar das presentes dificuldades com os mortos-vivos.

— Peço que me desculpe por dizer tal coisa, mas jamais vi a cabeça e um zumbi ser cortada por palavras. Não tenho essa esperança.

— Mas a senhorita deve me permitir seguir os ditames de minha consciência nesse assunto. O que me leva a fazer aqui que julgo ser minha obrigação.

E com uma inclinação de cabeça afastou-se, indo em direção ao Sr. Darcy, a cuja reação a essa abordagem ela assistiu com satisfação, e cujo espanto ao ser interceptado de tal modo ficou mais do que evidente. Collins precedeu o seu discurso com uma reverência solene, e embora não conseguisse escutar uma só palavra do que foi dito, sentiu como se a tudo ouvisse e, pelo movimento dos lábios deles, decifrou as palavras "desculpas", "Hunsford" e Lady Catherine de Bourgh". Constrangeu-a vê-lo humilhar-se diante daquele homem. O Sr. Darcy o observou atônito, e quando afinal o Sr. Collins lhe permitiu uma pausa para falar, ele nada replicou, limitando-se a exhibir um semblante de distante amabilidade.

Entretanto, isso não bastou para que o Sr. Collins se desencorajasse de retomar a palavra, enquanto o desprezo do Sr. Darcy seguiu crescendo enormemente, na mesma proporção em que se prolongava essa segunda fala de Collins, ao final da qual Darcy respondeu meramente com uma leve inclinação de cabeça, afastando-se em seguida.

Como Elizabeth já não tinha interesse nada nela, voltou sua atenção quase inteiramente para sua irmã, que estava acompanhada do Sr. Bingley. E a viu no gozo de plena felicidade que um casamento de genuína afeição podia proporcionar. Elizabeth, em tais circunstâncias, sentiu-se até mesmo capaz de gostar das duas irmãs de Bingley. Já os pensamentos de sua mãe inclinavam-se no mesmo sentido, o que fez Elizabeth decidir manter-se afastada dela, sob o risco de precisar aturar um falatório sem fim. Quando se sentaram à mesa para o jantar, no entanto, a moça considerou uma falta de sorte quase perversa que tivessem sido colocadas uma ao lado da outra. Ficou profundamente envergonhada ao perceber que sua mãe conversava sem o menor cuidado com a Sra. Lucas, e justamente sobre sua esperança de ver Jane casada com o Sr. Bingley, em breve. Era um assunto estimulante, e a Sra. Bennet não se cansava de enumerar as vantagens do enlace. Ser ele um homem tão charmoso e tão rico, e viver a poucos quilômetros de Longbourn, eram os principais motivos de seu regozijo. Além disso, havia a satisfação de perceber o quanto as duas irmãs dele gostavam de Jane, o que lhe dava a certeza de que apreciariam a união dos dois tanto quanto ela própria. Além disso, tratava-se de uma perspectiva promissora para suas filhas mais novas, uma vez que, Jane se casando tão magnificamente, isso só poderia encaminhar as demais filhas para outros pretendentes ricos.

— Ah, que alegria será, então, ver todas elas amparadas. Vê-las recebendo em suas próprias propriedades, criando seus próprios filhos, em vez de se dedicarem a todo esse treinamento, às lutas e outras idiotices semelhantes.

Concluiu desejando calorosamente à Sra. Lucas que pudesse em breve ter a mesma sorte, embora, evidentemente triunfante, observasse que não acreditava que houvesse chance disso acontecer.

Em vão, Elizabeth esforçou-se para reprimir a presteza das palavras de sua mãe, ou pelo menos para persuadi-la a comentar sua felicidade modo menos audível, visto que, para seu total embaraço, constatou que a maior parte do que a Sra. Bennet dizia era entreouvido pelo Sr. Darcy, diante dela. A mãe da moça repreendeu-a com veemência, chamando-a de ridícula, com seu hálito pesado de carne e vinho do Porto.

— Mas, por caridade, o que eu devo a esse Sr. Darcy? Por que deveria temê-lo? Tenho certeza de que não lhe devemos nenhuma gentileza em especial que nos obrigue a não dizer nada que possa desagradá-lo.

— Por tudo que é sagrado, minha mãe. Fale mais baixo. Que proveito haveria em ofender o Sr. Darcy? Isso de modo algum a recomendaria diante do amigo dele!

No entanto, nada que ela pudesse dizer, teve qualquer influência. Elizabeth sentiu-se ruborizar vezes em conta, de vergonha e constrangimento. E não conseguia evitar de vez por outra o olhar para o Sr. Darcy, apesar de cada olhada convencê-la daquilo que mais temia: embora ele não ficasse observando sua mãe o tempo todo, ela percebia com nitidez que sua atenção estava concentrada nela. A expressão de seu rosto variou gradualmente do desprezo indignado para uma bem contida e sólida sisudez.

Entretanto, finalmente esgotou-se o que a Sra. Bennet tinha para falar. Lady Lucas, que só fazia bocejar com a repetição de deleites que ela não parecia compartilhar, foi deixada a saborear em paz o presunto e o frango frios. Elizabeth, enfim, começava a se reanimar. Mas não durou o intervalo de tranquilidade, pois quando o jantar terminou nenhum criado apareceu para tirar da mesa os pratos usados. Vendo seus convidados cada vez mais inquietos, o Sr. Bingley levantou-se de sua cadeira e pediu

licença a todos para ausentar-se — sem dúvida, para repreender seu mordomo pelo embaraço que passava.

Quando o Sr. Bingley retornou, Elizabeth prontamente esticou a mão para seu tornozelo e puxou sua adaga. A palidez no rosto do Sr. Bingley e sua contida perturbação foram o suficiente para causar tal reação.

— Sr. Darcy, poderia fazer a gentileza de me acompanhar até a cozinha? — disse o Sr. Bingley.

Darcy levantou-se, tomando o cuidado de não se mover rápido demais, a fim de não alarmar os convidados. Elizabeth resolveu segui-lo. Quando Darcy percebeu isso, sussurrou:

— Srta. Bennet, preferiria que voltasse para sua cadeira. Sou plenamente capaz de auxiliar sozinho o Sr. Bingley.

— Disso, não tenho dúvida, Sr. Darcy. Assim como não duvido de minha competência para formar minha própria opinião sobre o assunto. Agora, o senhor deseja provocar um tumulto aqui ou devemos nos encaminhar para a cozinha?

Com o Sr. Bingley conduzindo-os, desceram por uma escada oculta, até a adega, dividida em duas metades por um corredor comprido — um lado sendo os aposentos dos criados e a armaria, o outro, a câmara de exercícios e a cozinha. Era neste último que a mais infeliz das cenas, os aguardava. Dois não mencionáveis adultos — ambos do sexo masculino — se entretinham banqueteadando-se com os corpos da criadagem. Como dois zumbis foram capazes de matar 12 criados, quatro copeiras, dois cozinheiros e o mordomo era algo que estava além da compreensão de Elizabeth, mas ela soube imediatamente como eles haviam entrado ali, as portas da adega haviam sido abertas para permitir a entrada do ar frio da noite e assim aliviar o calor opressivo dos fornos.

— Bem, creio que devemos decapitar todos os criados também, de modo que não renasçam como seres das trevas.

O Sr. Bingley observava as sobremesas que seus desafortunados criados preparavam-se para servir no momento em que foram chacinados

— um delicioso arranjo de tortas, frutas exóticas e bolos, tristemente sujos, agora de sangue e miolos, e, portanto, imprestáveis.

— Suponho — disse o Sr. Darcy — que a senhorita não me daria a honra de cuidar desta infeliz tarefa sozinha. Eu jamais me perdoarei se suas vestes ficarem manchadas.

— A honra é toda sua, Sr. Darcy.

Elizabeth pensou ter captado o mais sutil dos sorrisos em seu semblante. Ficou assistindo ao Sr. Darcy retalhar os dois zumbis com movimentos selvagens, embora absolutamente dignos. A seguir, ele foi bastante rápido em decepar a cabeça de toda a criadagem massacrada, momento no qual o Sr. Bingley, com toda a educação, vomitou nas mãos. Não havia como negar os talentos de Darcy como guerreiro.

"Se ao menos", pensou a jovem, "seus talentos como cavalheiro fossem equivalentes."

Ao retornarem ao salão de jantar encontraram todos transtornados. Mary tentava distraí-los, tocando ao piano, sua voz esganiçada pondo à prova a paciência dos presentes. Elizabeth dirigiu um olhar para o pai, pedindo sua intervenção, pois, caso contrário, Mary passaria a noite inteira cantando. O Sr. Bennet entendeu a sugestão, e quando Mary terminou sua segunda canção, ele disse em voz alta:

— É o bastante, filhinha. Já nos deliciou por tempo suficiente. Deixa que as outras moças e senhores exibam seus talentos, agora.

A Elizabeth parecia que, se sua família houvesse feito uma combinação sobre como envergonhá-los ao máximo no transcorrer da noite, lhes seria impossível desempenhar seus papéis com maior perícia.

O restante da festa lhe trouxe pouco alívio. Nisso, esmerou-se o Sr. Collins, que se manteve fielmente ao seu lado, e embora não conseguisse convencê-la a dançar com ele de novo, por nada deste mundo, também a fez descartar a possibilidade de dançar com outros, usando sua rotunda figura para ocultá-la dos demais. Em vão ela se ofereceu para apresentá-lo a

qualquer das jovens do salão. Ele lhe assegurou que a isso era inteiramente indiferente, que seu objetivo principal era, por meio de delicadezas, conquistar o afeto dela e, portanto, havia resolvido que deveria permanecer junto dela durante toda a noite. Não haveria como demovê-lo de tal intuito. Elizabeth deveu seus únicos momentos de menor incômodo à sua amiga, a Srta. Lucas, que vez por outra e reunia a eles e, generosamente, fazia o Sr. Collins conversar com ela.

Pelo menos, estava livre da afronta que sentiria se o Sr. Darcy a distinguisse com suas atenções novamente. Embora com frequência o visse de pé bem perto dela, sem qualquer acompanhante, em nenhum momento ele procurou se aproximar para lhe falar. Elizabeth considerou que isso seria uma consequência de suas alusões ao Sr. Wickham, e se regozijou.

Quando finalmente se dispuseram a partir, a Sra. Bennet abusou das amabilidades com que manifestou sua esperança de ver a família inteira, muito em breve, visitá-los em Longbourn. Dirigiu-se em especial ao Sr. Bingley, assegurando-lhe que faria os Bennet muito felizes se compartilhasse de um jantar com a família, quando lhe conviesse, dispensando até mesmo a cerimônia de um convite formal. Bingley aceitou com enorme satisfação e se comprometeu a aproveitar a primeira oportunidade para ir até lá, após seu regresso de Londres, para onde seria obrigado a ir no dia seguinte, para um encontro da Sociedade dos Cavalheiros em Prol de uma Solução Pacífica de Nossas Dificuldades Atuais, da qual era membro e mantenedor.

A Sra. Bennet ficou muito satisfeita e deixou a casa alegremente convencida de que veria sua filha instalada como senhora de Netherfield, aposentando definitivamente suas armas, em não mais de três ou quatro meses. Sobre ter uma outra filha casada com o Sr. Collins, era para ela uma certeza igual, e que lhe proporcionava considerável, embora não o mesmo, prazer. Elizabeth era a filha à qual era menos apegada e, apesar de o marido e o casamento em questão serem bons o

suficiente para ela, o valor de ambos se eclipsava diante do Sr. Bingley e de Netherfield.



DOIS NÃO MENCIONÁVEIS ADULTOS — AMBOS DO SEXO MASCULINO —

SE ENTRETINHAM BANQUETEANDO-SE COM OS CORPOS DA CRIADAGEM.

CAPÍTULO 19

NO DIA SEGUINTE iniciou-se um novo ato em Longbourn. O Sr. Collins fez sua declaração formal. Ao encontrar a Sra. Bennet, Elizabeth e uma das irmãs mais novas reunidas, logo depois do desjejum, dirigiu-se à mãe nos seguintes termos:

— Minha senhora, posso lhe pedir que requeira à sua bela filha, Elizabeth, o privilégio de uma conversa particular comigo, no curso desta manhã?

Antes que Elizabeth tivesse tempo para qualquer coisa a não ser ficar ruborizada de surpresa, a Sra. Bennet, num átimo, respondia:

— Minha nossa! Sim... certamente. Tenho convicção que Lizzy ficará bastante feliz em... Tenho certeza de que ela não tem nenhuma objeção a fazer. Venha comigo, Kitty. Preciso de você lá em cima.

E juntando os materiais do trabalho que fazia, já se apressava a sair, quando Elizabeth a chamou:

— Minha cara, mãe, não vá. Eu lhe suplico. O Sr. Collins vai me desculpar, mas não pode ter nada a me dizer que qualquer outra pessoa não possa escutar. Eu é que devo então me retirar.

— Não, não, que tolice, Lizzy. Quero que fique exatamente onde está. — E como Elizabeth, parecendo vexada, e enormemente constrangida, parecesse até mesmo prestes a fugir, ela ordenou: — Lizzy, insisto que você permaneça aqui e ouça o que o Sr. Collins tem a lhe dizer! A Sra. Bennet e Kitty deixaram o aposento e, assim que saíram, o Sr. Collins começou a falar:

— Creia-me, minha querida Elizabeth, que sua modéstia acrescenta mais uma qualidade à sua perfeição. A senhorita seria menos apreciada por mim caso *não* opusesse essa pequena resistência. Mas permita-me lembrar-lhe de que obtive

a permissão de sua mãe para esta conversa. E a senhorita dificilmente teria dúvidas quanto ao propósito do meu discurso já que por mais que esteja devotada a dar fim à investida do Demônio — pelo qual eu de coração a aplaudo —, minhas atenções em relação à senhorita foram até aqui mal-entendidas. Praticamente, desde o momento em que entrei nesta casa eu a identifiquei, entre todas as irmãs, como a companheira ideal para minha vida futura. Mas antes que eu seja tomado irresistivelmente pelos meus sentimentos nesse quesito, talvez seja aconselhável declarar as razões que tenho para contrair matrimônio e, mais ainda, para vir a Hertfordshire com o propósito de escolher uma esposa, o que fiz, sem dúvida.

A ideia de o Sr. Collins, com sua solene compostura, ser tomada irresistivelmente pelos seus sentimentos quase fez Elizabeth soltar gargalhadas, de modo que ela não conseguiu valer-se da pequena pausa que ele fez para tentar, de algum modo, detê-lo. Assim, Collins continuou:

— Minhas razões para me casar são, em primeiro lugar, o fato de acreditar que seja a coisa certa para qualquer clérigo dar o exemplo do matrimônio, em sua paróquia. Em segundo lugar, isso viria a aumentar minha felicidade. Em terceiro, está o conselho explícito, a recomendação feita justamente pela nobre senhora a quem tenho a honra de chamar de minha protetora. Foi na noite de sábado, pouco antes de eu deixar Hunsford, que ela disse: "Deve se casar, Sr. Collins. Um pastor precisa se casar. Escolha prudentemente. Que seja uma moça educada, que possa ser do meu agrado. E, para o seu benefício, que seja uma pessoa ativa, útil, não alguém criado na riqueza, mas capaz de ver da maneira mais proveitosa uma pequena renda. É esse o meu conselho. Encontre uma

mulher assim o quanto antes e a traga para Hunsford, para que eu a conheça." Permita-me, a propósito, observar que não coloco os cuidados e as gentilezas de Lady Catherine de Bourgh para comigo como uma das menos valiosas vantagens que tenho a oferecer. A senhorita constatará que seu poder de combate é superior a qualquer coisa que eu possa descrever, já quanto aos seus talentos, minha bela prima, para abater os infectados, creio, ela os considerará aceitáveis, embora, naturalmente, eu exija que você abra mão de tais práticas como parte de sua submissão matrimonial.

Tornara-se absolutamente necessário interrompê-lo neste ponto.

— O senhor se precipita! — disse Elizabeth, irritada. — Esquece que não lhe dei resposta alguma. Mas que eu o faça agora, para evitar mais perda de tempo. Aceite meus agradecimentos pelos elogios que me faz. Fico deveras sensibilizada com a honra de receber seu pedido de casamento. Mas, para mim, seria impossível fazer outra coisa a não ser recusá-lo.

— Não é de agora que sei — replicou o Sr. Collins — que o costume entre as moças é recusar o pedido de um homem a quem, intimamente, pretendem aceitar, quando se trata da primeira oportunidade em que tal pedido é feito; assim como há casos em que o pedido é recusado por uma segunda vez e mesmo por uma terceira vez. Entretanto, não há possibilidade de suas palavras me desencorajarem, e realmente tenho a expectativa de levá-la ao altar muito em breve.

— Esquece-se, meu caro senhor, de que sou uma discípula de Shaolin! Mestre do punho das sete pontas! Estou falando com absoluta sinceridade ao recusar o seu pedido. O senhor não seria capaz de me fazer feliz, e estou convencida e que sou a última mulher no mundo capaz de fazê-lo feliz. Ah, se sua amiga, Lady Catherine, me conhecesse, tenho certeza de que ela me consideraria, em todos os aspectos, sem as qualificações necessárias para essa condição, já que sou uma guerreira, meu

caro, e assim permanecerei até que meu suspiro final seja oferecido a Deus.

— Se fosse certo que essa seria a avaliação e Lady Catherine — disse o Sr. Collins, com gravidade. — Mas não imagino que Lady Catherine fizesse qualquer objeção à senhorita. E pode ficar segura de que, quando eu tiver a honra de revê-la, comentarei da maneira mais elogiosa sua modéstia, sua probidade e suas demais qualificações tão dignas.

— De fato, Sr. Collins, todos esses elogios em relação a mim serão desnecessários. Deve permitir que eu tenha minha própria opinião sobre isso e me prestar a consideração de levar a sério o que digo. Desejo ao senhor muita felicidade e muita prosperidade, e ao recusar seu pedido faço aquilo que está em meu poder para evitar que o contrário aconteça.

A seguir, erguendo-se enquanto ainda terminava de falar, teria deixado o Sr. Collins ali, se ele não tivesse insistido:

— Quando eu tiver a honra de lhe falar pela segunda vez sobre esse assunto, espero receber uma resposta mais amigável do que a que me deu agora. Sei que é um costume estabelecido que seu sexo rejeite um homem quando da primeira oportunidade que ele pede a mão de seu escolhido.

— Francamente, Sr. Collins — gritou Elizabeth. — O senhor me intriga ao extremo. Se o que acabei de lhe dizer lhe soa como uma forma de encorajamento, não saberia como expressar minha recusa de modo a convencê-lo de que seu pedido foi efetivamente recusado.

— Por favor, cara prima, permita-me que me console com a certeza de que suas palavras são apenas da boca para fora.

Diante de tal perseverança para se iludir, Elizabeth nada mais tinha a dizer. Retirou-se imediatamente, em silêncio, determinada, caso ele teimasse em considerar sua recusa como um elogioso encorajamento, a recorrer ao pai, cuja negativa seria dada de tal modo que não deixaria de ser tomada como definitiva e cujo comportamento, pelo menos, não poderia ser confundido como afetação nem coquetismo de uma mulher elegante.

CAPÍTULO 20

O SR. COLLINS NÃO FOI abandonado por muito tempo à contemplação silenciosa de seu exitoso amor, uma vez que a Sra. Bennet, tendo ficado à espreita, no vestíbulo, enquanto aguardava o fim da conversa, assim que viu Elizabeth abrir a porta e com passos rápidos passar por ela, em direção à escadaria, entrou na sala de desjejum e congratulou tanto a ele quanto a si própria nos termos mais calorosos pela feliz perspectiva do enlace próximo. O Sr. Collins recebeu e retribuiu tais felicitações com igual deleite, passando então, a relatar os detalhes da conversa.

Seu relato deixou a Sra. Bennet perplexa. Ela também teria ficado feliz em poder achar que sua filha tivera a intenção de encorajá-lo, ao rejeitar seu pedido, mas não se atrevia a crer nisso, o que não pôde deixar de dizer.

— Mas, confie, Sr. Collins — acrescentou ela — que Lizzy acabará por ser chamada à razão. Vou conversar sem rodeios com ela sobre isso. Minha filha é bastante teimosa, uma garota tola, que não sabe o que lhe convém. Mas eu a *forçarei* a enxergar isso.

Correndo imediatamente ao encontro do marido, ela gritava, quando encontrou na biblioteca:

— Oh! Sr. Bennet, sua presença se faz necessária, sem demora. Estamos em meio à aflição. O senhor precisa intervir e forçar Lizzy a se casar com o Sr. Collins, pois ela afirma que não o aceitará.

O Sr. Bennet ergueu os olhos do livro que lia, quando a esposa entrou, e os fixou nela com um sereno descaso.

— Não tenho o prazer de entender o que a senhora está falando —

disse ele, quando ela momentaneamente se calou. — Do que se trata?

— Do Sr. Collins. E de Lizzy. Ela jurou que não se casará com o Sr.

Collins, e agora o Sr. Collins já pensa em não se casar com Lizzy.

— E o que devo fazer a esse respeito, então? Parece um caso sem esperança.

— Fale pessoalmente com Lizzy sobre tudo isso. Diga a ela que insiste em que se case com ele.

— Que ela desça, então, e vai escutar minha opinião.

A Sra. Bennet tocou uma sineta e Elizabeth foi chamada à biblioteca.

— Aproxime-se, minha filha — gritou o pai, quando ela apareceu. — Mandei chamá-la para um assunto de grande importância. Pelo que entendi, o Sr. Collins pediu-a em casamento. É verdade?

Elizabeth respondeu que era.

— Muito bem... E você recusou esse pedido?

— Recusei, senhor meu pai.

— Muito bem. Chegamos afinal ao ponto central. Sua mãe insiste em que você aceite o pedido, não é assim, Sra. Bennet?

— Sim, ou jamais quero vê-la novamente.

— Uma difícil escolha está diante de você, Elizabeth. Desse dia em diante, você se tornará estranha para um de seus genitores. Sua mãe não deseja vê-la novamente se você *não* se casar com o Sr. Collins, e *eu* não quero vê-la novamente se você *aceitar* se casar com ele, visto que não toleraria ter minha melhor guerreira casada com um homem que é mais gordo que Buda e mais embotada que o fio cego de uma espada de treinamento.

Elizabeth não pôde evitar um sorriso diante de tal conclusão, depois de um início tão pouco promissor por parte do pai. Já a

Sra. Bennet estava convencida de que o marido encarava o assunto da mesma forma que ela, ficou arrasada de tanto desapontamento.

— Senhor Bennet! O que pretende, dizendo tal coisa?

— Minha cara — replicou ele. — Tenho dois pequenos favores a lhe pedir. Primeiro, que me poupe da despesa de mandar que costurem seus lábios para que permaneçam fechados. Segundo, que me permita usar à minha vontade este meu aposento. Ficarei encantado de ter a biblioteca só para mim, outra vez, tão logo seja possível.

Mas isso não bastou para que a Sra. Bennet desistisse. Ela continuou falando repetidas vezes a Elizabeth, ora resmungando, ora ameaçando. Fez de tudo para conquistar Jane para sua causa, mas Jane, com toda a meiguice possível, recusou-se a interferir, enquanto Elizabeth por vezes com sinceridade genuína e em outras com ironia e deboche, repelia os ataques da mãe. Embora a maneira variasse, sua decisão se mantinha imutável.

Enquanto a família ainda estava metida em tal confusão. Charlotte Lucas chegou para passar o dia com eles. Foi recebida no vestíbulo por Lydia, que disse a meia-voz:

— Que bom que você veio! Aqui está tudo muito engraçado. Adivinha o que aconteceu esta manhã? O Sr. Collins pediu a mão de Lizzy e ela recusou-o.

Lydia percebeu que Charlotte estava vermelha por causa do aquecimento com o exercício e que tinha um certo ar de desconcerto em suas feições.

— Charlotte, você está doente?

A moça mal teve tempo de responder e logo Kitty vinha ao encontro delas, para contar as mesmas notícias. As três entraram na sala de desjejum, onde a Sra. Bennet, agora sozinha, retomou o assunto com vigor, pedindo a solidariedade da Srta. Lucas, tentando fazê-la prometer que tudo faria para convencer sua amiga, Lizzy, a ceder aos desejos da família.

— Por piedade, faça isso, queria Srta. Lucas — acrescentou em tom melancólico. — Ninguém mais aqui está do meu lado, ninguém vem em meu auxílio nesta hora. Sou cruelmente maltratada aqui. Ninguém se importa com meu infeliz nervosismo.

Charlotte foi poupada de responder pela entrada de Jane e Elizabeth.

— Ah! Aí vem ela — disse a Sra. Bennet. — E com um ar inteiramente despreocupado, sem o menor cuidado em relação a todos nós, como se não parássemos de não mencionáveis cuja eliminação lhe dá tanto prazer. Mas estou lhe dizendo, Srta. Lizzy... se enfiou na cabeça recusar todos os pedidos de casamento, como fez agora, nunca vai arranjar marido algum.

E pode estar certa de que não tenho a menor ideia de como vamos nos sustentar depois que seu pai morrer.

CAPÍTULO 21

A DISCUSSÃO SOBRE O PEDIDO do Sr. Collins estava agora se aproximando do final. O próprio cavalheiro mal lhe dirigia a palavra, e no restante do dia suas assíduas atenções eram concentradas na Srta. Lucas, cuja gentileza em escutá-lo foi para todos um oportuno alívio, especialmente para sua amiga. Na verdade, Charlotte parecia lisonjear o Sr. Collins com uma solícitude para ouvi-lo quase inatural.

O dia seguinte não trouxe melhorar nem no humor nem na saúde da Sra. Bennet. Também o Sr. Collins demonstrava sua contrariedade carregada de orgulho ferido. Elizabeth esperava apenas que seu rancor abreviasse sua visita, mas seus planos não pareciam minimamente afetados. Desde o início ele anunciara que partiria no sábado, e até sábado tencionava ficar.

Depois do desjejum, as garotas se retiraram para o *dojo* e cumpriram sua rotina de desmontagem e limpeza dos mosquetes, marcada sempre para o meio da semana. Em seguinte, com as armas a tiracolo, puseram-se a caminho de Meryton para verificar se o Sr. Wickham havia retornado e para lamentar a ausência dele no baile de Netherfield.

Haviam se distanciado pouco mais de um quilômetro de Longbourn quando Kitty, escolhida para assumir a vanguarda, parou abruptamente e fez sinal às demais para que também se detivessem. Ela apontou seu mosquete, embora Elizabeth e as outras desconhecessem contra o quê, pois a estrada parecia livre de problemas. Após um momento de imobilidade, um esquilo solitário saiu do meio das árvores à sua direita e cruzou o caminho delas com admirável rapidez, antes de desaparecer entre as árvores da esquerda. Lydia não conseguiu evitar um sorriso, ao ver aquilo.

— Kitty, querida, como poderemos algum dia lhe agradecer por ter nos salvado de ter nossos dedões dos pés cruelmente mordiscados?

Mas Kitty mantinha o mosquete preparado e, um instante depois, um segundo esquilo atravessou a estrada em igual velocidade. Foi seguida, nessa ordem, por um casal de doninhas, depois por um gambá, uma raposa e seus filhos. Outros animais apareceram, em número cada vez maior, como se o próprio Noé os estivesse guiando para um refúgio contra um dilúvio invisível. Quando cervos começaram a cruzar a estrada aos saltos, as demais garotas já tinham os mosquetes apontados para a linha das árvores, preparadas para a manada de zumbis que, assim suspeitavam, surgiria a qualquer momento.

A primeira foi uma jovem, morta havia pouco tempo, com um vestido de noiva adornado por rendas brancas, que, assim como a pele dela, era surpreendentemente branco — quase a ponto de provocar espanto, a não ser pelas gotas vermelhas que escorriam de sua boca e caíam sobre as rendas do busto. Kitty abateu a criatura com um tiro no rosto, sobre o qual Lydia

apoiou o cano de sua arma e, com um disparo, a enviou sem escalas para o inferno. Foi um tiro dado de tão perto que os cabelos da noiva foram incendiados pela faísca da pólvora.

— Que pena — comentou Lydia, enquanto a fumaça de cheiro acre começava a se espalhar. — Desperdiçar um vestido de casamento tão bom dessa maneira.

O urro de outro zumbi a interrompeu, sua barba branca desgrenhada e seu rosto parcialmente devorado agarrado a um corpanzil forte, vestido num avental de ferreiro salpicado de crostas de sangue. Elizabeth e Jane miraram e dispararam seus mosquetes; a bala de Jane encontrou um dos olhos da criatura e a de Elizabeth atravessou seu pescoço, varando a carne apodrecida e separando-o da cabeça.

Esses zumbis foram seguidos por muitos outros — todos exterminados tão prontamente quanto os anteriores, até que o último disparo silenciou. Percebendo que o perigo passara, as irmãs abaixaram as armas e conversaram sobre prosseguir para Meryton. No entanto, essas considerações foram interrompidas por um ruído absolutamente incomum, que veio de detrás da linha das árvores. Foi um grito agudo, nem humano nem animal, e também não se parecia com o urro de qualquer zumbi que as irmãs já tivesse escutado. O som foi se aproximando e, mais uma vez, os mosquetes foram engatilhados e apontados. Mas quando a origem do estranho barulho se revelou, as armas foram baixadas.

— Oh, não! — exclamou Jane. — Oh, simplesmente não pode ser. Uma zumbi há muito morta saiu cambaleando do meio das árvores,

suas roupas modestas um tanto esfarrapadas. Seu cabelo desgrenhado puxado para trás, tão apertado que começava a rasgar a pele de suas testa. Em seus braços, algo extraordinariamente raro e que as irmãs jamais haviam visto e desejariam jamais ver — um bebê não mencionável. Ele se agarrava às carnes putrefatas da mulher, emitindo a mais abominável sequência de berros. Elizabeth apontou seu mosquete, mas Jane foi mais rápida e agarrou o cano da arma.

- Você não pode fazer isso.
- Esqueceu seu juramento?
- É um bebê, Lizzy.

— Um bebê zumbi. Não está mais vivo do que este mosquete com o qual pretendo silenciá-lo.

Elizabeth, de novo, ergueu a arma e apontou-a. A assustadora mulher havia agora atravessado metade da distância da estrada. Lizzy concentrou a mira na cabeça dela. Seu dedo acariciava o gatilho. Ela a derrubaria, recarregaria e depois daria o tiro de misericórdia em ambas as criaturas. Tudo o que tinha a fazer era apertar o gatilho. Mas... não o fez. Uma estranha força estava em ação, um sentimento que ela recordava vagamente, dos primeiros dias, antes de sua primeira viagem a Shaolin. Era um sentimento intrigante, algo próximo à vergonha, mas sem a desonra da derrota — uma vergonha que não exigia vingança. "Pode haver honra na clemência?", perguntou-se. Isso era algo que contradizia inteiramente tudo o que lhe haviam ensinado e todo o instinto de guerreira que ela possuía. Por que, então, não conseguia disparar? Irremediavelmente perplexa, Elizabeth baixou seu mosquete, e os zumbis prosseguiram, entrando de novo na mata, até que não se podia mais vê-los.

Foi acordado que nenhuma delas jamais falaria sobre o episódio.

As irmãs encontraram Wickham na entrada do vilarejo e ele as acompanhou até a casa da tia das moças, onde todo o constrangimento, a vergonha e a consternação que sentiu ao ouvir a lastimável chacina da criadagem do Sr. Bingley foram comentados por todos. Para Elizabeth, no entanto, ele espontaneamente admitiu que a obrigação que o levou a ausentar-se fora importa por ele mesmo.

— Quando a ocasião se aproximou — disse ele —, achei que o melhor seria não me encontrar com o Sr. Darcy. Que estar no mesmo salão que ele, justamente com esse homem que me deixou inválido por doze meses, era mais do que eu conseguiria

suportar, o que poderia suscitar uma cena desagradável a qualquer um, inclusive para mim mesmo.

Elizabeth aprovou enfaticamente a prudência dele, que era maior do que a dela, que inclusive confessou que um duelo certamente ocorreria, caso estivesse em seu lugar. Wickham e um outro oficial acompanharam-nas na volta a Longbourn, e durante a caminhada ele foi particularmente atencioso com ela. A companhia de Wickham representou para a moça uma tripla vantagem: deliciava-se com a gentileza do rapaz, concentrada nela, era uma oportunidade para apresentá-lo ao seu pai e à sua mãe e, além disso, tinham o reforço de mais um guerreiro, caso tivessem problemas na estrada.

Logo depois da chegada do grupo, uma carta foi entregue para a Srta. Bennet. Vinha de Netherfield. O envelope continha uma pequena e elegante folha de papel prensado em chapa quente, coberta com uma caligrafia de mulher muito apurada, e Elizabeth viu que a expressão no rosto de sua irmã mudava à medida que ela ia lendo, e que ela lia com atenção redobrada determinados trechos.

— É de Caroline Bingley. Mas o que diz me surpreendeu enormemente. Todos lá partiram e estão a caminho de Londres neste momento. Sem intenção de retornar. Você precisa escutar o que ela escreve.

Então ela leu em voz alta a primeira frase, a qual continha a informação de que haviam acabado de resolver que acompanhariam o irmão diretamente para Londres e tinham a intenção de já jantar em Grosvenor Street, onde o Sr. Hurst tinha uma casa. A seguir, vinham estas palavras: "Não vou sentir falta de nada que deixo nessa região perigosa, tomada por zumbis, exceto sua companhia, minha amiga querida. Mas tenho a esperança de que, em algum momento no futuro, muitas vezes teremos o prazer de reviver a relação que tivemos, e, enquanto isso, de minorar a dor pela separação por uma frequente e íntima correspondência. Confio em você para tanto."

Elizabeth escutou esses termos tão exuberantes com total insensibilidade e descrença. E apesar da partida repentina, que a surpreendeu enormemente, não viu nada a lamentar.

— Foi uma grande falta de sorte — disse ela — que você não tenha tido a oportunidade de ver seus amigos antes de eles deixarem a região. No entanto, não devemos esperar que esse período de felicidade futura pelo qual a Srta. Bingley anseia possa chegar antes do que ela calcula, e que a deleitosa relação que vocês conheceram, como amigas, seja renovada com ainda mais satisfação ao tornarem-se vocês irmãs? O Sr. Bingley não será detido em Londres por nada.

— Caroline não deixou dúvidas de que ninguém daquele grupo retornará a Hertfordshire ainda neste inverno. Vou ler a passagem para você. "Quando nosso irmão nos deixou, ontem, imaginava que a obrigação que o levava a Londres poderia estar concluída em três ou quatro dias; mas, certamente, assim não será. Muitos de nossos amigos já estão lá para passar o inverno. Quisera poder receber de você a notícia de que fará parte desse grupo, mas quanto a isso não tenho esperanças. Espero

sinceramente que seu Natal em Hertfordshire seja pleno das alegrias que essas festividades usualmente trazem, e de modo algum similar ao Natal de dois anos atrás, que resultou em tantas contrariedades." Com isso — acrescentou Jane —, torna-se evidente que ele não retornará até o final do inverno.

— Torna apenas evidente que a Srta. Bingley não acha que ele *deva* voltar — disse Elizabeth.

— O Sr. Bingley é dono de sua própria vida. Talvez ver sua criadagem banhada em sangue tenha sido demais para seu temperamento delicado. Mas você não conhece tudo. Vou ler o trecho que, em particular, tanto me fere. "O Sr. Darcy está impaciente para ver sua irmã, e não estamos menos ansiosos para revê-la. De fato, não penso que Georgiana Darcy tenha alguém que se lhe compare em beleza, elegância e em habilidade nas artes marciais, e a afeição que ela inspira em

Louisa e em mim, é aumentada pela esperança que ousamos nutrir de que ela se torne, algum dia, nossa irmã. Meu irmão já a admira enormemente, e, agora, terá a oportunidade de vê-la com mais frequência e com maior intimidade. Com tantas circunstâncias a favor de um enlace, e nada a atrapalhá-los, estarei errada, minha querida Jane, ao alimentar a esperança de termos um evento que fará a felicidade de tantos por aqui?" O que pensa dessas frases, minhas cara Lizzy? — disse Jane, ao encerrar. — Não está tudo suficientemente claro? Não está aqui explícito que Caroline não espera nem deseja que eu me torne sua irmã? Que ela está perfeitamente convencida da indiferença de seu irmão em relação a mim? E suspeitando da natureza de meus sentimentos em relação a ele, não seria seu propósito (do modo mais gentil) me colocar de sobreaviso? Poderia haver outro ponto de vista sobre o assunto?

— Sim, poderia. O meu é totalmente diferente. Quer escutá-lo?

— Com a maior boa vontade.

— Vou resumi-lo. A Sra. Bingley está percebendo que o irmão está apaixonado por você e quer que ele se case com a Srta. Darcy. Ouso afirmar que o que ela pretende é afastá-lo de você, Jane, sua honra exige que ela seja morta.

Jane balançou a cabeça negativamente.

— Está tentando se convencer de algo que a agradaria se fosse verdade, Lizzy.

— Jane, qualquer um que tenha visto vocês dois juntos jamais poderia duvidar do afeto dele. Tenho certeza de que a Srta. Bingley não pode. Ela pode não ser uma guerreira, mas é bastante ardilosa. Minha queridíssima irmã, eu lhe imploro... toda essa tristeza tem como melhor remédio o resolutivo golpe de uma machadinha na garganta dela.

— Caso pensássemos do mesmo modo — replicou Jane —, minha honra seria restaurada com o custo de perder para sempre o afeto do Sr. Bingley. E, por favor, me diga, com que propósito? Caroline é incapaz de ludibriar alguém

intencionalmente, e tudo o que posso esperar é que, nesse caso, esteja enganando a si mesma.

— É ela quem está se enganando ou você? Está desvalorizando a si mesma, Jane. Você permitiu que seus sentimentos pelo Sr. Binley fragilizassem os instintos que desenvolveu no treinamento com seus mestres orientais.

Embora não pudessem concordar na ação a ser tomada, Jane e Elizabeth concordavam que a Sra. Bennet deveria saber apenas sobre a partida da família, mas mesmo essa informação parcial a afligiu enormemente, e ela lamentou que as Bingley tivessem de ir embora logo agora que estavam se relacionando com tanta intimidade. No entanto, depois de muito se lastimar, teve, em certa medida, o consolo de saber que o Sr. Bingley logo retornaria e logo jantaria em Longbourn, e a conclusão sobre tudo isso foi uma consoladora declaração de que, embora ele tivesse sido convidado apenas para uma refeição em família, ela cuidaria para que se servisse um jantar completo.

CAPÍTULO 22

OS BENNET FORAM JANTAR com os Lucas e, novamente, durante a maior parte do dia, a Srta. Lucas teve a gentileza de ficar escutando o Sr. Collins. Elizabeth aproveitou a primeira oportunidade para lhe agradecer:

— Você o mantém de bom humor — disse. — Devo a você um favor muito maior do que sou capaz de expressar.

Charlotte foi bastante solícita, mas sua gentileza tinha intenções que Elizabeth jamais poderia imaginar. Seu propósito era evitar qualquer insistência no pedido de casamento por parte do Sr. Collins e garantir que ele, em vez disso, fizesse o pedido a ela. Esse era o plano da Srta. Lucas, e tudo parecia se

encaminhar de modo tão favorável que, quando eles se separaram, naquela noite, ela teria total certeza de seu êxito, não fosse o fato de muito em breve ele ter de partir para Hertfordshire. Mas, assim pensando, mostrava-se injusta em relação à impetuosidade e à independência do caráter dele, que o levou a escapar de Longbourn, na manhã seguinte, com notável astúcia, e correr rumo à residência dos Lucas para atirar-se aos pés dela. Estive o tempo todo ansioso por evitar que as primas percebessem seus movimentos, uma vez que, se o vissem saindo, não haveria como deixarem de adivinhar seu intuito, e ele não desejava que sua empreitada fosse conhecida até ter a certeza de seu sucesso. Embora estivesse se sentindo quase convicto de que seria aceito desta vez, e com razão, visto que Charlotte fora razoavelmente encorajadora, alimentava também alguma insegurança, depois da aventura que culminara com a rejeição de Elizabeth. Entretanto, foi recebido da maneira mais estimulante. De uma janela no andar de cima a Srta. Lucas o avistou se aproximando da casa e instantaneamente arrumou uma forma de esbarrar com ele, como por acidente, na aleia de entrada. Mas nem mesmo Charlotte ousara esperar tanto amor e eloquência aguardando por ela.

Tão brevemente quanto o permitiria um dos longos discursos do Sr. Collins, tudo foi acertado entre ambos, para satisfação mútua, e quando entravam na casa, ele encarecidamente instou-a a determinar o dia em que o tornaria o mais feliz dos homens.

O Sr. William e Lady Lucas logo foram solicitados a dar seu consentimento, o que fizeram com enorme alegria. As atuais condições do Sr. Collins faziam dele o mais qualificado marido que sua filha poderia conseguir, considerando que a fortuna que poderiam deixar para ela era pequena, enquanto ele, por seu lado, tinha em perspectiva herdar um excelente patrimônio. Lady Lucas começou a calcular, com mais interesse do que jamais o assunto lhe despertara, quantos anos ainda viveria o Sr. Bennet e o Sr. William deu a sua já consolidada opinião de que, fosse quando fosse que o Sr. Collins tomasse posse de

Longbourn, seria absolutamente conveniente que ele e a esposa lá se estabelecessem residência e prontamente descartassem o abominável *dojo* de treinamento. A família inteira, em suma, ficou compreensivelmente mais do que contente com os acontecimentos. A circunstância menos agradável no episódio seria a surpresa que iria causar em Elizabeth Bennet, cuja amizade Charlotte estimava acima da ligação com qualquer outra pessoa. Ela desaprovava? Ou, pior, não desejaria mais manter o relacionamento das duas? Charlotte resolveu lhe dar a notícia pessoalmente e, assim, fez o Sr. Collins se comprometer a, no seu retorno para o jantar em Longbourn, não insinuar coisa alguma do que estava se passando, diante da família. Uma promessa de segredo foi zelosamente feita, mas não seria mantida sem dificuldade, já que a curiosidade despertada por sua longa ausência estimulou uma sequência de perguntas bastante diretas, o que exigiu dele certa engenhosidade para se esquivar.

Como ele haveria de iniciar sua jornada na manhã seguinte, cedo demais para se encontrar com qualquer pessoa da família, a cerimônia das despedidas foi feita quando as Bennet se recolhiam para dormir. A Sra. Bennet, com grande cortesia e cordialidade, disse que ficaria muito feliz em vê-lo de novo em Longbourn, independentemente de quando seus compromissos lhe permitissem visitá-los.

— Minha cara senhora — respondeu ele —, esse convite é particularmente gratificante, uma vez que era minha esperança recebê-lo. E pode ter a certeza de que iria me valer dele logo que possível.

Todos ficaram então espantados. O Sr. Bennet, que não desejava de modo algum um retorno dele tão brevemente, de imediato disse:

— Mas não haveria o risco de Lady Catherine desaprová-lo tal coisa, meu caro senhor? Talvez seja melhor negligenciar seus amigos daqui do que incorrer na possibilidade de desagradar sua protetora.

— Meu caro senhor — disse o Sr. Collins —, fico particularmente agradecido por sua amistosa cautela, mas pode confiar que eu não daria um passo desses, tão importante, se não tivesse a aprovação de minha senhora.

— Não aposte em suposições, entretanto. Arrisque qualquer coisa, menos provocar nela contrariedades, e caso perceba que isso pode acontecer, o que acho extremamente provável se o senhor planejar nos visitar de novo, pode ter certeza de que não ficaremos ofendidos.

— Acredite-me, meu caro senhor, quando lhe digo que minha gratidão fica penhorada devotadamente por conta dessa sua afetuosa preocupação comigo, e já pode considerá-la preciosa, o senhor logo receberá uma carta de agradecimentos por isso e por todas as demonstrações de sua amizade que recebi durante minha estada em Hertfordshire. Quanto às suas filhas, preciso agora pedir licença para lhes desejar saúde e felicidade, sem excluir disso minha prima Elizabeth.

Elizabeth já esperava alguma alfinetada como essa, mas estava determinada a não demonstrar, de modo algum, ter ficado ofendida, de modo que ele pelo menos pudesse partir com a impressão de ter obtido uma espécie de vitória sobre ela. Por isso, disse, sorridente:

— E eu, Sr. Collins, lhe desejo uma jornada absolutamente segura, pois tem surgido um número tão incomum de monstruosidades pelas estradas ultimamente que algum tipo de confronto parece ser inevitável. Entretanto, tenho certeza de que sua viagem será uma exceção.

Após as cordialidades apropriadas, retiraram-se as Bennet, todas igualmente intrigadas pelo fato de Collins estar cogitando um regresso para breve. A Sra. Bennet bem queria ver nisso que ele agora estivesse pensando em dirigir seus propósitos matrimoniais para alguma de suas filhas mais novas, e Mary poderia estar propensa a aceitá-lo. Mas já na manhã seguinte qualquer esperança nesse sentido foi afastada. A Srta. Lucas chegou para vê-las, logo depois do desjejum, e em uma

conversa particular com Elizabeth relatou os acontecimentos do dia anterior.

A possibilidade de o Sr. Collins se imaginar apaixonado pela amiga já lhe ocorrera nos últimos dias; mas que Charlotte acolhesse suas investidas lhe parecia algo tão remoto quanto a possibilidade de ela, Elizabeth, encorajá-las em relação a si mesma.

— Noiva do Sr. Collins! Minha querida Charlotte... impossível! Muito serena, a Srta. Lucas replicou:

— Mas por que tanta surpresa, minha querida Eliza? Acha inacreditável que o Sr. Collins agrade a uma mulher de bom gosto apenas porque você o considerou inadequado para ser o marido de uma mulher tão perfeita como você?

Se houvesse partido de qualquer outra pessoa, tal afronta teria sido recebida aos murros, mas, neste caso, o afeto de Elizabeth era maior até mesmo do que sua honra. Não vendo esperança de fazê-la mudar de ideia, Elizabeth desejou a Charlotte toda a felicidade que se poderia imaginar.

— Percebo o que você está sentindo — disse Charlotte. — Deve estar admirada, muito admirada, até porque faz pouco o Sr. Collins pretendia se casar com você. Mas quando tiver tempo para pensar, creio que vai ficar satisfeita com o que eu fiz. Não sou nada romântica, como você sabe. Nunca fui. Tudo o que peço é um lar confortável. E, considerando o caráter do Sr. Collins, suas relações e a situação que alcançou na vida, estou convencida de que minhas chances de felicidade ao lado dele são melhores do que aquelas das quais a maioria das pessoas pode se vangloriar de ter, ao iniciar uma vida matrimonial. Especialmente

considerando que... Ah, Elizabeth, imploro a você que não fique zangada comigo e que também não me mate aqui mesmo onde estou. Mas, Elizabeth, não posso guardar segredos de você. Eu fui *contaminada*.

Elizabeth engasgou. Sua melhor amiga, contaminada pela praga! Condenada a servir Satã! Seus instintos exigiram que ela recuasse. Mas ficou estudando Charlotte contar-lhe o desolado

episódio, que ocorrera na última quarta-feira, quando seguia a pé o trajeto para Longbourn. Tendo temerariamente se posto a fazer a caminhada sozinha e desarmada, ela avançava pela estrada sem encontrar problemas, quando repentinamente avistou uma carruagem virada. Sem que visse não mencionáveis nas cercanias, ela se aproximou e ajoelhou-se, preparando-se para a visão repulsiva de um cocheiro esmagado. Para seu horror, o que aconteceu foi ser agarrada de surpresa por um zumbi que estava preso debaixo do veículo. Com a perna presa por aqueles dedos ossudos, ela gritou enquanto os dentes da criatura rasgavam-lhe a pele. No entanto, ela conseguiu se livrar e prosseguir depois até Longbourn, mas o negro germe do Inferno estava sendo transportado com ela.

— Tenho pouco tempo de vida, Elizabeth. E tudo o que peço é que meus meses finais sejam de felicidade e que me proporcionem um marido que acompanhe dentro dos rituais cristãos minha decapitação e meu funeral.

CAPÍTULO 23

ELIZABETH ESTAVA NA SALA com a mãe e as irmãs, pensando sobre o que havia escutado de Charlotte e já decidida a não contar nada a nenhuma delas, quando o próprio Sr. Lucas apareceu por lá, enviado por sua filha, para anunciar o noivado à família Bennet. Acompanhando o relato com uma profusão de gentilezas para com todos de Longbourn, ele relatou tudo sobre o assunto para pessoas não apenas intrigadas, mas incrédulas. Isso porque a Sra. Bennet, com mais perseverança do que polidez, protestou que ele deveria estar inteiramente equivocado; e Lydia, como de hábito afoita e rude, exclamou com alarde:

— Deus do céu! Sir William, como tem coragem de vir nos contar uma história dessas? Não sabe que o Sr. Collins deseja se casar com Lizzy?

Felizmente, o Sir William fizera a vida como alfaiate e não como guerreiro, visto que apenas com a paciência de um homem que já empunhara dez mil agulhas poderia aturar tal desaforo sem ira.

Elizabeth sentindo que lhe cabia apoiá-lo numa situação de tamanho desconforto, apressou-se em confirmar o que ele tinha dito, mencionando, inclusive, que escutara a notícia, havia pouco, da própria Charlotte. A Sra. Bennet estava por demais estonteada para dizer qualquer coisa, enquanto Sir William estivesse presente. Mas logo que ele foi embora rapidamente ela encontrou uma maneira de extravasar seus sentimentos. Em primeiro lugar, ela continuava recusando-se a acreditar na história como um todo; em segundo, estava absolutamente convencida de que o Sr. Collins fora ludibriado; em terceiro, acreditava que jamais seriam felizes juntos e, em quarto lugar, que o noivado logo seria rompido. Duas inferências, no entanto, foram prontamente deduzidas de todo o caso: a primeira, Elizabeth fora a verdadeira causa do infeliz desfecho; a

segunda, ela própria fora cruelmente maltratada por todos ali. Sobre estes dois pontos, em particular, ela haveria de insistir durante o dia todo. Nada a consolaria e nada a acalmaria. Nem aquele dia bastou para desgastar seu ressentimento.

As emoções do Sr. Bennet foram bem mais serenas na ocasião, já que o gratificava, assim disse, descobrir que Charlotte Lucas, a quem ele costumava considerar razoavelmente sensata, era tão imbecil quanto sua própria esposa e mais imbecil do que sua filha!

Já Elizabeth mal conseguia pensar no assunto sem que lhe vissem as lágrimas, pois era a única que conhecia a dolorosa verdade. Muitas vezes pensou em matar a infectada Charlotte — pensou em calçar suas botas e misericordiosamente pôr um fim à sua tragédia com o Beijo da Pantera. Mas ela dera a sua palavra, e sua palavra era sagrada. Não interferiria na transformação de Charlotte.

Sua dor pelo destino da amiga fez com que se voltasse com dedicação ainda mais intensa para a irmã, cuja felicidade a cada dia desejava com mais ansiedade, enquanto Bingley já se encontrava, agora, longe havia uma semana sem que tivessem recebido qualquer notícia de seu regresso.

Jane enviara imediatamente a Caroline uma resposta, agradecendo sua carta, e contava os dias até quando poderia, com sensatez, esperar por uma resposta. A carta de agradecimento do Sr. Collins (cuja jornada, apesar dos votos de Elizabeth, transcorrera sem percalços com zumbis) chegou na terça-feira, endereçada ao Sr. Bennet, e escrita com solenidade e manifestações de gratidão que somente seriam justificáveis se tivesse desfrutado da hospitalidade da família por pelo menos um ano. Depois de descarregar a consciência sobre esse assunto, o Sr. Collins relatou-lhes sua felicidade por ter conquistado o afeto da gentil vizinha dos Bennet, a Srta. Lucas, e então explicou que foi unicamente com o intuito de gozar da companhia de sua noiva que se apressara tanto em aceitar o delicado convite dos Bennet para em breve retornar à Longbourn, o que ele esperava fazer de segunda-feira a quinze

dias; isso porque Lady Catherine, acrescentou ele, aprovara com tanto entusiasmo seu casamento que ele desejava realizar a cerimônia o quanto antes, e este, assim confiava, seria um argumento sem objeções por parte de sua meiga Charlotte para que escolhesse logo a data em que faria sua felicidade como homem. Elizabeth não pôde deixar de se compadecer do pobre e tolo gorducho, que não tinha ideia da desgraça que o aguardava.

A volta do Sr. Collins a Hertfordshire já não trazia nenhum prazer à Sra. Bennet. Ao contrário, estava ela muito mais propensa a queixar-se disso ao marido. Era muito estranho que ele viesse se hospedar em Longbourn e não na casa dos Lucas; era bastante inconveniente e um enorme transtorno. Odiava ter visitas em casa num momento em que sua saúde andava tão fragilizada, e os noivos, de todas as pessoas do mundo, eram as que mais lhe causavam azedume. Tais eram os cortesões resmungos da parte da Sra. Bennet, que só sucumbiam diante do grande pesar pela prolongada ausência do Sr. Bingley. Mal transcorria uma hora sem que ela mencionasse os Bingley, expressando sua impaciência em relação à chegada deles, ou pelos menos acuasse Jane para que confessasse que, caso ele não voltasse, a moça se sentiria gravemente insultada. Foi necessário todo o treinamento que Jane recebeu de Mestre Liu para suportar tais ataques com tolerável tranquilidade.

O Sr. Collins retornou no dia exato que anunciara, de segunda-feira a quinze dias, mas sua acolhida em Longbourn não foi tão calorosa como na primeira vez. Entretanto, ele estava feliz demais para necessitar de muita atenção. Para sorte dos demais, a dedicação do tempo dele à noiva livrou-os em grande parte de sua companhia. Ele passava praticamente o dia inteiro na casa dos Lucas, e por vezes só voltava para Longbourn a tempo de pedir desculpas por sua longa ausência, e quando a família se preparava para se recolher tarde da noite.

A Sra. Bennet estava de fato em um estado lastimável. A simples menção a qualquer coisa referente ao casamento a lançava na agonia mais mal-humorada. Acontecia, entretanto,

de escutar falarem a respeito disso em todos os lugares a que se dirigia. A visão da Srta. Lucas lhe era odiosa. Como se tratava de sua sucessora naquela casa, ela a olhava com uma invejosa repulsa. Quando Charlotte foi visitá-los, concluiu que a jovem estava antecipando o momento de tomar posse de local, e sempre que Charlotte conversava em voz baixa com o Sr. Collins, isso a convencia de que estavam falando de Longbourn e se decidindo sobre expulsá-la e às suas filhas da propriedade tão logo o Sr. Bennet morresse. Disso tudo queixava-se amargamente ao marido.

— Realmente, Sr. Bennet! — dizia ela. — É muito doloroso que Charlotte Lucas algum dia se tornará a senhora desta casa e que eu serei forçada a dar-lhe meu lugar. Que eu não viva para vê-la instalar-se aqui.

— Minha querida, não alimente pensamentos tão sombrios. Vamos torcer pelo melhor. Devemos ter esperanças de que o Sr. Collins sempre tão pressuroso ao falar sobre o reino dos céus, para lá seja despachado por uma horda de zumbis, antes que eu morra.

CAPÍTULO 24

A CARTA DA SRTA. BINGLEY chegou, afinal, encerrando as dúvidas. Logo a primeira frase continha a confirmação de que permaneceriam, todos, em Londres, durante o inverno, e concluía com o pesar de seu irmão por não ter tido tempo de fazer uma visita aos amigos que deixara em Hertfordshire.

Já não havia esperança alguma. Quando Jane conseguiu ler o restante da carta, pouco havia de alento para ela, exceto as habituais manifestações de afeto da remetente. Os elogios à Srta. Darcy ocupavam a maior parte da missiva. Mais uma vez, suas qualidades eram louvadas, e Caroline se vangloriava de sua crescente intimidade com a moça.

Elizabeth, a quem logo Jane relatava o principal das notícias, escutou tudo em silenciosa indignação. Tinha o coração dividido entre a compaixão pela irmã e o impulso de partir imediatamente para Londres, a fim de exterminar aquela gente toda.

— Minha Jane querida — exclamou Elizabeth —, você é bondosa demais. Sua doçura e sua falta de malícia são realmente angelicais. Deseja achar o mundo inteiro habitado por pessoas respeitáveis e fica magoada se eu falo em matar alguém, seja pela razão que for. Não fique temerosa de que eu incorra em algum excesso, nem que eu acabe por anular em você esse seu privilégio de imaginar uma boa vontade universal. Não precisa temer nada disso. Há poucas pessoas que eu realmente amo, e menos ainda a quem eu tenha consideração. Quanto mais vejo do mundo, mais ele me desagrada, e cada zumbi apenas confirma minha crença de que Deus nos abandonou como castigo pelos malefícios praticados por pessoas como a Srta. Bingley.

— Minha querida Lizzy, não se permita ser tomada por sentimentos como esses. É isso o que arruína nossa felicidade. Você não considera nenhuma diferença de situação e de temperamento. Para alguém que com tanta frequência fala em nosso prezadíssimo mestre, temo que tenha esquecido a sabedoria dele. Não fomos ensinadas a moderar nossos sentimentos? Não deveríamos estar tão propensas a nos sentirmos intencionalmente insultadas por alguém. Com grande frequência, nada além de nossa própria vaidade é o que nos ilude.

— Estou longe de atribuir qualquer aspecto da conduta do Sr. Bingley à premeditação — disse Elizabeth. — Mas mesmo sem a intenção de praticar o mal e de causar infelicidade alheia, pode acontecer o erro, o que pode trazer a tristeza da mesma forma. Displicência, falta de atenção aos sentimentos dos outros e indecisão... são graves insultos à honra dos outros.

— E a qual dessas deficientes você imputa todo o incidente?

— À última. Mas se eu prosseguir, vou acabar desagradando você por falar mal de pessoas de sua estima. Interrompa-me enquanto pode.

— Então, você persiste em supor que as irmãs o influenciam?

— Acredito nisso com convicção o suficiente para lhe oferecer minha espada para exterminá-las.

— Não posso acreditar em nada disso. Por que tentariam influenciá-lo? Só deviam desejar a felicidade dele. Se ele estivesse ligado a mim, nenhuma outra mulher poderia tomá-lo.

— Sua primeira afirmativa é falta. Podemos desejar muitas coisas que não a felicidade do irmão. Podem, por exemplo, desejar que ele aumente sua riqueza e importância social. Podem querer que ele se case com uma garota que possua toda a influência que o dinheiro, as relações sociais e o orgulho conferem.

— Sem dúvida, elas querem que ele escolha a Srta. Darcy — respondeu Jane —, mas isso pode ter intenções melhores do que as que você supõe. Elas já a conhecem há muito mais tempo do que a mim, e é natural que gostem mais dela do que de mim. Mas, sejam quais forem seus desejos, é muito pouco provável que tenham se oposto aos do irmão. Que irmã se permitirá a liberdade de fazê-lo? Se acreditassem que ele estava afeiçoado a mim, não tentariam nos afastar; e se ele realmente estivesse, elas não teriam triunfado em seu intento. Mas por supor esse afeto você imagina que todos estão agindo contrariamente ao que seria natural, ou seja, que estão agindo errado, e me fazendo terrivelmente infeliz. Não me perturbe com essa ideia. Não me envergonha de ter me enganado, mas me permita entender isso tudo da maneira mais sensata.

Elizabeth mal conseguia conter sua raiva. Ainda assim, Jane era sua irmã mais velha e a líder das irmãs Bennet. Ela não tinha escolha a não ser obedecer. Daí em diante, o nome do Sr. Bingley passou a ser mencionado cada vez mais raramente entre elas.

Já a Sra. Bennet continuava a se perguntar a razão de ele não voltar logo, e cogitar quando isso ocorreria. Apesar de praticamente não se passar um dia em que Elizabeth deixasse de lhe dar explicações claras sobre o assunto, era pequena a chance de que isso chegasse a lhe provocar menos perplexidade. O maior consolo da Sra. Bennet era o fato de que o Sr. Bingley retornaria no verão.

O Sr. Bennet tratava o tema de modo diferente.

— Então, Lizzy — disse ele certo dia —, sua irmã, creio, foi traída pelo amor. Devo parabenizá-la. Quando está próxima de se casar, uma moça

gosta de ser traída pelo amor, vez por outra. É algo para se pensar, e lhe confere certa distinção entre suas amigas. Quando chegará sua vez? Você teria dificuldade em suportar ser ultrapassada por sua irmã por muito tempo. Chegou sua hora, então. Temos em Meryton um número suficiente de oficiais para *desapontar* todas as jovens da região. Que Wickham seja seu homem, portanto. É um sujeito agradável e pode ensinar-lhe algo sobre essa parte da vida, a de ser uma esposa, a parte que você, mais do que suas irmãs, tem desdenhado.

— Muito obrigada, senhor meu pai, mas estou plenamente satisfeita com minha condição de noiva da morte. Nem todas podemos esperar a boa sorte de Jane.

— É verdade — disse o Sr. Bennet. — Mas é um consolo pensar que o que lhe aconteça, em relação a esse tipo de coisa, você dispõe de uma mãe afetuosa, que saberá fazer o melhor na situação.

CAPÍTULO 25

DEPOIS DE TODA UMA semana entregue a declarações de amor e projetos de futura felicidade, o Sr. Collins foi separado de sua meiga Charlotte pela chegada do sábado. Assim, despediu-se de seus parentes de Longbourn com a mesma solenidade de antes, desejou às belas primas muita saúde e felicidade, novamente, e prometeu ao pai delas outra carta de agradecimento.

Na segunda-feira seguinte a Sra. Bennet teve o prazer de receber seu irmão e a esposa, que vieram, como de hábito, passar o Natal em Longbourn. O Sr. Gardiner era um homem sensato, de modos elegantes, uma pessoa muito superior à sua irmã, tanto no temperamento quanto na educação. As senhoritas Bingley, de Netherfield, dificilmente acreditariam que um homem que vivia do comércio e que de sua própria residência contemplava seus armazéns pudesse ter sido tão bem criado e fosse tão agradável. A Sra. Gardiner, muitos anos mais jovem que o marido, era uma mulher sociável, inteligente e elegante, e muito benquista por todas as sobrinhas de Longbourn. Especialmente entre as duas mais velhas e ela havia um afeto bastante forte. Em muitas ocasiões a tia as encorajara a persistir em sua formação como guerreiras, quando o treinamento se tornava severo demais. E lhes proporcionava refúgio sempre que o desdém de sua mãe pela "natureza selvagem" de ambas se tornava insuportável.

O primeiro momento da visita da Sra. Gardiner, quando de sua chegada, foi a distribuição de presentes e o relato das novidades de Londres. Ela falou sobre assuntos tão diversos quanto moda e as recentes vitórias contra os infelizes contaminados. Feito isso, passou a desempenhar um papel menos ativo; era sua vez de escutar. A Sra. Bennet tinha muitos padecimentos a relatar e inúmeras queixas a fazer. Desde a última visita da cunhada, todos ali haviam sofrido infortúnios sem conta. Duas de suas filhas quase haviam se casado, mas tudo dera em nada.

— Não culpo Jane — prosseguiu —, pois ela teria aceitado o pedido do Sr. Bingley, se tivesse tido a oportunidade. Mas Lizzy!

Ah, cunhada, é penoso pensar que a essa altura ela seria esposa do Sr. Collins se não fosse por suas próprias sandices. Ele lhe fez o pedido exatamente aqui, nesta sala, e ela o recusou. A consequência disso é simplesmente que Lady Lucas vai ter uma filha casada antes de mim e que a propriedade de Longbourn estará mais comprometida do que nunca. Os Lucas são uma

gente muito ardilosa, cunhada. Sim, realmente, agarram tudo o que podem. Lamento dizer tal coisa deles, mas essa é a verdade.

A Sra. Gardiner, para quem a maior parte dessas notícias já havia sido dada, por meio da correspondência que mantinha com Jane e Elizabeth, respondeu de forma vaga e, por solidariedade às sobrinhas, mudou de assunto.

Quando, depois, ficou a sós com Elizabeth, falou mais sobre o ocorrido.

— Parece que seria um enlace desejado por Jane — disse. — Lamento que não tenha ido adiante. Mas o caso é que essas coisas acontecem com muita frequência... Um jovem, de modo como vocês descrevem o Sr. Bingley, tem grande facilidade de apaixonar-se por uma moça bonita, e assim manter-se por algumas semanas, até que algum acaso os separa, e com a mesma facilidade ele a esquece.

— Não deixa de ser um excelente consolo — observou Elizabeth. — Mas não se implica a *nós*. Não acontece com frequência que a interferência de amigos persuadam um jovem, com fortuna própria e independente, a deixar de pensar em uma garota por quem estava ardorosamente apaixonado até poucos dias antes.

— Por favor, mas o quão ardoroso era o amor do Sr. Bingley?

— Tão ardoroso quanto inclementes no combate eram os monges da Montanha do Dragão. A cada oportunidade em que se encontravam, mais estava consolidado e evidente.

— Pobre Jane! Sinto muito por ela, pois, sendo como é, pode demorar a superar o episódio. Seria melhor se houvesse

acontecido com você, Lizzy. Você teria rasgado a barriga desse Sr. Bingley e o estrangulado com suas próprias tripas, suspeito eu. Você acha que Jane gostaria de ir para Londres conosco? Uma mudança de ares pode ajudar um pouco, afinal de contas.

Elizabeth ficou extremamente satisfeita com esse convite e plenamente convencida da pronta aquiescência da irmã. Já fazia tempo desde que os olhos dela haviam se deleitado com os prazeres de Londres, que, embora atualmente estivesse cercada por muralhas altíssimas e dividida em diferentes setores pelos exércitos do rei, era ainda uma cidade sem rivais em sua capacidade de inspirar os sentidos.

— Espero — acrescentou a Sra. Gardiner — que nenhuma consideração a respeito desse jovem cavalheiro a desestimule. Saímos tão pouco que é bastante improvável que cheguem a se encontrar, a não ser que ele apareça para vê-lo.

— E isso é totalmente impossível, já que agora está sob o poder de seu amigo, e para o Sr. Darcy seria uma indignidade que ele fosse à Seção Seis Leste, ainda mais para visitar Jane!

— Tanto melhor! Espero que não nos encontremos, nem sequer de passagem.

Os Gardiner ficaram uma semana em Longbourn. A Sra. Bennet havia programado o entretenimento do irmão e da cunhada com tanto cuidado que o casal não ficou em casa para um jantar de família nem sequer uma noite. Quando o compromisso social era em Longbourn, apareciam alguns dos oficiais para tomar parte — entre os quais estava sempre o Sr. Wickham. Numa dessas ocasiões, a Sra. Gardiner se mostrou desconfiada quanto aos elogios que Elizabeth fizera a ele e passou a observá-los, juntos, com mais atenção. A preferência que tinham pela companhia um do outro era bastante evidente para deixá-la preocupada, de modo que resolveu falar com Elizabeth sobre o assunto, antes de partir de Hertfordshire.

Para a Sra. Gardiner, o Sr. Wickham era uma fonte de prazer, independentemente de seus muitos atrativos, e apenas por um motivo. Cerca de dez ou 12 anos atrás, antes de seu

casamento, ela havia passado um período consideravelmente longo exatamente naquela região de Derbyshire, na qual ele nascera. Portanto, tinham muitos conhecidos em comum, e embora o Sr. Wickham poucas vezes tivesse estado lá depois da morte do pai de Sr. Darcy, ainda poderia lhe dar notícias mais recentes dos antigos amigos dela do que as que ela conseguiria buscando-as por conta própria.

A Sra. Gardiner havia conhecido a propriedade do Sr. Darcy, Pemberley, e também a reputação de cavalheiro honrado e grande matador de zumbis do falecido Sr. Darcy. Portanto havia ali uma fonte inesgotável de assuntos para conversas. Ao tomar conhecimento do que o atual Sr. Darcy fizera a ele, ela tentou recordar o que sabia sobre seu caráter e jeito de ser, e estava convencida de que se recordava de ter escutado o Sr. Fitzwilliam Darcy descrevê-lo como um menino demasiadamente orgulhoso e com más inclinações.

CAPÍTULO 26

AS PREOCUPAÇÕES DA Sra. Gardiner em relação a Elizabeth foram transmitidas com gentileza e objetividade na primeira oportunidade de conversarem a sós; depois de com sinceridade lhe dizer o que pensava, ela prosseguiu:

— Você é uma garota sensata demais, Lizzy, para se apaixonar meramente porque lhe previnem para não fazê-lo. Assim, posso lhe falar sem receios. Honestamente, no seu lugar eu estaria em guarda. Nada tenho a dizer contra ele. Abateu muitos zumbis e, se possuísse a situação que *deveria* possuir, eu não pensaria que coisa alguma seria melhor para você. Mas do jeito como ficaram as coisas, não deve se permitir ser levada por suas fantasias.

— Minha querida tia, a senhora parece dar importância demais à situação.

— E tenho esperança de colocá-la igualmente alarmada.

— Muito bem, mas isso não é necessário, de modo algum. Posso cuidar de mim e também do Sr. Wickham. Ele não vai se apaixonar por mim, se eu puder evitá-lo.

— Elizabeth, você agora está dando menos importância do que deve à situação.

— Então, eu lhe peço que me perdoe. Vou refazer o que disse. Sou uma guerreira, minha senhora. Sobrevivi a 36 câmaras Shaolin e sou a guardiã dos pergaminhos de Gan Xian Tan. Não busco o amor na vida, e no momento não estou apaixonada pelo Sr. Wickham, embora ele seja, comparado a todos os outros, o homem mais agradável que já conheci. Tanto em sua beleza física quanto em caráter e em habilidades de combate. No entanto, percebo bem a imprudência de me ligar a alguém tão desprovido de fortuna. Não me precipitarei em acreditar que sou o primeiro objeto das atenções do Sr. Wickham. Quando estiver em sua companhia, afastarei meus anseios. Em suma, farei o melhor que puder.

— Talvez fosse conveniente que o desencorajasse a vir aqui com tanta frequência. Pelo menos, você não deveria *lembrar* sua mãe de convidá-lo.

— Sabe muito bem que minha mãe tem necessidade da constante companhia dos amigos. Mas juro por minha honra que tentaria tudo o que achar mais aconselhável. Espero que esteja satisfeita agora.

A tia lhe garantiu que estava, e Elizabeth agradeceu o cuidado da Sra. Gardiner com suas sugestões, e as duas se separaram; um belo modelo de conselhos dados sobre um assunto delicado, sem despertar ressentimentos.

O Sr. Collins retornou para Hertfordshire logo depois da partida dos Gardiner, acompanhados por Jane, mas como dessa vez ele se hospedou com os Lucas, sua chegada não trouxe grandes inconvenientes para a Sra. Bennet. O casamento se aproximava rapidamente e, afinal, ela se mostrava resignada, considerando-o inevitável, e até mesmo repetia, num tom

azedo, que "deseja que fossem felizes". A cerimônia aconteceria na quinta-feira, e na quarta a Srta. Lucas fez sua visita de despedida. Quando se levantou para ir embora, Elizabeth, constrangida pelos desgraciosos e relutantes votos de felicidade de sua mãe, e sinceramente comovida, a acompanhou na saída da sala. Enquanto desciam juntas, Charlotte disse:

— Prometo escrever enquanto for capaz. E confio que terei notícias suas constantemente, Eliza.

— Você *terá*, sem dúvida. Mas devemos nos encontrar com frequência, espero eu, aqui em Hertfordshire.

— Não é provável que eu possa me afastar de Kent por algum tempo.

No entanto, prometa-me ir a Hunsford.

Elizabeth não tinha como recusar, embora previsse que a visita não seria prazerosa. Charlotte já estava evidenciando os primeiros sinais da transformação. Embora tomasse enorme cuidado em ocultá-los de todos, não podia ter êxito diante de olhos tão treinados como os da amiga. Sua pele já mostrava certa palidez, e ela falava com alguma dificuldade.

— Meu pai e Maria vão me ver em março — acrescentou Charlotte.

— Gostaria que você aceitasse acompanhá-los. Com toda sinceridade, Eliza, você será tão bem-vinda quanto eles.

O casamento realizou-se e ninguém, a não ser Elizabeth, pareceu suspeitar das condições da noiva. O Sr. Collins parecia mais feliz do que nunca, a despeito do fato de Charlotte precisar ser lembrada de usar o garfo várias vezes no decorrer do jantar. A noiva e o noivo partiram direto da porta da igreja para Kent, e todos tiveram um tanto a dizer ou a escutar, sobre esse fato, como de hábito. Elizabeth logo recebeu notícias da amiga e a correspondência entre ambas era tão regular e frequente como sempre fora; que não houvesse alteração no afeto entre elas, já isso era impossível. As primeiras cartas de Charlotte foram acolhidas com enorme ansiedade; era impossível haver mais curiosidade sobre como ela relataria sua transformação em curso. A casa, o imobiliário, a vizinhança, as estradas, tudo a agradara muito. E o tratamento que recebiam de Lady Catherine era o mais amável e obsequioso. Era o mesmo retrato que fazia o Sr. Collins de Hunsford e Rosings, mas com racional comedimento. O

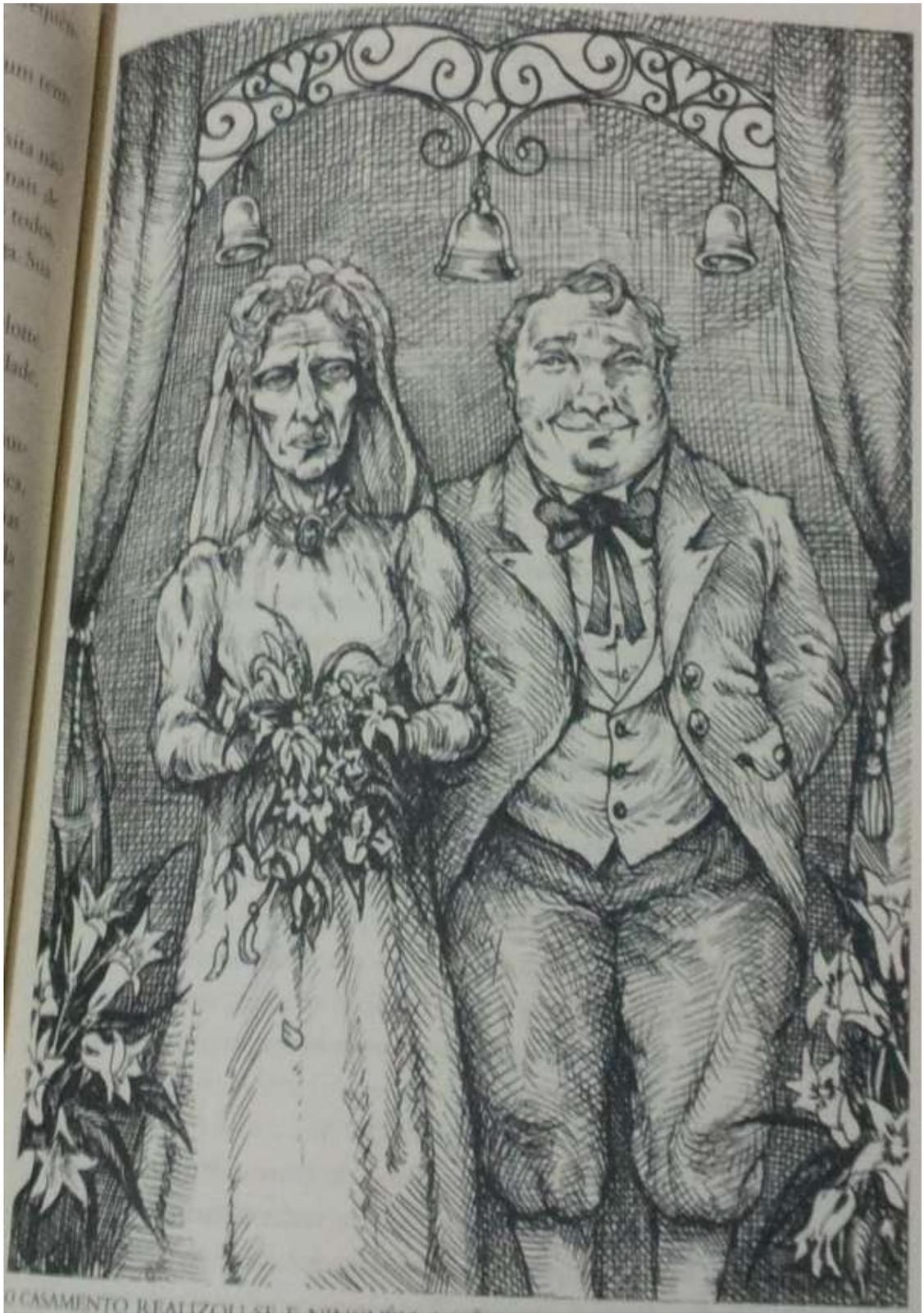
único indício do infeliz destino de Charlotte estava em sua caligrafia, cada vez mais prejudicada.

Jane já havia escrito algumas poucas linhas para a irmã, a fim de avisar sobre sua chegada em segurança a Londres. Quando tornou a escrever, Elizabeth tinha a esperança de que ela pudesse dizer alguma coisa sobre o Sr. Bingley.

Sua impaciência em relação a essa carta foi recompensada do modo como a impaciência geralmente o é. Jane já estava havia uma semana na cidade sem ver nem ter notícias de Caroline. Ela justificava tal coisa, entretanto, supondo que sua última carta, enviada de Longbourn à amiga, tivesse se extraviado por uma razão qualquer.

"Minha tia", prosseguia, "vai amanhã àquela parte da cidade, e devo aproveitar a oportunidade para visitar a Seção Quatro Centro."

Ela escreveu de novo, depois da visita, e havia de fato visto a Srta. Bingley. "Creio que Caroline não estava no melhor do seu humor", foram suas palavras, "mas ela ficou muito feliz ao me ver e me repreendeu por não lhe ter avisado que estava vindo para Londres. Portanto, eu estava certa: minha carta não chegou a ela. Perguntei pelo irmão, é claro. Ele está bem, mas tão engajado em compromissos com o Sr. Darcy que raramente o veem. Acredito que a Srta. Darcy estava sendo esperada para jantar na casa dos Bingley. Gostaria de tê-la conhecido. Minha visita não durou muito porque Caroline e a Sra. Hurst tinham de sair. Ouso dizer que logo as verei aqui."



IL CASAMENTO REALIZZATO...

O CASAMENTO REALIZOU-SE E NINGUÉM, A
NÃO SER ELIZABETH, PARECEU SUSPEITAR
DAS CONDIÇÕES DA NOIVA.

Elizabeth balançou a cabeça diante dessa carta. Jane era uma assassina hábil, mas muito deficiente no que tocava ao julgamento do caráter alheio. Na verdade, sua única fraqueza era seu coração por demais aberto aos outros. Elizabeth estava convencida de que Caroline Bingley não tinha intenção de contar ao irmão acerca dessa visita, nem mesmo que Jane estava em Londres. Mais uma vez, seus pensamentos se voltaram para a satisfação de ver os últimos rubis de sangue aflorando do pescoço da Srta. Bingley escorrendo pelo seu corpete.

Como ela previra, quatro semanas se passaram, e Jane não se encontrou com ele. Ela se esforçava para se convencer de que isso não lhe causava rancores. No entanto, não podia mais permanecer cega quanto às desatentações da Srta. Bingley. Depois de esperar em casa todas as manhãs, por uma quinzena, a visita da Srta Bingley finalmente aconteceu. Mas a brevidade de sua permanência e o quanto seu tratamento para com ela estava diferente obrigaram Jane a não continuar se enganando. A carta que escreveu à sua irmã bem demonstrava o que a moça sentia.

MINHA QUERIDÍSSIMA LIZZY,

Você será, tenho certeza, incapaz de comemorar uma vitória do seu discernimento a respeito do caráter alheio sobre o meu. Confesso agora que estou inteiramente desiludida quanto ao afeto da Srta. Bingley por mim. Entretanto, minha querida irmã, embora os fatos provem que você estava certa, não me julgue obstinada se eu afirmar que minha confiança seria tão natural quanto sua suspeita. Caroline não retribuiu minha visita até ontem, e sem um bilhete, nem uma linha sequer, por todo esse tempo. Quando, enfim, veio me visitar, em evidente que não o fazia com prazer. Ensaiou uma vaga

desculpa, absolutamente formal, por não ter feito isso antes, não manifestou desejo de me ver novamente e, em todos os aspectos, tão outra parecia, tão mudada, que, quando foi embora, eu já estava totalmente disposta a segui-la pela rua e enfrentá-la do modo como você me tem sugerido. Aliás, estivesse eu propriamente trajada para sair, era o que teria feito. Por algo que ela deixou escapar, tenho certeza de que ele sabe que estou na cidade. No entanto, pelo seu modo de falar, era como se ela quisesse se convencer de que ele realmente está se aproximando da Srta. Darcy. Não posso entender tal coisa. Se não tivesse medo de julgar com demasiada dureza, estaria quase tentada a pedir uma satisfação. Mas vou me esforçar para banir de mim todo pensamento doloroso, e me concentrar apenas naquilo que pode me fazer feliz — seu afeto e a imensurável gentileza de meus queridos tio e tia. Escreva-me logo que puder. A Srta. Bingley mencionou a intenção de não retornarem a Netherfield, e até mesmo de entregarem a propriedade, mas sem nada certo ainda. É melhor evitarmos comentar algo sobre isso. Estou extremamente feliz que você esteja recebendo tão boas notícias de seus amigos em Hunsford. Creio que deve mesmo ir vê-los com Sir William e Maria. Tenho certeza de que passará um tempo alegre por lá.

SUA, ETC.

A carta chegou a entristecer um pouco Elizabeth, mas ela se reanimou ao pensar que pelo menos Jane jamais seria enganada de novo e que deveria agora se concentrar outra vez nos combates. Todas as perspectivas em relação ao Sr. Bingley haviam acabado. Ela nem mesmo, continuaria alimentando o desejo de que ele tentasse uma nova aproximação. O caráter do jovem parecia agora manchado sob qualquer ótica que se o observasse, e como a melhor punição para ele, assim como algo

que poderia trazer benefício para Jane, ela de fato torcia para que ele, em breve, se casasse mesmo com a irmã do Sr. Darcy, uma vez que, considerando a descrição de Wickham, ela o faria se arrepender imensamente do que havia jogado fora.

Mais ou menos nessa época, a Sra. Gardiner escreveu, lembrando-a de sua promessa a respeito desse cavalheiro. Pedia também notícias, e Elizabeth lhe assegurou que o aparente interesse desse jovem oficial havia desaparecido, que suas intenções para com ela já não existiam e que, no momento, ele provavelmente se colocava como admirador de outra pessoa. A súbita aquisição de 10 mil libras representava o encanto mais notável da jovem a quem ele, agora, se dedicava. Mas Elizabeth, talvez com menor lucidez, neste caso, do que no de Charlotte, não o questionou quanto ao seu desejo de independência. Nada, aliás, poderia ser mais natural, e se por um lado ainda tendia a supor que se afastar dela lhe custara alguns conflitos íntimos, estava também pronta a considerar tal atitude bastante pragmática e mesmo conveniente para ambos, podendo, portanto, lhe desejar toda a felicidade do mundo com sinceridade.

Tudo isso foi relada à Sra. Gardiner, e depois de falar-lhe sobre as circunstâncias, ela ainda prosseguiu, escrevendo: "Estou atualmente convencida, minha querida tia, de que nunca amei de fato, visto que, se tivesse sentido por ele uma paixão pura e inspiradora, hora detestaria até mesmo seu nome, e só lhe desejaria o que de pior houvesse no mundo. Mas vejo que meus pensamentos estão retornando para a missão de proteger nossa amada Inglaterra, já que, de fato, não pode haver propósito mais elevado; na verdade, em comparação, com isso, os sentimentos de uma jovem parecem quase insignificantes. Meu talento e minha vida têm um único fim, e creio que a Coroa apreciará mais me ter na linha de frente do que no altar."

CAPÍTULO 27

SEM OUTROS ACONTECIMENTOS mais importantes em Longbourn, e tendo os Bennet poucas preocupações além dos passeios a pé até Meryton (agora menos interrompidos pelos zumbis por causa do endurecimento do solo ocasionado pelo inverno), janeiro e fevereiro se foram. Março levou Elizabeth para Hunsford. A princípio, ela não levava a possibilidade de ir muito a sério, mas Charlotte, logo ela percebeu, estava lutando para manter o que lhe restava de sanidade, e Elizabeth achou que seria um tributo apropriado à amizade que haviam tido vê-la uma última vez. A saudade dela, assim como a compaixão, também havia atenuado a repulsa que sentia em relação ao Sr. Collins. Além disso, a viagem lhe permitia ver brevemente Jane e, em suma, aproximando-se a hora da partida, ela teria lamentado qualquer adiamento. Tudo, portanto, seguiu sem percalços, e finalmente foi resolvido. Ela acompanharia Sir William e sua segunda filha. Foi feito um arranjo adicional, a tempo, para se passar uma noite em Londres, e o planejamento da viagem foi finalizado da melhor maneira possível.

A despedida entre ela e o Sr. Wickham foi perfeitamente cordial, principalmente da parte dele. Seus objetivos presentes não puderam fazê-lo esquecer que Elizabeth fora a primeira a despertar e merecer sua atenção, a primeira a lhe dar ouvidos e a solidarizar-se, a primeira a ser admirada.

Seus companheiros de viagem do dia seguinte não foram capazes de fazê-la pensar menos nele. Sir William Lucas e sua filha Maria, uma garota bem-humorada, mas tão cabeça-oca e sem treinamento quanto ele próprio, nada tinham a dizer que valesse a pena escutar, e assim ela os ouviu praticamente com o mesmo prazer com que se ouve o ranger de uma cadeira. Era

uma jornada de menos de quarenta quilômetros, e a iniciaram bem cedo, de modo a chegar à Seção Seis Leste ao meio-dia. O cocheiro, como era hábito nas viagens à cidade, havia contratado dois jovens de Meryton para o ladearem, na boleia, ambos armados de mosquetes, o que foi providenciado a despeito do fato de Elizabeth levar consigo armamento completo e ser mais do que capaz de defendê-los caso deparassem com problemas.

Quando estavam a cerca de cinco quilômetros de Londres, e Sir William tagarelava sobre os detalhes do título de cavaleiro que recebera, relatando o episódio pela segunda vez naquelas poucas horas, a carruagem deteve-se bruscamente. A parada, tão abrupta que fez com que Maria fosse projetada de seu assento para o outro lado da carruagem, foi prontamente seguida pelo barulho assustador de gritos e disparos do lado de fora. Não fosse o fato de Elizabeth ser dotada de nervos

imperturbáveis, além de sua experiência de anos de combate, ela poderia ter engasgado de susto ao entreabrir uma das cortinas, já que não havia menos de uma centena de não mencionáveis cercando-os por todos os lados. Um dos jovens guardas com mosquete havia sido arrancado da boleia e já estava sendo devorado, enquanto os dois outros homens disparavam atabalhoadamente contra a multidão de mortos-vivos que lhe puxavam as pernas das calças. Elizabeth agarrou sua Brown Bess e sua espada Katana, dizendo a Sir William e Maria que permanecessem onde estavam.

A seguir, ela escancarou a porta da carruagem com um chute e subiu para o topo. Dali, pôde avaliar a dimensão do perigo que corriam, pois, em vez de uma centena de não mencionáveis, agora percebia que havia só pelo menos o *dobro* disso. Vários zumbis haviam agarrado uma das pernas do cocheiro e estava prestes a fincar seus dentes no tornozelo dele. Não vendo outra alternativa, Elizabeth desceu a espada sobre a coxa do homem, amputando-lhe a perna, mas salvando-lhe a vida. Ela puxou-o com um único braço e colocou-o dentro do coche, onde ele desmaiou. Desafortunadamente, esse ato a impediu de também salvar o segundo guarda que fora arrancado de seu assente. Ele continuava a gritar enquanto as monstruosidades o mantinham no chão, ainda vivo, e começavam a rasgar seus órgãos no ventre e a banquetear-se deles. Em seguida, os zumbis voltariam a atenção para os aterrorizados cavalos. Elizabeth sabia perfeitamente que tanto ela quanto todos os demais estariam condenados à morte lenta caso os cavalos caíssem em poder de Satã, então saltou para o alto, disparando o mosquete em pleno voo, suas balas varando a cabeça de vários não mencionáveis. Ela aterrissou com os pés bem plantados no chão, junto a um dos cavalos, e com sua espada começou a retalhar os atacantes com toda a graciosidade de uma Afrodite e toda a ferocidade de um Herodes.

Seus pés, seus punhos e sua lâmina eram rápidos demais para a horda cambaleante, que começou a recuar. Percebendo

uma oportunidade de se salvarem. Elizabeth embainhou a espada e saltou para a boleia, tomando as rédeas. Os zumbis já se reagrupavam quando ela estalou o chicote do cocheiro, atijando os cavalos para que avançassem e depois os conduzindo estrada abaixo numa velocidade acima de qualquer limite de segurança até estar certa de que o perigo havia passado.

Pouco depois, eles chegaram à face sul a muralha de Londres. Embora uma vez ela houvesse, caminhado sobre a Grande Muralha da China, Elizabeth não ficava menos impressionada toda vez que punha os olhos sobre a Barreira Britânica. Consideradas isoladamente, as seções não eram assim tão imponentes. A muralha era similar em altura e aparência às dos muitos castelos mais antigos, sobressaindo-se dela uma ou outra torre com as aberturas para os canhões. No entanto, considerada por inteiro, a muralha era tão grande que desafiava a noção do que era possível realizar com as mãos humanas. Elizabeth deteve a carruagem junto à torre de guarda, ao sul. Uma dezena ou mais de veículos estavam parados à frente deles — aguardando que os guardas os revistassem à procura de contrabando e para se certificarem de que nenhum dos passageiros mostrava sinais da estranha praga. Sir William enfiou a cabeça para fora e informou a Elizabeth que o cocheiro havia morrido, perguntando se ela achava apropriado deixar o corpo à beira da estrada.

Em seguida, dirigiram a carruagem para a casa do Sr. Gardiner, onde Jane estava à janela da sala de estar, aguardando a chegada deles. Quando atravessaram a entrada, lá estava ela para lhes dar as boas-vindas, surpreendendo-se ao ver Elizabeth na boleia, conduzindo o veículo Elizabeth reanimou-se ao ver a irmã, que parecia mais saudável e mais lindo que nunca. Ela contou-lhe os detalhes de sua desafortunada viagem o mais brevemente possível e suplicou para que não falassem mais no assunto, exceto para comentar que ela jamais havia visto um tal número de não mencionáveis reunidos em Hertfordshire e se perguntava por

que tantos deles teriam atacado uma única carruagem. O dia transcorreu do modo mais agradável: passaram a manhã em animadas ocupações e compras e à noite foram ao teatro.

Só então Elizabeth conseguiu sentar-se com a tia e conversar com ela. O primeiro assunto foi a irmã, e a moça ficou mais pesarosa do que espantada ao escutar, em resposta às suas minuciosas perguntas, que, embora Jane sempre se mantivesse lutando para manter o ânimo elevado, havia períodos de abatimento. Era razoável, no entanto, supor que não durassem muito. A Sra. Gardiner também lhe transmitiu alguns detalhes da visita da Srta. Bingley à Seção Seis Leste e reproduziu conversas que aconteceram em diferentes oportunidades entre ela e Jane, o que provava que esta, do fundo do coração, não tinha mais a outra como amiga.

A Sra. Gardiner, então, zombou um pouco da sobrinha por conta da deserção de Wickham e parabenizou-a por ter lidado tão bem com isso.

— Minha querida Elizabeth — acrescentou —, que tipo de moça é essa, que se tornou o novo objeto de afeição dele? Eu lamentaria muito ter de acreditar que ele seja um caçador de dotes.

— Então, por favor, me diga, querida tia, em assuntos matrimoniais, qual é a diferença entre o interesse sincero e o mercenário? Na época do último Natal, a senhora temia que ele se casasse comigo, pois isso seria imprudente. E, agora, que ele tenta conquistar uma garota com um patrimônio de dez mil libras, ele é um caçador de dotes.

— Se pelo menos você me disser que tipo de garota ela é, eu saberei o que pensar.

— É uma garota de índole muito boa, creio. Nada sei de mal sobre ela.

Antes, porém, que a parte final da peça as obrigasse a interromper a conversa, Elizabeth teve a inesperada alegria de receber o convite de acompanhar sua tia e seu tio numa viagem de recreio que eles planejavam fazer no verão.

— Não decidimos até onde iremos — disse a Sra. Gardiner.
— Mas é bem possível que cheguemos até os Lagos.

Nenhum plano poderia agradar mais a Elizabeth de modo que ela aceitou o convite mais do que depressa e com grandes agradecimentos.

— Minha queridíssima tia — disse, enfática —, que maravilha! Que felicidade! A senhora me revigora e refazer meu prazer de viver com tal convide. *Adieu* ao desapontamento e à melancolia. O que significam os rapazes em comparação às rochas e às montanhas? Ah!, e que deliciosas horas de exercícios de escalada iremos passar! E quantos cervos iremos abater apenas com nossas adagas e a rapidez de nossos pés! Ah! E quanto iremos louvar Buda nessa comunhão com a Terra!

CAPÍTULO 28

NO DIA SEGUINTE ELES iniciaram a viagem. Tudo com o que depararam era inédito e despertou o interesse de Elizabeth. Com um outro cocheiro e o dobro de guardas armados de mosquetes, eles avançaram em direção a Hunsford. Uma vez alcançado o destino (e a viagem afortunadamente tendo ocorrido sem incidentes), todos os olhos se colocaram à procura da casa paroquial, e a cada curva eles esperavam, ansiosos, avistá-la. Rosings Park fazia limite com a estrada em um dos lados. Elizabeth sorriu ao lembrar tudo o que escutara sobre os que lá residiam.

Finalmente, divisaram a casa paroquial. O jardim descendo até a estrada, a casa no centro, a cerca viva de arbustos de loureiro, tudo, enfim, indicando que haviam chegado.

Imediatamente, Elizabeth sentiu-se mais aliviada, já que não houvera relatos sobre zumbis em Hunsford fazia anos. Muitos atribuíam isso à presença de Lady Catherine — uma exterminadora tão poderosa que os infectados não se aventuravam a se aproximar de onde ela morava.

O Sr. Collins e Charlotte surgiram à porta, e a carruagem parou no pequeno portão que através de um curto caminho de cascalhos levava até a casa, em meio a sorrisos e gestos amistosos de todo o grupo. Num instante estavam todos fora da carruagem, regozijando-se por se reverem. NO entanto, quando a Sra. Collins deu as boas-vindas a Elizabeth, esta ficou extremamente consternada com a aparência da amiga. Fazia meses que não se viam, e aqueles não haviam sido meses generosos, pois a pele de Charlotte agora estava cinzenta e coberta de ferimentos, além de ela demonstrar grande esforço para falar. Que ninguém entre os demais reparasse nisso, Elizabeth atribuía-o à estupidez de todos — particularmente do Sr. Collins, que aparentemente não tinha a menor ideia de que sua mulher estava três quartos morta.

Eles foram conduzidos para o interior da casa e logo que se viram na sala o Sr. Collins, com ostentosa formalidade, deu-lhes outra vez as boas-vindas ao seu humilde teto, literalmente repetindo o oferecimento de refrescos já feito pela esposa.

Elizabeth, que estava preparada para encontrá-lo na plenitude de sua glória, não pôde deixar de imaginar que, ao se gabar de bom tamanho e das ótimas condições da sala, bem como do imobiliário, ele estivesse se dirigindo particularmente a ela, como se desejasse fazê-la perceber o que havia perdido ao recusá-lo. No entanto, embora a aparência geral fosse de limpeza e conforto, ela não conseguia proporcionar-lhe nem sequer um leve sinal de arrependimento. Depois de permanecer no ambiente por tempo suficiente para admirar cada peça da mobília, o Sr. Collins convidou-os para dar uma volta pelo jardim. Trabalhar naquele jardim era um de seus atuais prezados passatempos; e Elizabeth admirou os esforços de Charlotte para comentar o benefício à saúde que fazia tal

exercício, mesmo sendo bastante difícil compreender o que ela dizia.

Do seu jardim, o Sr. Collins os teria levado a caminhar através de seus dois prados, mas as mulheres, não estando propriamente calçadas para enfrentarem o que restara de gelo pelos campos, declinaram do passeio, e enquanto Sir William o acompanhava, Charlotte levou a irmã e a amiga de volta para casa, que era pequena, mas muito bem construída e confortável. Embora Elizabeth apreciasse rever sua amiga tão bem instalada, ela também sofria, já que Charlotte não poderia usufruir por muito tempo de sua felicidade.

Já haviam informado Elizabeth sobre a presença de Lady Catherine na propriedade, o que foi repetido durante o jantar, quando o Sr. Collins, reunindo-se a eles, observou:

— Sim, a Srta. Elizabeth terá a honra de ver Lady Catherine no próximo domingo, na igreja, e não preciso dizer que ficará deliciada com ela, cujo comportamento para com minha querida Charlotte é encantador. Jantamos em Rosings duas vezes por semana, e nunca nos permitem voltar a pé para casa. De hábito, a carruagem de minha senhora é providenciada para nos trazer. Ou, deveria eu dizer, uma das carruagens de minha senhora, visto que ela possui muitas.

— LII... Hhhhady Ca... therine... muito...
distinta... mulher lúcida...

— Grande verdade, minha querida, é exatamente o que eu estava dizendo. Trata-se de uma mulher sobre quem não se pode poupar elogios. O jantar prosseguiu nesses termos, e os olhos de Elizabeth eram frequentemente atraídos para Charlotte, que cavoucava seu prato com uma colher, tentando juntar bocados de carne de ganso com molho e levá-los mais ou menos na direção da boca, com algum êxito. Numa dessas operações, um ferimento pouco abaixo do olho estourou, ejetando um rastilho de pus sanguinolento que lhe escorreu pelo rosto e invadiu-lhe a boca. Aparentemente, ela achou aquele sabor adicional agradável, já que só o que fez foi aumentar a frequência das colheradas. Elizabeth, entretanto,

não conseguiu contar o vômito, embora tenha sido apenas uma golfada, discreta, expelida no lenço.

O restante da noite desenrolou-se principalmente com comentários sobre notícias de Hertfordshire, recontando-se tudo o que já havia sido relatado em cartas, e quando essa conversa se encerrou, Elizabeth, já na privacidade de seu quarto, se viu obrigada a refletir sobre a piora evidente do estado de Charlotte e por que ninguém, nem mesmo Lady Catherine, supostamente a maior de todas as matadoras de zumbis, havia percebido nada.

Já por volta da metade do dia seguinte, quando ela estava em seu quarto se aprontando para uma caminhada, um barulho alto vindo do andar de baixo lançou a casa inteira em balbúrdia. Depois de esperar um momento, escutando, ela ouviu alguém subindo as escadas em pressa desesperada e chamando por ela aos gritos. Elizabeth agarrou sua Katana e abriu a porta, deparando com Maria no intervalo entre os lances da escada, que gritou:

— Ah, minha querida Elizabeth! Por piedade, venha depressa até a sala de jantar porque há algo lá que só você vendo. Não posso lhe dizer o que é. Por favor, venha logo, desça imediatamente.

Maria não conseguiu dizer mais nada, de modo que ambas desceram correndo as escadas e entraram na sala de jantar, que dava para a alameda da frente, à procura do que estava causando tal espanto. Tratava-se somente de duas senhoras detendo-se numa carruagem baixa junto ao portão do jardim.

— Mas é só isso? — gritou Elizabeth. — Eu esperava encontrar pelo menos uma dúzia de não mencionáveis, e nada mais é do que Lady Catherine e sua filha?

— Ora, minha cara — disse Maria, bastante aturdida com tal equívoco —, não é Lady Catherine. A mais idosa é a Sra. Jenkinson, que mora com elas; e a outra é de fato a Srta. de Bourgh. Mas olhe só para ela. É uma criatura bem pequena. Quem poderia adivinhar que fosse tão baixa e tão magra?

— Ela está se mostrando abominavelmente rude ao manter Charlotte lá fora, exposta a tanto vento. Por que não entra logo?

— Oh!, Charlotte disse que ela raramente o faz. É o maior dos favores quando ela entra aqui.

— Gosto da aparência dela — disse Elizabeth, embora tomada por outros pensamentos. — Parece doentia e problemática. Ah, sim, dará uma boa esposa para o Sr. Darcy. Sem dúvida, será o casal perfeito.

O Sr. Collins e Charlotte estavam ambos de pé junto ao portão, conversando com os visitantes. Já Sir William, para grande divertimento de Elizabeth, encontrava-se paralisado na entrada da casa, absorto a contemplar a grandeza com que se deparava, e vez por outra — sempre que a Srta. de Bourgh olhava em sua direção — inclinava a cabeça num cumprimento.

Finalmente, tudo foi dito, as visitantes se foram, e os de casa retornaram para dentro. O Sr. Collins, assim que viu as duas moças, começou a lhes dar os parabéns por sua boa sorte, uma vez que, assim informou ele, todos ali haviam sido convidados para jantar em Rosings na noite seguinte. Aparentemente possuída de absoluta euforia, Charlotte caiu ao chão e começou a encher a boca com punhados das quebradiças folhas de outono.

CAPÍTULOS 29

— **EU CONFESSO** — disse o Sr. Collins — que não teria de modo algum me surpreendido se Sua Senhoria houvesse nos convidado para o chá no domingo e até mesmo para passar o restante da tarde em Rosings. Teria

mesmo esperado tal iniciativa, sem muitas dúvidas quanto a isso, por conhecer toda a afabilidade de minha senhora. Mas

quem poderia prever tamanha atenção? Quem poderia imaginar que receberíamos um convite para jantar, assim, tão em seguida à chegada de vocês?

— Fui eu que menos fiquei surpreso com o que aconteceu — retrucou Sir William —, já que sua superior maestria nas artes mortais e sua nobreza de berço são notórias em todas as cortes da Europa.

Durante todo o restante do dia e na manhã seguinte mal se falou em outra coisa a não ser a visita que fariam a Rosings. O Sr. Collins os instruía meticulosamente sobre o que os aguardava, de modo que a visão de aposentos tão luxuosos, de tantos criados e da guarda pessoal de 25 ninjas, além do esplêndido jantar, não os estupidificasse.

Quando as moças e sua mulher, já se retiravam para se prepararem, ele disse a Elizabeth:

— Não se sinta constrangida, minha cara prima, a respeito de sua aparência. Lady Catherine de modo algum exigiria de nós a mesma elegância no vestir dela e da filha. Eu aconselharia você a usar sua melhor roupa, seja qual for; não há como fazer mais do que isso. Lady Catherine não ficará com má impressão de você por estar modestamente vestida, assim como também não a menosprezará por possuir habilidades de combate tão inferiores às dela.

Os punhos de Elizabeth se cerraram, e ela se sentiu insultada, mas seu afeto por aquela amiga já três quartos morta a fez conter a língua e a espada.

Enquanto as moças se aprontavam, ele chegou duas ou três vezes à porta de cada uma, a fim de recomendar que se apressassem, pois Lady Catherine ficava bastante contrariada se a fizessem esperar pelo jantar.

Como o tempo estava agradável, eles fizeram uma prazerosa caminhada de algumas centenas de metros, atravessando o parque.

Já quando subiam as escadarias para o salão, a apreensão de Maria crescia a cada instante, e até mesmo Sir William não parecia totalmente sereno. A coragem de Elizabeth não lhe

faltou, muito embora ela tivesse sido regalada com os relatos dos feitos de Lady Catherine desde o tempo que atingira idade suficiente para empunhar uma adaga. A mera ostentação de importância social e riqueza, ela podia enfrentar sem tremer, mas a presença de uma mulher que havia abatido noventa aberrações armada de nada mais do que um envelope encharcado de chuva era, de fato, uma perspectiva intimidante.

Eles seguiram os criados através de uma antecâmara até a sala onde Lady Catherine, sua filha e a Sra. Jenkinson aguardavam sentadas. Sua Senhora, com grande condescendência, levantou-se para recebê-los; e como a Sra. Collins havia acertado com o marido que seria dela a tarefa de apresentar as visitantes, assim foi feito, mas não sem dificuldades, já que ela fazia um imenso esforço para falar de modo compreensível.

A despeito de ter estado em St. James, Sir William estava tão absolutamente assombrado pela grandeza que o cercava que só lhe restou coragem para fazer uma acentuada mesura e logo a seguir tomar seu assento, sem pronunciar palavra alguma. Sua filha, tão apavorada que se sentia prestes a desmaiar, sentou-se na beirada da cadeira, sem saber para onde voltar os olhos. Elizabeth sentiu-se bastante à vontade ali e pôde examinar as três mulheres que tinha diante de si sem perder a compostura. Lady Catherine era uma mulher alta, corpulenta, com feições bastante fortes, que talvez tivesse sido belas. Sua figura, antes sem falhas, delibitara-se com a idade, mas seus olhos não eram menos aguçados do que Elizabeth havia escutado sendo descritos com tanta frequência. Eram olhos de uma mulher que no passado possuía a ira dos deuses em suas mãos. Elizabeth perguntou a si mesma quanta rapidez aquelas mãos ainda possuiriam.

Depois de examinar a mãe, em cujo semblante encontrou alguma semelhança com o Sr. Darcy, Elizabeth voltou os olhos para a filha... e quase imitou o assombro de Maria, tão magra e diminuta a achou. Não havia, nem no tipo físico nem nas feições, semelhança alguma entre ela e a mãe. A Srta. de

Bourgh era pálida e tinha uma aparência doentia. Seu rosto, embora não fosse inteiramente desprovida de atrativos, passaria despercebido. Ela falava pouco, apenas em voz baixa, com a Sra. Jenkinson, cuja aparência também não mostrava nada marcante e que estava totalmente voltada a escutar o que ela dizia.

Depois de alguns minutos sentados, conversando, todos foram chamados a uma das janelas, para admirar a vista. O Sr. Collins assumiu a missão de destacar para eles as belezas principais, enquanto Lady Catherine, gentilmente, os informava que valia muito mais a pena contemplá-las no verão.

O jantar foi magnífico, e havia tantos criados e tantas iguarias sendo oferecidas quanto lhes havia prometido o Sr. Collins. Além disso, como ele também havia previsto, lhe foi reservado o lugar oposto à cabeceira da mesa, segundo desejo de Sua Senhoria, e, sendo assim, ele exibia aparência de um homem a quem a vida não poderia reservar nada de mais grandioso. Os convivas não falavam muito. Elizabeth estava preparada para entabular uma conversação quando surgisse a oportunidade, mas estava sentada entre Charlotte e Miss de Bourgh — e aquela precisava ser seguidamente lembrada a usar seus talheres e esta não pronunciou sequer uma palavra durante todo o jantar.

Quando as senhoras retornaram à sala de visitas, pouco restou a ser feito a não ser escutar Lady Catherine falar sobre suas tentativas de criar um soro que desacelerasse — ou mesmo revertesse — os efeitos da estranha praga. Elizabeth ficou surpresa por descobrir que Sua Senhoria estava engajada em tal empreitada, já que especular sobre curas para a praga era considerado o último refúgio dos ingênuos. As melhores mentes da Inglaterra vinham sendo vexaminosamente sobrepujadas pelo menos objetivo havia 55 anos. Lady Catherine, com grande familiaridade e minúcia, fazia inúmeras perguntas a Charlotte a respeito de assuntos domésticos e dava-lhe diversos conselhos sobre como lidar com tais problemas, acrescentando como tudo deveria ser controlado numa família tão pequena como a dela. Elizabeth ficou com a

impressão de que nenhum assunto era desdenhado pela grande dama, ou seja, nada que lhe pudesse proporcionar oportunidade de mandar na vida alheia. Nos intervalos das admoestações a Charlotte, ela dirigia variadas perguntas a Maria e a Elizabeth, mas especialmente à última, a quem menos conhecia:

— O Sr. Collins contou-me que você é versada nas artes mortais, Srta.

Bennet.

— Sou, de fato, embora nem com metade da proficiência de Vossa Senhoria.

— Ah! Então... qualquer hora dessas terei o prazer de vê-la praticar com um de meus ninjas. Suas irmãs também são treinadas?

— Sim, são.

— E presumo que tenham estudado no Japão.

— Não, madame. Na China.

— Na China? Mas será que aqueles monges ainda estão conseguindo vender seu desajeitado kung fu aos ingleses? Imagino que você se refira ao Shaolin.

— Sim, madame. Sob o Mestre Liu.

— Bem, imagino que você não tenha tido alternativa. Caso seu pai possuísse mais recursos, deveria ter levado você para Kyoto.

— Minha mãe não teria feito objeção, mas meu pai odeia o Japão.

— Seus ninjas os abandonaram?

— Jamais tivemos ninjas.

— Sem ninjas? Como é possível? Cinco filhas criadas num lar sem ninjas! Nunca escutei tal disparate. Sua mãe deve ser uma escrava da segurança de vocês.

Enquanto garantia a Lady Catherine que isso não acontecia, Elizabeth mal conseguia conter o riso.

— Mas, então, quem protegeu vocês quando enfrentaram seu primeiro combate? Sem ninjas, devem ter feito um triste papel, creio.

— Comparadas com algumas famílias, acredito que pudesse ser assim, mas tal era nosso desejo de triunfar, bem como nossa afeição mútua, que não tivemos dificuldades em exterminar até mesmo nossos primeiros oponentes.

— Se conhecesse a mãe de vocês na época, eu a teria aconselhado enfaticamente a contratar uma equipe de ninjas. Sempre digo que nada deve ser feito em educação sem que se conte com orientação sólida e continuada. Se minha filha houvesse sido abençoada com uma compleição mais sólida, eu a teria feito passar pelos melhores *dojos* do Japão, desde os seus 4 anos de idade. Alguma de suas irmãs já frequenta a sociedade, Srta. Bennet?

— Sim, madame. Todas.

— Todas! Ora, quer dizer, as cinco ao mesmo tempo? Muito estranho! E você é somente a segunda. As mais novas já frequentam antes de as mais velhas estarem casadas! Suas irmãs mais novas devem ser bem jovens, não?

— E são. A mais nova ainda não completou 16 anos. Talvez seja demasiado jovem para ter uma vida social intensa. Mas a verdade, madame, é que seria muito penoso para minhas irmãs mais novas serem privadas do convívio social e do entretenimento somente porque as mais velhas não tiveram nem a inclinação nem a oportunidade de se casarem cedo. Imagine ficarem presas em casa por um motivo desses! Creio que não seria a melhor maneira de estimular o afeto entre as irmãs e a delicadeza do espírito.

— Por minha honra! — exclamou a Sua Senhoria. — Você exprime suas opiniões com demasiada decisão para alguém tão jovem. Peço-lhe que me diga qual é a sua idade.

— Com três irmãs mais novas já crescidas. Sua Senhoria não há de se melindrar por eu declinar tal informação.

Lady Catherine pareceu bastante espantada por não receber resposta para uma pergunta direta e Elizabeth suspeitou que era a primeira criatura a ousar tamanho atrevimento com tanta dignidade e impertinência.

— Você não pode ter mais de 20 anos, disso estou certa. No entanto, eu a dispenso de me dizer sua idade.

— Ainda não fiz 21.

Quando os cavalheiros haviam se reunido a elas e o chá estava encerrado, as mesas de carteados foram armadas.

Lady Catherine, Sir. William e o Sr. e Sra. Collins tomaram seus lugares para jogar Criptas e Ataúdes. A Srta. de Bourgh preferiu jogar Chicoteie o Vigário, de modo que Elizabeth, Maria e a Sra. Jenkinson tiveram a honra de completar este grupo. Justamente essa foi uma mesa sobremodo obtusa. Mal se pronunciavam monossílabos que não se referissem diretamente ao jogo, exceto quando a Sra. Jenkinson expressava seus receios de que a Srta. de Bourgh estivesse sentindo muito calor ou muito frio. Muito mais animada estava a outra mesa. Lady Catherine falava quase o tempo inteiro — apontando os erros dos demais ou contando algum caso que ocorrera com ela própria. O Sr. Collins dedicava-se a concordar com tudo que Sua Senhoria dizia, agradecendo-lhe por todas as criptas vazias que

conquistava e se desculpando por achar que as estava ganhando em excesso.

Depois de derramar a terceira xícara de chá no colo, Charlotte levantou-se, pedindo licença para deixar a outra mesa, apertando o estômago e estampando no rosto intensa dor.

— Peshhho que me dessssculpe... Sua...
Ssssenho...ia...

Lady Catherine não tomou conhecimento dela, enquanto o Sr. Collins e Sir William estava por demais absortos em seu jogo para perceberem o que acontecia por perto.

Elizabeth acompanhou com os olhos Charlotte, que fez uma lenta e curta mesura e então caminhou, mancando, até o canto mais distante da sala, onde arregaçou a saia e agachou-se, ficando de cócoras. Elizabeth prontamente pediu licença, levantou-se da cadeira e agarrou Charlotte pelo braço, tomando cuidado para não chamar atenção, e arrastou-a até o toailete, onde ficou ao lado de sua infectada amiga, que teve de sofrer todo um quarto de hora com uma diarreia tão intensa que o decoro impede que seja descrita nestas páginas.

Logo depois as mesas de carteador se desfizeram, a carruagem foi oferecida ao Sr. Collins, que a aceitou com agradecimentos, sendo imediatamente chamada. O grupo então se reuniu em torno da lareira, para escutar Lady Catherine pontificar sobre o tempo que faria na manhã seguinte. Dessa preleção eles foram tirados quando alguém os chamou, avisando da chegada do coche. Então, antecidos de muitas expressões de agradecimento da parte do Sr. Collins e outras tantas mesuras da parte de Sir William, todos partiram. Assim que atravessaram as portas, Elizabeth foi abordada por seu primo, que lhe perguntou o que ela achava de tudo o que vira em Rosings. Por conta de seu afeto por Charlotte, Elizabeth pronunciou-se de modo mais favorável do que a sinceridade lhe exigiria. "Lady Catherine, a Grande" fora um desapontamento em todos os sentidos para ela, e Elizabeth não a perdoava pela ofensa contra seu templo e seu mestre.

CAPÍTULO 30

SIR WILLIAM PERMANECEU apenas uma semana em Hunsford, mas sua estada foi longa o bastante para convencê-lo de que sua filha estava instalada em pleno conforto. O Sr. Collins devotou suas manhãs a conduzir Sir William em passeios em sua charrete, mostrando-lhe a região, entretanto, quando ele partiu, a família inteira retornou às suas tarefas de costume.

Veza por outra eram honrados pela visita de Lady Catherine, e nada escapava à observação dela nessas ocasiões. Queria saber em que se ocupavam as moças, vistoriava seus trabalhos e sempre tinha um conselho para que os fizessem de modo diferente. Além disso, encontrava falhas na arrumação da mobília e detectava alguma negligência da criada; se aceitasse fazer uma refeição, tudo indicava que era somente para comentar que os assados da Sra. Collins eram grandes demais para sua família.

Elizabeth logo percebeu que, embora essa grande dama não estivesse mais engajada na defesa de sua propriedade, ela era uma das mais atuantes magistradas de sua localidade, e que até mesmo os menores problemas eram levados ao conhecimento do Sr. Collins por ela. Quando quer que algum dos habitantes do vilarejo manifestasse desejo de reclamar por alguma coisa, estivesse descontente ou passando necessidades, ela corria até lá para instá-los a resolver suas diferenças ou, isso fracassando, brandir sua ainda muito poderosa espada para lhes impor seu juízo da questão.

O prazer de jantarem em Rosings era repetido cerca de duas vezes por semana, e, não fosse a partida de Sir William, quando então passou a ser armada apenas uma mesa de carteados, seriam sempre uma repetição da primeira ocasião. Numa dessas

oportunidades, solicitarem a Elizabeth que se exibisse num treino de combate com diversos ninjas de Sua Senhoria para divertir o grupo.

A demonstração tomou lugar no grande *dojo* de Lady Catherine, com cujo custo do transporte, que viera de Kyoto, tijolo a tijolo nas costas de camponeses, ela arcara. Os ninjas envergavam seu tradicional traje preto, máscaras e botas Tabi. Elizabeth vestiu seu quimono de treino e desembainhou sua fiel espada Katana. Assim que Lady Catherine fez sinal para o começo do combate, Elizabeth, numa atitude desafiadora, vendou os olhos.

— Minha cara garota — disse Sua Senhoria —, sugiro-lhe que leve essa disputa a sério. Meus ninjas não terão piedade de você.

— Nem eu em relação a eles, madame.

— Srta. Bennet, gostaria de lembrá-la que lhe falta uma formação apropriada como guerreira. Seu mestre foi um monge chinês. Já esses ninjas procedem dos melhores *dojos* japoneses.

— Se minha habilidade na luta for de fato inferior, então Vossa Senhoria será poupada de ficar assistindo por muito tempo.

Elizabeth afastou os pés, fazendo sua base, e Lady Catherine, finalmente se dando conta de que jamais convenceria uma garota tão teimosa e fora do comum, estalou dos dedos.

O primeiro ninja desembainhou a espada e emitiu um grito de batalha enquanto investia centímetros da garganta da moça, ela saiu de lado e rasgou-lhe a barriga com sua Katana. O ninja tombou no chão — suas entranhas sendo expelidas através do corte mais rápido do que ele conseguia enfiá-las de volta. Elizabeth embainhou a espada, ajoelhou-se e matou-o estrangulado com seu próprio intestino grosso.

Lady Catherine estalou os dedos pela segunda vez, e outro ninja atacou — esse lançando estrelas da morte enquanto avançava. Elizabeth desembainhou sua Katana e com ela desviou as três primeiras estrelas, depois agarrou a quarta no ar e lançou-a de volta contra aquele que a lançara, atingindo-o na

coxa. O ninja soltou um grito, segurando o ferimento com ambas as mãos, e Elizabeth desceu sua espada, decepando não apenas as mãos mas também a perna que firmemente seguravam. O ninja tombou no chão e foi prontamente decapitado.

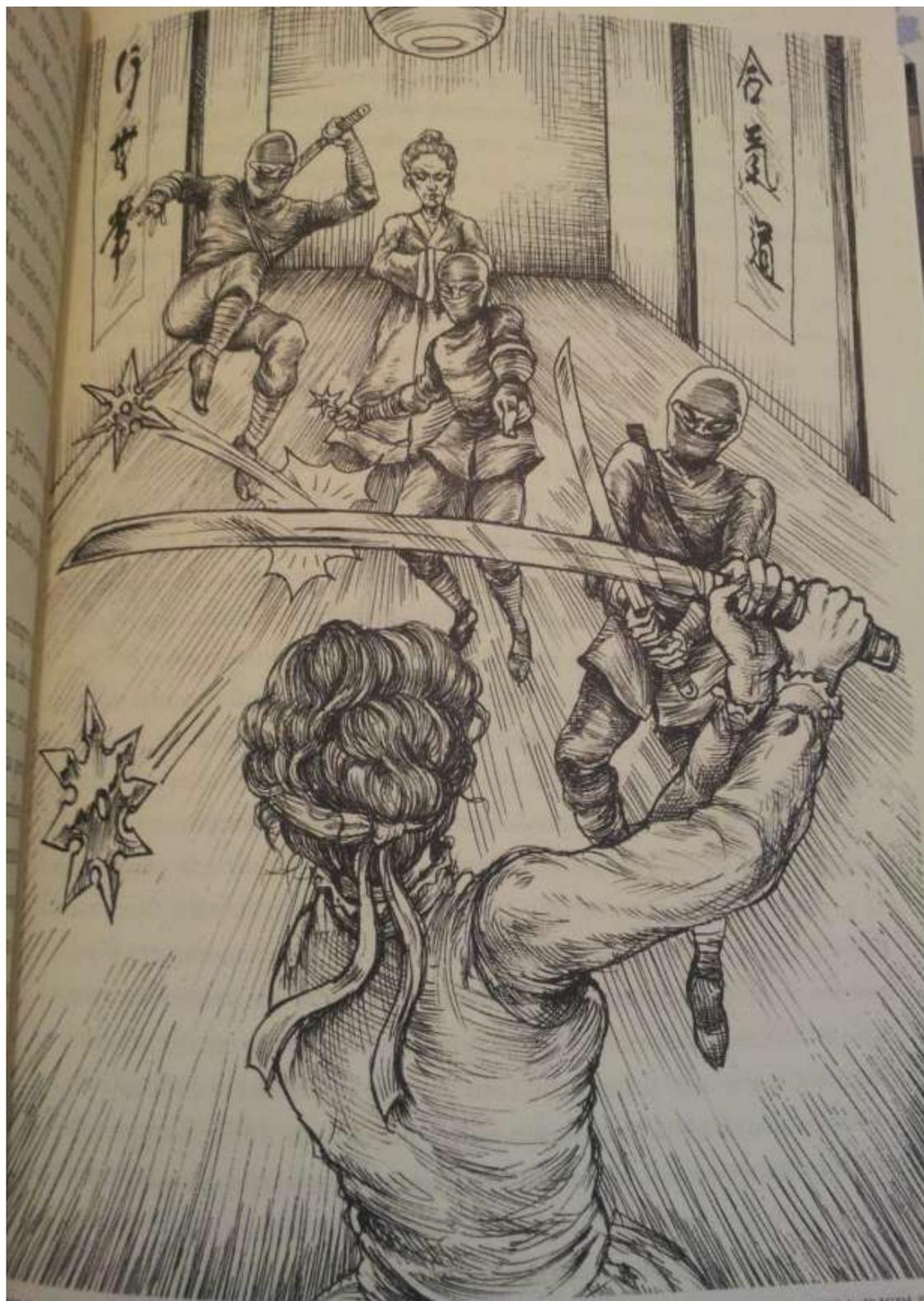
Embora descontente com tal começo, Lady Catherine depositava suas maiores esperanças no terceiro e último ninja, o mais letal dos três. Mas logo que ela estalou os dedos Elizabeth lançou sua Katana no ar, que atravessou o *dojo* e perfurou o peito do ninja, fincando-o numa coluna de madeira. Elizabeth removeu a venda dos olhos e encarou seu oponente, que no momento agarrava o cabo da espada, tentando em vão respirar. Ela desfechou um soco cruel, penetrando na caixa torácica do ninja, e em seguida retirou a mão, com o coração do ninja ainda batendo entre os dedos. Enquanto todos, menos Lady Catherine, viravam o rosto, repugnados, Elizabeth deu-lhe uma mordida, deixando o sangue escorrer por seu queixo e seu quimono de treino.

— Que curioso — disse Elizabeth, ainda mastigando. — Já provei muitos corações, mas ousou dizer que acho os dois japoneses um pouco mais tenros.

Sua Senhoria deixou o *dojo* sem cumprimentar Elizabeth por sua habilidade.

Além dessas visitas a Lady Catherine, poucos eram os compromissos sociais, já que o estilo de vida da vizinhança estava muito acima das posses do Sr. Collins. Isso, entretanto, não desagradava Elizabeth, que, considerando tudo, desfrutou de sua estada com razoável prazer; havia períodos de meia hora de penosa e quase ininteligível conversa com Charlotte, e o tempo estava tão propício nessa época do ano que ela frequentemente se deleitava com passeios ao ar livre. Sua caminhada favorita era ao longo do arvoredo que ladeava aquela extremidade do parque, onde havia uma bela alameda coberta, que mais ninguém além dela parecia valorizar e onde se sentia a salvo da curiosidade de Lady Catherine.

Nessa tranquilidade, transcorreram os primeiros quinze dias da visita. Aproximava-se a Páscoa, e a semana que a precedia iria trazer mais um personagem a Rosings, o que, num círculo de pessoas tão pequeno, era necessariamente um acontecimento importante. Logo depois de sua chegada, Elizabeth havia escutado que o Sr. Darcy era esperado ali em poucas semanas, e embora poucos houvesse entre os seus conhecidos que ela preferisse não encontrar, a chegada do sobrinho da senhora da casa propiciaria alguém novo nas reuniões em Rosings; além do mais, ela talvez se divertisse vendo o quão carentes de esperança eram as intenções da Srta. Bingley a respeito dele, pelo comportamento do Sr. Darcy em relação à prima, a quem ele, evidentemente, era destinado por Lady Catherine, que, aliás, comentava sobre sua vinda com grande satisfação e falava sobre ele em termos de altíssima admiração, demonstrando quase contrariedade por saber que a Srta. Lucas e Elizabeth já o havia conhecido antes.



—MINHA CARA GAROTA — DISSE SUA EXCELÊNCIA —,
SUGIRO QUE LEVE ESSA DISPUTA A SÉRIO. MEUS NINJAS NÃO

TERÃO PIEDADE DE VOCÊ.

Logo a notícia da chegada de Darcy alcançou a casa paroquial; isso porque o Sr. Collins havia caminhado a manhã inteira, mantendo os portões que se abriam para Hunsford Lane sob suas vistas, de modo a garantir que fosse dos primeiros a vê-lo passar por ali. Assim, depois de fazer sua medida, tão logo a carruagem virou para ganhar o interior do parque, ele correu para casa, a fim de levar a grande novidade. Na manhã seguinte, apressou-se a ir a Rosings, fazer uma visita, como o exigia a presença de dois sobrinhos de Lady Catherine, visto que o Sr. Darcy trouxera com ele o coronel Fitzwilliam, o filho mais jovem de seu tio, e, para grande surpresa de todos, quando o Sr. Collins retornou, os cavalheiros o acompanhavam. Charlotte avistou-os do quarto do marido, já cruzando a estrada, e correndo imediatamente ao encontro das demais contou às jovens a honra que as aguardava, acrescentando:

— Agrrrradesho a voshê, Eliza, purrr essa... gentile...zsssha. O Sr. Darshy jamaiissss... vvvi...ria nosss ver logo de...de... depois de chegar a Rrroshhings.

Elizabeth mal teve tempo de afirmar que não fizera por merecer tal agradecimento, e já a presença deles na porta era anunciada pelo toque da sineta. Pouco depois, os três cavalheiros entravam na sala. O coronel Fitzwilliam, que vinha na frente, tinha cerca de 30 anos, não era bonito, mas seu porte e sua maneira de falar eram típicas de um verdadeiro aristocrata. O Sr. Darcy tinha a mesma aparência que mostrava em Hertfordshire. Apresentou seus cumprimentos, com sua reserva de hábito, à Sra. Collins, e fossem quais fossem seus sentimentos em relação a Elizabeth, manteve total reserva nesse reencontro. Elizabeth limitou-se a fazer-lhe uma medida, sem palavra alguma.

O coronel Fitzwilliam imediatamente começou a conversar, com a facilidade e a presteza de um homem criado em família de requinte. Falava muito agradavelmente; já seu primo, depois de ter emitido um breve comentário sobre a casa e o jardim da Sra. Collins, ficou sentado sem dizer nada por algum tempo. Por fim, no entanto, sua cortesia foi despertada pela necessidade de

perguntar a Elizabeth pela saúde de sua família. Ela respondeu-lhe do modo habitual, e depois de uma pausa, acrescentou:

— Minha irmã mais velha está em Londres já faz três meses. Por acaso não se encontrou com ela?

Ela estava plenamente ciente de que isso não acontecera. Mas desejava verificar se ele se trairia, admitindo qualquer conhecimento a respeito do que se passara entre os Bingley e Jane. Com efeito, a jovem achou ter percebido algum tremor no olhar dele quando Darcy respondeu que não tivera a sorte de encontrar a Srta. Bennet. Eles não persistiram no assunto, e os cavalheiros logo partiram.

CAPÍTULO 31

NA CASA PAROQUIAL, os modos do coronel Fitzwilliam foram bastante apreciados, e todas as senhoras e moças sentiram que ele acrescentaria muito charme às visitas a Rosings. Passaram-se alguns dias, no entanto, até receberem um novo convite, uma vez que, enquanto houvesse hóspedes na mansão, eles não seriam mais necessários, e foi apenas no domingo de Páscoa, quase uma semana depois da chegada do coronel, que eles foram honrados com tal deferência — ainda assim, foram convidados somente para, depois da igreja, passarem lá a tarde.

Claro que o convite foi aceito, e na hora apropriada eles se juntaram aos convidados de Lady Catherine na sala de estar. Sua Senhoria recebeu-os com cordialidade, mas ficou evidente que a companhia deles não era tão desejada quanto nas ocasiões em que ela não dispunha de ninguém mais.

O coronel Fitzwilliam pareceu sinceramente contente de revê-los. Em Rosings, tudo para ele era um alívio bem-vindo, e a bela

amiga da Sra. Collins havia conquistado sua simpatia. Assim, sentando-se junto dela, ele falou animadamente sobre os combates em Manchester, sobre a maravilha que representavam as novas armas mecânicas, sobre seus métodos favoritos de exterminar os infelizes infectados, fazendo, enfim, com que Elizabeth se divertisse tanto naquela sala quanto nunca antes. E eles conversavam com tanta alegria, com tanta espontaneidade, que chegaram a atrair a atenção da própria Lady Catherine, bem como do Sr. Darcy, cujos olhos vez por outra se desviavam para eles, com uma expressão de curiosidade, sentimento compartilhado por Sua Senhoria, o que, depois de alguns momentos, foi explicitado sem escrúpulos por ela própria, que disse em voz alta:

— Mas o que é isso que você está dizendo, Fitzwilliam? Do que estão falando? O que está contando à Srta. Bennet? Deixe-me escutar o que estão conversando.

— Trocamos impressões sobre as artes mortais, madame — disse ele, mas apenas quando não pôde mais evitar responder.

— Sobre as artes mortais! Então, peço-lhes que falem mais alto. De todos os assuntos, esse é o meu predileto. E creio que haja poucas

pessoas na Inglaterra que genuinamente usufruam mais prazer disso do que eu, muito menos que tenham nesse campo uma habilidade natural superior à minha. Se a saúde de Anne lhe permitisse dedicar-se às práticas de combate, tenho certeza de que minha filha se tornaria uma grande exterminadora de zumbis, assim como eu. Como está indo Georgiana em seu treinamento, Darcy?

O Sr. Darcy falou com afetuosos deleites sobre a eficácia de sua irmã com a espada, os punhos e a Brown Bess.

— Fico imensamente feliz por escutar tal relato sobre ela — disse Lady Catherine — e peço que lhe transmita, de minha parte, o conselho de que ela não pode almejar alcançar a excelência se não praticar com dedicação.

— Asseguro à senhora — respondeu ele — que ela não necessita de tal conselho, já que se exercita com toda a

constância.

— Tanto melhor. Nunca será em demasia. E quando tornar a escrever para ela, vou insistir para que não negligencie essa constância sob nenhuma alegação. Com frequência, digo às jovens que nenhuma excelência nas artes mortais pode ser obtida sem prática constante. Já falei à Srta. Bennet diversas vezes que jamais será metade do que eu sou a não ser que pratique mais; e apesar de o Sr. Collins não ter um *dojo*, ela será muito bem-vinda, como já lhe repeti em muitas ocasiões, se quiser vir a Rosings todos os dias treinar com meus ninjas, contanto que se comprometa a não matar mais nenhum. Como sabe, ela não estaria atrapalhando nada sem ninguém nesta casa.

O Sr. Darcy pareceu um pouco vexado com a falta de cortesia de sua tia e isentou-se de replicar.

Uma vez terminando o café, o coronel Fitzwilliam lembrou Elizabeth que ela havia prometido lhes proporcionar uma demonstração de sua famosa força nos dedos. Assim, primeiro ela se resguardou, atando o cordão de recato em volta dos tornozelos. Lady Catherine e os demais ficaram observando enquanto Elizabeth firmava as mãos no chão e a seguir erguia os pés para o alto — seu vestido não desceu, graças ao cordão. Mantendo-se em tal posição, ela tirou uma das palmas das mãos do chão, de modo que todo o seu peso ficou apoiado numa única mão. Nesse momento, o Sr. Darcy deslocou-se para uma posição na qual poderia ter uma visão completa da moça em sua demonstração de equilíbrio e força. Elizabeth percebeu o que ele fizera e na primeira pausa conveniente dirigiu-lhe um sorriso irônico, dizendo:

— Sr. Darcy! Pretende me assustar, aproximando-se tão ostensivamente? Há uma teimosia dentro de mim que jamais se amedronta por força da vontade alheia. Minha coragem sempre é despertada pelas tentativas de me intimidar.

Para enfatizar tais palavras, ela ergueu a outra palma da mão, de modo que apenas um dedo ficou apoiado no solo.

— Não tenho como dizer que está equivocada — replicou ele —, pois a senhorita não poderia acreditar realmente que nutro algum intuito de amedrontá-la; e tive o prazer de conhecê-la por tempo suficiente para saber que ocasionalmente expresso opiniões que não são de fato as suas para se divertir.

Elizabeth riu entusiasticamente com esse retrato que Darcy fez dela e disse ao coronel Fitzwilliam:

— Seu primo lhe dará uma bela noção de como eu sou e lhe ensinará a não acreditar em palavra alguma do que digo. Sou particularmente

desafortunada por ter estado com uma pessoa com tanta capacidade de expor a todos meu verdadeiro caráter justamente num pedaço do mundo onde eu ansiava por gozar de algum crédito. Ora, Sr. Darcy, é muito pouco generoso de sua parte mencionar tudo o que me desfavorece, dentre as coisas que descobriu em sua estada em Hertfordshire. Agindo assim, me instiga a retaliar, e podem surgir algumas coisas que deixarão seus parentes aturdidos.

— A senhorita não me assusta — disse ele, sorrindo.

— Peço-lhe, então, que me deixa escutar suas acusações contra ele

— disse, animado, o coronel Fitzwilliam. — Vou adorar saber como meu primo se comporta entre estranhos.

— O senhor escutará tudo, então, mas deve se preparar para algo de fato surpreendente.

Elizabeth impulsionou-se do chão com a ponta do dedo, aterrissou suavemente sobre os pés e desamarrou o cordão de recato.

— A primeira vez que vi o Sr. Darcy, em Hertfordshire, talvez o senhor já saiba, foi num baile. E, nesse baile, o que acha que ele fez? Dançou somente quatro vezes, embora houvesse poucos cavalheiros no salão, e posso dizer-lhe sem hesitação que mais de uma dama ficou sentada desejando um par. Sr. Darcy, vamos, não pode negar esse episódio.

— Na ocasião, não tinha a honra de conhecer nenhuma dama no salão, exceto as que estavam em meu grupo.

— Bem verdade! E ninguém pode ser apresentado a ninguém num salão de baile, é claro. Bem, coronel Fitzwilliam, que demonstração deseja a seguir? Meus dedos aguardam suas ordens.

— Talvez — insistiu Darcy — eu tivesse agido melhor se houvesse pedido para ser apresentado a alguém. Mas não sou a pessoa mais qualificada para recomendar a mim mesmo a desconhecidos.

— Deveria eu perguntar ao seu primo a razão disso? — provocou Elizabeth, ainda se dirigindo ao coronel Fitzwilliam. — Deveria então indagar por que um homem de sensibilidade, refinada educação e que foi criado para ser um matador da mais alta ordem está pouco qualificado para recomendar a si mesmo a estranhos?

— Posso responder a essa pergunta — disse Fitzwilliam — sem recorrer a ele. É porque ele não se dá ao trabalho.

— Certamente, não possuo os mesmos talentos de outros — defendeu-se Darcy —, como o dom da conversa fácil com quem não conhecia até então, ou de me fingir de interessado em suas preocupações, como frequentemente vejo outros fazendo.

— Meus dedos — disse Elizabeth — não possuem a força que têm os dedos de sua tia. Não têm a mesma firmeza nem a mesma velocidade; portanto, não produzem resultados tão letais quanto os dela. Mas sempre acreditei que isso se devesse a uma falha minha, já que não me dou o trabalho de treinar. E isso não significa que meus dedos não sejam capazes de alcançar tal nível.

Darcy sorriu ao dizer:

— Está inteiramente certa. Empregou seu tempo muito melhor.

Nesse momento, eles foram interrompidos por Lady Catherine, que os chamava para interpelá-los sobre o que estavam fazendo. Elizabeth prontamente amarrou seu cordão de

recato e começou a mover-se através da sala apoiada sobre a ponta dos dedos. Lady Catherine, depois de observar a cena por alguns minutos, disse a Darcy.

— A Srta. Bennet possuiria uma bela Garra de Leopardo se praticasse mais e contasse com a orientação de um mestre japonês. Ela tem uma boa noção de trabalho com os dedos.

— Ah, sim, sem dúvida ela tem — reforçou tão enfaticamente o Sr.

Darcy que Elizabeth ficou com as faces vivamente vermelhas.

Elizabeth acompanhou o Sr. Darcy com o olhar para descobrir com quanta cordialidade ele dava atenção à Srta. de Bourgh, mas nem naquele momento nem em qualquer outro ela percebeu sintoma algum de amor, e do comportamento dele em relação à filha de Lady Catherine. Elizabeth concluiu algo favorável à Srta. Bingley, qual seja, que Darcy até poderia se casar com ela, se fosse sua parenta.

Lady Catherine prosseguia em seus comentários sobre a demonstração de Elizabeth, misturando a isso muitas instruções para a execução do ato. A jovem as recebia com paciência e cordialidade — e, a pedido dos cavalheiros permaneceu apoiada na ponta dos dedos até que a carruagem de Sua Senhoria estivesse pronta para levá-los para casa.

CAPÍTULO 32

NA MANHÃ SEGUINTE, Elizabeth estava sentada sozinha na sala de estar, meditando, enquanto o Sr. Collins e Maria estava na vila, a trabalho, de modo que se surpreendeu quando a campainha da porta tocou. Como ela não havia escutado nenhuma carruagem se aproximando calculou que não seria improvável que fosse Lady Catherine e, sob tal apreensão, seu

bom ânimo extinguiu-se. Quando abriu a porta para sua absoluta surpresa, o Sr. Darcy entrou na casa.

Ele também pareceu espantado por encontrá-la sozinha e se desculpou por sua intromissão, deixando-a saber que havia acreditado que as outras mulheres estariam em casa.

A seguir, ambos se sentaram, e quando as cordiais perguntas dela sobre Rosings foram feitas começou a parecer que corriam o risco de caírem em total silêncio. Entretanto, era absolutamente necessário pensar em alguma coisa, e por conta da emergência, lembrando-se da última vez que se encontrara com ele em Hertfordshire e sentindo-se, além disso, curiosa sobre o que ele diria a respeito de sua partida repentina, ela começou:

— Como foi inesperado a partida de todos vocês de Netherfield em novembro passado, Sr. Darcy. Deve ter sido uma grande e agradável surpresa para o Sr. Bingley ver todos diante de si tão pouco tempo após a própria chegada dele, pois, se bem me lembro, ele havia partido ainda no dia anterior. Ele e as irmãs estavam bem, espero, quando vocês deixaram Londres, estou certa?

— Perfeitamente bem, obrigado.

Ela percebeu que não receberia nenhuma complementação para aquela resposta e, depois de uma curta pausa, acrescentou:

— E entendo que o Sr. Bingley não tem muita intenção de retornar a Netherfield algum dia, concorda?

— Não cheguei a escutá-lo dizer tal coisa, mas é provável que ele passe muito pouco tempo por lá no futuro. Tem bastante medo de zumbis, e o número das criaturas, naquela parte do país, está crescendo continuamente.

— Se ele pretende não utilizar Netherfield, a não ser minimamente, seria melhor para quem vive na região que ele devolvesse a propriedade de uma vez, porque, então, seria possível que uma família se instalasse lá. E talvez fossem pessoas com um interesse profundo pelas artes mortais. Mas talvez o Sr. Bingley não tenha alugado o lugar tanto por se

interessar pelas pessoas da região e mais por conveniência própria; sendo assim, devemos esperar que ele se resolva a deixá-lo ou a mantê-lo segundo os mesmos critérios.

— Não me surpreenderia — disse Darcy — se ele passasse a propriedade adiante, tão logo recebesse uma boa oferta.

Elizabeth não quis responder. Estava com medo de falar demais sobre o amigo dele e, não tendo mais o que dizer, agora estava determinada a deixar a cargo dele o problema de providenciar assunto para a conversa.

Ele entendeu a manobra e começou, dizendo:

— Esta casa é muito aconchegante. Lady Catherine, acredito eu, fez diversas benfeitorias nela já quando o Sr. Collins chegou a Hunsford.

— Assim creio, também. E estou certa de que ela não poderia ter endereçado sua generosidade a uma pessoa mais agradecida.

— E o Sr. Collins me parece ter sido... muito afortunado na escolha da esposa.

Elizabeth detectou alguma hesitação na complementação da frase.

Estaria ele ciente de que Charlotte fora infectada?

— Sim, é fato! Seus amigos podem se gabar de ele ter encontrado uma das pouquíssimas mulheres sensatas que o teriam aceitado e que seriam capazes de fazê-lo feliz, uma vez tendo-o aceitado. Minha amiga é dona de uma notável lucidez... embora não posso considerar que ela se casado com o Sr. Collins tenha sido a mais sábia de suas decisões. Mas

Charlotte parece plenamente feliz, e, à luz da prudência, não há dúvida de que ele é um bom marido para ela.

— Deve ser muito conveniente para ela estar instalada a uma distância tão pequena de sua família e de seus amigos.

— Chama isso de distância pequena? São quase oitenta quilômetros.

— Mas o que são oitenta quilômetros em uma estrada livre de zumbis? Pouco mais da metade de um dia de jornada. Sim, chamo isso de uma distância curta.

— Eu jamais consideraria a distância como uma das *vantagens* de um casamento — protestou Elizabeth. — E jamais dizia que a Sra. Collins está *perto* de sua família.

— O que é mais uma prova de sua ligação com Hertfordshire.

Suponho que qualquer coisa além de Longbourn lhe pareceria distante.

Ao falar, ele deixou escapar um vestígio de sorriso que Elizabeth imaginou haver decifrado; ele devia estar supondo que ela estava pensando em Jane e Netherfield, e ela enrubesceu ao responder:

— Meu caro senhor, esquece que fiz duas vezes a viagem até os remotos confins do Oriente. Uma viagem, como sabe, assustadoramente longa e plena de riscos. Asseguro-lhe, portanto, que minha noção de mundo é um pouco maior do que Longbourn. Entretanto, o Sr. e a Sra. Collins jamais tiveram a necessidade de ingressar em tais aventuras, razão pela qual suspeito que suas ideias de distância são muito semelhantes às das pessoas comuns. Por exemplo, estou convencida de que minha amiga não se consideraria próxima à família a não ser que residisse a uma distância que fosse a metade dessa.

O Sr. Darcy aproximou sua cadeira uma pouco mais da dela. Elizabeth pareceu surpresa. O cavalheiro, então, sofreu alguma mudança em seus sentimentos e fez recuar a cadeira, pegou um jornal da mesa e, olhando-o por alto, comentou em voz fria?

— Ficou satisfeita com as notícias vindas de Sheffield?

Seguiu-se um breve diálogo sobre a recente vitória do exército, ambos falando de modo sereno e conciso — conversa que logo chegou ao fim devido à entrada de Charlotte e sua irmã, que acabavam de voltar de sua caminhada. O *tête-à-tête* as surpreendeu. O Sr. Darcy relatou o equívoco que ocasionara sua intrusão e depois de permanecer ali, imóvel e em silêncio na cadeira por mais alguns minutos, foi embora.

— Mashhh u q zignificca tudo issso? — uivou Charlotte, tão logo que ele partiu. — Minha queri...da Elishhha, ele deve ishtar... apaissho...nado por vochê, ou já... maishhh teria nusssh feito... uma vishhh...sita tão shhem...cerimônia!

Mas quando Elizabeth lhe contou sobre o silêncio do visitante, a especulação pareceu sem fundamento até para a própria Charlotte, que tanto ansiava por algo assim para a amiga. Depois de muitas outras conjeturas, elas só puderam concluir que a visita fora causada pela dificuldade de encontrar algo o que fazer, o que era mais provável, considerando-se a época do ano. O solo estava congelado e, portanto, bastante endurecido, o que significa que nem novos não mencionáveis nem esportes a céu aberto poderiam distraí-lo enquanto não chegasse a primavera. Já no interior da mansão, havia Lady Catherine, livros e uma mesa de bilhar, mas os cavalheiros não conseguem ficar dentro de casa o tempo todo, e a proximidade da casa paroquial, ou o prazer do passeio, ou a boa companhia do Sr. Collins e seus hóspedes, tornavam a caminhada para os dois primos algo bastante tentador. O fato é que eles apareciam quase todos os dias, em variadas horas da manhã, às vezes separados, às vezes juntos e, ocasionalmente, acompanhados da tia. Era evidente para todos que o coronel Fitzwilliam os visitava porque estar com eles lhe dava prazer, algo que fazia crescer ainda mais a estima que tinham por ele.

Mas por que o Sr. Darcy visitava a casa paroquial com tanta frequência, bem, isso já era mais difícil de compreender. Não podia ser pela companhia que lá encontrava, uma vez que na maior parte de suas visitas ele permanecia sentado e imóvel por cerca de dez minutos entre eles, sem abrir a boca; e quando efetivamente falava alguma coisa, era em consequência de uma necessidade e não por livre e espontânea vontade. Raramente aparentava alguma alteração de ânimo, nem mesmo quando via a Sra. Collins morder a própria mão. O que restava de Charlotte naquela criatura gostaria de acreditar que essa mudança de comportamento se devia ao amor, e que o objeto desse amor era sua amiga Eliza. Ela o observava sempre que eles iam a

Rosings e sempre que ele vinha a Hunsford, mas sem muito sucesso, como a sensação de abocanhar o quente e suculento cérebro de alguém. O Sr. Darcy, naturalmente, olhava com frequência para Elizabeth, mas o motivo desse ato era uma dúvida. Tratava-se de um olhar sincero, firme, mas Charlotte sempre pergunta a si mesma se estaria imbuído de admiração por sua amiga, além de algumas vezes parecer mais um momento em que Darcy tinha a mente inteiramente vazia. E ao ficar elucubrando sobre o que poderia ir na mente do Sr. Darcy, de novo seus pensamentos se voltariam para a vontade de mastigar o cérebro dele, um cérebro salgado, com a forma de uma couve-flor.

Uma ou duas vezes ela chegou a sugerir a Elizabeth a possibilidade de ele estar interessado nela, mas a moça sempre ria disso, e a Sra. Collins não achava correto insistir no assunto, devido ao perigo de despertar expectativas que poderiam levar somente ao desapontamento.

No seu terno cuidado para com Elizabeth, por vezes Charlotte se via planejando o casamento da amiga com o coronel Fitzwilliam. Não havia termo de comparação entre ele e Darcy. Fitzwilliam era um homem muito mais afável e não deixava dúvidas sobre a admiração que sentia por Elizabeth. Além disso, sua situação na vida era bastante aceitável; mas, em contrapartida, o Sr. Darcy tinha uma cabeça muito maior e, portanto, um cérebro muito mais farto, com o qual ela poderia se banquetear.

CAPÍTULO 33

MAIS DE UMA VEZ, em seus longos passeios pelo parque, Elizabeth encontrou inesperadamente com o Sr. Darcy. Ela

percebeu bem toda a malícia desse acaso que o levara onde ninguém mais ia e, para impedir que isso acontecesse de novo, teve o cuidado de informá-lo, logo da primeira vez, que aquele era seu trajeto favorito. Assim, que acontecesse um segundo encontro era bastante estranho! Mas o fato é que aconteceu, e até mesmo um terceiro. Em nenhuma das oportunidades ele falou muito, e ela também não se deu o trabalho nem de falar nem de escutar muito; mas ficou espantada que ele, no terceiro encontro, começasse a fazer perguntas estranhas e desconexas — como, por exemplo, se ela apreciava Hunsford, que ossos havia quebrado e sobre sua opinião quanto à exequibilidade do casamento entre guerreiros, como ambos eram.

Certo dia, ela estava absorta na leitura da mais recente carta de Jane - e particularmente preocupada com alguns trechos que demonstravam que Jane não estava no melhor dos ânimos quando a escrevera — quando, em vez de ser surpreendida pelo Sr. Darcy, outra vez, erguendo os olhos ela viu o coronel Fitzwilliam vindo ao seu encontro. Guardando a carta imediatamente e forçando um sorriso, ela disse:

— Não sabia que o senhor também costuma passear por estes lados.

— Estava percorrendo todo o parque — replicou ele —, como em geral faço todo ano, e pretendia encerrar o passeio com uma visita à casa paroquial. Ainda vai prosseguir muito mais adiante?

— Não, pretendia retornar daqui a pouco.

E, com efeito, ela se virou para voltarem juntos para a casa paroquial.

— O senhor, com certeza, vai deixar Kent no domingo? — perguntou ela.

— Sim... se Darcy não vier com outro adiamento. Estou aqui à

disposição dele. Ele que decida como preferir.

— E se não for capaz de fazer o arranjo que mais lhe agrada, terá pelo menos o prazer de ter decidido sozinho. Não conheço ninguém que se delicie mais com o poder de fazer o que bem entende do que o Sr. Darcy.

— É fato; ele gosta que tudo esteja sempre como ele quer — replicou o coronel Fitzwilliam. — Mas isso é o que todos desejamos. Acontece apenas que ele tem mais recursos para obter isso do que muitas outras pessoas, já que é rico, bem-apegoado e altamente qualificado nas artes mortais. Falo por experiência própria. Já um filho mais novo deve estar sempre preparado para o desprendimento e a submissão.

— Na minha opinião, o filho mais novo de um nobre conhece muito pouco de ambos. Ora, seriamente falando, o que o senhor já vivenciou de desprendimento e submissão? Quando foi privado, por falta de dinheiro, de ir a qualquer lugar que desejasse ou de obter qualquer coisa que quisesse de fato?

— Estas são questões de ordem doméstica... questões familiares... e talvez eu não possa dizer que tenha vivenciado muitas dificuldades dessa natureza. Mas em matérias de maior importância, ocasionalmente, sofro de falta de dinheiro. Os filhos mais novos são obrigados a servir no exército do rei, como a senhorita sabe.

— Sim, eu sei, de fato, embora imagine que o senhor, como filho de um nobre, pouco tenha estado na frente de batalha.

— Muito pelo contrário, senhorita Bennet.

O coronel arregaçou uma das pernas das calças e apresentou a Elizabeth a mais deformada das visões, uma vez que nada havia além de chumbo e madeira de nogueira, entre seu joelho e o chão. Bem que Elizabeth percebera um certo manquejar quando o conhecera, mas presumira que fosse o resultado de algum ferimento leve ou um defeito de nascença. Para interromper um silêncio que poderia levá-lo a entender que ela

ficara por demais impressionada com o que vira, a jovem apressou-se a dizer:

— Imagino que seu primo o tenha trazido com ele principalmente para dispor de companhia. Eu me pergunto por que ele não se casa, o que garantiria uma pessoa sempre ao seu lado. Mas, talvez, a irmã dele cumpra muito bem esse papel no momento, pois como ela está sob sua exclusiva guarda, ele pode determinar o que a moça deve fazer. Falo isso

no sentido mais respeitável, é claro, e não como uma sugestão de que haja qualquer aspecto impróprio na relação entre eles.

— Se houvesse — replicou o coronel Fitzwilliam —, seria uma impropriedade cuja culpa igualmente me caberia, já que duvido com ele a tutela da Srta. Darcy.

— Ah, realmente? Então, diga-me, por favor, que espécie de tutores são os senhores? Essa sua responsabilidade lhes exige muito?

Enquanto falava, ela percebeu que ele a olhava com certa gravidade, e o modo como ele prontamente lhe perguntou por que ela supunha que a Srta. Darcy lhes dava excessivo trabalho convenceu-a de que, por acaso, chegara muito perto da verdade. Elizabeth replicou sem rodeios:

— Não precisa ficar assustado. Jamais escutei nada de mal sobre ela. E ousou dizer que se trata de uma das pessoas mais afáveis deste mundo. É muito estimada por algumas moças que conheço, a Sra. Hurst e a Srta. Bingley. Penso que ouvi o senhor mencionando que também as conhece.

— Um pouco. O irmão delas é um homem de trato agradável e um grande amigo de Darcy.

— Ah, sim! — exclamou Elizabeth secamente. — O Sr. Darcy é exacerbadamente gentil com o Sr. Bingley... e chega mesmo a zelar prodigiosamente por ele.

— Zelar por ele! Sim, de fato acredito que Darcy *zele* por ele, especialmente nos aspectos em que ele mais precisa desse cuidado. A partir de algo que Darcy me contou durante nossa jornada, tenho razões para crer que Bingley tem uma grande

dívida para com ele. Mas terei que lhe pedir que me desculpe, pois não tenho o direito de supor que era Bingley a pessoa a quem ele se referia. Trata-se de mera conjectura.

— Mas qual foi o caso?

— Algo que Darcy talvez não gostasse que outros soubessem, uma vez que se chegasse ao conhecimento da família da senhorita em questão seria bem desagradável.

— Meu caro senhor, sou guardiã de antigos segredos do Oriente que devo levar comigo para o túmulo. Sem dúvida, pode me confiar uma das travessuras do Sr. Darcy.

— Mas lembre que não tenho razões concretas para supor que a pessoa em questão seja Bingley. O que ele me contou foi meramente que se orgulhava de pouco tempo atrás ter salvado um amigo das inconveniências de um casamento bastante imprudente, mas isso sem mencionar nomes nem particularidade alguma, e os únicos motivos que tenho para pensar que se trata de Bingley é acreditar que ele seja o tipo de jovem suscetível a ser enredado em armadilhas dessa sorte e o fato de saber que eles estiveram juntos durante todo o verão passado.

— Teria o Sr. Darcy dado suas razões para tal interferência?

— Entendi que havia objeções muito fortes em relação à moça.

— E que artifícios ele utilizou para separá-los?

— Darcy não me revelou como fez o truque — disse Fitzwilliam, sorrindo. — Disse-me apenas o que acabei de lhe contar.

Elizabeth não fez mais nenhum comentário e continuou a andar, a sede de vingança crescendo mais poderosamente a cada passo. Depois e observá-la em silêncio por algum tempo, Fitzwilliam perguntou por que estava tão pensativa.

— Reflito sobre o que acaba de me contar — respondeu Elizabeth. — A conduta de seu primo não condiz com o modo como vejo a questão. Por que ele poderia ser o juiz desse caso?

— Está predisposta a considerar que foi uma intromissão indevida da parte dele?

— Não vejo que direito o Sr. Darcy tinha de decidir sobre a propriedade de uma preferência dessa natureza de seu amigo, nem por que, confiando apenas em seu discernimento, deveria determinar de que maneira seu amigo seria mais feliz e direcioná-lo nesse sentido. Entretanto prosseguiu ela, recompondo-se —, já que não sabemos das particularidades, não seria justa condená-lo. Não se deve supor que havia muita afeição envolvida no episódio.

— Não é uma suposição sem fundamentos — disse Fitzwilliam —, mas rebaixa lamentavelmente o mérito do triunfo de meu amigo.

Tais palavras foram pronunciadas jocosamente, mas pareceu-lhe um retrato tão fiel do Sr. Darcy, que ela conteve a resposta que queria dar. No entanto, mudando abruptamente o tema da conversa, eles falaram sobre assuntos variados, até alcançarem a casa paroquial. Lá, fechada a sós em seu quarto, assim que o visitante partiu, ela conseguiu pensar sem ser interrompida sobre tudo o que havia escutado. Não se poderia supor que os personagens fossem outros senão aqueles a quem estava ela ligada. Seria impossível existir no mundo dois homens sobre quem o Sr. Darcy exercesse uma influência tamanha e tão profunda. Portanto, o caso tinha de ser as diligências dele para separar Bingley e Jane, do que ela não tinha dúvidas; mas Elizabeth sempre atribuíra à Srta. Bingley tanto o plano quanto sua execução. Se o Sr. Darcy não houvesse, entretanto, sido mal orientado por sua própria vaidade, seu orgulho e seus caprichos eram a causa de tudo o que Jane sofrera e continuava a sofrer. Pelo menos até o momento ele havia arruinado toda a esperança de felicidade do coração mais afetuoso, mais generoso deste mundo, razão pela qual Elizabeth decidiu que agarraria o coração do Sr. Darcy, ainda pulsante, entre os dedos, antes de encerrar sua temporada em Kent.

"Havia objeções muito fortes em relação à moça", foram as palavras do coronel Fitzwilliam. E essas fortes objeções,

provavelmente, incluíam o fato de ela ter um tio que exercia a advocacia no interior e outro que era um comerciante em Londres, que, se quisesse, poderia esmagar o crânio de Bingley no curso de uma discussão — uma vez que ele não possuía habilidade de combate que pudesse rivalizar com a de Jane.

— Em relação à própria Jane — exclamou ela —, não poderia haver objeções, já que ela é toda doçura e bondade! — Jane tinha um discernimento excelente, era ímpar no manejo das armas de fogo e seus modos eram absolutamente cativantes. Da mesma forma, nada poderia ser levantado contra o pai, que, embora com algumas excentricidades, tinha habilidades de combate que o Sr. Darcy não poderia desdenhar, além de possuir uma respeitabilidade que ele provavelmente jamais obteria.

Contudo, quando seus pensamentos se voltaram para a mãe, sua autoconfiança enfraqueceu-se um pouco; mas ela não permitiria que nenhuma dessas objeções tivesse peso decisivo diante do Sr. Darcy, cuja soberba, Elizabeth estava convencida, sofreria um abalo mais sério devido à falta de relevância social das pessoas que passariam a estar ligadas ao amigo do que pela falta de sensatez dessas mesmas pessoas. Além disso, para ela, finalmente, não havia dúvida alguma de que, em parte, ele havia sido motivado pelo pior gênero de orgulho e, em parte, por querer reservar o Sr. Bingley para sua irmã.

Toda a agitação dessa revelação lhe trouxe uma terrível dor de cabeça, que se intensificou tanto durante a tarde que, crescendo-se à sua decisão de não matar Lady Catherine (a não ser que ela interferisse) e Sr. Darcy, a obrigou a desistir de acompanhar seus primos a Rosings, onde eram esperados para o chá.

CAPÍTULO 34

QUANDO TODOS OS demais já haviam ido para Rosings, Elizabeth, como se pretendesse aumentar tanto quanto possível seu ódio pelo Sr. Darcy, decidiu empregar seu tempo livre relendo as cartas que recebera de Jane desde que chegara a Kent. As cartas não continham nenhuma queixa real, assim como não incluíam qualquer referência a ocorrência do passado nem sofrimentos do presente. Entretanto, em todas as cartas — em quase todas as linhas —, notava-se a falta de alegria que sempre marcara seu estilo. Elizabeth reparou que cada frase trazia em si um retraimento que ela mal percebera na primeira leitura. A lamentável jactância do Sr. Darcy sobre a infelicidade que conseguira causar agora lhe proporcionava uma percepção mais apurada sobre os padecimentos de sua irmã. Era de algum consolo pensar que ele logo tombaria pela ponta de sua espada — e que em menos de quinze dias ela estaria de novo com Jane, podendo, então, ajudá-la a recuperar o ânimo, a começar por lhe apresentar o coração e a cabeça do Sr. Darcy.

Elizabeth não conseguia pensar em Darcy, sem se lembrar do primo dele; por mais agradável que fosse sua companhia, o coronel Fitzwilliam também era o homem que poderia identificar Elizabeth como responsável pela morte de Darcy. Ele também deveria ser eliminado.

Enquanto deliberava sobre esses detalhes, ela foi subitamente surpreendida pelo toque da sineta da porta, e seu ânimo melhorou um pouco com a ideia de que seria o próprio coronel Fitzwilliam. Mas logo essa possibilidade foi afastada, e seu estado de espírito foi afetado de outra maneira, quando, para seu total espanto, viu o Sr. Darcy entrar na sala. Muito ansioso, ele logo começou a lhe fazer perguntas sobre suas condições de saúde, atribuindo a visita ao seu desejo de saber se ela melhorara. Elizabeth respondeu-lhe com fria cordialidade, mal acreditando na sorte de tê-lo à mercê tão prontamente e mal se contendo para esperar a primeira oportunidade de pedir licença

para se ausentar da sala e ir pegar sua Katana. Ele se sentou por um instante, mas logo se levantou e caminhou um pouco pelo aposento. Depois de um breve silêncio, aproximou-se dela, muito agitado, e começou a falar:

— Em vão eu lutei contra mim mesmo. Não posso mais me reprimir. Meus sentimentos não admitem ser ignorados. A senhorita me permita declarar que a admiro e a amo ardentemente.

O assombro de Elizabeth superou qualquer possibilidade de palavra. Ela o encarou, enrubesceu, duvidou do que escutava e, ainda assim, permaneceu em silêncio. E isso foi o que bastou para ele considerar um encorajamento, uma aceitação de tudo o que sentia por ela já havia bastante tempo. Então, ele prontamente deu prosseguimento ao que dizia. Darcy falava bem, mas havia nele sentimentos além dos que cabiam ao coração e que deviam ser explicitados, e ele não era mais eloquente nos temas referentes ao afeto do que nos que diziam respeito ao orgulho. A consciência que tinha a respeito da inferioridade social dela — do que isso significava para ele uma degradação — e quanto aos obstáculos familiares que sempre haviam oposto aos impulsos românticos, tudo isso foi declarado com um ardor que refletia muito bem o conflito que ele enfrentava, embora favorecesse muito pouco sua intenção em relação a ela.

A despeito de sua intensa vontade de fazer-lhe o sangue correr, Elizabeth não poderia deixar de ser tocada pela homenagem que o afeto daquele homem lhe prestava e, apesar de sua decisão de matá-lo não declinar nem por um instante, ficou de algum modo pesarosa pela dor que ele sentiria em breve; até que, levada ao ressentimento provocado pelas declarações dele que se seguiram, toda a sua compaixão cedeu-se à cólera. No entanto, ela tentou manter a compostura diante dele e lhe responder com paciência, até mesmo para dissimular suas verdadeiras intenções. Ele concluiu expondo-lhe a força desse afeto, o qual, a despeito de seus esforços para suprimi-lo acabara por subjugá-lo, e ao mesmo tempo expressando a

esperança de que tal desprendimento fosse recompensado pela aceitação da mão dele. Enquanto dizia isso, ela notou que Darcy estava convencido de que receberia uma resposta favorável. Ele *falava* de apreensão e insegurança, mas toda a sua postura exprimia de fato confiança. Tal pretensão somente a exasperou ainda mais e quando ele parou de falar, as faces dela enrubesceram, e ela disse:

— Em situações como esta, creio, está estabelecido que se deva prestar respeito e gratidão pelos sentimentos manifestados, mesmo quando não se pode retribuí-los. E é claro que, se essas obrigações fossem cumpridas com sinceridade, ressaltando que não posso garantir gratidão alguma pelo que me disse, eu agora lhe estaria agradecendo. Mas isso também não posso fazer. Nunca dei valor à sua opinião sobre mim, e se ela me favorece, pelo que me disse, é contra a sua vontade. Lamento ter lhe causado tanto sofrimento, mas lamento somente porque isso foi involuntário de minha parte. Antes que atravessasse aquela porta, eu havia resolvido que o mataria. Minha honra... digo, a honra de minha família, não poderia ser satisfeita com menos do que isso.

Elizabeth, tendo declarado isso, ergueu as saias acima dos tornozelos e colocou-se na posição do grou, que considerou adequada para aquele ambiente tomado de móveis. O Sr. Darcy, recostado na lareira, os olhos fixos no rosto dela, pareceu escutar-lhe as palavras com um misto de raiva e surpresa. A raiva fez suas feições empalidecerem, todo o seu ser transparecendo o transtorno que o abatia. Finalmente, com uma voz de forçada serenidade, disse:

— E esta é a resposta pela qual devo me sentir honrado em receber! Posso querer, talvez, ser informado por que, com tão escasso esforço de cordialidade, sou rejeitado e desafiado?

— Da mesma maneira poderia eu inquirir — replicou ela — por que, com tão evidente desejo de me ofender e me insultar, me diz o senhor que gosta de mim contra sua vontade, opondo-se inclusive à razão e até mesmo ao seu caráter? O senhor realmente acredita que qualquer consideração sobre sua

proposta me tentaria a aceitá-la, principalmente vindo da parte de um homem que arruinou, quem sabe para sempre, a felicidade de minha irmã mais querida?

Quando proferiu tais palavras, o Sr. Darcy mudou de cor; mas a emoção durou pouco, pois Elizabeth logo o atacava com uma série de chutes, forçando-o a responder com a *defesa da lavadeira bêbada*. Ela continuava a acusá-lo, mesmo durante a refrega:

— Tenho todas as razões no mundo para pensar o pior a seu respeito. Não há justificativa para o papel que o senhor desempenhou, tão injusto e privado de generosidade. E o senhor não ouse, nem pode, negar

que tenha sido o principal — se não o único — agente do afastamento daqueles dois.

Um de seus chutes atingiu-o em cheio, e Darcy foi arremessado contra o console de pedra da lareira, com tanta violência, que partiu um dos cantos. Limpando o sangue da boca, ele a olhou com um sorriso de incredulidade.

— Vai negar que fez tudo isso? — repetiu ela.

Impondo-se total tranquilidade, ele então respondeu:

— Não tenciono negar que fiz tudo o que estava ao meu alcance para afastar meu amigo da sua irmã e que me comprazo pelo meu êxito. Para com ele, fui mais cuidadoso do que em relação a mim mesmo.

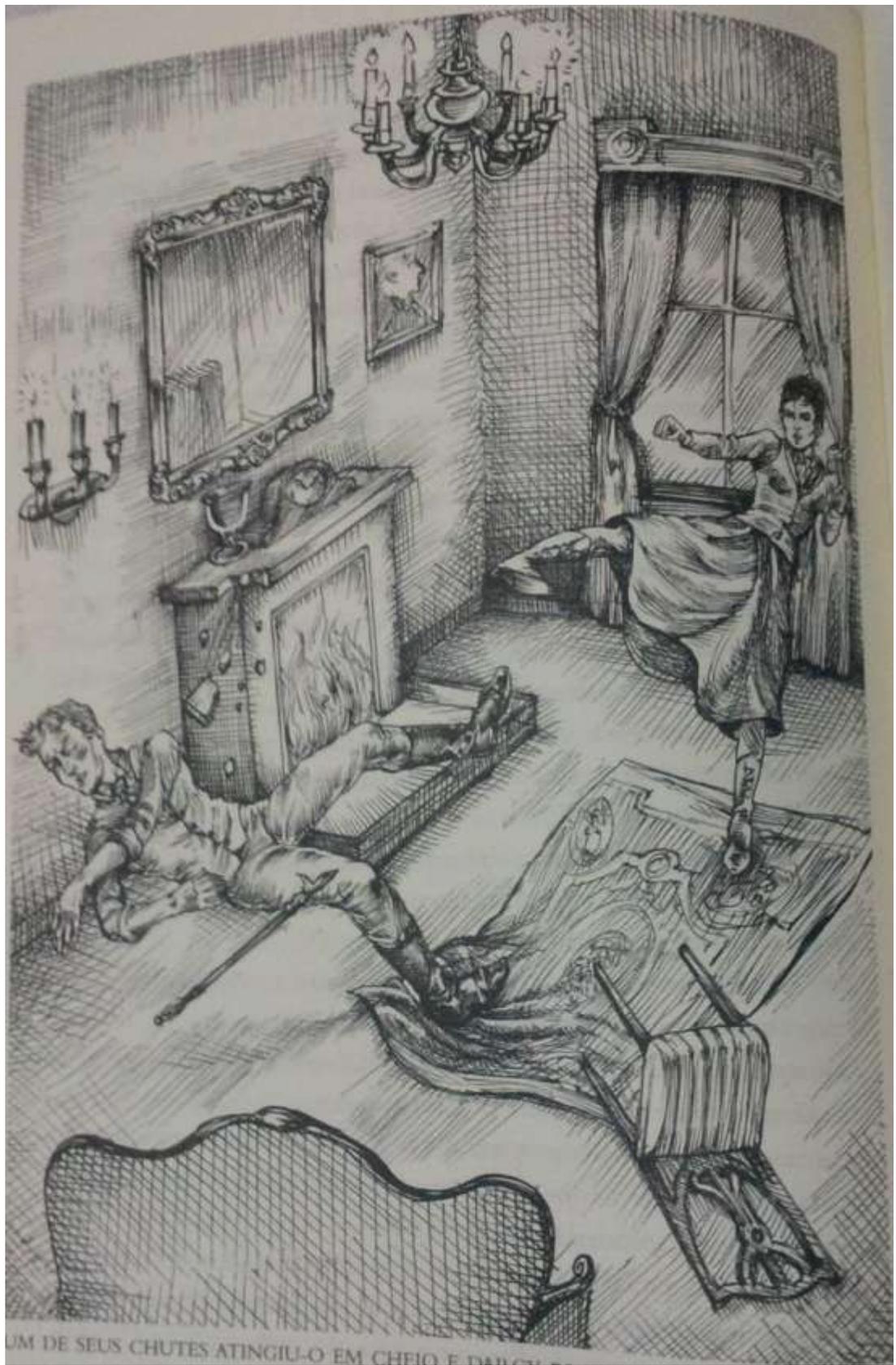
Elizabeth evitou demonstrar que percebeu o significado da sutileza proferida com tanta cordialidade e agarrou o atizador de brasas, que apontou para o rosto de Darcy.

— Mas não é somente nesse caso — prosseguiu — que o meu desdém pelo senhor se fundamenta. Muito antes de isso acontecer minha opinião sobre o senhor estava consolidada. Seu caráter me foi revelado num relato que me foi transmitido muitos meses atrás pelo Sr. Wickham. O que o senhor tem a dizer a esse respeito? Em que imaginário ato de amizade poderia o senhor basear sua defesa pelo que fez contra ele?

— Vejo que a senhorita já assumiu enfaticamente as acusações daquele cavalheiro — disse Darcy, numa voz menos

tranquila e com a cor do rosto novamente alterada.

— Quem está a par dos acontecimentos pelos quais ele passou poderia deixar de se colocar do lado dele?



UM DE SEUS CHUTES ATINGIU-O EM CHEIO E DAÍ CAIU

UM DE SEUS CHUTES ATINGIU-O EM CHEIO E DARCY FOI ARREMESSADO CONTRA O CONSOLE DE PEDRA DA LAREIRA, COM TANTA VIOLÊNCIA QUE PARTIU UM DOS CANTOS.

— Seus padecimentos — repetiu Darcy, colérico. — Ah, sim, ele passou por enormes padecimentos, de fato.

Ao dizer isso, ele varreu os pés dela do chão com uma rasteira, enquanto, num salto, colocava-se de pé. Elizabeth foi bastante rápida que evitar que ele ficasse em vantagem e logo estava de novo ereta, brandindo o atizador contra ele com renovado vigor.

— E foi o senhor que os infligiu — bradou ela, energicamente. — Foi o senhor que o reduziu ao seu estado atual de pobreza... de relativa pobreza. O senhor privou-o das benesses que haviam sido destinadas a ele. O senhor os privou, nos melhores anos, da vida dele, da independência à qual não só tinha direito como também merecia. É culpado disso tudo. E ainda consegue mencionar o infortúnio dele com desprezo e deboche.

— E essa — gritou Darcy, enquanto conseguia tomar o atizador das mãos dela — é sua opinião a meu respeito! É esse o apreço que tem por mim! Agradeço-lhe por explicar tudo sem nada omitir. De acordo com essa avaliação, meus atos são de fato condenáveis. Mas quem sabe — acrescentou ele, ao mesmo tempo que pressionava o indicador contra o pescoço dela — se teriam sido revelados caso sua vaidade não tivesse sido ferida pela minha sincera confissão dos escrúpulos que por tanto tempo me impediram de acalentar quaisquer planos com seriedade a seu respeito? Acusações tão amargas talvez pudessem ter sido suprimidas se eu, com maior habilidade, houvesse ocultado meus conflitos e dilemas e a cortejasse com a crença de que minha atração pela senhorita era tal que merecia desconsiderar a razão, a reflexão, tudo, enfim. No entanto, abomino qualquer sorte de dissimulação. Nem estou envergonhado dos sentimentos que expressei. São todos naturais e justos. Poderia a senhorita esperar que eu louvasse a inferioridade do seu treinamento? E que festejasse o fato de criar laços com uma família cuja condição social está, decididamente, abaixo da minha?

Elizabeth sentiu que sua cólera crescia a cada instante; ainda assim, como Darcy a acuou contra uma parede, esforçou-se ao extremo para manter a compostura, enquanto dizia:

— O senhor está enganado, Sr. Darcy, se supõe que suas declarações me afetaram de outra maneira senão para afastar a mínima compaixão que eu ainda teria ao decepar sua cabeça, o que poderia acontecer se o senhor tivesse se pronunciado com a gentileza de um cavalheiro.

Ela percebeu alguma comoção da parte dele ao escutar tais palavras e prosseguiu:

— Não haveria maneira de o senhor pedir minha mão que me induzisse a concedê-la.

Novamente, o espanto dele foi evidente, e ele a fitou com uma expressão de misturava incredulidade e mortificação. Ela foi em frente.

— Desde o começo... desde o primeiro momento, posso até mesmo dizer... desde que o conheci, seus modos só me marcaram pela evidência de sua arrogância, de seu desprezo e desdém egoísta em relação a todos os demais, e foi sobre essa base de repulsa que os episódios que se seguiram construíram um definitivo despreço. Menos de um mês depois de conhecê-lo eu já sentia que o senhor seria o último homem no mundo com quem eu poderia me casar.

— Já disse mais do que o bastante, senhorita. Compreendi perfeitamente seus sentimentos e agora só me resta arrepende-me dos que alimentei pela senhorita. Perdoe-me por ter desperdiçado tanto do seu tempo e aceite meus sinceros votos de boa saúde e felicidade.

Com estas palavras, ele saiu da sala mais que depressa, lançando, de passagem, o atizados ao fogo na lareira. No instante seguinte, Elizabeth o ouviu abrindo a porta da frente e deixando a casa.

O tumulto em sua mente era agora doloroso, imenso. Não conseguindo mais se conter — e dominada por aquele âmago da fragilidade feminina que ela tanto lutara para excluir de sua natureza —, arriou numa cadeira e chorou por meia hora. Seu

espanto, enquanto refletia sobre o que se passara, era incrementado pela simples lembrança do que acontecera. Recebera nada menos do que uma proposta de casamento do Sr. Darcy! E fracassara na tentativa de matá-lo, quando era o que sua honra exigia. Agora, sabia que ele a amava havia muitos meses! E tamanho era esse amor que ele quisera se casar com ela, a despeito de todas as objeções que o levaram a impedir que seu amigo se casasse com a irmã dela, objeções que, na melhor das hipóteses, deveriam ter peso igual no que se referia a ele próprio — era quase inacreditável, portanto! Sentia-se envaidecida por ter despertado uma afeição tão forte. Mas o orgulho dele, seu abominável orgulho — e sua lamentável exaltação do que fizera em relação a Jane —, sua imperdoável autoconfiança ao reconhecê-lo, embora não pudesse justificar seus atos, e a maneira insensível, sem arrependimentos, como se referira ao Sr. Wickham, sua crueldade, que ele nem sequer tentara negar, tudo isso, enfim, superou a compaixão que por momentos lhe provocara pensar nos sentimentos dele. Ela prosseguiu em conflituosas reflexões até que o barulho da carruagem de Lady Catherine a fez sentir quão precárias eram suas condições para ser submetida ao olhar sagaz de Charlotte, de modo que se apressou a se recolher ao seu quarto.

CAPÍTULO 35

ELIZABETH DESPERTOU na manhã seguinte tomada pelos mesmos pensamentos e reflexões que a haviam acompanhado até fechar os olhos. Ainda não conseguira se recuperar da surpresa por tudo o que acontecera. Era impossível pensar em qualquer outra coisa e, incapaz de encontrar onde empregar tanta agitação, resolveu que logo depois do desjejum, se concederia uma sessão de vigorosos exercícios. Estava justamente se encaminhando para seu trajeto predileto quando

a lembrança das vezes em que o Sr. Darcy viera ao seu encontro ali a deteve, e em vez de entrar no parque subiu a alameda que corria junto aos seus limites, distanciando-se dos portões.

Após percorrer duas ou três vezes aquela parte da alameda, ficou tentada, por conta de estar fazendo uma manhã tão agradável, a parar junto ao portão e ficar contemplando o interior do parque. Durante as cinco semanas que já durava sua estada em Kent, a paisagem modificara-se bastante, a cada dia as copas das árvores ficavam mais e mais verdes. Estava prestes a prosseguir sua caminhada quando avistou de relance, entre o arvoredo que circundava o parque, um cavalheiro vindo em sua direção. Com receio de que fosse o Sr. Darcy, ela recuou. Será que ele pretendia atacá-la? Como pudera cometer a estupidez de deixar a casa paroquial sem sua Katana? Sendo capaz de andar muito mais depressa, Darcy conseguiu cortar sua retirada, alcançando-a junto ao portão e, estendendo-lhe uma carta, que ela instintivamente pegou, disse, com um ar de altiva compostura:

— Estive caminhando pelo arvoredo durante algum tempo na esperança de encontrá-la. Pode me dar a honra de ler esta carta?

A seguir, com uma curta mesura, virou-se para o parque e logo estava fora de vista.

Sem contar apreciar a leitura, mas movida pela mais poderosa curiosidade, Elizabeth abriu a carta e, para seu crescente espanto, verificou que no envelope havia duas folhas de papel, cobertas quase de alto a baixo com sua caligrafia apertada. Retornando seu caminho pela alameda, iniciou a leitura. O cabeçalho indicava Rosings, às 8 horas daquela mesma manhã, como local e data, e o texto era o que se segue:

Não se alarme, senhorita, ao receber esta carta, pelo receio de que contenha qualquer repetição daqueles sentimentos ou renovação daquelas propostas que na noite de ontem lhe provocaram tanta ojeriza. Escrevo

sem intenção de lhe causar desconfortos, nem de me humilhar, insistindo em desejos que agora, para felicidade de ambos, devem ser logo esquecidos.

Dois condenáveis atos de natureza muito diversa, e de modo algum de igual magnitude, a senhorita atribuiu à minha responsabilidade. O primeiro foi que, sem considerar o sentimento de nenhum dos dois, eu afastei o Sr. Bingley de sua irmã, e o outro foi de, a despeito de várias recomendações recebidas, e em detrimento da honra e do sentimento de humanidade, eu ter arruinado a possibilidade imediata, assim como as futuras, de prosperidade do Sr. Wickham. Se no curso da explanação de minhas ações e meus motivos, precisar eu relatar sentimentos que possam ofender os seus, só posso dizer que lamento. A necessidade deve ser atendida, e outro pedido de desculpas, fora este, seria ridículo.

Chegara havia pouco a Hertfordshire quando notei, assim como outros, que Bingley manifestava grande preferência em relação à sua irmã mais velha, em meio às demais senhoritas da região. No entanto, não foi senão depois que ela adoeceu e ficou hospedada em Netherfield que senti qualquer apreensão a esse respeito. Por saber de sua atividade como exterminadora de mortos-vivos, fiquei convencido de que ela havia sido infectada pela estranha praga. Sem desejar perturbar a senhorita ou qualquer pessoa do meu grupo em Netherfield com minha teoria, empenhei-me em abafar a afeição de Bingley, de modo a assim poupá-lo da agonia de assistir à sua irmã sucumbir. Depois de ela se recobrar, que eu esperava que fosse uma melhora temporária, percebi que a afeição dele pela Srta. Bennet superava tudo o que eu já testemunhara nele em assuntos de gêneros. Eu também observava sua irmã. Sua aparência e suas maneiras eram sinceras, alegres e atraentes como nunca, mas permanecia convencido de que logo ela iniciaria seu infeliz descenso para a condição de serva de Satã. No que as semanas se tornaram meses, comecei a questionar minhas deduções anteriores. Por que a transformação ainda não havia se operado nela? Poderia eu estar tão equivocado a ponto de confundir uma mera febre com a estranha praga? No entanto, já quando me dava conta de meu equívoco, era tarde demais para desfazer meus atos. O Sr. Bingley estava bastante afastado da Srta. Bennet, tanto em termos de distância quanto em seu afeto. Embora o que fiz tenha sido sem má intenção, minha intervenção, certamente, causou padecimentos à sua irmã e, assim, seu rancor não é injustificado. No entanto, não tenho escrúpulos em dizer que a gravidade do resfriado de sua irmã foi tanta que ao mais acurado observador teria dado a convicção de que, não importando a gentileza do temperamento dela, seu coração estava condenado às trevas. Que eu estivesse desejoso de acreditar que ela fora contaminada, é claro — mas me aventura a dizer que

minhas investigações e decisões, em geral, não são influenciadas por meus medos nem por minhas esperanças. Não acreditei que ela tivesse sido infectada porque assim eu o queria; acreditei nisso com convicção imparcial, tanto quanto, sinceramente, o desejei em termos racionais. Mas o caso é que havia outros motivos a alimentar minha repugnância. Esses motivos devem ser declarados aqui, mesmo que brevemente. A situação da família de sua mãe, embora passível de suscitar objeções, não é nada comparada à total falta de propriedade que essa senhora trai com frequência, assim como suas três irmãs mais novas e até mesmo, ocasionalmente, seu pai. Perdoe-me. Dói a mim ofendê-la. Mas em meio à sua consternação por conta dos defeitos apontados em sua família, talvez lhe represente consolo considerar que a senhorita e sua irmã estão em minha mais alta estima, tanto por sua cortesia quanto por suas habilidades como guerreiras. Sempre acrescentaria, dos episódios transcorridos naquela noite, que minha opinião sobre estar a Srta. Bennet infectada foi confirmada pela ausência dela junto a nós quando descemos para investigar o triste incidente na cozinha, o que fortaleceu minha decisão de proteger meu amigo daquilo que eu avaliava que seria uma união infeliz. Ele deixou Netherfield e partiu para Londres no dia seguinte, como a senhorita, certo estou, recorda, com planos de retornar em breve.

O papel que desempenhei deve agora se explicado. O desconforto das irmãs de Bingley deve ter se intensificado a partir do que eu próprio sentia, embora tivéssemos razões diferentes; a coincidência entre nossos sentimentos logo foi explicitada e, sensatamente, concluindo que não havia tempo a perder no tocante a afastar o irmão, logo decidimos nos reunir a ele diretamente em Londres. Assim procedemos e, chegando lá, imediatamente me engajei na tarefa de destacar para meu amigo os malefícios de sua inclinação pela Srta. Bennet. EU os descrevi e enfatizei do

modo mais sincero. No entanto, se meus protestos poderia, talvez, fazê-lo hesitar ou mesmo retê-lo por algum tempo, não creio que haveriam de, em última instância, tê-lo impedido de se casar com ela se eu não houvesse acrescentado minha certeza da indiferença dela em relação a ele. Bingley acreditava que ela correspondia aos sentimentos dele com sincera, se não igual, estima. No entanto, meu amigo, por natureza, é bastante modesto, com forte dependência em relação ao seu discernimento, em detrimento ao seu. Convencê-lo, portanto, de que ele havia se iludido não foi muito difícil. E persuadi-lo a não retornar a Hertfordshire, uma vez que ele assumira aquela convicção, deu ainda menos trabalho. Não posso considerar que isso tenha sido obra minha. Há, entretanto, uma parte da minha conduta em toda essa história na qual não posso pensar com satisfação; é que adotei artifícios

para ocultar dele que sua irmã estava em Londres. Tinha conhecimento disso, assim como a Srta. Bingley, embora o irmão dela ignorasse o fato. Seria possível que eles se encontrassem sem maiores consequências; no entanto, a estima dele em relação a ela ainda não parecia extinta a ponto de ele poder vê-la sem perigo. Talvez essa manobra de ocultamento, essa mentira tenha sido uma baixeza indigna de minha pessoa; no entanto, foi feita com a melhor das intenções. Sobre esse assunto, nada mais tenho a dizer, nem nenhum pedido de desculpas a acrescentar. Se eu tiver ferido os sentimentos de sua irmã, tudo foi feito em consequência do afeto que nutro por meu amigo e na crença de que a Srta. Bennet estaria condenada a vagar pelo mundo à caça de cérebro.

Com respeito à outra acusação, a mais grave, sobre eu ter prejudicado o Sr. Wickham, posso somente refutá-la descrevendo-lhe toda a ligação dele com minha família. Ignoro de que ele tenha me acusado, especificamente, mas sobre a veracidade inquestionável do que vou relatar posso pedir o testemunho de mais de uma pessoa.

O Sr. Wickham é filho de um homem muito respeitável, que por muitos anos administrou todas as propriedades de Pemberley e cuja boa conduta no desempenho das tarefas que lhe foram confiadas, naturalmente, levaram meu pai a decidir retribuir de algum modo seus préstimos. E em relação a George Wickham, seu afilhado, meu pai, então, dispensou sua generosidade, custeando-lhe os estudos e, depois, em Kyoto, prestando-lhe auxílio ainda maior, como se fosse seu próprio pai, sempre empobrecido pelas extravagâncias da esposa, não foi capaz de proporcionar ao filho uma educação oriental apropriada. Meu pai não apenas prezava demais a proximidade com esse jovem, cujas maneiras sempre foram cativantes; tinha na mais alta conta suas habilidades em combate e, esperando que as artes mortais se tornassem uma profissão para ele, pretendia garantir-lhe meios para tanto.

Quanto a mim, faz muitos e muitos anos desde que comecei a mudar de opinião em relação a ele. A propensão malévola, a falta de princípios, que ele sempre ocultou de seu benfeitor com o maior cuidado, não poderiam escapar à observação de um jovem de aproximadamente a mesma idade que ele e que tinha a oportunidade, que meu pai não teve, de observá-lo em momentos em que se encontrava desprevenido. O Sr. Wickham, certa vez, entusiasmou-se ao proclamar sua intenção de aplicar seus chutes em meia-lua contra o menino surdo que era nosso cavaleiro, torcendo para que pudesse lhe quebrar o pescoço, em castiga contra o polimento de uma sela que Wickham julgara malfeito. Minha estima pelo malfadado criado exigiu que eu partisse ambas as pernas de Wickham como a única maneira de impedi-lo de levar adiante seu plano vil. Aqui, de novo, me vejo na necessidade de infringir dor à senhorita — em que medida, somente a senhorita poderá dizer. Mas, sejam quais forem os sentimentos que o Sr. Wickham tenha lhe despertado, mesmo suspeitando do que se trate, eu não poderia me eximir de lhe revelar o caráter verdadeiro desse jovem. E aqui acrescento um outro motivo.

Meu excelente pai morreu cinco anos atrás. Sua afeição pela Sr. Wickham duraria até sua morte sem abalos. Em seu testamento, ele me recomendou especificamente que assumisse a tarefa de patrocinar sua formação para o extermínio das aberrações. Também havia um legado de mil libras. O pai dele morreu logo após o meu, e nem bem haviam transcorrido seis meses dessas perdas, o Sr. Wickham escreveu-me informando que estava pensando em estudar mosquetaria avançada e que eu deveria estar ciente de que a renda de mil libras era insuficiente para custear tal coisa. Eu mais desejei do que acreditei que ele pudesse estar sendo sincero; entretanto, de qualquer modo, estava pronto para aceitar seu pedido e tomei as providências para que ele recebesse 3 mil libras. Depois disso, parecia que não haveria mais contatos entre nós. Minha opinião em relação a ele era negativa demais para que eu o convidasse a vir a Pemberley ou mesmo admitisse me relacionar com ele em Londres. Creio que residisse na cidade, na maior parte do tempo, mas quanto aos seus estudos de mosquetaria... não passavam de mentira. Estando agora livre, sem ninguém a quem prestar contas, sua vida voltou-se para o ócio e a dissipação. Por cerca de três anos, mal escutei falar nele; mas, esgotados os fundos que eu havia lhe designado, tornou a me escrever. Sua situação, assim me garantiu, era péssima. Descobrira que a mosquetaria era um estudo que lhe renderia posições pouco proveitosas e agora estava resolvido a ingressar na vida religiosa, se eu lhe concedesse uma pensão anual. Dificilmente a senhoria me condenará por ter me recusado a ceder ao seu

pedido e por ter repellido todas as posteriores tentativas de igual teor. Seu rancor era proporcional à pressão que sofria por conta de sua precariedade financeira, e ele, sem dúvida, foi tão brutal nos insultos que me lançava diante de outros como nas críticas que diretamente me endereçou. Depois de tais contatos, toda a aparência de relacionamento entre nós desapareceu. Desconheço como ele vivia. Mas no último verão, mais uma vez tive de voltar minha atenção para ele, e por conta de um episódio extremamente doloroso.

Preciso agora mencionar um incidente que eu própria desejaria esquecer e que nenhuma obrigação menor do que a presente me induziria a revelar a qualquer ser humano. Havendo dito isso, não duvidaria de sua descrição. Minha irmã, mais de dez anos mais nova do que eu, foi deixada sob minha tutela e do sobrinho de minha mãe, coronel Fitzwilliam. Cerca de um ano atrás, ela foi tirada da escola e foram tomadas providências para instalá-la em Londres. No verão passado, ela foi, em companhia da senhora que ficou encarregada de cuidar dela, a Sra. Younge, para Ramsgate; para lá também se dirigiu o Sr. Wickham, sem dúvida já com seus planos feitos, pois ficou provado que havia um contato prévio entre ele e a Sra. Younge, sobre cujo caráter desafortunadamente nos iludimos. Com a conivência e a ajuda dessa senhora, ele se apresentou a Georgiana, cujo meio coração ficara profundamente impressionado com a atenção que ele lhe dispensava quando minha irmã ainda era uma criança; e seu afeto por ele era tanto que ela foi persuadida de que o amava, chegando a consentir em ser raptada por ele. Na ocasião, ela mal tinha completado 15 anos, o que deve desculpá-la. Eu fui vê-la, sem aviso, um ou dois dias antes de acontecer o planejado rapto. Então, Georgiana, incapaz de suportar a ideia de causar sofrimento e mesmo de ofender daquela maneira um irmão que sempre tivera como um pai, contou-me tudo. A senhorita bem pode imaginar o

que senti e a maneira como agi. O zelo pela reputação de minha irmã e por seus sentimentos me impediu de expor o caso publicamente, mas minha honra exigia um duelo com o Sr. Wickham, que imediatamente fugiu da região. A Sra. Younge, é claro, foi surrada sem clemência diante de toda a criadagem. O objetivo principal do Sr. Wickham, sem dúvida, era a fortuna de minha irmã, que monta a 30 mil libras. Toda vida, não posso deixar de pensar que ele alimentava o forte anseio de também fazer disso uma vingança contra mim. E, de fato, essa vingança foi avassaladora.

Este, então, senhorita, é o fiel relato de todos os eventos que nos concernem a ambos e, caso não o rejeite de modo absoluto, considerando-o falso, espero ao menos que me absolva da acusação de ter procedido com crueldade em relação ao Sr. Wickham. Desconheço a maneira e quais as mentirosas afirmações que ele transmitiu à senhorita, mas não me causa espécie que tenha tido êxito em convencê-la. Sem estar a par, como era o seu caso, dos fatos, não estaria dentro de sua capacidade detectar a inverdade, e a desconfiança, certamente, não faz parte de sua natureza.

Talvez a senhorita se indague por que nada disso lhe foi contado na noite passada, mas, na ocasião, eu não era senhor de mim mesmo o suficiente para decidir o que poderia ser revelado. Para avaliar a verdade de tudo o que está aqui relatado, apelo mais particularmente para o testemunho do coronel Fitzwilliam, que por conta de nossa proximidade e constante convivência, e mais ainda por ser um dos executores do testamento do meu pai, esteve a par de todos esses percalços. Caso sua repulsa em relação a mim a leve a considerar minhas declarações sem valor, não é possível que por causa idêntica esteja impedida de confiar em meu primo, e para que tenha a oportunidade de conversar com ele, vou me empenhar em colocar esta carta em suas mãos ainda pela

manhã. Deus a abençoe, e salve a Inglaterra da presente infelicidade.

FITZWILLIAM DARCY

CAPÍTULO 36

SE, QUANDO O SR. DARCY lhe entregou a carta, Elizabeth não esperava que contivesse uma repetição de sua proposta de casamento, também não havia formado expectativa alguma sobre o que poderia revelar. A moça a leu com tal avidez que mal lhe permitia algum poder de compreensão e com tanta impaciência para saber o que diria cada frase seguinte que tornava-se incapacitada de atentar para o significado do que tinha diante dos olhos. Quanto a ele acreditar que Jane havia sido infectada, ela prontamente considerou mentira; e seu relato sobre o real, sua mais objeção à união de Jane e Bingley, trouxe-lhe raiva demais para que restasse nela qualquer intuito de lhe fazer justiça.

Mas, quando a esse assunto sucedeu o do Sr. Wickham, quando ela leu com um pouco mais de atenção uma descrição dos episódios, os quais, se verdadeiros, anulariam qualquer opinião que ela ainda acalentava sobre o caráter do jovem oficial, episódios que, aliás, guardavam uma alarmante afinidade com a história que ele próprio lhe contara, seus sentimentos tornaram-se mais agudamente dolorosos e menos suscetíveis de definição. Assombro, apreensão e até mesmo horror a oprimiam. Ela bem que desejou descartar o relato inteiramente, exclamando vezes sem contar: "Isso tem de ser mentira! Não pode ser! Deve ser uma calúnia grosseira!"

Com seus pensamentos em turbulência, sem conseguir sossegá-los por um instante sequer, Elizabeth retomou a

caminhada, mas isso também não adiantou. Nem meio minuto depois, a carta foi novamente desdobrada e, recompondo-se o melhor que pôde, ela tornou a percorrer todo o mortificante relato referente a Wickham e cobrou-se examinar o significado de cada frase. A história de sua ligação com a família proprietária de Pemberley era exatamente aquela que ele mesmo havia lhe contado, assim como a generosidade do falecido Sr. Darcy, que, embora até ler a carta ela não soubesse a que ponto se estendia, mas que estava de acordo com as palavras do oficial. Mas pensar em um castigo tão cruel planejado contra um menino surdo que cuidada das estrebarias! E por uma falha tão pequena! Era quase impossível pensar num homem de tanta compostura como Wickham sendo capaz de tamanha perversidade. Também era impossível não sentir que havia uma grosseira mentira em um dos dois lados da história. E por alguns instantes, ela acalentou seu próprio desejo de não ter se equivocado. Mas quando leu novamente e depois mais de uma vez, com atenção ainda mais apurada, os detalhes que se seguiram à desistência de Wickham em relação às expectativas do Sr. Darcy pai, de que ele persistisse em seu treinamento, sobre ele ter recebido em troca uma soma tão considerável, 3 mil libras — Elizabeth percebeu-se hesitante outra vez. Ela baixou a carta, sopesou cada circunstância com uma sincera tentativa de ser imparcial — decidindo-se sobre a plausibilidade de cada frase —, mas teve pouco êxito. Ambos os lados ofereciam apenas afirmações. Elizabeth, retomou a leitura mais uma vez; no entanto, cada linha provava mais claramente que o caso todo, sobre o qual ela acreditara que nenhuma perspectiva haveria que levasse a julgar a conduta do Sr. Darcy menos infame, também era suscetível de um ponto de vista que o faria inteiramente inocente.

Ninguém em Hertfordshire conhecia nada a respeito do passado de Wickham, a não ser o que ele próprio relatara. Quanto ao seu verdadeiro caráter, mesmo que estivesse de posse de outras informações, ela jamais tivera o impulso de duvidar dele. Suas palavras e suas maneiras de imediato o

identificaram como portador de todas as virtudes. Elizabeth tentou recordar algum episódio que pudesse resgatar sua imagem depois dos ataques do Sr. Darcy — ou que, pelo menos, pela predominância da virtude, fosse capaz de dirimir o que o Sr. Darcy descrevera como uma prática de ócio e vício prolongada ao longo de muitos anos. Mas o caso é que nenhuma recordação desse gênero veio socorrê-la.

Lembrava tudo o que havia se passado durante as conversas com Wickham e ela na primeira noite na casa do Sr. Phillips. Muitas das expressões que ele usara ainda estavam recentes em sua memória. Somente agora se dava conta, surpresa, da impropriedade de se contar tais coisas a uma estranha, e se perguntava como esse aspecto lhe havia escapado antes. Agora percebia a indelicadeza de pintar de si um quadro tão formidável, e a inconsistência entre suas declarações e sua conduta. Lembrava que ele se gabara de não ter medo de encontrar o Sr. Darcy — que o Sr. Darcy, se quisesse, que deixasse a região, enquanto ele se manteria onde achava seu direito estar. No entanto, faltara ao baile em Netherfield logo na semana seguinte. Ela também lembrava que até as pessoas de Netherfield terem partido ele não contara suas histórias a mais ninguém, senão ela; entretanto, depois de aqueles terem ido embora, o relato de Wickham começara a ser comentado em toda parte, e ele já não demonstrava reservas nem escrúpulos em manchar o caráter do Sr. Darcy, embora lhe tivesse garantido que o respeito pelo pai de seu desafeto sempre o impediria de denunciar os atos dele.

Como tudo relacionado a Wickham agora lhe parecia diferente. O comportamento que tivera para com ela já não aceitava nenhum motivo tolerável; ou ele se equivocara sobre a fortuna que ela possuiria, ou alimentara a própria vaidade ao encorajar a inclinação dela por ele, a qual Elizabeth havia evidenciado sem cautelas. Assim, todos os mínimos indícios que o favoreciam iam se tornando cada vez mais tênues e como um reforço à versão de Darcy, muito tempo antes Jane havia defendido que ele não poderia ter culpa no caso Wickham já

que, embora fosse muito orgulhoso e tivesse uma maneira repulsiva de tratar as pessoas, ela jamais percebera, em todo o contato que haviam tido, coisa alguma que o denunciasse como alguém sem princípios ou que praticasse atos injustos.

Elizabeth sentia-se cada vez mais envergonhada pelo modo como procedera. Não podia pensar nem em Darcy nem em Wickham sem sentir que havia sido cega, parcial, preconceituosa e ridícula. Se tivesse com sua

adaga, teria caído de joelhos e se infligido os sete talhos da desonra sem um instante de hesitação.

— Agi de maneira desprezível! — exclamou. — Logo eu, que tanto me orgulho do meu discernimento. Eu, que me prezava, principalmente, pelo controle de que era capaz sobre meu corpo e minha mente! Que tantas vezes desdenhei da generosidade de minha irmã e adulei minha própria vaidade com inútil desconfiança. Como é humilhante uma descoberta dessas! Ah, quisera ter meus mestres aqui para que castigassem minhas costas, com varas de bambu molhado até que sangrassem.

Dela para Jane e... de Jane para Bingley; seus pensamentos se alinharam de modo a log fazê-la recordar que as explicações do Sr. Darcy quanto a esse assunto havia lhe parecido insuficientes, razão pela qual as releu. O efeito dessa segunda leitura foi totalmente diferente. Como pudera negar crédito às suas afirmações quanto a um assunto, se fosse obrigada a concedê-lo em outro? Ele declarara que havia suspeitado que Jane tinha sido contaminada, e ela não poderia negar a justeza desse cuidado, já que a gripe de Jane fora de fato muito grave e por uma ou duas vezes ela próprio havia suspeitado da mesma coisa.

Quando chegou àquela parte da carta em que sua família era mencionada, em termos o mais mortificantes, ainda que merecidos, sua vergonha chegou ao extremo.

Os elogios a ela e a irmã não deixaram de tocá-la agora. Compensavam em parte, embora não a consolassem pelo menosprezo que o restante de sua família granjeara por conta de seus próprios atos; e como ela realmente acreditava que a decepção de Jane havia sido consequência do procedimento de sua família, ou seja, refletia todo o prejuízo sobre a reputação dela e da irmã advindo de conduta tão inapropriada, sentiu-se deprimida a um grau que jamais experimentara.

Depois de perambular pela alameda por cerca de duas horas, dando vazão a todo tipo de pensamento, reconsiderando episódios, determinando probabilidades e se reconciliando consigo mesma o melhor que pôde adiante de uma mudança

tão abrupta e importante, a fadiga, bem como a consciência de que já estava ausente havia muito tempo, fez com que ela afinal tomasse o rumo da casa paroquial. Elizabeth entrou no lar dos Collins com a intenção de parecer tão alegre como de hábito e com a decisão de reprimir essas reflexões que a impediriam de participar de qualquer conversa.

Imediatamente, foi comunicada de que dois cavalheiros de Rosings haviam estado lá à sua procura. O Sr. Darcy, por poucos minutos, para logo ir embora, e o coronel Fitzwilliam, que estivera ali por pelo menos uma hora, aguardando seu regresso, e quase decidira ir procurá-la. Elizabeth simulou algum pesar por ter perdido a oportunidade de encontrá-lo, mas na verdade isso lhe agradou. O coronel Fitzwilliam já não a interessava, ela só conseguia pensar na sua carta.

CAPÍTULO 37

OS DOIS CAVALHEIROS partiram de Rosings na manhã seguinte, e o Sr. Collins, que havia ficado aguardando pela passagem deles junto à casa do guarda-caças, a fim de cumprimentá-los a título de despedida, retornou para casa com a agradável notícia e que pareciam com boa saúde e em razoável bem humor, como se poderia esperar, apesar da melancolia que rondava por Rosings ultimamente, devido à aproximação da data da partida deles e do fato de Elizabeth ter matado vários dos ninjas prediletos de Sua Senhoria. Para Rosings, então, correu o Sr. Collins, com o propósito de consolar Lady Catherine e sua filha por terem sido deixadas sozinhas na mansão. Em seu retorno, trouxe consigo, com enorme satisfação, uma mensagem da parte de Sua Senhoria, dizendo

que se sentia tão entediada que seu desejo era vê-los a todos em Rosings para jantar com ela naquela mesma noite.

Elizabeth não conseguiu defrontar-se com Lady Catherine sem se lembrar de que, caso tivesse optado por isso, poderia estar sendo apresentada nesta oportunidade à dama como sua nova sobrinha; tampouco conseguiu, sem sorrir, pensar no quanto Sua Senhoria ficaria indignada. "O que ela diria? Como reagiria?", eram perguntas que fazia a si mesma e que a divertiam.

O primeiro assunto foi a diminuição do número de pessoas em Rosings.

— Asseguro-lhes que lamento isso enormemente — disse Lady Catherine. — Creio que ninguém sente tanto como eu a falta dos amigos. Mas sou particularmente ligada a esses dois jovens, e sei que eles também são muito ligados a mim! Lamentaram muito terem de ir embora. Enfim, é o que acontece todos os anos. O caro coronel Fitzwilliam controlou seus sentimentos até o último minuto. Já Darcy parecia estar mais comovido, até mais, creio eu, do que no ano passado. Sem dúvida, Rosings tem cada vez maior significado para ele.

Nesse momento, a Sra. Collins emitiu algum elogio, recebido com sorrisos por Lady Catherine e sua filha, embora já ninguém conseguisse entender os grunhidos da esposa do pastor.

Após o jantar, Lady Catherine observou que a Srta. Bennet parecia triste e imediatamente interpretou isso segundo lhe aprazia, supondo que a moça se desgostava com a proximidade de sua volta para casa.

— Mas, nesse caso — disse a dama —, você deve escrever para sua mãe, pedindo-lhe que a deixe ficar aqui por um pouco mais de tempo. Tenho certeza de que a Sra. Collins se alegrará muito com sua companhia.

— Agradeço imensamente a Sua Senhoria por esse convite tão gentil - replicou Elizabeth —, mas não é apropriado aceitá-lo. Preciso estar em Londres no próximo sábado.

— Ora, seja como for, estão aqui faz apenas seis semanas. Esperava que ficassem conosco por dois meses. Foi o que

recomendei à Sra. Collins pouco antes da chegada de vocês. Não pode haver motivo para anteciparem sua partida. A Sra. Bennet pode muito bem ser privada de sua companhia por mais quinze dias.

— Mas meu pai, não. Ele me escreveu na semana passada pedindo que eu acelerasse minha volta, já que o chão se descongela e amolece de novo, o que fará com que em breve surjam novas hordas de não mencionáveis em Hertfordshire.

— Ah, sim? Creio que seu pai pode muito bem passar sem você. Tenho observado suas habilidades nas artes mortais, minha cara. E asseguro-lhe que não estão no nível de fazerem muita diferença no destino de Hertfordshire, ou de onde quer que seja.

Elizabeth mal podia acreditar que escutara tal insulto. Caso sua afeição pelo Sr. Darcy não houvesse sido recentemente restaurada, poderia chegar a desafiar Sua Senhoria para um duelo no qual resgatasse sua honra.

— E se vocês permanecerem aqui por um mês completo — prosseguiu Lady Catherine — teria possibilidade de levar uma de vocês até Londres, para onde irei no começo de junho a fim de discutir estratégia com Sua Majestade. Como minha guarda pessoa insiste em que eu viaje numa carruagem, haverá espaço suficiente para você. Aliás, se o tempo estiver mais frio, não faço objeções a levar ambas, já que não são gordas como o Sr. Collins.

— É muita gentileza da sua parte, mas creio que devemos nos ater aos nossos planos originais.

Lady Catherine pareceu resignada.

— Sra. Collins, por favor, mande um de meus ninjas acompanhá-las. Sabe que sempre digo o que penso, e não suporto a ideia de duas jovens viajando sozinhas. É altamente impróprio em tempos como os que vivemos. É preciso que manda alguém com elas. Moças sempre devem estar convenientemente protegidas e cuidadas, a não ser que se trate de um tipo especial de mulher, como eu sou, que foi treinada

pelos mais respeitáveis mestres japoneses... e não por aqueles patéticos camponeses da China.

— Meu tio deve mandar um criado nos acompanhar, mas asseguro a Sua Senhoria que sou plenamente capaz de...

— Ora, seu tio. Então ele tem um criado, não tem? Fico bastante feliz que você disponha de alguém que pense nessas coisas. Onde vão trocar os cavalos? Ah, em Bromley, é claro. Se mencionarem meu nome no Bell, serão bem atendidas.

Lady Catherine tinha muitas outras perguntas referentes à jornada delas, e como ela própria não respondia a todas, era necessário prestar alguma atenção, o que Elizabeth considerou uma sorte, uma vez que, com

a mente ocupada, podia esquecer onde estava. Reflexões devem ser reservadas para as horas de solidão: sempre que estada sozinha, permitia que corressem soltas, o que era um grande alívio para ela. Assim, nenhum dia transcorreu sem uma caminhada solitária, durante a qual pudesse se deixar perder em lembranças desagradáveis.

Estava em bom caminho de saber de cor a carta do Sr. Darcy. Estudava cada frase, e seus sentimentos em relação ao autor vinham mudando drasticamente. Quando recordava o altivo estilo do cavalheiro em questão, sonhava em ver a derradeira centelha luzir em seus olhos quando estivesse espremendo a vida para fora daquele corpo. Mas quando considerava o quanto fora injusta ao acusá-lo e condená-lo, sua cólera voltava contra si própria, e com sua adaga ela se aplicava, de novo e de novo, os sete cortes da vergonha, reabrindo feridas que mal tinham tempo de criar casca. O afeto dele lhe inspirava gratidão; seu caráter, respeito; mas não o apreciava, sequer por um momento sentiu-se arrependida por ter recusado sua proposta, nem percebeu em si mesma o mais leve desejo de revê-lo. Sobre seu próprio comportamento, ela agora o tinha como uma fonte constante de vergonha e remorso; já quando relembrava os lamentáveis defeitos de sua família, ela os via como motivo de dissabor ainda maior. Havia pouca esperança de remediá-los. Seu pai contentava-se em rir-se deles e nunca se desgastaria tentando enfrentar a incontrolável falta de juízo das filhas mais novas. Quanto à sua mãe, com modos tão distantes do que seria o mais conveniente, era totalmente cega para o mal que existia em sua casa. Com frequência, Elizabeth se unira a Jane para punir com o bambu molhado a imprudência de Catherine e Lydia, que, no entanto, recebiam apoio da condescendência da mãe, o que eliminava qualquer chance de aprimoramento. Catherine era indisciplinada, irascível e completamente submetida à liderança de Lydia. Sempre se sentira afrontada pelas tentativas de Elizabeth no sentido de corrigi-la. E Lydia, voluntariosa e desmiolada, mal escutava o que lhe diziam. Eram ambas ignorantes, preguiçosas e

superficiais. Enquanto Meryton estivesse a menos de dois quilômetros de distância, fariam a caminhada até lá todos os dias, matando zumbis apenas quando as criaturas atrapalhavam suas chances de flertar com os oficiais.

A ansiedade em relação a Jane era outra forte preocupação, e a explicação do Sr. Darcy, ao restaurar a boa opinião que ela tivera de Bingley, aumentou a percepção da perda sofrida pela irmã. Ficara provado que a afeição de Bingley era sincera e que sua conduta nada tivera de condenável, a não ser por uma demasiada confiança no amigo. Como era triste, portanto, pensar que Jane fora privada de uma situação tão almejada em todos os sentidos, tão repleta de vantagens, tão promissora em termos de felicidade, pelo destempero e pela falta de decoro de sua própria família. Ah, se ela fosse capaz ao menos de se convencer da necessidade de exterminar todos eles!

Quando a essas reflexões se somava a revelação do caráter de Wickham, era fácil entender por que seu ânimo, que raramente se deprimia, tornara-se tão alterado que era quase impossível ostentar uma aparência, ao menos convincente, de alegria.

Os convites para ir a Rosings chegavam nessa última semana com a frequência do início da estada. A última noite foi passada na mansão, com Sua Senhoria mais uma vez denegrindo a qualidade do treinamento de combate chinês, instruindo-os sobre a melhor maneira de fazerem as malas e instando-os com especial ênfase sobre a necessidade de dobrar e colocar os trajes do modo correto — a ponto de, na volta para casa, Maria se sentir obrigada a fazer todas as malas e rearrumá-las em seguida.

Na partida, Lady Catherine, com enorme condescendência, desejou-lhes boa viagem e os convidou para voltarem a Hunsford no ano seguinte. Já a Srta. de Bourgh forçou-se a lhes fazer uma mesura e estendeu sua frágil mão a ambas.

CAPÍTULO 38

NA MANHÃ DE SÁBADO, Elizabeth e o Sr. Collins se encontraram no desjejum alguns minutos antes de os demais aparecerem, e ele aproveitou a ocasião para fazer suas despedidas formais, que considerava indispensáveis.

— Ignoro, Srta. Elizabeth — disse ele —, se a Sra. Collins já lhe expressou o quanto a comoveu sua gentileza por vir nos visitar, mas tenho certeza de que não deixará esta casa sem receber seus agradecimentos por isso. A honra de sua companhia nos tocou, a todos, assim lhe asseguro. Temos consciência do pouco que há para proporcionar a qualquer hóspede em nossa humilde morada. Nosso modo simples de viver, nossos aposentos tão pequenos, a escassez de empregados e o pouco que vimos do mundo devem tornar Hunsford extremamente monótona para uma jovem que já esteve por duas vezes no Oriente.

Elizabeth foi enfática em seus agradecimentos e ao garantir que tivera uma estada muito feliz ali. Que havia, de fato, apreciado bastante aquelas seis semanas e que o prazer de rever Charlotte, além do generoso acolhimento que recebera, a colocavam, a ela, sim, em dívida para com eles. O Sr. Collins replicou:

— Minha querida Charlotte e eu pensamos de uma mesma e única maneira. Em tudo compartilhamos uma notável harmonia de ideias e caráter. Fomos efetivamente feitos um para o outro.

Elizabeth bem que teve vontade de dizer que, tendo Charlotte sido infectada e sendo o Sr. Collins tão miseravelmente privado de quaisquer atrativos, ela concordava com o que ele afirmara. No entanto, conteve-se e garantiu que admirou muitíssimo e deleitou-se enormemente com o conforto do lar do casal. Não ficou nem um pouco sentida, no entanto, ao ter essa troca de amabilidades entre os dois interrompida pela pessoa a quem

havam acabado de mencionar. Pobre Charlotte! Era melancólico vê-la agora, quase inteiramente transformada! Mas isso era decorrência de uma escolha que ela fizera conscientemente. E embora não pudesse demorar muito até que mesmo um parvo como o Sr. Collins se desse conta de seu estado e fosse forçado a decapitá-la, ela não aparentava requerer qualquer compaixão. Seu lar e seus trabalhos domésticos, sua paróquia e seus galináceos, além de seu cada vez mais intenso desejo por tenros nacos de saborosos cérebros, ainda não haviam perdido o encanto para ela.

Finalmente, o coche chegou, os baús foram amarrados ao alto, os pacotes foram colocados no interior do veículo e anunciou-se que tudo estava pronto para a partida. Depois de uma afetuosa despedida de Charlotte, a quem Elizabeth sabia que não veria de novo, foram acompanhados à carruagem pelo Sr. Collins, e enquanto desciam pelo jardim, ele a encarregava de transmitir seus sinceros cumprimentos à família Bennet, sem esquecer seus agradecimentos pela afável acolhida que recebera em Longbourn, naquele inverno, e os cumprimentos ao Sr. e à Sra. Gardiner, embora não os conhecesse. Então, ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a subir, depois a Maria, e a porta já ia sendo fechada quando subitamente ele lembrou que até o momento elas haviam se esquecido de deixar um recado para Lady Catherine e os demais moradores de Rosings.

— No entanto — acrescentou —, é claro que desejam que seus humildes cumprimentos lhes sejam transmitidos, com seu muitíssimo obrigado pela gentileza que lhes dispensaram durante sua estada aqui.

Elizabeth não fez objeções, e a porta enfim pôde ser fechada e o coche iniciou a viagem.

— Meu Deus! — exclamou Maria, após alguns instantes de silêncio.

— Parece que não foi há mais de um dia ou dois que chegamos aqui. No entanto, quantas e quantas coisas aconteceram!

— Muitas, de fato — exclamou sua companheira de viagem, com um suspiro.

— Jantamos nove noites em Rosings, além de termos ido lá duas vezes para o chá. Vou ter tanta coisa para contar!

Elizabeth acrescentou intimamente: "E eu, muita coisa para esconder."

Os primeiros quinze quilômetros de jornada transcorreram sem a menor conversar, bem como sem susto algum. Mas quando se aproximaram da antiga igreja branca, na paróquia de St. Ezra, Elizabeth imediatamente reconheceu o odor da morte no ar e ordenou ao cocheiro que detivesse o veículo.

Era uma igreja grande demais para uma vila tão pequena, construída de toras de árvores e coberta por centenas de tábuas caídas. Os habitantes de St. Ezra eram uma comunidade notoriamente religiosa, que costumava encher os bancos da igreja todos os sábados e domingos para rezar por proteção contra as legiões de Satã. Vitrais corriam toda a extensão das paredes de ambos os lados, contando a história de como a Inglaterra, da paz, decaíra para o caos, o último dos quais mostrava Cristo renascido para exterminar os derradeiros não mencionáveis, com Excalibur em sua mão.

Enquanto o cocheiro e o criado, muito nervosos, aguardavam com Maria, Elizabeth galgou os degraus que levavam à igreja e escancarou as portas, já brandindo a espada. O cheiro de cadáveres agora dominava tudo, e muitos dos vitrais haviam sido estilhaçados. Algo tenebroso ocorrera ali, mas se fora ou não recentemente isso ela não saberia dizer.

Elizabeth entrou na igreja preparada para a batalha, mas ao verificar o que havia no interior do prédio embainhou sua Katana, já que a arma não teria serventia alguma ali. Era tarde demais. Parecia que todos os moradores de St. Ezra haviam se entrincheirado dentro da igreja. Os corpos estavam espalhados por toda a parte: sobre os brancos, nas alas laterais — todos com o topo do crânio quebrado, aberto, e o cérebro inteiro removido, como se tivesse sido raspado de dentro da cabeça, como o miolo de abóboras moldadas como lanternas do Dia das

Bruxas. Com a paróquia sob ataque, aqueles infelizes haviam recuado para o único lugar onde achavam que estaria de algum modo a salvo. Os zumbis simplesmente caíram sobre eles, em um número superior e uma determinação insaciável. Os homens ainda tinham as mãos cerradas em torno de seus forcados. As mulheres ainda estavam agarradas a seus filhos. Elizabeth sentiu os olhos se umedecerem ao imaginar o horror dos momentos finais. Os gritos. Uns sendo feito em pedaços diante dos outros. O terror de estarem sendo devorados vivos por aberrações inomináveis.

Uma lágrima escorreu pelas faces de Elizabeth. A moça apressou-se a enxugá-la, sentindo-se, de certo modo, envergonhada por tê-la deixado escapar.

— Uma Casa de Deus profanada dessa maneira — disse Maria, quando já prosseguiam viagem. — Esses não mencionáveis não têm mesmo nem um pingo de decência?

— Nada sabem sobre isso — disse Elizabeth, fitando com olhos vazios a janela. — E tampouco devemos levar a "decência" em conta.

Sem nenhum outro sobressalto, alcançaram a casa do Sr. Gardiner, onde deveriam permanecer por alguns dias. Jane parecia bem, e Elizabeth teve poucas oportunidades de averiguar qual era seu estado de ânimo, em meio aos muitos compromissos que, gentilmente, a tia programara para elas. Mas Jane deveria retornar para casa com ela, e em Longbourn haveria tempo disponível de sobra para indagar melhor sobre seu estado de espírito.

Entretanto, não sem esforço, nesse meio-tempo, que ela conseguiu esperar pela volta a Longbourn para só então relatar à irmã sobre o pedido de casamento que recebera do Sr. Darcy. Saber que estava em suas mãos transmitir ou não uma notícia que tanto assombro causaria a Jane era uma tal tentação que anda conseguiria conter, a não ser a indecisão em que permanecia sobre o que descobrira a respeito do Sr. Binley, o que só reavivaria o sofrimento da irmã.

CAPÍTULO 39

FOI NA SEGUNDA SEMANA de maio que as três jovens se puseram no caminho da Seção Seis Leste para Hertfordshire. Quando se aproximavam da estalagem onde haviam combinado que a carruagem do Sr. Bennet deveria apanhá-las, logo avistaram, como sinal da pontualidade do cocheiro, Kitty e Lydia olhando pela janela do salão de jantar no segundo andar. As duas jovens já estavam ali havia uma hora, tempo que empregaram com satisfação divertindo o sentinela com exhibições pouco recatadas de sua habilidade com o arremesso de uma estrela de pontas, para grande sobressalto do cavalo da carruagem que estava lhes servindo de alvo involuntário.

Depois de dar as boas-vindas às irmãs, apresentaram triunfalmente uma mesa servida com todo tipo de pratos de carne fria que uma despensa de estalagem em geral oferece, bradando:

— Não é maravilhoso? Não é uma surpresa agradável?

— E convidamos vocês todas para o banquete — disse Lydia —, contanto que nos emprestem dinheiro para pagá-lo, visto que gastamos tudo o que tínhamos nas lojas das redondezas. — Então, mostrando suas compras, acrescentou: — Olhe só! Comprei este chapeuzinho.

As irmãs acharam-no feio, e Lydia acrescentou, pouco pensando no que dizia:

— Ah, mas havia dois ou três ainda mais feios na loja. Vou comprar um cetim de cor bem bonita para fazer-lhe uns enfeites, de modo que ficará bastante razoável no final. Além do mais, não vai fazer a menor diferença o que vamos usar neste verão, já que os soldados vão deixar Meryton daqui a quinze dias.

— Vão mesmo? — exclamou Elizabeth alto, com enorme satisfação, uma vez que, neste caso, não apenas suas irmãs teriam menos distrações para tirá-las dos treinamentos como também o mero fato de os soldados estarem levantando acampamento significa que, enquanto ela estivera fora, a ameaça dos não mencionáveis em Hertfordshire havia se reduzido.

— Eles, agora, vão acampar perto de Brighton, e é por isso que quero tanto que nosso papai nos leve para lá, a todos, para passar o verão! Seria uma deliciosa temporada, e me atrevo a dizer que não haveria despesas com isso. Mamãe também gostaria de ir para lá... e por muitas razões. É só pensar no tristíssimo verão que vamos ter se não formos para lá, com os bailes em Meryton se tornando tão raros.

"É claro", pensou Elizabeth. "Um verão com tão poucos bailes seria de fato terrivelmente triste para uma garota que pouco pensa em outra coisa."

— Agora, temos algumas novidades para vocês — disse Lydia, quando elas se sentaram à mesa. — Conseguem adivinhar? São ótimas notícias... e muito importantes... sobre uma certa pessoa de quem todos gostamos.

Jane e Elizabeth trocaram um olhar, e ao criado que as servia foi dito que não precisava permanecer ali. Lydia riu e disse:

— Nossa, isso é bem seu, tanta discrição e formalidade. Ficou preocupada em cuidar para que o criado não nos escutasse, como se eu ligasse para isso. Ouso dizer que ele, com frequência, escuta coisas muito piores do que as que vou lhes dizer. Mas é um sujeito tão feio! Nunca vi um queixo mais comprido em toda a minha vida. Quase cortei sua cabeça, por pensar que se tratasse de um zumbi. Bem, agora, as novidades. É sobre o seu querido Wickham. Coisa boa demais para os ouvidos de um

criado, não? Mas o caso é que não há mais perigo de Wickham se casar com Mary King. Ele é seu agora! Ela foi morar com um tio em Liverpool, para sempre. Wickham está salvo!

— Mary King é que está a salvo de Wickham — acrescentou Elizabeth. — A salvo de um casamento imprudente, no aspecto financeiro.

— Ela é uma idiota em partir, se gostava dele.

— Mas espero que não houvesse grande envolvimento de nenhum dos dois — disse Jane.

— Da parte dele, não, e disso tenho certeza. Posso garantir que ele jamais gostou mesmo um pouco dela... e quem poderia gostar daquela desagradável e miúda sardenta, sem nenhuma habilidade de que se pudesse gabar?

Logo que terminaram a refeição, e as mais velhas pagaram a conta, a carruagem foi chamada. Depois dos últimos preparativos, todas, com suas caixas, armas e pacotes, e com o incômodo acréscimo das compras de Kitty e Lydia, subiram ao veículo.

— Ah, é divertido irmos tão apertadas — exclamou Lydia. — Que bom que comprei meu *bonnet*, no mínimo pelo divertimento de ter mais uma caixa de chapéu conosco. Bem, vamos ficar o mais à vontade possível, bem aconchegadas uma à outra, rindo e conversando por todo o caminho até nossa casa. Em primeiro lugar, contem-nos o que fizeram todo esse tempo. Encontraram algum jovem agradável? Tiveram algum namorado? Tinha grandes esperanças de que pelo menos uma de vocês arranjassem um marido durante essa viagem. Logo, Jane já poderá ser considerada uma solteirona velha, isso é certo. Já tem quase 23! Meu Deus, que vergonha vou sentir se não estiver casada antes dos 23! Minha tia Phillips quer tanto que você arranje um marido, você nem poderia

imaginar o quanto. Ela disse que Lizzy deveria ter aceitado o Sr. Collins, mas acho que isso não seria nada divertido. Meu Deus! Como eu gostaria de me casar antes de vocês. Depois, eu poderia levá-la a todos os bailes, sem nossa mãe nem nosso pai. Meu Deus! Outro dia nos divertimos tanto na casa do

coronel Forster. Kitty e eu ficamos de passar o dia lá, e o Sr. Forster prometeu que dançaríamos um pouco à noite... a propósito, a Sra. Forster e eu ficamos tão amigas!... Assim, convidou as duas Harrington, mas Harriet estava doente, de modo que Pen foi forçada a ir sozinha...

Nesse momento, Elizabeth desembainhou sua Katana e decepou a cabeça de Lydia, que caiu numa das caixas de chapéus abertas.

As outras irmãs ficaram olhando num estado de choque emudecido, enquanto uma torrente de sangue ejetou-se do pescoço de Lydia, manchando-lhes os vestidos. Elizabeth embainhou de volta a espada e, no mais delicado tom de voz, explicou:

— Peço a todas que me perdoem, mas não aguentava mais escutá-la dizer tolices.

Entretanto, quando dirigiu outro olhar para Lydia, surpreendeu-se ao ver a cabeça dela no lugar.

— Meu Deus! Eu ri tanto! — continuava a dizer a moça. — E a Sra.

Forster também. Pensei que fosse morrer de tanto rir.

Elizabeth soltou um suspiro. Se ao menos pudesse *de fato* cortar fora a cabeça de Lydia... E foi com sua incansável tagarelice que Lydia, auxiliada por sugestões e lembranças de Kitty, se empenhou em divertir suas companheiras de viagem por todo caminho até Longbourn. Elizabeth escutou o menos que pôde, mas não havia como escapar à frequente menção do nome de Wickham.

A recepção em casa foi a mais afetuosa possível. A Sra. Bennet regozijou-se de ver Jane tão bonita como sempre, e mais de uma vez durante o jantar o Sr. Bennet, espontaneamente, disse a Elizabeth:

— Estou feliz de ver você de volta, Lizzy.

A mesa do jantar foi numerosa, já que todos os Lucas foram encontrar Maria e escutar as novidades. E muitos foram os assuntos que os ocuparam. Lady Lucas perguntou como estava

a filha mais velha, e Maria respondeu que a deixara em excelente saúde e estado de espírito.

"Mas será que todos enlouqueceram?", pensou Elizabeth. "Não conseguem enxergar que ela está nove décimos morta, consumida pela praga?"

A Sra. Bennet se ocupava com duas coisas. Uma era escutar de Jane um relato sobre a moda atual, sentada a alguma distância dela, e a outra recontar tudo as Lucas mais jovens; já Lydia, em voz bem mais alta que todos os demais, enumerava as muitas atrações daquela manhã, dirigindo-se a quem quer que estivesse lhe dando atenção.

— Ah, Mary — disse ela —, quisera que você tivesse ido conosco. Foi tão divertido! No meio da viagem, Kitty e eu abrimos as janelas da carruagem e morríamos de rir, debochando dos camponeses que haviam ficado encarregados de queimar as pilhas de cadáveres da manhã. E quando chegamos à estalagem, creio que procedemos da melhor maneira que se poderia, já que recebemos as outras três com o melhor almoço frio do mundo, e se você tivesse ido conosco, nós a trataríamos do mesmo modo. E quando voltamos também foi muito, muito divertido! Cheguei a pensar que jamais deveríamos ter entrado na carruagem. Estava quase morrendo de tanto rir. E foi tão alegre nossa volta para casa. Ficamos o tempo todo rindo e conversando. Falávamos tão alto que os zumbis poderiam nos escutar num raio de dez quilômetros.

A isso, muito séria, Mary respondeu:

— Longe de mim, cara irmã, desdenhar tão intensos deleites. E que devem de fato ser congênitos à maioria das mentes femininas. Mas devo confessar que não me atraem nem um pouco. Eu preferiria, infinitamente, um bom treino de combate.

Mas, da resposta, Lydia não escutou nem sequer uma palavra. Raramente era capaz de escutar uma pessoa por mais de meio minuto e jamais dava atenção a Mary.

À tarde, Lydia já instava as demais jovens a se porem a caminho de Meryton, para ver como todos estavam. No entanto,

Elizabeth se opôs firmemente a tais planos. Não se podia permitir que se comentasse no vilarejo que as garotas Bennet não haviam aguentado sequer metade de um dia, depois de sua volta ao lar, para sair correndo atrás de oficiais. Mas havia uma outra razão para tal objeção. Ela receava reencontrar o Sr. Wickham e estava resolvida a, quando isso acontecesse, esmurrá-lo na boca com força suficiente para fazê-lo sangrar. O alívio que lhe dera a notícia da iminente partida do regimento era algo que não conseguiria exprimir. Em quinze dias, eles teriam ido embora dali — e uma vez tendo partido, assim esperava, nada mais haveria para perturbá-la a respeito daquele homem.

Não haviam se passado muitas horas de seu regresso ao lar e já ela descobria que os planos sobre Brighton, dos quais Lydia lhes havia feito uma insinuação ainda na estalagem, agora era uma discussão constante entre seus pais. Elizabeth percebeu de imediato que seu pai não tinha intenções de ceder, mas, por outro lado, suas respostas eram tão vagas e dúbias que a mãe ainda não havia perdido as esperanças de, no final, convencê-lo.

CAPÍTULO 40

A ANSIEDADE DE ELIZABETH para colocar Jane a par do que havia acontecido já não podia ser contida — e afinal, tendo resolvido omitir todos os detalhes que envolvessem diretamente a irmã, na manhã seguinte relatou-lhe o que de mais importantes acontecera entre ela própria e o Sr. Darcy.

O assombro de Jane logo foi sobrepujado por seu forte afeto em relação à irmã, o que a fazia julgar perfeitamente natural a admiração que qualquer pessoa pudesse manifestar por ela. Lamentou muito que o Sr. Darcy houvesse expressado seus

sentimentos de modo tão pouco adequado à necessidade de conquistar Elizabeth; mas, acima de tudo, ficou pesarosa quanto ao fato de a conversa ter terminado em luta e de o console da lareira do Sr. Collins ter sido partido.

— O erro dele foi a certeza que tinha de obter êxito — disse ela. — E, certamente, ele não devia ter deixado isso transparecer. Por outro lado, considere o quanto esse aspecto desse aumentar sua decepção.

— De fato — replicou Elizabeth. — Sinto bastante por ele; mas o Sr. Darcy também estava vivendo em grande conflito de sentimentos, com preocupações que logo apagarão seu interesse por mim. Você não me recrimina, no entanto, por havê-lo recusado, não é?

— Recriminar você?! Ah, não.

— Nem por ter defendido Wickham tão calorosamente?

— Não... não sei se estava equivocada ao dizer o que disse.

— Ah, mas *vai* saber quando eu lhe contar o que aconteceu logo no dia seguinte.

Elizabeth, então, passou a relatar a carta, repetindo tudo o que esta dizia a respeito de George Wickham — especialmente seu procedimento em relação ao cavaliço surdo e à Srta. Darcy. Que abalo representou tudo isso para a pobre Jane! Ela preferiria passar pelo mundo sem ter de acreditar que existisse tanta malevolência na espécie humana inteira, quanto mais saber que toda essa maldade estava concentrada em um único indivíduo. Nem mesmo a vingança de Darcy, embora grata aos seus sentimentos, foi capaz de consolá-la por tal descoberta. Mais empenho ela dedicaria a provar a possibilidade de ser tudo um mal-entendido e tentar inocentar um sem incriminar o outro.

— Isso é impossível — afirmou Elizabeth. — Você jamais será capaz de tornar a ambos justos neste episódio. Escolha! Mas terá de se contentar em dar razão a apenas um deles. Não há mérito suficiente aqui para tornar a ambos merecedores de crédito, mas apenas a um deles: é Wickham ou Darcy. Minha

opinião oscilou bastante entre um e outro. Da minha parte, agora estou inclinada a acreditar no Sr. Darcy; mas você deve seguir seu próprio entendimento.

Levou algum tempo, entretanto, para que Jane conseguisse sorrir.

— Creio que jamais em minha vida tive um desapontamento tão grande — disse. — Wickham é uma pessoa detestável. É quase inacreditável. Coitado do Sr. Darcy! Minha querida Lizzy, pense apenas no quanto ele sofreu. Que decepção! E ainda por cima sabendo que você pensava tão mal dele. E ele precisou até surrar a senhora que cuidava de

sua irmã! É realmente tristíssimo. Tenho certeza de que você também está consternada.

— Sem dúvida que estou. Mas existe um aspecto sobre o qual desejo seu conselho. Quero que me diga se eu devo ou não contar aos nossos conhecimentos qual é o verdadeiro caráter de Wickham.

A Srta. Bennet replicou:

— Mas é claro que não caberia desmoralizá-lo de um modo tão horrível. O que você acha?

— Que não devemos tomar tal iniciativa. O Sr. Darcy não me autorizou a tornar nada disso público. Ao contrário, tudo o que diz respeito à irmã dele é para ser guardado só comigo, pelo menos na medida do possível; e se eu tentar abrir os olhos das pessoas sem mencionar esse episódio, quem vai acreditar em mim? A predisposição geral de nossos vizinhos contra o Sr. Darcy é tão brutal que significaria a morte de metade das boas pessoas de Meryton, se eu quisesse mostrá-lo sob uma perspectiva melhor. Não estou à altura de tal tarefa. Em breve, Wickham partirá e, portanto, o que ele de fato é não importará para as pessoas daqui. Por enquanto, nada direi a esse respeito.

— Tem toda razão. Se seus erros se tornarem de conhecimento público, ele pode se sentir forçado a pedir uma satisfação ao Sr. Darcy... E quando dois cavalheiros duelam, raramente o desfecho é bom. Não devemos conduzi-lo a uma

situação desesperada. Ou, nas palavras de nosso amado mestre: "Um tigre enjaulado morde com o dobro da força."

O tumulto na mente de Elizabeth foi mitigado por essa conversa. Ela havia se livrado de dois segredos que pesavam sobre si havia quinze dias. Mas trazia ainda algo oculto na penumbra, que a prudência a impedia de revelar. Ela não ousou revelar a outra metade da carta do Sr. Darcy, nem expor à irmã a sinceridade dos sentimentos que Bingley havia alimentado por ela.

Agora, de volta ao lar, tinha a oportunidade de observar o genuíno estado de espírito de Jane. A moça estava infeliz. Ainda acalentava uma intensa ternura por Bingley. Nunca antes tendo sequer se imaginado apaixonada por alguém, o sentimento possuía todo o ardor do primeiro amor, e devido à sua idade e ao seu modo de ser, muito mais solidez do que o primeiro amor de muitos pode se arrogar possuir. Com tanto fervor ela mantinha viva a recordação que guardava dele, e de tal maneira o preferia a qualquer outro homem, que necessitava de todo o seu discernimento e de todo o seu cuidado em relação aos sentimentos dos amigos para não se deixar dominar pelo ressentimento que poderia prejudicar sua própria saúde e a tranquilidade de todos à sua volta.

Certo dia, a Sra. Bennet disse a Elizabeth:

— Qual é a sua opinião sobre esse triste caso de Jane? Da minha parte, pretendo nunca mais comentá-lo com ninguém. Disse isso ao meu irmão Phillips outro dia. Mas não consegui descobrir se Jane chegou a ver o Sr. Bingley em Londres. Bem, esse jovem não merece que sua irmã sofra por ele. E suponho que não haja a menor chance no mundo, a esta altura, de que ela o conquiste. Não há nenhum rumor de que ele retornará a Netherfield no verão, e também interroguei todo mundo que pudesse saber algo a esse respeito.

— Não acredito que ele passe outra temporada em Netherfield.

— Ah, muito bem, melhor assim. Ninguém deseja vê-lo novamente. Meu consolo é que tenho certeza de que Jane vai

morrer de tristeza, e, então, ele vai se arrepender do que fez.

Como Elizabeth não conseguia ver nenhum consolo com uma expectativa dessas, preferiu ficar calada.

— Então, Lizzy — prosseguiu sua mãe logo a seguir —, quer dizer que os Collins vivem com bastante conforto, não é verdade? Muito bem, só espero que dure. Charlotte sabe administrar uma casa bem, ousou dizer. Se tiver a metade de esperteza da mãe, deve estar economizando o que deve. Imagino que não haja nada de extravagante naquela residência.

— Não, absolutamente nada. — Elizabeth não conseguiria contar à mãe sobre a maldição que caíra sobre Charlotte. A pobre jovem atualmente mal conseguia ter consciência do que fazia.

— Suponho que falam com frequência de tomar posse de Longbourn quando seu pai morrer. Já olham a propriedade como se lhes pertencesse, arrisco dizer, seja o que for que aconteça.

— Seria um assunto que não mencionariam na minha frente.

— Não, é claro que não. Seria o cúmulo se o fizessem. Mas não duvido que conversem sobre isso entre eles, com frequência. Ora, muito bem, se conseguirem se sentir à vontade ocupando uma propriedade que legalmente não lhes cabe, tanto melhor para eles. Eu ficaria envergonhada de expulsar uma velha senhora de sua casa.

CAPÍTULO 41

LOGO TRANSCORREU a primeira semana do regresso das irmãs Bennet. E começou a segunda, que também era a última em que o regimento permaneceria em Meryton, o que fez com

que todas as jovens da região adoecessem de tristeza. Todas se lamentavam. As mais velhas das irmãs Bennet eram as únicas que ainda conseguiam comer, beber e dormir, além de praticar seus exercícios diários, os quais, nessa época do ano, incluíam jogas como o Beije-me, Veado — que seu pai inventara para aprimorar a habilidade de pisar suavemente, sem ruído, e a força dos braços. As regras eram muito simples: elas deviam esgueirar-se por trás de algum dos grandes cervos que estivessem pastando na floresta próxima, atracar-se com ele, derrubá-lo e beijá-lo no focinho; só depois poderiam libertá-lo. Jane e Elizabeth passaram várias tardes divertidas, entre muitas risadas, praticando tal jogo. Frequentemente, eram repreendidas devido sua insensibilidade por Kitty e Lydia, cuja prostração era extrema e que não podiam aceitar tanta alegria grassando na família.

— Deus do céu! O que vai ser de nós? O que vamos fazer?
— exclamavam as duas em voz alta com a amargura de quem se via como a criatura mais infeliz do mundo. — Como você pode andar por aí tão sorridente, Lizzy?

As jovens dividiam sua dor com a afetuosa mãe, que recordava o que havia precisado suportar, em semelhante situação, 25 anos antes.

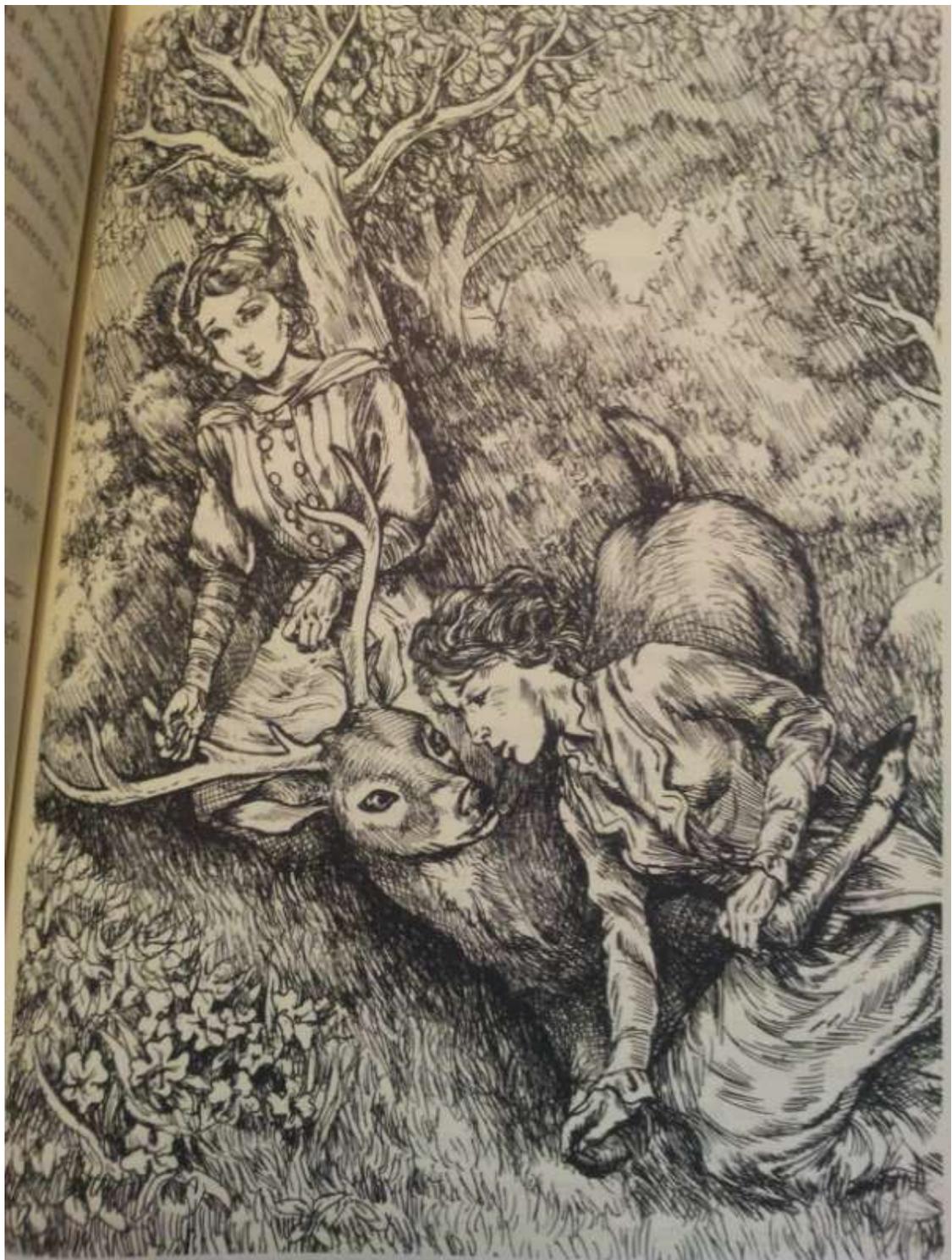
— Digo sem titubear que passei dois dias inteiros chorando quando o coronel Miller partiu com o regimento. Achava que meu coração ia se partir.

- Tenho certeza de que o meu vai se partir.
- Se ao menos pudéssemos ir para Brighton!
- comentou a Sra.

Bennet.

— Ah, sim! Se pudéssemos ir para Brighton! Mas papai não nos compreende.

— Uns poucos banhos de mar iam me fazer recuperar o ânimo para sempre.



AS REGRAS ERAM MUITO SIMPLES: DEVIAM ESGUEIRAR-SE POR TRÁS DE ALGUM DOS GRANDES CERVOIS QUE ESTIVESSEM PASTANDO NA FLORESTE PRÓXIMA, ATRACAR-SE COM ELE, DERRUBÁ-LO E BEIJÁ-LO NO FOCINHO PARA DEPOIS LIBERTÁ-LO.

— E minha tia Phillips garantiu que isso me faria muito bem —

acrescentou Kitty.

Tais lamentos ressoavam interminavelmente por toda a casa de Longbourn. Elizabeth procurava achar graça daquilo, mas todo o contentamento se esvaía por conta da vergonha. Mais uma vez ela percebeu a justeza das críticas do Sr. Darcy e jamais ficou tão satisfeita em reabrir as feridas dos seus sete talhos.

Mas, em relação a Lydia, logo a melancolia que ameaçava os dias à sua frente se desfez. A moça recebeu um convite da Sra. Forster, a esposa do coronel do regimento, para acompanhá-la a Brighton. A inestimável amiga era bastante jovem e estava casada fazia pouco tempo. Uma afinidade entre as duas, no que tangia ao bom humor e ao revelado estado de espírito, as aproximara, e durante os três meses que haviam travado amizade as duas se tornaram muito íntimas.

O deslumbramento de Lydia nessa ocasião, a adoração que sentia pela Sra. Forster, a alegria da Sra. Bennet e a mortificação de Kitty mal podem ser descritas. Inteiramente alheia aos sentimentos da irmã, Lydia revoava pela casa num êxtase incansável, exigindo congratulações de todos, rindo e falando mais agitada que nunca; enquanto isso, a infeliz Kitty passava horas e horas disparando flechas de seu arco comprido contra qualquer cervo, coelho ou pássaro desafortunado demais para chegar muito próximo da casa.

— Não entendo por que a Sra. Forster não me convidou também — queixava-se. — Posso não ser sua amiga, em especial, como Lydia, mas tenho tanto direito a ser convidada quanto ela.

Em vão, muito Elizabeth tentou fazê-la mais sensata, e Jane, torná-la mais resignada. Quanto a Elizabeth, ela se mostrava bem menos entusiasmada em relação a esse convite que sua mãe e Lydia, já que o considerava uma sentença de morte contra qualquer possibilidade de a irmã criar algum juízo. E embora Lydia fosse achar sua atitude detestável

caso a descobrisse, em segredo Elizabeth aconselhou o pai a não deixá-la ir para Brighton. Lizzy expôs para o pai o quanto era inconveniente o comportamento de Lydia, e os poucos benefícios que uma amizade com uma mulher como a Sra. Forster lhe traria, além da grande probabilidade de a irmã tornar-se ainda mais imprudente em tal companhia num lugar como Brighton, onde as tentações deviam ser ainda maiores do que onde eles viviam. Ele a escutou com grande atenção, depois disse:

— Lydia jamais vai se comportar até se meter numa séria enrascada, seja aqui ou lá, e não haveria melhor chance do que esta, com tão poucas despesas e sem inconvenientes excessivos para a família, para que ela o faça.

— Se o senhor soubesse — alertou Elizabeth — o grande dano que pode trazer a todos nós atrair a atenção pública para a conduta imprudente e leviana de Lydia... Ou melhor, que já nos trouxe... Bem, estou certa de que então o senhor consideraria o problema de modo diferente.

— Já nos trouxe?... — repetiu o Sr. Bennet. — O que foi que aconteceu? Ela afugentou algum pretendente seu? Pobrezinha da Lizzy! Mas não se deixe abater. Uns jovens frouxos desses, que não conseguem lidar com parentes um tanto absurdos, não valem a pena. Vamos lá, filha! Deixe-me ver quem são esses sujeitos tão lamentáveis que se deixaram afastar pelos desatinos de Lydia.

— Na verdade, o senhor está enganado. Não tenho tais mágoas acumuladas. Não falo de males em particular, mas em geral, que podem nos prejudicar. Nossa importância, nossa respeitabilidade no mundo pode ser manchada pela volubilidade descontrolada, pela petulância e pelo desdém a todo e qualquer limite que marca o caráter de Lydia. Desculpe-me, mas tenho de falar com toda a clareza. Se o senhor, meu pai, não vai se dar o trabalho de frear um pouco a exuberância dela, nem recordá-la de nosso juramento de sangue de defender a Coroa acima de todas as coisas, logo já será impossível corrigi-la. Seu caráter terá se consolidado, e ela, aos 16 anos, será dessas que

se dedicam a flertes sem conta e que lançam o ridículo sobre a família, além de se tornar uma desgraça para a honra de nosso amado mestre. E Kitty corre igual perigo. Seguirá sempre a liderança de Lydia. Superficial, ignorante, preguiçosa e absolutamente descontrolada! Ah, meu querido, pai, será que julga possível que elas não se tornem alvo de criticar e de desprezo onde quer que as conheçam? E que as irmãs dela também não será envolvidas nessa desgraça?

O Sr. Bennet percebeu que Elizabeth punha todo o seu coração na defesa de seus argumentos e, afetosamente, pegou a mão da moça, respondendo:

— Meu amor, não se preocupe tanto por causa disso. Onde quer que você e Jane estejam, sempre serão respeitadas e prezadas. E por terem duas... ou, devo dizer, três... irmãs desmioladas, isso não prejudicará vocês. Não teremos paz em Longbourn se Lydia não for para Brighton. Que ela vá, então. O coronel Forster é um homem sensato e deve mantê-la a salvo de qualquer perigo real. Além do mais, para sorte dela, Lydia é pobre demais para ser vista como uma presa valiosa seja por quem for. Em Brighton, ela terá menos importância, até mesmo para um mero flerte, do que tem aqui. Os oficiais vão dispor de mulheres que valham mais a pena. Portanto, vamos ter a esperança de que sua estada por lá lhe

ensine a reconhecer sua própria insignificância. Seja como for, ela não será capaz de piorar significativamente, sem que isso equivalha a uma autorização para que cortemos fora sua cabeça.

E com tal resposta Elizabeth foi forçada a se contentar, embora mantivesse sua opinião sobre o caso, assim, ela deixou o pai, desapontada e lamentando bastante.

Se Lydia e a mãe tivessem tomado conhecimento do teor dessa conversa, a indignação das duas dificilmente teria sido contemplada por um instante que fosse, em meio à tagarelice incessante das duas. Na imaginação de Lydia, uma temporada em Brighton abarcaria toda a felicidade terrena possível. Ela já via, com os criativos olhos do deslumbre, as ruas daquele

balneário de lazer ininterrupto repletas de oficiais. Via a si mesma como o centro das atenções de dezenas e dezenas deles, mesmo não conhecendo nenhum até o momento. Via-se sentada dentro de uma tenda, meigamente flertando com pelo menos seis oficiais ao mesmo tempo, enquanto a instavam a realizar outra demonstração das artes marciais.

Qual teria sido sua reação, caso descobrisse que a irmã tentaria privá-la de seus sonhos e certezas? Eram coisas compreendidas apenas por sua mãe, que provavelmente, em outro tempo, sentira-se do mesmo modo. A ida de Lydia para Brighton era tudo que a consolava por ainda não ter nenhuma das cinco filhas casada.

Mas como elas ignoravam por completo o que se passara entre Elizabeth e o Sr. Bennet, prosseguiram em seus frêmitos — com escassa interrupção — até o dia da partida de Lydia.

Precisamente no último dia de permanência do regimento em Meryton, o Sr. Wickham jantou, com outros oficiais, em Longbourn, e tão pouco estava Elizabeth disposta a se despedir dele em bons termos que, respondendo às suas perguntas sobre como fora a estada em Huntsford, a moça mencionou o coronel Fitzwilliam, bem como o Sr. Darcy, informando que ambos haviam passado três semanas em Rosings e perguntando-lhe se conhecia Fitzwilliam.

Ele pareceu surpreso, mas depois de um momento forçando a memória voltou a sorrir e respondeu que antigamente o via com frequência e, depois de observar que era um cavalheiro de modos muito elegantes, perguntou-lhe se ela havia simpatizado com ele. A resposta de Elizabeth foi calorosamente afirmativa. Com certo ar de indiferença, ele, após instantes, comentou:

— Quanto tempo a senhorita disse que ele permaneceu em Rosings?

- Quase três semanas.
- E a senhorita o via com frequência?
- Ah, sim. Quase todos os dias.
- E tinha uma conduta diferente da do primo?

— Sim, bastante diferente. Mas creio que o Sr. Darcy nos parece bem mais apreciável à medida que o vamos conhecendo.

— É um fato! — exclamou o Sr. Wickham, com uma expressão no rosto que não lhe escapou. — Mas, por gentileza, se posso perguntar... — No entanto, pensando melhor, ele refez seu tom de voz, e perguntou de um modo mais alegre: — Mas é na sua habilidade de se exprimir que ele melhora? Digo isso porque não creio que aconteça o mesmo... — E completou a frase, num tom mais baixo e sério agora. — ...com a essência de sua pessoa.

— Ah, não! — exclamou Elizabeth. — Na sua essência ele continua a ser o que sempre foi.

Enquanto ela falava, Wickham parecia mal saber se deveria deliciar-se com suas palavras ou desconfiar da ambiguidade delas. Havia algo na contenção de Elizabeth que o forçava a escutar com atenção ansiosa e muita apreensão. Ela prosseguiu:

— Quando disse que ele parece mais apreciável à medida que o conhecemos melhor, não me referia a nenhum aprimoramento em curso em seus pensamentos ou em suas maneiras, mas sim, que conhecendo-o melhor, se torna mais fácil entender suas motivações e atitudes. Particularmente em relação aos meninos cavalariços.

O súbito sobressalto de Wickham se fez notar num rubor acentuado nas feições e na agitação que tomou conta de seu olhar. Por alguns minutos, ele permaneceu em silêncio, até que, conseguindo afastar o embaraço, voltou-se novamente para Elizabeth e disse, modulando a voz na melhor cortesia:

— A senhorita, que conhece tão bem meus sentimentos em relação ao Sr. Darcy, prontamente compreenderá o quanto sinceramente eu aprecio que ele seja bastante inteligente para assumir a aparência de que está do lado da razão. Receio apenas que essa espécie de precaução à qual, imagino eu, esteja a senhorita aludindo seja tomada exclusivamente durante as visitas à casa da tia dele, a quem o Sr. Darcy respeita e teme o bastante para zelar para que ela o julgue sempre merecedor

de sua boa opinião. O medo que o Sr. Darcy tem dela, bem sei, sempre age quando eles estão juntos, e boa parte disso deve ser atribuído ao desejo de que se encaminhem da melhor maneira seus projetos até se unir à Srta. de Bourgh, os quais tenho certeza de que lhe são muito caros.

Ao escutar isso, Elizabeth não pôde conter um sorriso, mas respondeu simplesmente com um leve manear de cabeça. Percebeu que ele tentava envolvê-la no velho assunto referente aos seus rancores — e não estava no melhor humor para encorajá-lo nessa direção. O restante da noite foi passada, da parte dele, mantendo a aparência da usual jovialidade, mas sem nenhuma outra tentativa de dar maior atenção a Elizabeth. Despediram-se, ao final, com mútua cortesia, e possivelmente um desejo também mútuo de jamais se verem outra vez.

Quando a festa acabou, Lydia retornou com o Sr. Forster para Meryton, de onde deveriam iniciar sua viagem logo cedo na manhã seguinte. A separação entre ela e a família foi particularmente ruidosa e patética. Kitty foi a única que chegou a chorar um pouco, mas foram lágrimas de constrangimento e inveja. A Sra. Bennet não poderia ser mais profusa em seus votos pela felicidade da filha, nem mais enfática em reafirmar que ela não deveria deixar escapar oportunidade alguma de e divertir o máximo que pudesse — conselho este que, com toda razão, se acreditou que seria seguido. Com isso e a mais clamorosa felicidade de Lydia ao proferir suas despedidas, o *adieu* mais discreto das irmãs não foi sequer escutado.

CAPÍTULO 42

SE AS CONCEPÇÕES DE Elizabeth fossem derivadas exclusivamente a partir de sua própria família, ela não poderia

ter formado boa opinião sobre felicidade conjugal ou vida doméstica. Seu pai, seduzido pela juventude, pela beleza e por aquela aparência de bom humor que a juventude e a beleza em geral conferem, havia desposado uma mulher cujos frágil discernimento e estreiteza mental haviam, logo no início do casamento, exaurido todo o seu afeto por ela. O respeito, a estima e a cumplicidade haviam desaparecido para sempre, e, assim, toda a esperança de viver em harmonia doméstica foi aniquilada. Mas o Sr. Bennet não era homem de buscar compensações para a frustração ocasionada por sua própria imprudência. Em vez disso, dedicou-se a garantir que suas filhas não seguissem os passos idiotizados e inúteis da mãe. Nessa tarefa, fez cinco tentativas, sendo bem-sucedido em duas. Além da dádiva de ter Jane e Elizabeth, à Sra. Bennet ele pouco mais devia. Não é esse tipo de felicidade que um homem, geralmente deseja dever à esposa.

Elizabeth, no entanto, jamais fora cega quanto à impropriedade do comportamento de seu pai como marido, o que sempre lhe fora uma percepção dolorosa. No entanto, respeitando as habilidades que ele tinha, e agradecida pelo afetuoso tratamento que dele recebia, esforçava-se por esquecer o que não podia deixar de enxergar e por banir de seus pensamentos aquela permanente quebra do decoro e da obrigação conjugal. Isso havia sido particularmente árduo durante suas viagens à China, as quais o Sr. Bennet havia supervisionado sem a companhia da esposa — e durante as quais ele desfrutara muitas orientais belíssimas como companheiras de leito. Mestre Liu havia defendido tal comportamento como uma aquiescência aos costumes locais, e Elizabeth mais de uma vez experimentara o tormento do bambu molhado nas costas como castigo pela ousadia de questionar o comportamento de seu pai. Contudo, ela jamais sentira, tão intensamente como agora, as desvantagens que obrigatoriamente acompanham os filhos de um casamento tão desajustado.

Quando Lydia partiu, prometeu escrever com bastante frequência, relatando em detalhes tudo o que acontecesse para sua mãe e Kitty; mas suas cartas sempre eram precedidas por longas esperas — e eram sempre curtas demais. Aquelas que eram endereçadas à mãe revelavam pouco mais além de haviam acabado de voltar da biblioteca, onde tinham encontrado tais e tais oficiais, e que ela havia comprado um vestido novo, ou uma nova sombrinha, que descreveria mais minuciosamente se não tivesse de sair numa pressa desesperada, uma vez que a Sra. Forster a havia chamado para um passeio ao acampamento militar. Quanto à correspondência dela com a irmã, se podia dizer que havia ainda menos informações, uma vez que, embora mais longas, as cartas eram por demais cheias de subentendidos para que pudessem ser lidas pro outras pessoas.

Depois de um período de cerca de quinze dias — ou talvez três semanas desde sua ausência, a saúde, o bom humor e a alegria começaram a reaparecer em Longbourn. Tudo se revestia de um aspecto de maior contentamento. As famílias que haviam fugido da infestação por fim retornavam, e pela primeira vez, ao que todos lembrassem, reviviam os entretenimentos e as reuniões sociais do verão. A Sra. Bennet voltou à sua rotina dos queixumes habituais. Em meados de junho, Kitty já estava recuperada o suficiente para conseguir entrar em Meryton sem lágrimas, um acontecimento tão promissor que fez Elizabeth ter esperanças de que lá pelo Natal ela tivesse até mesmo criado sensatez suficiente para impedi-la de mencionar algum oficial mais de uma vez ao dia, a não ser que, por alguma disposição maliciosa e cruel do Ministério da Guerra, outro regimento fosse aquartelado em Meryton.

A data combinada para o início da excursão de Elizabeth pelo norte do país estava se aproximando rapidamente; faltava apenas uma quinzena quando chegou uma carta da parte do Sr. Gardiner, que de um único golpe adiava seu começo e reduzia sua extensão. Devido a problemas recentes em Birmingham e à demanda do Exército pro mais pólvora e pederneiras, o Sr.

Gardiner não teria como se ausentar até uma quinzena adiante de julho, precisando estar de volta a Londres em um mês. Como isso lhes deixava um período curto demais para ir tão longe quanto haviam planejado, para percorrer todas as regiões que se haviam proposto a visitar, ou pelo menos para fazer essa viagem com o prazer e o conforto com que a haviam idealizado, eles se viram obrigados a abrir mão dos Lagos e substituí-los por uma excursão mais restrita. De acordo com os planos atuais, não deveriam passar de Derbyshire. Nessa região, havia o bastante para se ver que ocupasse a maior parte do tempo das três semanas de que dispunham. Além disso, a Sra. Gardiner, o local exercia uma atração peculiarmente forte. A cidade em que ela residira alguns anos de sua vida na mocidade, e onde agora eles iriam passar alguns dias, era, provavelmente, objeto de sua curiosidade tanto quanto as celebradas belezas de Matlock, Chatsworth, Dovedale ou o distrito dos Picos.

Elizabeth ficou bastante desapontada. Em seu coração, vinha acalentando a perspectiva de ver os Lagos, e ainda achava que poderia haver tempo suficiente para tanto. No entanto, estava feliz por ter a oportunidade de estar em qualquer lugar que não fosse Hertfordshire, de modo que logo recuperou o ânimo.

Desesperada para fazer o tempo passar, certa manhã Elizabeth decidiu ir ver o campo de cremação do monte Oakham. Fazia quase dois anos desde sua última visita, e consistia em uma caminhada de apenas alguns quilômetros até o topo do monte — que era pouco mais que uma colina, com uma externa coluna de fumaça erguendo-se no alto. Cenários semelhantes podiam ser vistos de uma ponta à outra da Inglaterra, independentemente da estação do ano ou das condições climáticas. Havia sempre uma pira queimando.

Elizabeth alcançou as cercanias do monte logo após o desjejum e ficou surpresa ao encontrá-lo em grande atividade. Várias carroças já faziam fila fora do barracão do Pagador Real: todas estavam carregadas com grandes janelas com o formato de caixas. Dentro de cada jaula havia de um a quatro zumbis

(em casos raros, podiam-se ver jaulas com cinco ou até seis). A maior parte das carroças pertencia a fazendeiros, que haviam capturado os não mencionáveis com suas armadilhas de caça, sendo esta uma atividade que desempenhavam para ganhar algum dinheiro adicional. Algumas carroças, no entanto, pertenciam a caçadores de zumbis profissionais, chamados de *Reparadores*, que atravessavam o país armando suas jaulas. Elizabeth sabia que alguns dos chamados *Reparadores* nada mais eram do que canalhas que ganhavam a vida abduzindo pessoas inocentes, a quem infectavam com a praga para depois vendê-las aos campos de cremação. Mas era melhor queimar alguns inocentes do que deixar os culpados livres.

A pouca distância do barracão do Pagador Real, o Mestre do Fogo encontrava-se postado junto ao seu poço, próximo às chamas que se elevavam a uma altura que era o dobro da dele. Seu peito nu mostrava-se coberto de suor, já que ele nunca interrompia o trabalho — fosse besuntando alcatrão em achar de lenhas, atizando as brasas ou lançando molhos de feno ao fogo.

Depois de negociar com o Pagador Real — e tendo embolsado suas moedas de prata — os homens empurravam suas carroças até a plataforma do Mestre do Gancho, onde as jaulas eram içadas das carroças por um dispositivo mecânico que as girava no ar e as posicionava sobre as chamas. Elizabeth não conseguia conter um frêmito de alegria enquanto observava jaula após jaula, cheias de zumbis, arderem — escutando o terrível grito que emitiam quando o fogo (que temiam acima de tudo), primeiro, lambia seus pés e, depois, se espalhava por toda a carne pútrida das aberrações, remetendo-as diretamente para o inferno. Quando os zumbis haviam se reduzido a nada mais do que ossos e cinzas, as jaulas eram baixadas de volta às carroças, que partiam em busca de nova carga.

À exceção de excursões dessa natureza, as quatro semanas seguintes transcorreram devagar; mas passaram, afinal, e o Sr. e a Sra. Gardiner, com seus quatro filhos, finalmente chegaram a Longbourn. As crianças — duas meninas, de 6 e 8 anos, e

dois meninos mais novos — seriam deixadas sob o cuidado pessoal da prima, Jane, que era a favorita de todos, e cuja perene sensatez e doçura de temperamento qualificava-a para cuidar deles em todos os sentidos — zelando por eles, brincando, amando-os.

Os Gardiner passaram apenas uma noite em Longbourn e se puseram, a caminho na manhã seguinte, com Elizabeth agora sequiosa por novidades e entretenimento. Um prazer estava garantido — a perfeita harmonia da companhia; uma harmonia que, aliás, compreendia ter saúde e temperamento ajustados para enfrentar inconvenientes fortuitos; alegria para tirar o máximo de cada momento prazeroso, e afeto e inteligência que bastariam para se promoverem mutuamente, caso a viagem os decepcionasse de algum modo.

Não cabe aqui fazer uma descrição de Derbyshire, nem de nenhum dos notáveis lugares pelos quais o trajeto os conduziu; Oxford, Blenheim, Warwick, Kenilworth etc. são suficientemente conhecidos de todos. Tampouco convém relatar o punhado de enfrentamentos com zumbis que exigiram a intervenção de Elizabeth — uma vez que nenhum foi suficiente para provocar sequer o escorrer de uma única gota de suor de sua fronte. Uma pequena parte do Derbyshire é tudo o que importa aqui. A pequena cidade de Lambton, antiga residência da Sra. Gardiner, onde, segundo ela fora informada, alguns de seus velhos conhecidos ainda viviam. Foi onde se detiveram, depois de terem visitado as principais maravilhas da região. E a cerca de dez quilômetros de Lambton, segundo a Sra. Gardiner informou a Elizabeth, ficava Pemberley, que, embora não fosse no caminho principal que seguiam, não exigia um desvio de mais de dois ou três quilômetros. Conversando sobre que rota deveriam seguir na noite anterior, a Sra. Gardiner expressou o desejo de rever a propriedade. O Sr. Gardiner assentiu, e Elizabeth foi instada a opinar.

— Minha adorada, não gostaria de ver um lugar sobre o qual tanto escutou falar ultimamente? — provocou a tia. — Um lugar, também, ao qual tantas pessoas que você conhece estão

ligadas? Sabe que Wickham passou lá quase toda a sua juventude?

Elizabeth angustiou-se. Sentia que nada tinha a fazer com Pemberley e viu-se obrigada a explicitar sua vontade de não ir até lá. Disse que estava farta de ver mansões e que, depois das tantas que haviam visitado, já não lhe dariam prazer mais tapetes caros e cortinas de cetim.

A Sra. Gardiner escarneceu da ignorância dela.

— Se fosse meramente uma bela mansão ricamente mobiliada, eu própria não desejaria vê-la outra vez. Mas a propriedade em volta é maravilhosa. Tem um dos mais belos bosques da região.

Elizabeth calou-se — mas, em seu íntimo, não aquiesceu. A possibilidade de se encontrar com o Sr. Darcy, enquanto passeavam pela propriedade, instantaneamente lhe ocorreu. Seria estarrecedor!

Assim, ao se recolher à noite, indagou da camareira se Pemberley era de fato um lugar tão adorável; qual era o nome do proprietário e, não sem certa apreensão, se a família estava na residência neste verão. Uma bem-vinda negativa se seguiu à última pergunta. O Sr. Darcy, segundo informou a criada, estava em Londres para um encontro da Liga dos Cavalheiros para o Encorajamento da Continuada Hostilidade contra Nosso mais Abominado Inimigo. Sua preocupação agora estando dissipada, sentiu-se à vontade para dar vazão à grande curiosidade que tinha de ver a mansão propriamente dita, e quando o assunto foi retomado na manhã seguinte, e de novo a consultaram sobre a visita, ela prontamente respondeu, com conveniente ar de indiferença, que não lhe desagradava realmente dar tal passeio. Para Pemberley, portanto, foram eles.

CAPÍTULO 43

JÁ NO CAMINHO, ELIZABETH vasculhava ansiosamente a paisagem, aguardando a primeira visão que teria dos bosques de Pemberley. Quando, afinal, passaram pela cabana do guarda-caça, seu espírito se agitou por inteiro.

O parque era imenso, com variados tipos de vegetação. Eles entraram por um dos pontos mais baixos e seguiram por algum tempo através de um belo bosque que se espalhava por uma grande extensão — tomando o cuidado de apurar os ouvidos para grunhidos e estalidos de gravetos sendo partidos, visto que circulava o rumor de haver uma grande horda de aberrações recém-saídas dos túmulos.

Os pensamentos de Elizabeth estavam por demais ocupados para que ela pudesse ser de grande valia, em caso de uma emergência dessas, mas ela via e admirava todos os detalhes da paisagem sob diferentes pontos de vista. Aos poucos, eles subiram o caminho de pouco menos de um quilômetro, e logo se encontravam no topo de uma alta colina, onde já não chegava o bosque, quando, nesse preciso instante, o olhar de todos foi atraído pela Mansão Pemberley, situado no lado oposto de um vale, para o qual a estrada entrava com uma curva repentina. Era uma grande e bela construção de pedra, que fez Elizabeth lembrar os maiores palácios de Kyoto. Por trás, viam-se as encostas arborizadas de altas colinas; enquanto, diante da casa, havia um riacho de considerável volume, que fora transformado numa defesa contra um ataque frontal, sem com isso tomar a aparência de um leito artificial. As margens não eram adornadas nem com austeridade formal nem com ostentação. Elizabeth estava encantada. Jamais vira um lugar que a natureza valorizasse tanto ou no qual a beleza natural, cultuada no Oriente, fosse tão pouco submetida ao gosto inglês. O grupo comentou sua admiração com ênfase e, naquele momento, ela pensou que ser a dona de Pemberley podia significar bastante.

Desceram a colina, atravessaram a ponte guarnecida por dragões de pedra de ambos os lados e se dirigiram para o portão de jade maciço.

Enquanto se extasiava com as cercanias da casa e seu exterior, toda a sua apreensão, quanto à possibilidade de poder encontrar ali o proprietário, retornou. Ela temeu que a camareira estivesse enganada. Mas, já pedindo permissão para ver a propriedade, foram admitidos no salão de entrada, e Elizabeth, enquanto aguardavam a governanta, controlou os pensamentos o bastante para conseguir se perguntar onde viera parar.

Veio a governanta; uma senhora com uma respeitável aparência inglesa, vestida num quimono e arrastando seus pés atados, conforme a tradição oriental. Seguiram-na até um salão de jantar. Era um ambiente amplo e bem proporcionado, belamente decorado com objeto de arte e mobiliário oriundos do Japão tão amado do Sr. Darcy. Elizabeth, depois de percorrer todo o salão, foi até uma janela, admirar a vista. A colina, coroada pelo bosque do qual haviam descido, parecia mais íngreme a distância, mas também mais bela. Todo o terreno, com suas características, havia sido bem aproveitado; e agora ela via com grande deleite a paisagem inteira, o rio, as árvores espalhadas pelas margens e as curvas do vale, estendendo-se até onde se podia enxergar. Passaram, então, aos demais aposentos, e cada um desses elementos naturais assumia diferentes posições; entretanto, de cada janela também havia novas belezas a contemplar. Os aposentos eram elegantes e bonitos, além de a mobília combinar com a ligação afetiva do proprietário com o Oriente. Mas, Elizabeth viu ainda, admirando cada vez mais o bom gosto dele, que nada ali era espalhafatoso nem desnecessariamente refinado, mas sempre com menos esplendor e mais elegância genuína do que o mobiliário de Rosings.

"E deste lugar", pensou ela, "eu poderia ser a senhora! Com esses aposentos poderia eu, agora, estar absolutamente familiarizada! Isso em vez de visitá-los como uma estranha;

poderia aproveitar cada um deles o quanto quisesse, sendo meus, e receber da melhor maneira, neles, como visitantes, meu tio e minha tia. Mas não...", conteve-se, "isso não poderia acontecer; minha tia e meu tio teriam de ser esquecidos por mim; jamais me seria permitido convidá-los a me visitar aqui."

E essa foi uma afortunada reflexão, que a salvou de algo muito próximo do arrependimento.

Ela ansiava cada vez mais por perguntar à governante se o dono da casa de fato estava ausente, mas não tinha coragem de fazê-lo. Finalmente, entretanto, a pergunta foi feita pelo tio; e ela se voltou, sobressaltada, enquanto a Sra. Reynolds já confirmava que Darcy não estava em Pemberley, acrescentando, no entanto:

— Mas nós o esperamos para amanhã, com um grande grupo de amigos.

E como se alegrou Elizabeth, então, que sua viagem não tivesse sido adiada por mais um dia!

A tia chamou-a para ver um retrato. Ela se aproximou e viu a imagem emoldurada do Sr. Wickham, apoiado em muletas, entre muitos outros pequenos retratos que havia sobre o console da lareira. A tia perguntou-lhe, sorrindo, se gostava da pintura. A governanta adiantou-se e disse-lhes que era o retrato de um jovem cavalheiro, o filho do polidor de mosquetes, cuja educação havia sido custeada pelo antigo senhor da casa.

— Ele entrou para o Exército — acrescentou ela —, mas receio que tenha se desencaminhado na vida.

A Sra. Gardiner voltou-se para a sobrinha com novo sorriso, que, no entanto, Elizabeth não pôde retribuir.

— E aquele — disse a Sra. Reynolds, apontando para outro retrato — é o meu amo... e está muito parecido com ele hoje. Foi desenhado na mesma época do outro, cerca de oito anos atrás.

— Já escutei muitos dizerem que seu amo é uma ótima pessoa — comentou a Sra. Gardiner, observando a pintura. — É um belo rosto. Mas, Lizzy, você é quem pode nos dizer se está parecido ou não com ele.

O respeito da Sra. Reynolds por Elizabeth pareceu crescer ao ser mencionado que a moça conhecia seu amo.

— Essa jovem conhece o Sr. Darcy? Elizabeth corou ao responder:

— Um pouco.

— E não o acha um homem bonito, senhorita?

— Sim, muito bonito.

— Posso dizer, com certeza, que não conheço nenhum outro tão bonito; mas, na galeria do andar de cima, poderão ver um retrato maior e melhor que este. Aqui eram os aposentos do meu falecido amo, e estas pequenas pinturas continuam no lugar que sempre ocuparam. Meu antigo amo gostava bastante delas.

Esta observação explicou a Elizabeth por que o retrato do Sr. Wickham estava entre os demais.

A Sra. Reynolds, a seguir, voltou sua atenção para um retrato da Srta. Darcy, pintado quando ela tinha 8 anos.

— E a Srta. Darcy é tão bonita quanto o irmão? — indagou a Sra.

Gardiner.

— Ah, sim! A mais linda jovem que já se viu. E tão prendada! Não fazia um mês do seu décimo primeiro aniversário quando decapitou um não mencionável pela primeira vez! É fato que o Sr. Darcy havia

acorrentado a vil criatura a uma árvore, mas mesmo assim foi impressionante vê-la matá-lo. No aposento ao lado há uma Katana nova, que acabou de chegar para ela, um presente de meu amo. A Srta. Darcy virá para cá com ele amanhã.

O Sr. Gardiner, com suas maneiras bastante amistosas e agradáveis, encorajava a comunicabilidade da senhora com observações e perguntas. A Sra. Reynolds, fosse por orgulho ou por dedicação, tinha evidente prazer em falar sobre seu amo e irmã.

— Seu amo passa muito tempo em Pemberley ao longo do ano?

— Não tanto quanto eu desejaria, meu senhor. Mas arrisco dizer que passa metade do seu tempo aqui. Já a Srta. Darcy está sempre em casa nos meses de verão.

"Exceto", pensou Elizabeth, "quando vai para Ramsgate."

— Se o seu amo se casasse, você passaria a vê-lo mais.

— É verdade, meu senhor, mas não sei quando isso acontecerá. Não conheço ninguém que esteja à altura dele.

O Sr. e a Sra. Gardiner sorriram. E Elizabeth não pôde deixar de dizer:

— É um grande elogio, esse que lhe faz, e estou certa de que é bastante sincera.

— Digo somente a verdade e o que todos que o conhecem também dirão — replicou a governanta.

Elizabeth receava que a conversa estivesse indo longe demais, mas mesmo assim escutou com crescente assombro quando a governanta acrescentou:

— Jamais escutei dele uma palavra grosseira em toda a minha vida, e eu o conheço desde que ele tinha quatro anos. Em todo esse tempo, somente o vi espancando com brutalidade uma pessoa que o servia; e foi

uma surra bem merecida aquela. Ouso dizer que ele é o cavalheiro mais elegante da Inglaterra.

Aquele foi o elogio mais extraordinário de todos, e nada poderia ser mais contraditório ao juízo que Elizabeth fazia de Darcy. Era sua firme opinião que ele não era um homem de bom gênio. Com isso, Elizabeth apurou imensamente sua atenção, ansiosa para escutar mais, e ficou grata à tia quando ela disse:

— Há poucas pessoas sobre quem se pode dizer tanto. A senhora tem sorte de ter um senhor como esse.

— Sim, senhora, tenho muita sorte de fato. Se eu percorresse o mundo inteiro, ainda assim poderia não encontrar ninguém melhor. Mas sempre observo que aqueles que mostram ter bom caráter já na infância, quando crescem, mantêm sua

natureza. Ele foi um garoto de boa índole, um menino de coração tão generoso como nenhum outro no mundo.

Elizabeth por pouco não arregalou os olhos, espantada.

"Mas será esse o mesmo Sr. Darcy que eu conheço?", pensou.

— Seu pai era um homem excelente — disse a Sra. Gardiner.

— Tem razão, senhora. E o filho é igual a ele... compassivo com os pobres, assim como era o pai. Generoso com todos que Deus faz nascer com mazelas, como os aleijados, os surdos... Todos.

"Tudo isso o colocar sob uma iluminação espiritual de bondade!", pensou Elizabeth.

— Esse lindo relato sobre ele — sussurrou a tia enquanto elas caminhavam — não é compatível com o comportamento que ele teve para com nosso pobre amigo...

— Talvez estejamos sendo iludidas.

— Não é provável. O testemunho parece dos mais confiáveis.

Ao chegarem ao espaçoso salão de cima depararam com uma agradável sala de estar, recentemente decorada e de forma bem mais elegante e leve que os aposentos de baixo; foram então informados de que isso havia sido feito para dar prazer à Srta. Darcy, que se tomara de amores pela sala da última vez que estivera em Pemberley.

— Não há dúvidas de que ele é um bom irmão — disse Elizabeth, dirigindo-se a uma janela.

A Sra. Reynolds já antecipava a satisfação da Srta. Darcy quando entrasse naquela sala.

— É bem o jeito dele — acrescentou a governanta. — O que quer que possa agradar sua irmã, ele se assegura de que seja realizado de imediato. Não há o que ele não faria por ela.

A galeria das batalhas e dois ou três dos principais quartos era tudo o que restava para ser mostrado. Na primeira, estava pendurado um bom punhado de boas cabeças de zumbis e

armaduras samurais. No entanto, pouca importância deu Elizabeth a tais troféus, preferindo examinar alguns desenhos a *crayon* da Srta. Darcy, cujos temas eram quase exclusivamente nus masculinos.

Quando haviam passeado por todos os aposentos da casa abertos à visita, retornaram ao andar de baixo e, despedindo-se da governanta, foram entregues aos cuidados do jardineiro, que veio ao encontro deles no saguão de entrada.

O jardineiro conduziu-os ao longo do rio, parando para mostrar-lhes, era uma pequena fonte, ora um jardim de pedras. Elizabeth voltou-se para contemplar a casa a distância, mas de súbito, foi assaltada por um susto tão forte que a fez tentar desembainhar a espada, a qual, por negligência, se esqueceram de levar — aproximava-se, rapidamente, uma horda de não mencionáveis, não menos do que 25 deles. Elizabeth, já recomposta, alertou o grupo para esse desafortunado percalço e ordenou-lhes que corressem para se esconder, o que todos fizeram não sem um princípio de pânico.

Com a horda quase sobre dela, Elizabeth preparou-se para a batalha

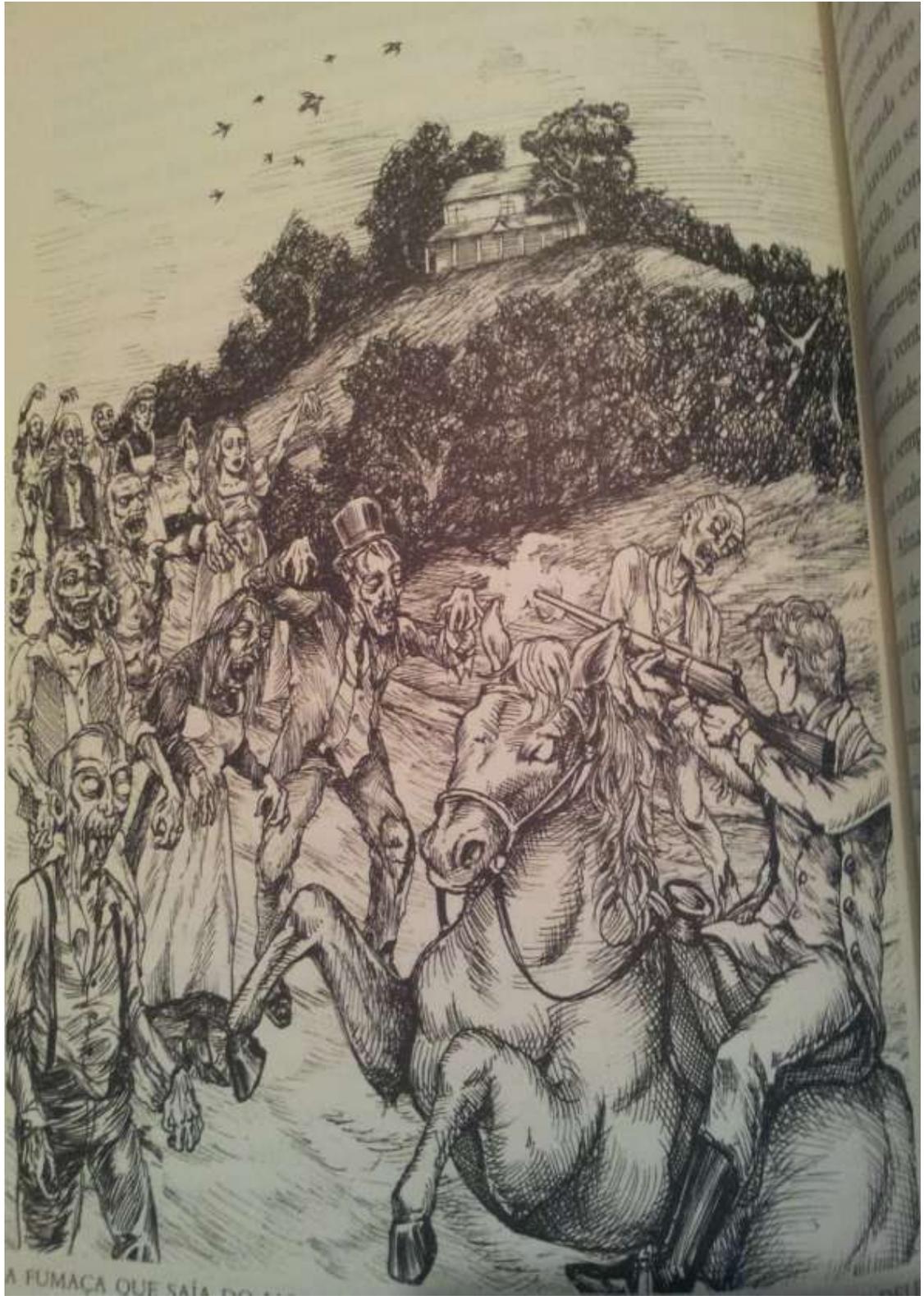
— arrancando um galho de uma árvore próxima e posicionando os pés na primeira base da técnica do Camponês que Varre com o Vento. A luta com bastões nunca fora sua disciplina mais potente, mas como era só do que dispunha como arma, parecia a tática mais factível, dado o grande número de oponentes. Os zumbis emitiram um desagradabilíssimo rosnado assim que chegaram bem perto para fincar-lhe os dentes, e Elizabeth retribuiu da mesma maneira, quando iniciou seu contra-ataque. No entanto, mal ela havia abatido cinco ou seis, e o estampido de uma arma de fogo aterrorizou o bando remanescente. Elizabeth manteve a posição de defesa, enquanto os zumbis, cambaleando, apressavam-se em alcançar a segurança do bosque, e a seguir, já com a certeza de que haviam fugido, ela voltou o olhar para a direção de onde partira o disparo de mosquete. Ao fazer isso, sobreveio-lhe outro susto, embora de uma natureza decididamente diversa — já que,

montado num corcel e empunhando uma Brown Bess ainda fumegante, avistou ninguém menos que o dono da propriedade. A fumaça que saía do mosquete de Darcy flutuava no ar à volta dele, levada para o alto pela mesma brisa que agitava sua farta cabeleira cor de noqueira. Seu cavalo emitiu um poderoso relincho, empinado nas patas traseiras... e elevando-se o bastante para lançar fora da sela um cavaleiro menos hábil. Mas a mão livre de Darcy segurou firmemente as rédeas, obrigando o animal assustado a descer.

Era impossível evitar sua visão. E de fato os olhos de ambos imediatamente se encontraram, as faces dos dois ruborizando-se fortemente. Foi visível o sobressalto dele, e por um momento a surpresa o paralisou. Logo, entretanto, Darcy recuperou-se e avançou na direção dela, desmontou e dirigiu-se a Elizabeth se não em termos de perfeita compostura, pelo menos com irrepreensível cordialidade, enquanto o restante do grupo deixava o esconderijo e vinha se juntar a eles.

Espantada com a mudança nas maneiras dele em relação à última vez que haviam se visto, toda frase que ele proferia aumentava o embaraço de Elizabeth, com o peso sobre o espírito da moça da inconveniência de ela ter sido surpreendida naquele lugar. Ali, Elizabeth passou alguns dos mais constrangedores minutos de sua vida. Tampouco Darcy parecia muito mais à vontade. Quando falava, sua voz nada demonstrava da habitual tranquilidade, e ele perguntou tantas vezes se o tia e a tia dela estavam bem, e sempre de maneira tão acelerada, que bem parecia que sua fala estava totalmente obliterada pelos próprios pensamentos.

Afinal, toda a sua capacidade de raciocínio pareceu abandoná-lo e, depois de ficar alguns instantes sem dizer coisa alguma, de repente entregou a Elizabeth sua Brown Bess, montou seu cavalo e se foi.



A FUMAÇA QUE SAÍA DO MOSQUETE DE DARCY FLUTUAVA NO AR
À VOLTA DELE, ASSOPRADA PARA O ALTO PELA MESMA BRISA QUE
AGITAVA SUA FARTA CABELEIRA COR DE NOGUEIRA.

Os tios e o jardineiro se reuniram a Elizabeth e expressaram grande admiração pela figura dele; no entanto, Elizabeth não escutou uma só palavra e, completamente absorta nos próprios pensamentos, seguiu-os em silêncio. Sentia-se subjugada pela vergonha e a mais equivocada decisão que já tomara! Vê-la devia ter parecido estranhíssimo para ele. E o que não estaria pensando dela, aquele homem tão vaidoso? Podia parecer que ela havia se atirado de novo no caminho dele propositalmente! Ah, por que tinha de ter ido àquele lugar? Ah, por que ele tinha de chegar um dia antes do esperado? Se tivessem saído somente dez minutos antes, estariam fora do alcance das recriminações dele, porque era nítido que ele estava chegando naquele instante. Ela corou repetidamente por conta da crueldade do encontro. E o comportamento dele, mudando de maneira tão surpreendente — o que poderia significar? Que ele tivesse vindo ajudá-la era espantoso. Mais ainda lhe dirigir a palavra, e com tanta cortesia, perguntando como estava passando! Nunca antes o vira portar-se de modo tão privado de altivez e jamais ele falara com tanta gentileza como naquele encontro inesperado. Que contraste com a vez anterior, em Rosings Park, quando enfiou ele a carta nas mãos dela! Elizabeth não sabia o que pensar... e muito menos como explicar coisa alguma.

Penetraram então nos bosques, subindo para um terreno mais elevado, onde seria menos provável que os zumbis, devido aos seus músculos ressecados e seus ossos quebradiços, os perturbassem. O Sr. Gardiner expressou o desejo de contornar o parque inteiro, mas temia que pudesse ser perigoso demais, dada a proximidade da horda de aberrações. Um rugido emitido a pouca distância por um dos soldados de Satã dirimiu as dúvidas; eles se ativeram ao caminho habitual, que os trouxe de volta, depois de algum tempo, descendo a encosta em meio ao bosque que a recobria até chegarem à margem do rio, num de seus trechos mais estreitos. Atravessaram-no por uma ponte rústica, a qual, segundo foram informados, havia sido montada com as lápides das sepulturas violadas de Pemberley. Agora

estava num recanto menos adornado do que os demais que haviam visitado, e o vale, naquele ponto bastante reduzido, permitia espaço apenas para o curso de água e uma trilha estreita ladeada por arbustos silvestres.

Elizabeth ansiava por explorar seus meandros, mas quando atravessaram a ponte e se deram conta da distância que estavam da casa a Sra. Gardiner, que ainda estava amedrontada pelo que ocorrera, pediu que não fossem mais longe e voltassem dali mesmo, o quanto antes, para onde estava a carruagem. Elizabeth, portanto, foi obrigada a aquiescer, e assim todos rumaram para a casa, na margem oposta do rio, pelo caminho mais curto. No entanto, seu avanço era lento, pois O Sr. Gardiner, embora raramente pudesse se conceder tal prazer, adorava pescar e parava constantemente para observar o surgimento ocasional de alguma truta na água e fazer comentários ao jardineiro a respeito disso, o que retardava seus passos.

Assim prosseguindo, ainda devagar, foram de novo surpreendidos ao avistar o Sr. Darcy, já a pouca distância, vindo ao encontro deles. O caminho nesse trecho era menos encoberto do que na margem oposta, o que permitiu que o vissem chegando bem antes de ele alcançá-los. Elizabeth, embora espantada, pelo menos estava mais preparada para esse encontro do que antes, de modo que decidiu se mostrar de uma vez e falar com serenidade, se ele realmente pretendesse vir até eles. Por alguns momentos, de fato, ela teve a impressão de que ele logo se desviaria para alguma outra trilha. Talvez ele tivesse voltado apenas para caçar os não mencionáveis, agora dispersos. Essa impressão se manteve enquanto uma curva do caminho ocultou-o de vista. Mas a curva foi ficando para trás, e imediatamente Darcy surgiu diante deles. Bastou um relance para constatar que ele não havia perdido nada de sua recente gentileza, e, para imitar a polidez dele, ela começou, assim que se detiveram um diante do outro, a tecer elogios à beleza da propriedade; no entanto, não conseguiu ir além de palavras como "agradável" e "encantadora", quando certas evocações

infelizes a acometeram, e ela começou a imaginar que, se elogiasse Pemberley, isso poderia ser mal-entendido. Ela ruborizou-se de novo e nada mais disse.

A Sra. Gardiner estava um pouco atrás e, como Elizabeth fizera essa pausa, Darcy pediu-lhe que concedesse a honra de apresentá-lo a seus amigos. Era um rasgo de cortesia para o qual ela estava totalmente despreparada. Elizabeth mal pôde contar um sorriso para ele agora estava procurando aproximar-se de algumas das mesmas pessoas contra as quais seu orgulho tanto se debatera ao cogitar pedir a mão dela.

"Que surpresa ele vai ter", pensou ela, "quando souber quem eles são. Deve estar supondo que são pessoas da aristocracia."

As apresentações, contudo, foram feitas sem delongas, e ao informá-lo de que se tratava de parentes dela, Elizabeth lançou-lhe um olhar de esguelha para verificar o quanto isso o perturbaria, já na expectativa de que ele batesse em retirar para não permanecer em tão pobres companhias. Que ele ficou surpreso ao sabê-los parentes, isso foi evidente, mas Darcy não mostrou grande alteração e, em vez de afastar-se, retornou com eles, entabulando conversa com o Sr. Gardiner. Elizabeth não pôde deixar de se sentir satisfeita e não deixou de comemorar intimamente o alívio de que ele soubesse que ela tinha parentes dos quais não sentia vergonha alguma. Ficou escutando atentamente tudo o que foi dito entre eles, tomada de triunfo a cada vez que alguma expressão ou frase de seu tio demonstrava sua inteligência, seu bom gosto e suas boas maneiras.

Logo a conversa se voltou para a pesca a tiro, e ela escutou o Sr. Darcy convidá-lo, com enorme cortesia, a ir atirar em peixes ali quantas vezes quisesse enquanto permanecesse na região, oferecendo-se também para lhe fornecer um mosquete de pesca e lhe indicar os trechos no rio onde geralmente se apanhavam mais peixes. A Sra. Gardiner que caminhava de braços dados com Elizabeth, lançou-lhe um olhar extremamente sugestivo. Elizabeth nada comentou, mas aquilo a deliciou; a delicadeza de Darcy provavelmente era toda dirigida a ela.

Mesmo assim, seu espanto era extremo, e repetidamente ela se indagava:

"Por que ele está tão mudado? O que ocasionou isso? Não pode ser por *minha* causa — não pode ser para *me* agradar que as suas maneiras de tornaram tão afáveis. É impossível que ele ainda me ame, a não ser que, ao chutá-lo e fazê-lo bater no console da lareira, durante nossa luta em Huntsford, eu tenha provocado alguma severa mudança em sua postura."

Depois de caminhar por algum tempo desse modo, tia e sobrinha na frente e dois cavalheiros atrás, ao reassumirem seus lugares, depois de terem descido à margem do rio para melhor examinar algumas fezes de zumbis, houve chance de se fazer uma pequena troca de posições. Isso partiu da Sra. Gardiner, que, fatigada pelo exercício daquela manhã, achou que o braço de Elizabeth tornara-se inadequado para apoiá-la e, assim, preferiu o do marido. O Sr. Darcy assumiu o lugar dela junto à sobrinha, e prosseguiram o passeio juntos. Depois de um curto silêncio, a moça tomou a iniciativa de falar. Desejava que ele soubesse que lhe haviam assegurado que Darcy estaria ausente da propriedade antes de se resolver a visitá-la, e, de fato, a chegada dele fora bastante inesperada...

— ...já que sua governanta — acrescentou — informou-nos que o senhor não estaria aqui até amanhã. Aliás, quando deixamos Bakewell, pelo que sabíamos, sua volta não era esperada para logo.

Darcy confirmou tudo isso e disse que assuntos que deveria tratar com seu administrador o haviam feito adiantar-se, em algumas horas, ao restante do grupo com que viajava.

— Eles estarão aqui amanhã cedo — prosseguiu. — E, entre eles, alguns já são seus conhecidos... O Sr. Bingley e suas irmãs.

Elizabeth maneou a cabeça levemente em resposta. Seus pensamentos rapidamente se desviaram para quando o nome do Sr. Bingley fora mencionado pela última vez entre eles e, se ela pudesse julgar apenas pela postura dele, diria que seus pensamentos não iam em direção muito diferente.

— Há uma outra pessoa no grupo — disse ele depois de uma pausa

—, que muito particularmente deseja conhecê-la. Você me permitirá ou será que estarei pedindo demais, pretendendo apresentá-la à minha irmã enquanto a senhorita estiver em Lambton?

Foi enorme a surpresa causada por tal solicitação; intensa o suficiente para que ela soubesse como aceitá-la. Prontamente Elizabeth percebeu que, a despeito do quanto a Srta. Darcy desejasse conhecê-la, isso se devia à interferência do irmão e, achando desnecessária maiores considerações, viu que isso era bastante gentil da parte dele; foi gratificante descobrir que o desentendimento entre eles não o fizera realmente sentir rancor dela.

Caminhavam agora em silêncio, cada qual mergulhado nos próprios pensamentos. Elizabeth não se sentia à vontade, isso seria impossível; mas estava lisonjeada e muito satisfeita. A vontade dele de apresentá-la a irmã era um galanteio dos maiores que se podia fazer. Logo eles se afastaram dos demais, e quando chegaram ao lugar onde estava a carruagem, o Sr. e a Sra. Gardiner já haviam ficado bem para trás.

Ele, então, a convidou a entrar na casa, mas ela disse que estava cansada, e eles ficaram ali mesmo de pé no gramado. Nessa oportunidade, muito poderia ter sido dito, mas eles nada disseram. Elizabeth e Darcy meramente se fitavam num silêncio constrangedor, até que este lançou ambos os braços em volta dela. Elizabeth ficou paralisada — "O que ele pretende fazer?", pensou. Mas as interações dele eram respeitáveis, já que Darcy apenas tencionava recuperar sua Brown Bess, que Elizabeth havia deixado pendendo às costas durante a caminhada. Ela lembrou a munição de chumbo em seu bolso e ofereceu-a a ele.

— Suas balas, Sr. Darcy?

Ele esticou o braço, fechou a mão em torno dos projéteis e disse:

— Pertencem à senhorita.

Por conta disso, ambos enrubesceram e foram até mesmo forçados a desviar o rosto para evitar que continuassem se encarando, sob pena de caírem na risada. O Sr. e a Sra. Gardiner logo chegaram, e Darcy insistiu para que todos entrassem na casa para tomar algum refresco; mas eles recusaram o convite e se despediram, cada qual manifestando maior deferência. O Sr. Darcy ofereceu a mão para que a Sra. Gardiner e Elizabeth subissem na carruagem, e quando o veículo partiu, a moça ficou observando-o caminhar devagar para a casa.

E agora começavam os comentários de seu tio e de sua tia, cada qual declarando Darcy infinitamente superior a tudo aquilo que haviam esperado:

— Ele tem maneiras impecáveis, é polido, nem um pouco convencido... — disse o tio.

— Há uma certa altivez nele, é claro — replicou a tia. — Mas se restringe à sua postura e até lhe cai bem. Agora, dou razão à governanta. Se há pessoas que o julgam orgulhoso, nada vi que ratificasse tal opinião. E como cavalga bem! Que belo manejo do mosquete!

— Nada me surpreendeu mais do que seu trato conosco. Não se tratava apenas de cortesia; ele foi genuinamente atencioso; e nada o obrigava a isso. Afinal, ele conhece Elizabeth há pouco tempo.

— Só para deixar tudo claro, Lizzy — acrescentou a tia —, ele não é tão bonito quanto Wickham. Ou melhor, pode não ter a postura de Wickham, mas tem feições muito agradáveis. Afinal de contas, como você pôde me dizer que o Sr. Darcy era uma pessoa tão desagradável?

Elizabeth justificou-se o melhor que conseguiu, dizendo que havia gostado mais dele quando se encontraram em Kent do que antes, e que jamais o vira tão afável quanto nesta manhã.

— Talvez ele seja um tanto excêntrico na sua gentileza — observou o tio. — Os grandes homens, por vezes, são assim, e, portanto, não devo me fiar nas palavras dele, já que pode

mudar de ideia de um dia para o outro e me bater com seu mosquete por tirar alguma truta do seu rio.

Elizabeth percebeu que haviam entendido de modo completamente equivocado o caráter do Sr. Darcy, mas se absteve de dizer qualquer coisa.

— Pelo que vimos do Sr. Darcy — continuou a Sra. Gardiner —, eu realmente nunca teria acreditado que ele pudesse agir de modo tão cruel

com alguém, como fez em relação ao Sr. Wickham. O Sr. Darcy não tem a maldade em seu rosto. Ao contrário, sua boca se movimenta de modo afável quando ele fala. E há uma certa dignidade no modo como suas calças se ajustam àquelas partes dele mais inglesas. Ora, é fato que a boa senhora que nos mostrou a casa nos deu sobre ele a mais enaltecida das descrições! Mal consegui me impedir de rir algo em alguns momentos. Mas ele é um bom amo, creio eu, e os criados têm a tendência de se excederem em seus cumprimentos até pela vontade de manter a própria cabeça sobre o pescoço.

Elizabeth sentiu-se na obrigação de dizer alguma coisa que justificasse o procedimento dele para com o Sr. Wickham e que, portanto, lhes desse a entender, do modo mais discreto e reservado que pudesse, que, de acordo com o que escutara dos parentes dele em Kent, seus atos poderiam ser interpretados de modo bastante diverso, e que nem seu caráter era tão falho, nem o de Wickham tão confiável quanto se acreditara em Hertfordshire. Para tanto, relatou o caso do menino cavaleiro, sem nomear quem havia lhe contado a história, mas logo afirmando que se tratava de alguém em quem se podia confiar.

A Sra. Gardiner ficou surpresa e preocupada, mas como agora estavam se aproximando do lugar de onde ela guardava deliciosas lembranças da mocidade, qualquer discussão mais pesada deu lugar ao encanto das recordações, e ela estava bem empenhada em indicar ao marido todos os recantos interessantes onde ela e seu grande amor do passado haviam deixado transcorrer, sem sentirem o tempo correr, muitas e muitas tardes de verão, antes que as circunstâncias os

obrigassem a um rompimento. Mesmo fatigada como ficara depois do ataque sofrido pela manhã, logo que terminaram o jantar ela se lançou à procura de seu antigo namorado e (sem que disso desconfiasse o adormecido Sr. Gardiner), assim, sua noite foi despendida em meios aos prazeres da cópula, revigorados depois de tantos anos de descontinuidade.

Os acontecimentos daquele dia, no entanto, haviam sido muito interessantes para permitir que Elizabeth prestasse atenção às levandades da tia. A moça nada conseguia fazer senão pensar e pensar, sempre admirada, na gentileza do Sr. Darcy e, acima de tudo, no desejo dele de apresentá-la à sua irmã.

CAPÍTULO 44

ELIZABETH HAVIA COMBINADO com o Sr. Darcy que ele traria a irmã para conhecê-la um dia após a chegada da jovem a Pemberley. Sendo assim, decidira manter-se nas cercanias da estalagem por toda a manhã seguinte. Mas sua intenção foi frustrada pois na mesma manhã em que o grupo chegou a Lambton eles foram vê-la. Para grande contrariedade do Sr. Gardiner, eles haviam estado passeando com o *velho amigo* da Sra. Gardiner, um cavalheiro de origem polonesa, conhecido por *Sylak*, e estavam justamente retornando à estalagem para se vestirem para o jantar, em companhia da mesma pessoa, quando o ruído de uma carruagem os atraiu para uma janela, de onde viram um cavalheiro e uma moça, num carro puxado por dois cavalos, subindo a rua. Elizabeth reconheceu imediatamente o veículo e adivinhou o que isso significava. Isso não impediu que ficasse surpresa, contudo, e ela alertou seus parentes sobre a honra que os aguardava. O tio e

a tia ficaram assombrados, e o embaraço dela ao dizer-lhes do que se tratava, com a circunstância em si e os episódios do dia anterior, os fez vislumbrar uma nova compreensão do que estava acontecendo. Não houvera nenhuma sugestão sobre isso até então, mas ambos perceberam que não havia outra maneira de interpretar tamanha gentileza de tais pessoas a não ser como um indicador de alguma atração do Sr. Darcy em relação à sua sobrinha. Enquanto essas recém-nascidas ideias lhe atravessavam a cabeça, crescia a perturbação dos sentimentos de Elizabeth. Tendo seus nervos sido testados no fragor de muitas batalhas, ela se via desconcertada diante de seu próprio desequilíbrio emocional. No entanto, entre outras razões para sua tensão, temia que o interesse do irmão por ela o tivesse levado a elogiá-la em demasia para a irmã; além disso, mais ansiosa do que nunca para agradar suspeitava de que mesmo sua capacidade normal de agradar lhe faltaria na hora necessária.

Ela recuou da janela, com receio de ser vista. Andando de um lado para o outro no aposento, esforçando-se para se recompor, via o rosto de sua tia e o tio expressando tanta curiosidade e expectativa que isso só fazia piorar tudo.

A Srta. Darcy e o irmão surgiram à sua frente, afinal, e deu-se a formidável apresentação. Com espanto, Elizabeth constatou que a moça que enfim conhecia estava ainda mais embaraçada do que ela própria. Desde que chegara a Lambton, sempre ouvira que a Srta. Darcy era excessivamente orgulhosa; no entanto, bastou observá-la por uns poucos minutos para se convencer de que era apenas excessivamente tímida. Era difícil extrair dela uma palavra ao menos que fosse um monossílabo.

A Srta. Darcy era alta, ainda mais do que Elizabeth. Apesar de mal passar dos 16 anos, já tinha o corpo inteiramente formado; com uma silhueta feminina e um jeito muito meigo. Havia uma graça natural em seus movimentos e, apesar de ser evidente que ainda teria muito a aprender na arte de matar, demonstrava estar longe do desleixo desajeitado da maioria das garotas de sua idade. Suas pernas e seus dedos eram incomumente

longos, e Elizabeth não pôde deixar de pensar que bela discípula ela não daria se pelo menos estivesse inclinada a seguir o exemplo do irmão com sincero entusiasmo. Não era tão bonita quanto o irmão, mas havia sagacidade e bom humor em suas feições, além de suas maneiras serem perfeitamente recatadas e gentis.

Não se passou muito tempo do encontro e já o Sr. Darcy anunciou que o Sr. Bingley também viria vê-la. Elizabeth mal teve tempo para exprimir sua satisfação e se preparar para o novo visitante quando os passos algo desaprumados e pesados de Bingley foram escutados subindo as escadas. Logo ele entrava na sala. Toda a raiva de Elizabeth contra ele havia muito passara, mas se ela ainda se sentisse pelo menos em parte do mesmo modo precisaria se esforçar muito para assim permanecer, diante da sincera cordialidade com que ele manifestou o prazer de encontrá-la. Perguntou de modo amistoso, embora genérico, sobre a família dela, e aparentava ter, assim como também falava a mesma naturalidade bem-humorada de antes.

Ao ver Bingley, os pensamentos dela naturalmente se desviaram para Jane, e, ah!, desejou ardentemente que a mente dele também estivesse ocupada pela mesma lembrança. Por vezes, chegou a acreditar que ele se mostrava menos falante que em ocasiões anteriores; por uma ou duas vezes deixou-se acalantar pela ideia de que, quando olhava para ela, ele tentava identificar em seu rosto a semelhança com Jane. Mas embora isso pudesse ser imaginação, ela não podia estar enganada quanto ao

comportamento dele em relação à Srta. Darcy, que havia sido descrita como uma rival de Jane. Nada, em nenhum dos dois, indicava qualquer atração. Nada ocorreu entre eles que pudesse justificar as esperanças da irmã de Bingley. Sobre essa questão, logo Elizabeth se considerou satisfeita; e duas ou três pequenas circunstâncias ocorreram antes que eles foram embora, as quais, em sua interpretação ansiosa, denotaram nele ternas recordações de Jane e o desejo de dizer mais do que ousava, quando o nome dela era mencionado. Em certo momento, quando os demais conversavam entre si, o cavalheiro observou particularmente para ela, num tom de genuíno remorso, que "fazia muito tempo desde a última vez em que tivera o prazer de vê-la", e antes que ela pudesse responder, ele acrescentou:

— Faz cerca de oito meses. Não nos encontramos desde 26 de novembro, quando minha criadagem, em Netherfield, recebeu uma desafortunada visita.

Elizabeth muito apreciou descobrir que a memória dele era tão exata a esse respeito. A seguir, ele aproveitou uma nova oportunidade em que ninguém os escutava para lhe perguntar se todas as suas irmãs estavam em Longbourn. A pergunta pouco revelava, assim como a lembrança anterior, mas ele exibia uma aparência e uma postura que davam às palavras um outro significado.

Não houve muitas chances de Elizabeth voltar os olhos diretamente para o Sr. Darcy, mas sempre que lhe lançava um relance ela sentia uma comoção mais intensa do que o arrepio que lhe causava enfrentar uma legião de demônios, e em tudo o que ele dizia escutava um tom tão desprovido de desdém e soberba em relação às pessoas à sua volta que a convence de que a melhora nas maneiras do Sr. Darcy, que ela havia constatado no encontro anterior, durara mais de um dia. Quando Elizabeth o viu ali, acolhendo opiniões de pessoas com quem qualquer contato, meses atrás, significaria para ele uma degradação — quando o viu ali tão gentil, não somente em relação a ela própria, como também aos parentes, que ele explicitamente desprezara —, a diferença, a mudança era tão

grande e tocou seu espírito de modo tão poderoso que Elizabeth mal podia acreditar que não estivesse sob o efeito de uma xícara de chá de leite de dragão. Nunca, nem mesmo na companhia de seus queridos amigos de Netherfield — e tampouco de seus importantes parentes de Rosings —, ela o havia visto tão desejoso de agradar, quando nenhuma importância teria o sucesso de seus esforços, e quando a proximidade com as pessoas a quem dedicava sua gentileza traria risos e críticas — tanto das damas e senhoritas de Netherfield quanto das de Rosings.

A visita durou cerca de meia hora. Quando se preparavam para partir, o Sr. Darcy pediu à sua irmã que se juntasse a ele para expressar o desejo de ambos de receberem o Sr. e a Sra. Gardiner, além da Srta. Bennet, para jantar em Pemberley antes de deixarem a região. A Srta. Darcy, embora com uma timidez que denunciava seu escasso hábito de fazer convites, obedeceu prontamente. A Sra. Gardiner voltou-se para a sobrinha, desejosa de saber como ela, a quem o convite era de fato dirigido, se sentia quanto a aceitá-lo ou não, mas Elizabeth desviou o olhar. Presumindo, entretanto, que Elizabeth havia evitado responder mais por um momentâneo embaraço que pelo facto de a proposta desagradá-la, e percebendo em seu marido, sempre afeito a encontros sociais, uma plena vontade de aquiescer ao convite, ela arriscou aceitá-lo em nome de todos, e fixaram a data para dali a dois dias.

Bingley expressou grande prazer diante da certeza de ver Elizabeth mais uma vez, tendo ele ainda muito o que lhe dizer e inúmeras perguntas a lhe fazer a respeito dos amigos que deixara em Hertfordshire. Elizabeth, imaginando tudo isso como um desejo de escutá-la falar sobre a irmã, ficou bastante satisfeita e, sobre o compromisso, assim como os demais, se viu, após a saída dos visitantes, propensa a considerar a última meia hora mais feliz que já havia vivido sem derramar uma gota de sangue alheio. Ansiosa para estar sozinha e temerosa quanto às sondagens e palpites de seus tios, ela permaneceu com os dois somente tempo suficiente para escutar que ambos

havam formado uma opinião favorável a respeito de Bingley, e logo corria para trocar de roupa.

Entretanto, ela não tinha razão para recear a curiosidade do Sr. e da Sra. Gardiner, pois, diferentes de sua intrometida mãe, eles não pretendiam, de modo algum, forçá-la a revelar fosse lá o que fosse. Era evidente que ela estava em termos bem melhores com o Sr. Darcy do que era do conhecimento deles; ficara evidente também que ele estava totalmente apaixonado por ela. Enfim, muito observaram que os interessasse, mas nada que justificasse perguntas e intromissão.

Quando ao Sr. Darcy, a ansiedade os impelia a cogitar o melhor a seu respeito, e pelo pouco que o conheciam nada havia nele contra o que objetar. Jamais poderiam esquecer que o moço vira em auxílio deles em Pemberley, além de toda a sua polidez, depois, e se precisassem traçar um perfil de seu caráter baseados apenas no que sentiam e no relato da governanta da Pemberley, as pessoas de Hertfordshire que haviam tido contato com ele não o reconheceriam.

Em relação ao Sr. Wickham, os Gardiner logo concluíram que não era muito estimado por lá. Embora desconhecessem a maior parte das desavenças dele com o filho de seu falecido amo, já sabiam de fonte seguro que ao deixar Derbyshire ele havia deixado para trás muitas dívidas, que, posteriormente, o Sr. Darcy havia saldado. Também corriam fortes rumores de que ele havia se envolvido de modo inadequado com duas jovens da região, tendo ambas, tristemente, caído vítimas da praga e precisado ser cremadas antes que as denúncias fossem tornadas públicas.

Quando a Elizabeth, seus pensamentos estavam mais centrados em Pemberley esta noite do que na anterior. E as horas até se recolher, embora enquanto passassem parecessem longas, não foram tão longas para que ela conseguisse colocar em ordem seus sentimentos em relação a um dos moradores da mansão; na verdade, ela ficou acordada por duas horas inteiras tentando decifrá-los. Certamente, ela não o odiava. Não, o ódio havia se extinguido havia muito, e ela vinha há quase o mesmo

tempo convivendo com a vergonha de já ter desejado beber o sangue dele, vertido de sua cabeça decepada. O respeito desenvolvido a partir da convicção quanto às suas inestimáveis qualidades, embora a princípio admitido contra a vontade, cessara há algum tempo de uma natureza mais amistosa nele, inclusive por força dos eloquentes testemunhos a seu favor, com a maneira simpática com que via, desde a véspera, o comportamento do Sr. Darcy. Entretanto, acima de tudo, acima até mesmo do respeito e da estima, havia nela um motivo a mais para alimentar sua boa vontade em relação a ele, um motivo que não poderia ser ignorado. Era gratidão; gratidão não apenas por ele tê-la amado no passado, mas por ainda amá-la o suficiente para perdoar toda a sua petulância e a maneira acrimoniosa como rejeitara sua proposta de casamento, com um chute em seu rosto, e todas as injustas acusações que acompanhara tal rejeição. Ele que, disso estivera convencida, a evitaria para sempre e a consideraria sua pior inimiga, pareceu, nesse encontro accidental, completamente desejoso de preservar o relacionamento entre os dois — e isso sem qualquer traço de indelicadeza, nem de postura desdenhosa quando a conversa ficara restrita aos dois, além de ele se esforçar para granjear a boa opinião de seus amigos em relação a si mesmo e de se ter empenhado para fazer com que ela e a irmã dele se encontrassem. Tamanha transformação em um homem dotado de tanto orgulho só poderia provocar não apenas espanto, mas gratidão — já que ao amor, ao mais ardente amor, precisava ser atribuída. E todas essas impressões do que ocorrera, nela não suscitavam qualquer reação desagradável, de modo algum, embora Elizabeth não conseguisse definir com exatidão seus sentimentos. Ela o respeitava, estimava-o, era-lhe grata, sentia um interesse sincero pelo bem-estar dele; e isso logo ela, que fora ensinada a ignorar qualquer sentimento, qualquer entusiasmo — agora Elizabeth encontrava-se tomada em demasia por ambos. Como era estranho! Por mais que tentasse refletir sobre o assunto, mas pelo poder que obtivera sobre o coração de outra pessoa. E que poder era esse! Mas como lidar

com isso? De todas as armas que já manipulara, aquela sobre a qual menos tinha controle era o amor; e de todas as armas do mundo, o amor era a mais perigosa.

Fora conversado entre a tia e a sobrinha, naquela noite, que tão impressionante gentileza da parte da Srta. Darcy, vindo conhecê-los no mesmo dia de sua chegada a Pemberley, deveria ser retribuída, mesmo que se não lhe pudessem equiparar, por alguma expressiva manifestação de polidez por parte deles, de modo que seria bastante conveniente fazer uma visita à jovem em Pemberley na manhã seguinte. E assim ficou decidido. Elizabeth estava muito contente; no entanto, quando se perguntar por que tinha muito pouco o que dizer.

O Sr. Gardiner deixou-as logo depois do desjejum. O convite para pescar havia sido renovado no dia anterior, e foi acertado um encontro dele com alguns dos cavalheiros de Pemberley para antes do meio-dia.

CAPÍTULO 45

COMO AGORA ELIZABETH estava convencida e que a antipatia da Srta. Bingley em relação a ela era causada por ciúme, não podia deixar de pressentir o quanto a visita dela a Pemberley seria desagradável para a moça — e estava curiosa por descobrir como ela a trataria nesse encontro.

Ao chegarem à casa, foram conduzidos através do salão até o santuário Shinto, o qual, dando para o norte, era muito aprazível no verão. Com janelas que desciam até o chão, o santuário oferecia uma deliciosa vista das altas colinas cobertas pelos bosques atrás da mansão, e seus muitos espelhos sagrados, ao mesmo tempo que homenageavam os deuses, criava uma acolhedora abundância de luz.

Nesse tempo, foram recebidas pela Srta. Darcy, que lá estava acompanhada da Sra. Hurst e a da Srta. Bingley, e pela senhora com quem ela vivia em Londres. A recepção que tiveram da parte de Georgiana foi a mais cordial, embora travada pelo embaraço, o qual, mesmo originado pelo acanhamento e pelos receios da moça de fazer algo errado, facilmente levaria aquelas que se sentissem inferiores a acreditar que ela era uma jovem orgulhosa e reticente. A Sra. Gardiner e sua sobrinha, contudo, lhe fizeram justiça, solidarizando-se com ela.

A Sra. Hurst e a Srta. Bingley limitaram-se a lhes dirigir uma mesura rápida. Após se sentarem, fez-se silêncio, um silêncio constrangedor, como sempre são os silêncios nessas ocasiões, o qual, finalmente, foi quebrado pela Sra. Annesley, uma gentil senhora de aparência amistosa cujo empenho em iniciar alguma conversação ali provou ser, no fundo, mais bem-educada com as demais. E entre ela e a Sra. Gardiner, com a ocasional ajuda de Elizabeth, enfim a conversa evoluiu com fluência. A Srta. Darcy dava sinais de que necessitaria de algum encorajamento para dizer qualquer coisa e, vez por outra, de fato arriscava uma frase, mas apenas quando não havia o menor risco de alguém escutá-la.

Elizabeth percebeu que era observada com toda a atenção pela Srta. Bingley e que não conseguia dizer uma palavra sequer, principalmente dirigindo-se à Srta. Darcy, sem que ela se pusesse de guarda. "Ah, ela deve estar morrendo de vontade de me dar um murro com seus punhos frouxos e despreparados", pensou Elizabeth. "Seria muito engraçado vê-la, então, perder essa sua compostura!"

Como desdobramento de sua visita, entraram os criados um pouco depois, trazendo-lhes pratos de carne fria, bolos e uma grande variedade de iguarias japonesas. Agora havia com o que o grupo inteiro se manter ocupado. Já que nem todos podiam falar, todos ao menos poderiam comer; e as belas pirâmides de presunto, doces com glace e *naresushis* logo as atraiu para a mesa.

Nesse meio-tempo, Elizabeth já tivera tempo suficiente para decidir se mais temia ou deseja que o Sr. Darcy aparecesse, pelos sentimentos que a dominariam no momento em que ele entrasse na sala. Então, embora apenas um instante após ela ter se convencido de que seus anseios haviam prevalecido, já começava a se arrepender — porque se deu conta de que seu hálito agora devia estar impregnado do cheiro de açúcarados e de enguia crua.

Ele passara algum tempo com o Sr. Gardiner, que com mais dois ou três cavalheiros hospedados na casa que estavam pescando com mosquetes no rio, e o deixara somente ao ser comunicado que a Sra. Gardiner e Elizabeth planejavam uma visita a Georgiana naquela manhã. Logo que ele surgiu, Elizabeth sagazmente decidiu mostrar-se perfeitamente à vontade e desembaraçada, porque notou que as suspeitas do grupo inteiro estavam sobre eles, e que talvez não se pudesse contar um único olho que não se tivesse posto a vigiar o comportamento de Darcy assim que o cavalheiro entrou na sala. Mas em nenhum semblante se estampou a curiosidade mais forte do que no rosto da Srta. Bingley, a despeito dos sorrisos que acentuavam tudo o que falava ao objeto principal de seus esforços. Isso porque o ciúme ainda não a havia desesperado, e ela não desistira, de modo algum, do Sr. Darcy. Já a Srta. Darcy, à entrada do irmão, começou a se esforçar ainda mais para falar alguma coisa, e Elizabeth percebeu o quanto ele estava ansioso para que ela e a irmã ficassem amigas, encorajando o máximo que podia todas as tentativas de entabular conversa de uma e outra. A Srta. Bingley também reparou nisso, e levada pela raiva a agir com imprudência aproveitou a primeira oportunidade e disse, com uma cordialidade sarcástica:

— Ora, Srta. Eliza, não é verdade que o regimento foi retirado de Meryton? Isso deve ter representado uma grande perda para a sua família.

Na presença de Darcy, ela não se atreveria a mencionar o nome de Wickham, mas Elizabeth de pronto reconheceu que, subliminarmente, era a ele que a moça se referia, e teve de se

esforçar bastante para reprimir o desejo de presentear a Srta. Bingley com um par de olhos roxos por sua insolência. Utilizando a língua em vez dos punhos para repelir o maligno ataque, conseguiu responder à pergunta num tom de considerável indiferença. Já ao falar, uma olhadela involuntária na direção de Darcy revelou-lhe que o rosto dele havia ficado rubro e que a mão na espada tremia, embora discretamente; já a irmã, tomada de embaraço, foi incapaz de erguer os olhos. Se a Srta. Bingley desconfiasse do sofrimento que infligia à sua amiga, indubitavelmente teria suprimido aquela insinuação. Mas tudo o que ela conseguiu ter em vista era levar Elizabeth à instabilidade, evocando à lembrança de alguém que, assim ela acreditava, conquistara sua rival, e fazê-la trair uma suscetibilidade que poderia prejudicá-la diante da opinião de Darcy. Além disso, talvez pretendesse recordar a ele todas as leviandades e absurdos aos quais parte da família Bennet se entregava quando em contato com os militares. Nenhuma palavra sobre o episódio do plano para raptar a Srta. Darcy jamais chegou ao conhecimento da Srta. Bingley.

O autodomínio de Elizabeth, entretanto, acalmou as emoções do Sr. Darcy. E como a Srta. Bingley, constrangida e frustrada, não ousaria mencionar diretamente o Sr. Wickham, Georgiana pôde se recobrar a tempo, embora não o bastante para ser capaz de abrir a boca outra vez. O irmão dela, com quem Elizabeth temia cruzar os olhos, já mal se lembrava do seu interesse por Wickham, e assim, ironicamente, a armadilha montada para tirar os pensamentos dele de Elizabeth serviram apenas para fixá-los ainda mais e mais carinhosamente sobre a moça. Nunca, desde a Batalha de Tumu Fortress, um ataque fora tão equivocadamente concebido.

A visita não se prolongou muito, e enquanto o Sr. Darcy as acompanhava até a carruagem, a Srta. Bingley finalmente dava vazão aos seus sentimentos, multiplicando críticas contra Elizabeth, desde o seu comportamento e seus trajes até a pessoa dela em si. Mas Georgiana não reforçou as palavras da outra. Uma pessoa recomendada pelo irmão já a princípio

contava com a simpatia da moça; o discernimento dele não falhava. E ele havia falado em tais termos sobre Elizabeth que ela não seria capaz de considerá-la de outra maneira senão uma jovem adorável e que proporcionava a mais prazerosa companhia. Quando Darcy retornou ao santuário, a Srta. Bingley não conseguiu se conter e repetiu parte dos comentários que fizera à irmã dele.

— A Srta. Bennet não parece nada bem esta manhã, Sr. Darcy — disse, enfaticamente. — Nunca vi alguém mudar tanto num período tão curto. Parece que durante o inverno sua pele ficou escurecida e áspera. Louisa e eu concordamos que não a teríamos reconhecido. Embora pouco tenha apreciado tal observação, o Sr. Darcy contentou-se em responder friamente que não percebera nenhuma outra alteração na aparência de Elizabeth senão o bronzeado, o que não era nada extraordinário, considerando-se que estavam passando o verão viajando.

— De minha parte — insistiu ela — devo confessar que jamais a achei de modo algum bonita. Seu busto é firme demais; seus braços não possuem nenhuma carne macia e suas pernas são muito longas e flexíveis. Seu nariz é privado de atributos... é insuportavelmente pequeno. Seus dentes são razoáveis, mas nada fora do comum. E quanto aos seus olhos, que por vezes foram alardeados como lindos, jamais pude enxergar neles nada de excepcional. Tem um jeito penetrante, sagaz, que não me agrada em absoluto. E no todo ela transpira autossuficiência e vaidade, o que é intolerável.

Persuadida como estava de que Darcy se sentia atraído por Elizabeth, não seria este o melhor modo de conquistá-lo. Acontece que, nem sempre, quando as pessoas se deixam levar pela raiva, agem sensatamente, e ao percebê-lo parecer de alguma forma atento ao que ela dizia pensou ter obtido o êxito que esperava. No entanto, ele se mantinha resolutamente calado e, assim, determinada a conseguir dele alguma resposta, a Srta. Bingley insistiu:

— Lembro bem, quando a conhecemos em Hertfordshire, como ficamos espantados ao saber que a reputavam uma moça bonita. Eu, particularmente, recordo do senhor dizendo, certa noite, depois que os Bennet foram jantar em Netherfield: "Se ela é bonita, devo a seguir considerar a mãe dela inteligente." Mas, posteriormente, ela, ao que parece, foi melhorando aos seus olhos, e creio que o senhor chegou mesmo, em certa época, a achá-la razoavelmente bonita.

— Sim — replicou Darcy finalmente, que já não conseguia se conter —, mas isso foi somente quando a vi pela primeira vez, já que agora, diferentemente, a acho uma das mulheres mais belas que conheço.

E dizendo isso ele saiu dali, deixando a Srta. Bingley, com a glória de ter conseguido fazê-lo dizer aquilo que a ninguém feriu a não ser a ela própria.

Também a Sra. Gardiner e Elizabeth, no regresso, conversavam sobre tudo o que ocorrera durante a visita, exceto sobre o que mais as interessava. A aparência e o comportamento de todos os que haviam encontrado foram discutidos, exceto da pessoa que mais atraiu a atenção de ambas. Falaram da irmã dele, de suas amigas, do santuário e do *naresushi* — de tudo, menos dele; no entanto, Elizabeth estava ansiosa para saber o que a Sra. Gardiner achava dele, e a Sra. Gardiner teria ficado extremamente satisfeita se sua sobrinha tivesse introduzido o assunto.

CAPÍTULO 46

ELIZABETH HAVIA FICADO bastante desapontada por não encontrar uma carta de Jane quando de sua chegada a Lambton, e tal desapontamento fora renovado a cada manhã

dos dois primeiros dias que estava na cidade. No entanto, no terceiro dia a espera terminou, e sua irmã a compensou enviando duas cartas de uma só vez, numa das quais estava registrado que seguira num veículo postal, que fora atacado por zumbis, razão pela qual a entrega atrasara.

Eles estavam prestes a sair para um passeio a pé quando as cartas chegaram, de modo que a tia e o tio deixaram Elizabeth a sós para se deliciar com elas e seguiram para a caminhada. A carta que chegara atrasada foi lida primeiro, e havia sido escrita cinco dias antes. O início trazia um relato de todas as pequenas reuniões sociais e dos compromissos, além do que se pode considerar como novidades, ocorridos na região rural; no entanto, a outra metade, datada de um dia depois — e escrita com evidente comoção —, transmitia notícias mais graves, que era o que se segue:

Depois que escrevi o que está acima, minha queridíssima Lizzy, ocorreu algo muito mais inesperado e grave. O que devo lhe contar refere-se à pobre Lydia. Um correio expresso chegou à meia-noite de ontem, justamente quando já nos recolhíamos para dormir, vindo do coronel Forster, para informar que nossa irmã fugira para a Escócia com um dos oficiais, e para dizer tudo de uma vez, o homem é Wickham. Imagine nossa surpresa. Lamento muitíssimo tal episódio. Trata-se de uma ligação imprudente de ambos os lados. Ainda desejo esperar pelo melhor, que o caráter dele tenha sido mal compreendido. Não tenho dificuldade de considerá-lo impulsivo e insensato, mas esse ato (e podemos nos alegrar por isso) não indica maldade no coração dele. Agiu sem interesse, já que não pode desconhecer que nosso pai nada pode dar a ela. Nossa pobre mãe está profundamente deprimida. Já nosso pai tem suportado melhor o golpe. Estou muito agradecida por não termos permitido que soubesse do descrédito em que Wickham caiu em relação ao Sr.

Darcy nem de como ele tratou o cavalariço surdo, coisa que nós mesmas agora devemos esquecer.

Ao terminar a carta, imediatamente Lizzy pegou a outra e, abrindo-a com total impaciência, leu o que se segue; a carta havia sido escrita um dia depois da primeira:

MINHA QUERIDÍSSIMA LIZZY,

Mal consigo escrever o que tenho a lhe contar, mas são más notícias, que não podem tardar a lhe chegar. Por mais imprudente que pudesse ser o casamento entre o Sr. Wickham e nossa pobre Lydia, estamos agora ansiosas para ter a confirmação de que este de fato aconteceu, já que temos bons motivos para acreditar que Lydia pode ter sido levada contra a sua vontade! O coronel Forster nos veio ver ontem, tendo deixado Brighton no dia anterior, poucas horas depois do expresso. Apesar de a curta carta de Lydia para a Sra. F. os ter levado a entender que os dois pretendiam casar, logo foi comentado de passagem, por um outro oficial, dando conta de que Wickham não tinha tais intenções, e isso chegou aos ouvidos do coronel Forster, que, instantaneamente alarmado, deixou B. de imediato, com a intenção de encontrar a pista deles. Com grande facilidade, de fato conseguiu segui-los até Clapham, mas não mais adiante, visto que, ao entrar na cidade, foi recebido por uma saraivada de disparos de mosquetes e precisou buscar abrigo, enquanto Wickham e Lydia, mudando para um coche de aluguel, evadiram-se a toda a pressa. Depois desse dia, tudo o que conseguiu descobrir foi que haviam sido vistos na estrada, a caminho de Londres. Agora, já não sei o que pensar. Depois de ter dado buscar em todo aquele lado de Londres, o coronel F.

veio até Longbourn e nos revelou seus receios do modo mais direto. Lamento sinceramente por ele e pela Sra. F., mas ninguém pode culpá-los por nada. Nossa apreensão, queria Lizzy, é enorme. Minha mãe e meu pai acreditam no pior, que lhe arrancarão suas roupas, sua honra e sua cabeça em rápida sequência — mas não consigo pensar que Wickham seja tão vil. Diversas circunstâncias podem tornar mais viável para ambos se casarem discretamente, em Londres, para depois seguir seu plano original; e mesmo que ele tenha a intenção de praticar atos como esses contra uma jovem com o treinamento de Lydia, o que não é provável, poderia eu acreditar que tenhamos julgado tão equivocadamente o caráter dele? Impossível! Nosso pai já está de partida para Londres, com o coronel Forster, para por lá tentarem achá-la. O que ele pretende fazer, eu não saberia dizer; mas sua raiva extremada não lhe permitirá buscar qualquer atitude da melhor maneira, nem da mais segura, e o coronel Forster precisa voltar a Brighton e a ajuda de meu tio seriam a melhor coisa do mundo; ele compreenderá de imediato o que eu devo estar sentindo e sempre posso confiar em sua generosidade.

— Ah, onde está meu tio? — gritou Elizabeth, erguendo-se de um salto de sua cadeira tão logo terminou de ler a carta, sem perder um instante de um tempo tão precioso; contudo, quando chegou à porta, esta foi aberta por um criado, e lá surgiu o Sr. Darcy.

A palidez no rosto dela e seu jeito impetuoso o surpreendeu, e antes que ele tivesse se recuperado o suficiente para conseguir falar, ela gritou rispidamente:

— Peço sua licença, mas não posso recebê-lo. Preciso encontrar o Sr. Gardiner neste instante, por conta de um

assunto que não pode ser adiado. Não tenho um momento sequer a perder.

— Bom Deus! — exclamou ele. — Não vou detê-la nem por um minuto, mas me permita ou ao criado ir atrás de seu tio e sua tia. A senhorita não tem condições de fazê-lo, já que não me parece nada bem.

Elizabeth hesitou um instante, mas seus joelhos tremiam, e ela se deu conta de que pouco resultado haveria se ela própria fosse procurá-los. Assim, chamando de volta o criado, encarregou-o, embora falasse quase sem fôlego, de trazer seu amo e sua ama para casa prontamente.

Quando o criado deixou os aposentos, Elizabeth se sentou, incapaz de se sustentar de pé, e aparecendo tão miseravelmente abatida que era impossível para Darcy deixá-la; ele não conseguiu se conter e disse, num tom de voz que traía ternura e compaixão:

— Deixe-me agora chamar sua criada. Há aqui alguma coisa que possa reanimá-la? Ervas Kampo? Devo providenciar uma infusão? A senhorita parece devastada.

— Não, obrigada — disse ela, esforçando-se para se recompor. — Na verdade, nada há de errado comigo. Estou apenas desnorteada por causa de arrasadoras notícias que acabo de receber de Longbourn.

Ela explodiu em lágrimas, e por alguns minutos foi incapaz de falar sequer uma palavra. Darcy, em aterrado suspense, conseguia apenas proferir algumas vagas expressões de solidariedade, enquanto a observava em compassivo silêncio. Finalmente, quando ela conseguiu falar, disse:

— Recebi agora mesmo uma carta de Jane com essas notícias tão infelizes. Não pode ser ocultado de ninguém o que ocorreu. Minha irmã mais nova está em poder do... do... Sr. Wickham. Fugiram juntos de Brighton. O senhor já o conhece bem demais para duvidar do que acontecerá. Lydia não tem fortuna, nem ligações sociais de importância, nada que possa levá-lo a se casar com ela. Minha irmã está perdida para sempre.

Darcy estava paralisado de espanto, Elizabeth prosseguiu, numa voz ainda mais nervosa:

— Quando penso que poderia ter evitado que isso acontecesse! Eu, que sabia quem ele era. Mas revelei somente parte... do que descobrira à minha família! Se o caráter dele fosse conhecido por todos, isso que agora está acontecendo poderia ter sido evitado. Mas é tarde... tarde demais.

— Estou penalizado, de fato — exclamou Darcy. — Penalizado... aturdido. Mas está confirmado? Absolutamente confirmado?

— Ah, sim. Eles deixaram Brighton juntos domingo à noite e foram rastreados até as proximidades de Londres, mas depois a pista foi perdida. O coronel Forster tem razões para duvidar que pretendam se casar e até suspeita que Lydia tenha sido levada à força.

— O que já foi feito até agora para tentar resgatá-la?

— Meu pai partiu para Londres, e Jane escreveu para pedir ao meu tio que preste auxílio a ele. Devemos partir, assim espero, em meia hora. Mas nada há a ser feito. Como poderemos ao menos achá-los? Não tenho a mínima esperança.

Darcy balançou a cabeça em silenciosa aquiescência.

— Quando os meus olhos foram abertos para o verdadeiro caráter dele... Ah! Quisera eu saber então o que deveria fazer. Mas não sabia. Tive receio de me exceder. Que erro amaldiçoado!

Darcy não fez comentários. Parecia mal escutá-la enquanto andava de um lado para o outro da sala em profunda meditação, o cenho contraído, a fisionomia sombria. Logo Elizabeth o observava e de imediato compreendeu... A estima dele por ela estava entrando em colapso sob tamanha prova de fraqueza de caráter de sua família, e de tamanha certeza da pior das desgraças. Nunca Elizabeth sentira tão sinceramente que poderia chegar a amá-lo como agora, quando todo o amor que pudesse sentir seria em vão.

Cobrindo o rosto com o lenço, Elizabeth logo estava distante de tudo

— e só foi trazia de volta para a percepção de seu entorno pela voz de seu acompanhante:

— Quisera, pelos céus, poder dizer ou fazer alguma coisa que servisse de alívio para tal dor. Mas não vou atormentá-la com meus inúteis desejos, que poderiam ser tomados como feitos apenas para que deliberadamente fossem retribuídos pela sua gratidão. Receio que esse infeliz acontecimento impeça minha irmã de ter o prazer de recebê-la em Pemberley hoje.

— Ah, sim. Por favor, tenha a gentileza de nos desculpar com a Srta. Darcy. Diga-lhe que assuntos urgentes nos impõem retornarmos para casa imediatamente. Oculte a desafortunada notícia por quanto tempo for possível, por favor. Sei que não será indefinidamente.

Ele prontamente garantiu-lhe segredo se sua parte; outra vez, expressou o quanto lamentava o pesar dela, desejando que houvesse um desfecho mais feliz do que, no presente, poderiam imaginar, e deixando aos parentes dela seus cumprimentos; com um único e grave olhar de despedida, ele se foi.

Quando saiu, Elizabeth deu-se conta do quanto era impossível que chegassem a se ver novamente com tamanha cordialidade; e, revendo o passado, o relacionamento que tiveram, tão pleno de conflitos e de variações, ela suspirou diante da perversidade daqueles mesmos sentimentos que, agora, poderiam prevalecer nos dias vindouros, quando antes ela teria se regozijado com seu fim.

Com remorso, ela o viu partir, e como prenúncio do constrangimento que a violação e o assassinato de Lydia poderiam acarretar, ficou ainda mais angustiada ao pensar no infeliz caso. Nunca, desde a leitura da segunda carta de Jane, ela havia alimentado qualquer esperança de que Wickham tivesse a intenção de se casar com Lydia. Ninguém, além de Jane, assim pensava Elizabeth, poderia se consolar com tal expectativa. A surpresa era o menor dos sentimentos que a tomavam nesse episódio. Enquanto o que dizia a segunda carta

permaneceu em sua cabeça, ficara de fato surpresa — espantada que Wickham tivesse conseguido capturar uma discípula de Shaolin, mesmo que fosse tão displicente como Lydia. Mas, agora, tudo parecia muito natural. Era tal o apetite dela pela companhia de oficiais bonitos, que sua guarda fora baixada o suficiente para permitir que acontecesse uma desgraça dessas.

Elizabeth ansiava por voltar para casa — para escutar, para ver, para estar no lugar onde tudo acontecia e poder repartir com Jane os cuidados que deveriam estar recaindo unicamente sobre ela, numa família tão deteriorada, um pai ausente, uma mãe que sem dúvida estaria, agora, vomitando sem parar e demandando assistência ininterrupta. Embora quase convencida de que nada poderia ser feito por Lydia, a interferência do tio parecia ser da maior importância, e até ele entrar no aposento a impaciência da moça foi extrema. O Sr. e a Sra. Gardiner, alarmados, havia se apressado em voltar, supondo, pelo relato do criado, que sua sobrinha tivesse sido assassinada por um inimigo desconhecido, mas tranquilizando-os por instantes quanto a isso, Elizabeth nervosamente lhes comunicou a razão de os haver chamado com tamanha urgência, lendo as duas cartas em voz alta para eles. O Sr. e a Sra. Gardiner ficaram profundamente aflitos. Não apenas a Lydia, mas aquilo que concernia a todos e, depois das primeiras manifestações de assombro e horror, o Sr. Gardiner empenhou todo o auxílio que pudesse prestar. Elizabeth, embora não esperasse menos, agradeceu-lhe entre lágrimas, e, todos agindo com o mesmo propósito, as providências relacionadas à jornada foram tomadas com rapidez. Deveriam, portanto, partir muito em breve.

— Mas, o que vamos fazer quanto a Pemberley? — disse alto a Sra. Gardiner. — John nos contou que o Sr. Darcy estava aqui quando você nos mandou chamar. É verdade?

— Sim, e eu lhe disse que não poderemos manter o compromisso.

Tudo está arranjado.

— Mas o que diremos aos nossos outros amigos? — disse a tia, enquanto se dirigia em passos rápidos para seu quarto a fim de se aprontar. — Ah, quisera eu que houvesse tempo para ver Sylak pelo menos mais uma vez.

Mas tais desejos eram inúteis — ou pelo menos só poderiam servir para entretê-la durante a tensão e a precipitação da hora seguinte. Se Elizabeth estivesse em condições de perder tempo com divagações, não teria mais dúvidas de que tudo o que fizesse seria inútil para alguém tão desgraçado quanto ela; mas, assim como a tia, tinha tarefas a realizar, entre as quais estavam bilhetes a escrever para todos os amigos em Lambton, com falsas justificativas para a partida súbita. Em uma hora, entretanto, tudo fora concluído. O Sr. Gardiner havia fechado sua conta na estalagem, e nada mais os retinha. Elizabeth, depois de toda a aflição daquela manhã, se viu, antes do que supunha, em seu assento no interior a carruagem, já na estrada para Longbourn.

CAPÍTULO 47

— **ESTIVE REPENSANDO** tudo sobre esse caso, Elizabeth — disse o tio enquanto a carruagem saía da cidade —, e de fato, depois de muitas considerações, estou bem mais inclinado do que antes a julgá-lo do mesmo modo que sua irmã mais velha. Parece-me muito improvável que um jovem tenha planejado algo contra uma garota que não é de modo algum desprotegida e privada de amigos e que, para todos os efeitos, estava sob a guarda da família do coronel do regimento ao qual ele pertencia. Assim, estou fortemente inclinado a esperar pelo melhor. Ora, ele acharia que os amigos dela não iriam em seu encalço? Que as irmãs não o perseguiriam até os confins do mundo com suas espadas? Será que ele esperaria ser acolhido

de volta no regimento depois dessa afronta ao coronel Forster? Ou será que a tentação o fez ignorar os riscos?

— O senhor acredita mesmo nisso? — disse Elizabeth, comovida.

— Palavra de honra — disse a Sra. Gardiner — que começo a pensar como seu tio. É uma violação da decência grande demais, e também da honra, sem falar dos próprios interesses do rapaz, para que Wickham ousasse praticá-la. Não consigo achá-lo tão vil. E você, Lizzy? É capaz de pensar tão mal dele a ponto de julgar que ele fizesse algo assim?

— Talvez não de desdenhar seus interesses, mas de negligenciar tudo o mais; disso, sim, eu o acredito capaz. Quisera eu que não fosse assim! Mas não ousa ter esperanças. Por que ele teria disparado contra o coronel se não fosse esse o caso?

— Em primeiro lugar — replicou o Sr. Gardiner —, não há prova definitiva de que não pretendem se casar.

— Mas por que a fuga em segredo? Por que tanto medo de serem detidos? Por que o casamento deles teria de ser feito às escondidas? Ah, não, não... Não me parece provável. O outro oficial, amigo dele... não leram o relato de Jane? O rapaz estava persuadido de que Wickham não tinha a menor intenção de se casar com Lydia. Ele jamais se casaria com uma mulher sem dinheiro. Não poderia se dar a esse luxo. E que grandes atrativos possui Lydia, além da juventude e uma compleição sólida, que o fizeram desistir de qualquer chance de um casamento proveitoso para ela? Quanto às suas demais objeções, temo que mal se sustentem. Minhas irmãs e eu não podemos despender um tempo substancial procurando por Wickham, já que temos ordens de Sua Majestade para defender Hertfordshire de qualquer inimigo até que estejamos mortas, inválidas ou casadas.

— Mas você consegue acreditar que Lydia seja tão indefesa a ponto de permitir que a... digo... que sua família sofra essa desonra?

— É o que parece, embora seja de fato bastante desconcertante — replicou Elizabeth, com lágrimas nos olhos — precisar admitir que a maestria de uma irmã Bennet nas artes mortais seja colocada em dúvida. Não sei mesmo o que dizer. Talvez não esteja fazendo justiça. Mas ela é jovem demais e durante o semestre passado, ou melhor, pelo menos há um ano, não se dedicou a nada senão ao entretenimento e à vaidade. A ela foi permitido usar seu tempo do modo mais ocioso e frívolo, a negligenciar a necessidade de treinamentos diários, da meditação ou até mesmo de um simples jogo, como Beije-me, Veado. Desde que a guarnição chegou a Meryton, nada além de amor, flerte e oficiais ocupou-lhe a cabeça. E bem sabemos que Wickham é uma pessoa bastante sedutora, com uma conversa capaz de envolver qualquer mulher.

— Mas veja que Jane — interveio a tia — não tem Wickham de todo em má conta, não a ponto de praticar um ato como esse.

— E a quem Jane tem em má conta? Já a vi embalar não mencionáveis nos braços, pedindo-lhes desculpas por decepar seus membros, enquanto eles a tentavam morder com suas últimas forças. Mas Jane sabe, tanto quanto eu, quem Wickham realmente é. Sabemos que, em todos os sentidos, trata-se de um devasso. Que ele não possui integridade, tampouco honra.

— E você tem certeza do que está falando? — inquiriu a Sra. Gardiner em voz alta.

— E como tenho! — respondeu Elizabeth, ruborizando. — Já lhe contei sobre o infame procedimento dele com o Sr. Darcy. E a senhora mesma, quando estive em Longbourn, escutou como ele fala do homem que agiu com tanta prodigalidade e liberdade em relação a ele. Além disso, há outros fatos, que não tenho a liberdade... que não vale a pena revelar neste momento. O caso é que as calúnias dele contra a família de Pemberley são inúmeras.

— Mas Lydia desconhece tudo isso? Como ela pode ignorar algo que você e Jane parecem compreender perfeitamente?

— Ah, sim! Isso é o pior. Até minha estada em Kent, quando descobri a respeito do Sr. Darcy e de seu primo, o coronel Fitzwilliam, eu própria ignorava a verdade. E ignorava tanto que minha honra exigiu-me os sete talhos. Quando retornei para casa, a guarnição ia deixar Meryton em uma semana ou no máximo em quinze dias. Assim sendo, nem Jane, a quem contei tudo, nem eu julgamos necessário divulgar o que sabíamos. Ora, aparentemente, que bem faria a qualquer um se a boa impressão que todos tinham do Sr. Wickham fosse destruída? E mesmo quando ficou

decidido que Lydia iria para Brighton com a Sra. Forster, a necessidade de lhe abrir os olhos em relação ao caráter dele jamais me ocorreu.

— Mas quando o regimento foi transferido para lá, suponho que você não tivesse razões para suspeitar de que houvesse algo entre eles, estou certa?

— Não, nem sequer a menor suspeita. Não consigo recordar indício algum da atração de nenhum dos dois, além de ela ter entalhado o nome dele abaixo do coração com sua adaga; mas era desse modo que Lydia agia habitualmente. Assim que ele se juntou ao regimento, ela se sentiu atraída por ele, mas todas nós nos sentimos. Assim como todas as garotas de Meryton e das redondezas ficaram meio fora do eixo por causa dele, pelo menos nos dois primeiros meses. Mas ele nunca a tratou de modo diferente das demais, de modo que depois de um período moderado de *frissons* extravagantes e afoitos a atração arrefeceu, e outros oficiais, que a distinguiam com uma atenção realmente especial, tornaram a ocupar suas preferências.

Embora pouca novidade pudesse ser acrescentada aos seus medos, às suas esperanças e conjeturas, nesse interessante assunto, por mais que rediscutissem todos os aspectos, nada poderia fazê-los abandoná-lo por muito tempo enquanto durasse a viagem. Dos pensamentos de Elizabeth, o assunto em nenhum momento esteve ausente. Fixado em sua mente pela mais dolorosa angústia, pelos remorsos, para ela não haveria alívio.

Eles avançaram o mais rápido possível, até alcançarem as proximidades da cidade de Lowe, onde ocorrera uma escaramuça entre o exército do rei e uma horda do sul. Ali, a estrada mostrava-se tão coberta de cadáveres (tanto de humanos quanto de não mencionáveis) que era quase impossível transpô-la. Como era arriscado ter qualquer contato direto com os cadáveres, o cocheiro foi forçado a erguer o nariz de ferro de debaixo da carruagem e fixá-lo aos cavalos, pendurando-o no pescoço dos animais com correias de couro, de modo que ficasse diante de suas patas, como uma escavadeira que empurrava os corpos para os lados à medida que os animais avançavam.

Determinada a não perder mais tempo algum, Elizabeth sentou-se ao lado do cocheiro com sua Brown Bess, pronta para responder ao menor sinal de problemas com os disparos de sua arma. Ordenou-lhe que não parasse por nada e que até mesmo as necessidades mais pessoais teria de ser satisfeitas ali mesmo, onde eles estavam sentados. Eles seguiram adiante pela noite inteira e alcançaram Longbourn na hora do jantar do dia seguinte. Era um consolo para Elizabeth saber que Jane não se deixava vencer pela longa expectativa.

As crianças Gardiner haviam avistado o veículo a distância e esperavam nos degraus da casa quando eles entraram no *paddock*, e quando a carruagem se dirigiu para o portão, a alegre surpresa que lhes iluminou o rosto foi a primeira manifestação carinhosa que boas-vindas que receberam.

Elizabeth saltou do veículo e, depois de dar um beijo apressado em cada criança, encaminhou-se, ligeira, para o vestíbulo, onde imediatamente Jane foi encontrá-la.

Elizabeth, enquanto a abraçava ternamente, e ardentes lágrimas escorriam dos olhos de ambas, não perdeu um segundo para perguntar se havia alguma notícia dos fugitivos.

— Ainda nada — replicou Jane. — Mas, agora que meu querido tio chegou, espero que tudo melhore. Ah, Lizzy! Temos então nossa irmã

raptada e repetidamente violada, enquanto permanecemos aqui, sem poder fazer nada!

— Nosso pai está em Londres?

— Sim, ele foi para lá terça-feira, como lhe escrevi.

— E tem mandado notícias?

— Apenas dois bilhetes ligeiros. Ele me escreveu algumas poucas linhas na quarta-feira para informar que havia chegado lá em segurança e para me dar o endereço de onde ficaria, o que eu lhe havia rogado que fizesse. Meramente acrescentou que não tornaria a escrever até que tivesse algo importante a comunicar.

— E nossa mãe, como está? Como estão vocês todas?

— Mamãe está razoavelmente bem, creio, embora vomite vez por outra, bastante copiosamente, como você provavelmente já previa. Está lá em cima e vai ficar enormemente satisfeita por ver você. Mas não deixa seus aposentos. Mary e Kitty, graças aos céus, estão muito bem. Ambas fizeram juramentos de sangue contra o Sr. Wickham, louvados sejam seus dignos corações.

— Mas e você... como está você? — disse Elizabeth, elevando a voz.

— Está tão pálida. Imagino o quanto tem sofrido!

A irmã, no entanto, assegurou-lhe que estava perfeitamente bem; e a conversa entre elas, que transcorrera enquanto o Sr. e a Sra. Gardiner davam atenção às suas crianças, foi então interrompida pela aproximação do grupo inteiro. Jane correu para os braços de seus tios, deu-lhes as boas-vindas e agradeceu a ambos por terem vindo, alternando sorrisos e lágrimas.

Já com todos reunidos na sala de estar, as perguntas que Elizabeth havia feito foram, é claro repetidas pelos demais, que logo perceberam que Jane não tinha nenhuma novidade para lhes contar. A moça ainda estava aferrada à doce esperança de que tudo terminaria bem e a cada manhã contava com a

chegada de uma carta, fosse de Lydia ou do pai, com explicações do que haviam feito e, quem sabe, anunciando o casamento.

A Sra. Bennet, para cujos aposentos se encaminharam depois de alguns minutos de conversa, recebeu-os exatamente como seria de esperar: com lágrimas e protestos de seu arrependimento, invectivas contra a vil conduta do Sr. Wickham e meio balde de vômito; ela culpava todos pelo que acontecera, menos a pessoa a qual o precário discernimento levava a ser condescendente com os erros cometidos repetidamente pela filha.

— Se eu tivesse conseguido — protestava — convencer a todos que deveríamos ir para Brighton, a família inteira, nada disso teria acontecido. Mas minha pobre e querida Lydia não tinha ninguém para cuidar dela. Como puderam os Forster permitir que ela saísse de suas vistas? Tenho certeza de que algum grave descuido foi cometido por eles, já que minha filha não é o tipo de garota que faria uma coisa dessas se estivessem olhando por ela. No entanto, fui submetida à vontade dos outros, como sempre. Minha indefesa criança! E, agora, o Sr. Bennet foi atrás deles. Sei que ele vai duelar com Wickham, onde quer que o encontre, e então será morto. Sim, porque não importa o quanto a mente dele esteja repleta desses truquezinhos orientais, seu frágil corpo de velho já não possui a elegância de antigamente. E, depois disso, o que vai ser de nós? Os Collins vão nos expulsar daqui antes que ele esfrie em seu túmulo, e se você não for generoso para conosco, meu irmão, não sei o que vamos fazer.

Todos eles protestaram veemente contra ideias tão horrendas, e o Sr. Gardiner, depois de garantir seu afeto por ela e por sua família, disse-lhe que pretendia ir para Londres logo no dia seguinte, onde ajudaria o Sr. Bennet em seus esforços para resgatar Lydia.

— Não alimente preocupações precipitadas — acrescentou ele. — Até termos certeza de que não se casaram e que não têm tais planos, não dê por antecipação a honra dela como

perdida. Assim que eu chegar a Londres, vou me encontrar com meu cunhado e levá-lo para ficar comigo na Seção Seis Leste, onde poderemos discutir com mais tranquilidade o que deve ser feito.

— Ah, meu querido irmão! — replicou a Sra. Bennet. — Isso é exatamente o que eu poderia esperar de você. Quando chegar a Londres, e se eles ainda não estiverem casados, obrigue-os a se casarem. Quanto ao enxoval, não permita que adiem nada por conta disso, mas diga a Lydia que ela terá todo o dinheiro de que precisar para comprá-lo depois que se casarem. Acima de tudo, impeça que o Sr. Bennet entre em luta com Wickham. Descrevia-lhe o estado lastimável ao qual fiquei reduzida, que temo até perder o juízo e que sou acometida de fortes tremores, de palpitações, de espasmos aqui do lado e de cruéis dores de cabeça, além desse incessante torrente de vômito no meu balde. E tudo de um modo que já não consigo repouso, seja dia ou noite.

O Sr. Gardiner assegurou-lhe, mais uma vez, que se empenharia ao máximo no assunto, e depois de ficar conversando em tais termos com ela até que o jantar estivesse na mesa, eles a deixaram para que vomitasse em paz, na companhia da governanta, que cuidava dela na ausência das filhas.

Embora seu irmão e sua irmã estivessem persuadidos de que não havia motivos para esse isolamento em relação à família, não tentaram objetar. Na sala de jantar, logo se reuniram a eles Mary e Kitty, que haviam estado ocupadas demais treinando e não puderam aparecer antes. Elas se permitiam pouca coisa mais que as ocupasse desde que proferiram seu juramento de sangue. Logo que se sentaram à mesa, Mary sussurrou para Elizabeth:

— Haverá infundáveis comentários sobre esse assunto tão triste. No entanto, devemos repudiar a onda de falatório inútil e regar nossos seios feridos com o suave bálsamo da vingança.

Então, percebendo que Elizabeth não se mostrava disposta a replicar, ela acrescentou:

— Infeliz como sem dúvida esse episódio será para Lydia, poderemos extrair dele uma útil lição: que a virtude na mulher é removida com a mesma facilidade que uma peça de roupa. Que basta um passo em falso para ocasionar ruína para sempre. E que o único remédio para a honra ferida é o sangue de quem a profanou.

Espantada, Elizabeth ergueu os olhos, mas se sentia bastante abalada para conseguir dizer qualquer coisa. Mary, no entanto, continuava a buscar consolo para o mal com que se defrontavam nessas máximas moralizantes.

À tarde, as duas irmãs Bennet mais velhas conseguiram, afinal, ficar meia hora a sós; depois de trocaram lamúrias por conta da medonha desonra de Lydia, que Elizabeth já dava como certa e Jane considerava que não seria de todo impossível, a primeira persistiu no assunto, afirmando:

— Mas conte-me agora tudo o que ainda não me disse. Quero detalhes. O que o coronel Forster lhes contou? Eles não haviam percebido nada de preocupante antes de o rapto se concretizar?

— O coronel Forster relatou que sempre suspeitara de alguma inclinação, especialmente da parte de Lydia, mas nada que o alarmasse de fato. Fiquei com tanta pena dele! O comportamento que teve foi extremamente atencioso e gentil. Veio nos procurar para assegurar seu empenho, antes de ter qualquer ideia de que Wickham não pretendia se casar. Quando essa preocupação foi levantada, isso só fez acelerar sua partida.

— E o outro oficial está convencido de que Wickham não pretende se casar? Ele soube antes da intenção deles de fugirem?

— Soube, mas quando questionado negou qualquer conhecimento dos planos que tinham e não quis dar sua verdadeira opinião sobre o caso, mesmo com o coronel ameaçando arrancar suas partes mais íntimas e dá-las para os não mencionáveis comerem. Ele não repetiu que estava convencido de que eles não se casariam e por conta disso tenha a esperança de que tenha se equivocado antes.

— E até o coronel vir até aqui nenhum de vocês teve dúvidas de que eles não tinham se casado?

— Como uma coisa dessas iria nos ocorrer? Eu me senti um tanto constrangida agora... até um pouco temerosa quanto à felicidade e minha irmã nesse casamento com Wickham, porque sei que em diversas ocasiões a conduta dele foi reprovável. Nossa mãe e nosso pai não sabiam sobre isso; apenas percebiam o quanto tal união seria imprudente. Só então Kitty confessou, como se fosse um motivo natural de triunfo saber algo que desconhecíamos, que na última carta de Lydia ela a havia preparado

para o passo que ia dar. Ao que parece, ela sabia que eles estavam apaixonados havia muitas semanas.

— Mas não antes de irem para Brighton?

— Não, creio que não.

— E o coronel Forster aparentou ainda ter boa opinião sobre Wickham? Ele já sabe quem Wickham realmente é?

— Devo confessar que já não falou tão bem de Wickham como fez antes. Achava-o imprudente e extravagante. E depois desse episódio tão triste ficamos sabendo que ele saíra de Meryton deixando para trás altas dívidas e pelo menos uma ordenhadeira em situação delicada. Mas tenho esperança de que sejam apenas boatos.

— Ah, Jane, se tivéssemos revelado o que sabíamos, isso poderia não ter acontecido.

— Talvez tivesse sido melhor — replicou a irmã. — Mas denunciar atos condenáveis do passado de quem quer que seja, sem o conhecimento dos sentimentos atuais dessa pessoa, parece injustificável. Fizemos tudo com a melhor das intenções.

O coronel Forster pôde contar em detalhes o que Lydia escreveu no bilhete que deixou para a esposa dele?

— Ele o trouxe para que o víssemos.

Jane tirou o papel de uma carteira e o entregou para Elizabeth. Dizia o seguinte:

MINHA QUERIDA HARRIET,

Você vai rir muito quando descobrir para onde eu fui, e não posso deixar de rir também quando penso na sua surpresa amanhã de manhã, logo que derem pelo meu desaparecimento.

Estou indo para Gretna Green, e se você não puder adivinhar com quem, vou ter de pensar que seu cérebro foi abocanhado por um zumbi, já que não há senão um homem no mundo a quem eu amo, e ele é um anjo. Eu jamais seria feliz sem ele. Assim, creio que não faço mal em fugir com ele. Não precisa avisar a

ninguém em Longbourn que fui embora, se não quiser, uma vez que isso vai tornar a surpresa ainda maior quando eu lhes escrever contando e assinar como meu nome — Lydia Wickham. Vai ser muito engraçado! Mal consigo escrever de tanto que estou rindo agora.

Vou mandar buscar minhas roupas e armas quando chegar a Longbourn, mas gostaria que você pedisse a Sally para costurar um rasgão feito por garras no meu vestido de musselina antes de embalá-los. Adeus. Lembranças ao coronel Forster. Espero que bebam à felicidade de minha viagem.

Sua amiga que a ama, LYDIA BENNET

— Ah! Lydia, Lydia. Que garota sem juízo — exclamou Elizabeth ao terminar a leitura. — Como pôde escrever uma carta dessas diante de tal situação? Pelo menos, comprova que ela tinha propósitos sérios quanto ao objetivo de sua viagem. Seja o que for que ele a tenha, posteriormente, forçado a fazer, se dependesse dela, os planos não eram cometer uma infâmia. Coitado de nosso pai! Deve ter ficado muito abalado.

— Nunca vi ninguém tão aturdido. Ele passou dez minutos sem conseguir dizer sequer uma palavra. Nossa mãe vomitou logo em seguida, e a casa inteira mergulhou em confusão.

— Oh, Jane — exclamou Elizabeth —, você não parece bem. Ah, quisera ter estado aqui com você! Coitada, teve e cuidar de tudo e sofreu sozinha toda a tensão!

— Mary e Kitty têm sido muito atenciosas, e tenho certeza de que teriam dividido comigo todas as tarefas, se não estivessem se dedicando a tramar a destruição do Sr. Wickham. Nossa tia Phillips veio para Longbourn na terça-feira, depois que nosso pai partiu, e teve a gentileza de ficar até quinta-feira comigo. Foi bastante prestativa e nos deu enorme apoio. Além disso, Lady Lycas tem sido muito boa, veio para cá na quarta-feira, a pé, para nos oferecer sua solidariedade e sua ajuda,

bem como a de suas filhas, no que pudessem e no que precisássemos.

Ao escutar a menção ao nome de Lady Lucas, os pensamentos de Elizabeth se voltaram para Hunsford. Ela perguntou a si mesma se ainda haveria restado qualquer porção da antiga Charlotte ou se o Sr. Collins teria percebido o padecimento da amiga. Afinal de contas, já se passara algum tempo desde que recebera a carta da casa paroquial. Sua amiga ainda estaria viva? Mas este era um assunto bem assustador para ser tratado agora. Assim, ela começou a indagar sobre as medidas que seu pai pretendia tomar em Londres para resgatar a filha.

— Creio — disse Jane — que ele tem a intenção de se dirigir a Epsom, o lugar onde eles trocaram de cavalos pela última vez. Seu principal objetivo deve ser descobrir o número do coche de aluguel que os levou de Clapham depois que o Sr. Wickham tentou matar o coronel. O veículo havia trazido um passageiro de Londres, e papai imagina que deve ter chamado a atenção de alguém assistir a um cavalheiro e uma moça trocando de coches em meio a um tiroteio de mosquetes. Assim, alguém

pode se lembrar da cena e nosso pai pretende indagar em Clapham sobre isso.

CAPÍTULO 48

TODOS EM LONGBOURN tinham esperanças de receber uma carta do Sr. Bennet na manhã seguinte, mas o correio passou sem sequer uma linha que fosse da parte dele. A família o sabia um correspondente negligente e dilatário, mas esperava que, num caso como esse, ele se empenhasse mais. Foram

forçados a concluir que ele não tinha boas notícias; mas mesmo estas seriam recebidas com alívio. O Sr. Gardiner aguardava apenas pelas cartas para partir com três mercenários armados que garantiriam a segurança da expedição.

A Sra. Gardiner e as crianças permaneceriam em Hertfordshire por mais alguns dias, já que ela acreditava que poderia ser útil em alguma coisa para as sobrinhas. Ela ajudava a cuidar da Sra. Bennet e era um grande conforto para as moças nas horas livres. A outra tia delas também as visitava com frequência e sempre, como dizia, ansiando por lhes transmitir carinho e confortá-las da melhor maneira possível — no entanto, como nunca aparecia sem a notícia de uma nova dívida deixada pelo Sr. Wickham, ou sobre a criança bastarda, raramente partia sem deixá-las ainda mais desoladas do que as havia encontrado.

Toda Meryton agora parecia empenhada em denegrir o homem que apenas três meses antes havia sido saudado como "mais merecedor da admiração geral do que o próprio Cristo." Todos os comerciantes da cidade acusavam débitos que ele contraía e não pagada, e os boatos sobre sua conduta, que recebiam o respeitoso título de "seduções", espelharam-se por intermédio das famílias dos comerciantes. Todos afirmavam que ele era o mais pérfido jovem do mundo; e todos também começaram a achar que sempre haviam desconfiado dele, apesar das qualidades que aparentava. Elizabeth, embora não desse crédito nem à metade do que escutava, acreditava no suficiente para ficar cada vez mais convencida da ruína de sua irmã. Até mesmo Jane, que acreditava ainda menos nessa possibilidade, se viu quase privada de esperanças, principalmente porque, a essa altura, se tivessem se casado, quase certamente a família já teria recebido notícias disso.

O Sr. Gardiner partiu de Longbourn no domingo. Na terça-feira, sua esposa recebeu uma carta dele. Relatava que, logo ao chegar, fora ao encontro do cunhado e o persuadira a ficar com ele na Seção Seis Leste, e que o Sr. Bennet estivera em Epsom e Clapham antes da chegada dele sem, no entanto, obter

qualquer informação satisfatória; e que estava determinado a sair perguntando por todos os hotéis de Londres. Também havia um pós-escrito a este respeito:

Escrevi ao coronel Forster solicitando que ele descubra, se possível, de algum dos amigos mais próximos de Wickham no regimento, se ele teria quaisquer parentes ou conhecidos que pudesse saber em que parte da cidade o jovem se escondeu. Se houver alguma pessoa a quem se possa recorrer para se obter uma pista como essa, isso seria de enorme importância. No presente, nada há o que possa nos orientar. O coronel Forster, ousado afirmar, fará tudo o que estiver ao seu alcance e que lhe ocorrer para nos ajudar. Mas, pensando melhor, talvez Lizzy possa, mais do que qualquer um, nos dizer se ele possui parentes vivos.

Elizabeth jamais soubera da existência de qualquer parente de Wickham, exceto seus pais, ambos mortos havia bastante tempo. Seria plausível, no entanto, que algum dos companheiros dele no regimento fornecesse alguma informação, embora ela não estivesse muito empolgada quanto a essa possibilidade.

Elizabeth e Jane já não conseguiam descontraí-las nem sequer durante suas lutas com veados e tampouco afeí-las prazer da companhia de suas irmãs, já que ambas agora estavam empenhadas na criação de algum novo método para arrancar as vísceras do Sr. Wickham. Agora, todos os dias em Longbourn eram marcados pela ansiedade; mas o período mais ansioso era o da espera do correio. A chegada de cartas era o grande motivo de toda a impaciência matinal. Por meio das cartas, fossem boas ou más as notícias, tudo era relatado, e a cada

novo dia renovavam-se as esperanças de que trouxesse novidades de alguma relevância.

No entanto, antes de receberem uma nova carta do Sr. Gardiner, chegou uma correspondência para o pai delas, remetida pelo Sr. Collins, a qual Jane, como havia recebido dele instruções de abrir qualquer carta que lhe chegasse durante sua ausência, leu, e Elizabeth, ciente de que as cartas dele sempre eram no mínimo curiosas, também leu, por cima do ombro da irmã. Tratava-se do seguinte:

MEU CARO SENHOR,

Por conta do nosso parentesco e da minha situação na vida, sinto-me na obrigação de lhe apresentar minhas condolências pela perversa aflição que no momento o senhor está experimentando, e ao mesmo tempo informar ao senhor do meu próprio sofrimento, devido à tragédia que se abateu sobre um de nossos entes mais amados, minha adorada esposa, Charlotte. É minha triste obrigação comunicar que ela não se encontrar mais entre nós na Terra; de alguma maneira ainda desconhecida, minha boa esposa foi infectada pela praga — uma infelicidade para a qual todos estivemos cegos, até que Lady Catherine de Bourgh teve a bondade de me chamar a atenção, da maneira mais gentil, para as evidências. Sua Senhoria, devo acrescentar ainda teve a extrema gentileza de oferecer-se para proceder à costumeira decapitação e cremação; no entanto, senti que era meu dever como marido executá-las com minhas próprias mãos — mesmo que trêmulas. Tenha certeza, meu caro senhor, de que, a despeito do meu próprio padecimento, que praticamente me paralisa, eu com sinceridade me solidarizo com o senhor e com toda a sua respeitável família no atual momento de agonia, que deve ser a mais amarga. A morte de sua filha seria uma bênção

em comparação com isso, assim como a decapitação e a cremação de minha esposa foi uma desgraça preferível a vê-la juntar-se às brigadas de Lúcifer. O senhor, em sua agrura, merece todo o nosso compadecimento, opinião na qual sou reforçado por Lady Catherine e sua filha, a quem relatei o ocorrido. Elas concordaram comigo na compreensão de que essa desonra de uma de suas filhas será danosa ao futuro de todas as demais; visto que "quem", como Lady Catherine condescende em dizer, "se ligará a tal família"? E essa reflexão me faz voltar meus pensamentos, com grande satisfação, para minha proposta de casamento a Elizabeth em novembro último. Caso ela houvesse aceitado, eu estaria envolvido em sua desgraça, em vez de meramente penalizado, situação na qual irremediavelmente me encontro. Portanto, deixe-me aconselhá-lo, caro senhor, a afastar sua indigna filha de seu coração para sempre, e permita que ela colha sozinha os frutos de seu hediondo ato. Peço licença para concluir parabenizando-o, já que não mais requisitarei Longbourn depois de sua morte, pois quando esta carta alcançá-lo eu próprio estarei morto, pendurado num dos galhos da árvore favorita de Charlotte, no jardim o qual Sua Senhoria, em sua magnanimidade, colocou sob nossos cuidados. SEU, ETC, ETC.

O Sr. Gardiner não tornou a escrever até ter recebido uma resposta do coronel Forster; mas nada tinha de promissor a comunicar. Desconhecia-se que Wickham tivesse qualquer parente, mesmo que distante, com quem se mantivesse em contato, e era certo que não tinha nenhum que lhe fosse próximo, vivo. Tinha muitos conhecidos de tempos atrás, mas desde que entrara para o regimento não evidenciava possuir nenhum amigo mais próximo. Portanto, não seria provável que

algun deles pudesse dar notícias sobre Wickham. Além do mais, considerando a péssima situação financeira em que estava, havia poderosos motivos para manter seu paradeiro em segredo, acrescentando-se aí seu receio de ser encontrado pelos parentes de Lydia, já que recentemente havia se espalhado a notícia que ele deixara bastardos e dívidas de jogo atrás de si, que alcançavam um considerável montante. O coronel Forster acreditava que seria necessário algo superior a mil libras para liquidar os débitos em Brighton, e mais mil para garantir algum apoio às infelizes garotas que ele abandonara com as máculas da vergonha. O Sr. Gardiner não fez tentativa alguma de ocultar esses pormenores dos parentes de Longbourn. Jane os escutou horrorizada:

— Um jogador! Um semeador de bastardos! — disse, em voz alterada. — Não esperava por isso. Eu não fazia a menor ideia!

O Sr. Gardiner acrescentou à sua carta que o pai delas estaria de volta a casa no dia seguinte, que seria sábado. Muito abatido por conta do fracasso de seus esforços, fora persuadido, depois de bastante empenho do cunhado, a retornar à sua família. Quando a Sra. Bennet soube disso, não expressou tanta satisfação como suas filhas esperavam, considerando toda a ansiedade que manifestara, antes, preocupando-se com a possibilidade de o marido ser morto.

— Ora, então ele está voltando para casa? E sem a nossa pobre Lydia?! — exclamou. — Não acredito que vá deixar Londres antes de encontrá-los. Quem vai forçar Wickham a se casar com ela se ele voltar para cá?

Como a Sra. Gardiner já estava saudosa de casa, foi acerto que ela e as crianças deveriam viajar para Londres ao mesmo tempo que o Sr. Bennet estivesse vindo de lá. O cocheiro, portanto, conduziu-a até a primeira parada da jornada, de onde trouxe seu amo de volta a Longbourn.

A Sra. Gardiner partiu tomada da mesma perplexidade, que, aliás, a acompanhava desde o Derbyshire, em relação aos termos em que estariam Elizabeth e o Sr. Darcy. O nome dele

jamais fora voluntariamente mencionado diante de ninguém por sua sobrinha; e Elizabeth não recebera quaisquer cartas, desde o seu regresso, que pudessem ter sido remetidas de Pemberley.

O presente estado de desolação a família dispensava qualquer outra justificativa para o desânimo de Elizabeth. A moça, a essa altura, já tinha uma razoável familiaridade com os próprios sentimentos e estava perfeitamente consciente de que, se não tivesse reencontrado com Darcy, poderia suportar melhor a desgraça de Lydia, visto que, assim acreditava, teria sido poupada de uma ou duas noites de insônia.

Quando o Sr. Bennet chegou, ostentava sua habitual postura de serenidade. Falou pouco, como era seu hábito, e não fez menção alguma ao assunto que motivara sua viagem. Na verdade, passou-se algum tempo antes que tivesse coragem de falar a respeito diante das filhas.

Isso só foi acontecer à tarde, quando se reuniu a elas para o chá, Elizabeth arriscou-se a introduzir o tema; e, então, depois que ela expressou brevemente o quanto lamentava tudo que ele tivera de enfrentar, ele replicou:

— Não fale mais sobre isso. Quem deveria passar por isso se não eu mesmo? "Para cada golpe de bambu molhado nas costas do discípulo o mestre merece receber dois." Não era isso o que Mestre Liu sempre dizia?

— Não deve ser severo demais consigo mesmo
— replicou Elizabeth.

— Convêm mesmo que você me previna contra mais essa falha. A natureza humana está propensa a isso. Não, Lizzy, deixe que eu, ao menos uma vez na vida, sinto o justo peso da culpa. Pois fui eu quem decidiu que vocês deveriam se tornar guerreiras... e não damas. Fui eu que cuidei para que fossem educadas nos segredos da morte, enquanto negligenciava tudo o que deveria lhes ensinar sobre a vida. Conceda-me o remorso, que é todo meu, e eu o mereço.

— O senhor acha que eles estão em Londres?
— Acho. Onde mais poderiam se esconder tão bem?

— E Lydia sempre quis ir para Londres —
acrescentou Kitty.

— Então, deve estar feliz agora — disse o pai, secamente. — E vai residir na cidade por um bom tempo. — Depois de uma breve pausa, retomou: — Lizzy, não lhe guardo nenhum ressentimento por conta do conselho que me deu em maio último e que, considerando o ocorrido, demonstrou sua grande previdência.

Eles foram interrompidos por Jane, que veio pegar chá para levar para a mãe.

— Mas isto aqui parece mais um passeio público! — gritou o Sr. Bennet. — Não posso ter nem um instante de paz para dar vazão ao meu sofrimento? Amanhã, vou ficar o dia inteiro sentado na minha biblioteca, com minha touca de dormir e meu roupão de seda, esperando até que Kitty também fuja daqui.

— Eu não vou fugir, papai — choramingou Kitty. — Se eu tivesse ido para Brighton, teria me comportado melhor do que Lydia.

— Você, ir para Brighton? Não confiaria em você nem para ir a Eastbourn, aqui bem perto. Nem por 50 libras. Não, Kitty. Aprendi que devo ser cauteloso, e você há de sentir os efeitos dessa nova postura. Nenhum oficial jamais entrará de novo em minha casa, nem mesmo passará pelo vilarejo. Bailes serão terminantemente proibidos, a não ser que você seja acompanhada por uma de suas irmãs mais velhas. E você não porá sequer o pé para fora de casa, a não ser que prove que passou pelo menos dez horas dedicada aos seus treinamentos.

Kitty levou absolutamente a sério tais ameaças e começou a chorar.

— Ora, muito bem — disse ele —, não precisa ficar tão triste. Se você se comportar pelos próximos dez anos, posso levar você para assistir a uma revista das tropas quando esse prazo se esgotar.

CAPÍTULO 49

DOIS DIAS APÓS O regresso do Sr. Bennet, enquanto Elizabeth e Jane estavam seguindo o rastro de um cervo entre os arbustos atrás da casa, avistaram a governanta se aproximando, e deduzindo que vinha relatar o último surto de vômito da mãe delas, apressaram-se a ir ao encontro da mulher, mas, em vez das notícias que esperavam, quando chegaram junto da mulher, a governanta indagou:

— Peço perdão, senhoritas, por interrompê-las, mas eu tinha a esperança de que pudessem ter recebido boas notícias de Londres, de modo que tomei a liberdade de vir lhes perguntar.

— Do que está falando, Hill? Não soubemos de nada — disse Jane.

— Mas, cara senhorita — exclamou a Sra. Hill, enormemente espantada —, então não sabe que um expresso chegou para o amo, despachado pelo Sr. Gardiner? Está aqui há meia hora, e o amo recebeu uma carta.

E lá se foram ambas as garotas, correndo, ansiosas demais para responder qualquer coisa. Atravessaram às pressas o vestíbulo, entraram na sala de desjejum e dali foram direto para a biblioteca. O pai delas não se encontrava em nenhum desses aposentos, e as duas estavam prestes a procurar por ele no andar de cima, achando que poderia estar conversando com a mãe, quando o mordomo as abordou, dizendo:

— Se estão procurando pelo amo, senhoritas, ele se dirigiu ao *dojo*.

Diante de tal informação, elas imediatamente atravessaram mais uma vez o saguão e o gramado, sempre correndo atrás do pai, que se encaminhou para o modesto prédio sem se voltar para trás.

Elizabeth conseguiu alcançá-lo e, agitava, disse em voz alta:

— Oh, papai... quais são as novidades? Nosso tio mandou uma carta?

— Mandou. Eu a recebi pelo expresso.

— E as notícias? São boas ou más?

— E por que deveríamos esperar qualquer coisa de bom? — disse ele, tirando a carta do bolso. — Mas talvez você queira lê-la.

Impaciente, Elizabeth pegou-a da mão dele. Só então Jane alcançou-os.

— Leia em voz alta — disse pai —, pois eu mal pude compreender do

que se trata.

MEU CARO IRMÃO,

Seção Seis Leste, segunda-feira 2 de agosto

Finalmente posso lhe mandar notícias de minha sobrinha, o que, apesar de tudo, tenho esperanças de que lhe dê satisfação. Logo depois de sua partida no sábado tive sorte de descobrir em que parte de Londres eles estavam. Os detalhes, reservo para quando nos encontrarmos. Estive com ambos...

— Então minhas esperanças não foram em vão —
disse Jane, alterando a voz. — Estão casados!

Estive com ambos. Não estão casados, nem pude achar que tenham tido a menor intenção de fazê-lo; mas, com alegria, posso lhes dizer que o Sr. Wickham, nos últimos dias, passou por uma notável mudança de propósitos quanto a esse aspecto e deseja que se casem com a máxima urgência. Ele se encontra num estado precaríssimo, entretanto, já que um acidente de carruagem o deixou acamado e incapaz de mover os membros ou controlar suas necessidades. Receio que seus médicos acreditem que ele permanecerá nesse estado por todo o restante de sua vida. Imaginem então o alívio que representa para ele saber que pelo menos o coitado poderá contar com uma esposa devotada para cuidar dele até que a morte os separe. Ele não reivindica nada das 5 mil libras reservadas para suas filhas, nem pede nada além de 5 libras por ano, para arcar com os custos de suas roupas de cama. São condições as quais, ponderando tudo, não hesitei em aceitar, considerando que você certamente me autorizaria a tanto. Vou enviar este relato pelo expresso uma vez que não há tempo a perder para que eu receba sua resposta. Se, como suponho, você me conferir plenos poderes para agir em seu nome, em todos os aspectos deste assunto, não haverá necessidade de voltar a Londres; pode aguardar em Longbourn e confiar nas minhas diligências e no meu discernimento. Mande sua resposta logo que possível e tenha o cuidado de redigi-la da maneira mais explícita. Julgamos que o melhor é que minha sobrinha se casa com Wickham ali mesmo, junto ao leito dele, o que também espero que você aprove, visto que sempre há grande dificuldade em movê-lo. Ela ficará hospedada

conosco a partir de hoje. Tornarei a escrever assim que for preciso.

Seu, etc.

EDW. GARDINER

— Será possível? — exclamou Elizabeth, quando terminou a leitura.

— Podemos acreditar que eles ainda se casem?

— Wickham não é tão indigno como pensávamos — disse Jane. —

Meu querido pai, meus parabéns!

— O senhor já respondeu à carta? — perguntou Elizabeth, ainda agitada.

— Não, mas isso deve ser feito em demora.

— Oh, meu amado pai! — exclamou ela. — Venha escrevê-la imediatamente. Pense como é importante cada hora num caso como esse.

— Permita-me escrevê-la para você — ofereceu Jane —, se lhe desagrade ter esse trabalho.

— Desagrada-me muito! — replicou ele. — Mas precisa ser feito. Dizendo isso, fez meia-volta com as filhas e retornaram para a casa.

— Posso perguntar — disse Elizabeth — sobre os termos? Suponho que serão aceitos, estou certa?

— Sim, é claro. Sinto vergonha somente por Wickham estar pedindo tão pouco.

— Oh, desgraçada Lydia. Será uma enfermeira pelo resto de seus dias! Ainda assim, devem se casar, mesmo ele estando aleijado.

— Sim, sim, devem se casar. Não há alternativa. No entanto, há duas coisas que quero muito saber. A primeira, é quanto o tio de vocês gastou para resolver esse assunto. A segunda, é como vou poder lhe pagar.

— Mas... dinheiro! Meu tio! — exclamou Jane, assombrada.
— Do que está falando, meu pai?

— É óbvio que nenhum homem em seu juízo perfeito se casaria com Lydia por uma tentação tão mesquinha como essa, de receber cinco libras por ano enquanto eu estiver vivo, e nada depois da minha morte.

— Absolutamente verdadeiro — disse Elizabeth. — Embora não tivesse me ocorrido antes. Ele tem dívidas que precisa pagar e ainda tem de ficar com algum dinheiro de sobra. Ah, isso foi arranjo do meu tio. Uma pequena soma não poderia dar conta de tudo isso.

— Não — reforçou o pai. — Wickham seria um estúpido se a desposasse por um ganho inferior a 10 mil libras, especialmente considerando que não terá a menor oportunidade de fazer fortuna por conta própria. E eu lamentaria ter de considerá-lo de modo tão depressivo, justamente quando iniciamos um parentesco.

— Dez mil libras? Deus não permita! Não poderíamos restituir nem mesmo metade de uma soma dessas.

O Sr. Bennet não fez mais comentário algum. Cada qual absorto em seus próprios pensamentos, permaneceram em silêncio até terem alcançado a casa. O pai, então, encaminhou-se para a biblioteca, tencionando escrever a carta, e as moças foram para a sala de desjejum.

— E eles de fato precisam se casar — disse Elizabeth, irritada, logo que se viu sozinha com Jane. — Mas que coisa estranha! E deveríamos estar gratas por isso, por eles se casarem, mesmo sendo mínimas as possibilidades de serem felizes. E apesar de ele estar paralítico, com o

corpo inutilizado, ainda assim devemos nos alegrar por isso. Ah, pobre Lydia!

— Ainda me consolo em pensar — disse Jane — que, sem dúvida, ele não se casaria com Lydia se não tivesse um sincero afeto por ela. Mesmo nosso generoso tio tendo de algum modo favorecido a decisão dele, não acredito que 10 mil libras, ou qualquer soma próxima, lhe tenha sido dada. Nosso tio

também tem filhos, e sabe-se lá que outras responsabilidades. Como poderia gastar até mesmo a metade 10 mil libras?

— Se pudéssemos descobrir a quanto montavam os débitos de Wickham — raciocinou Elizabeth — e quanto lhe foi prometido para se casar com nossa irmã, saberíamos exatamente o que devemos a nosso tio. Isso porque Wickham não tem sequer seis *pence* no bolso. Jamais poderemos pagar a generosidade de meu tio e de minha tia em relação a Lydia. Eles estão lhe proporcionando, em seu próprio lar, proteção e orientação moral. Trata-se de um sacrifício que nada poderá retribuir. Se tamanha bondade não a levar a se arrepender do que fez, agora, ela jamais merecerá ser feliz. Imagine como deve ter sido se defrontar com nossa tia.

— Temos de nos esforçar para esquecer o que se passou de ambos os lados — disse Jane. — Espero, e mesmo confio, que eles venham a ser felizes. O fato de ele aceitar se casar com ela é uma prova, creio, de que está se emendando. A afeição mútua que sentem os amadurecerá. E até me atrevo a pensar que serão um casal muito tranquilo... Wickham em sua cama e Lydia sentada junto a ele... que talvez, com o tempo, a imprudência do passado seja esquecida.

— O ato que praticaram foi tão grave — replicou Elizabeth — que nem você, nem ninguém poderá esquecer. É inútil esperar por isso, exceto para persuadir nossas irmãs mais novas a renunciarem imediatamente ao seu juramento de sangue.

Ocorreu então às moças que provavelmente a mãe ignorava por completo os últimos acontecimentos. No entanto, primeiro elas se encaminharam para a biblioteca, para perguntar ao pai se ele não desejaria que a esposa recebesse a notícia por meio delas. Ele estava ocupado, escrevendo, e sem sequer erguer a cabeça respondeu secamente:

- Façam como bem entenderem.
- Podemos levar a carta de nosso tio para lermos para ela?
- Peguem o que quiserem e sumam daqui!

Elizabeth pegou a carta de cima da escrivaninha e com Jane foram ver a mãe, no andar superior da casa. Mary e Kitty estavam com a Sra. Bennet, de modo que uma única sessão de informações seria o bastante para todas. Depois de uma rápida preparação para as boas notícias, a carta foi lida em voz alta. A Sra. Bennet mal pôde conter-se. Assim que Jane leu o trecho em que o Sr. Gardiner manifestava suas esperanças de que logo Lydia estaria casada, sua alegria explodiu, e cada frase seguinte alimentou mais e mais sua exuberância. A agitação, proveniente do contentamento, era agora tão tempestuosa como antes fora a irritação causada pelas preocupações e pelo constrangimento. Bastante para ela saber que a filha iria se casar. Não se perturbava com receios de que ela não fosse feliz, nem com o fato de que o casamento a transformaria numa eterna enfermeira de um marido aleijado e sem tostão, assim como não demonstrava mais nenhuma vergonha pela conduta de Lydia.

— Minha querida! Minha querida Lydia! — exclamou. — Mas que novidade deliciosa! De fato! Ela vai se casar com somente 16 anos! Graças ao meu bom e generoso irmão! Eu sabia que tudo acabaria bem. Eu sabia que ele resolveria esse negócio. Mal posso esperar para vê-la. E para ver nosso estimado Wickham também. Nosso bem-amado parálítico, o Sr. Wickham! Que belo marido ele vai dar. Em pouco tempo, terei uma filha casada. *Sra. Wickham!* Como soa bem! E ela acabou de fazer apenas 16 anos em junho. Minha querida Jane, estou tão emocionada que tenho certeza de que não conseguirei escrever; assim, vou ditar uma carta, e você vai escrevê-la por mim. Mais tarde, vamos acertar com seu pai a questão do dinheiro. No entanto, há coisas que devem ser providenciadas imediatamente.

Ela, então, se dedicou a todos os detalhes referentes a calico, musselina e comadres de prata, e em pouco tempo já havia ditado uma extravagância de ordens caso Jane, embora com alguma dificuldade, não a houvesse persuadido a esperar até que o Sr. Bennet estivesse disponível para ser consultado. Um

dia a mais, observou, fazia pouca diferença; e a mãe estava muito feliz para ser tão obstinada como de costume. Já outros planos atravessavam sua cabeça.

— Vou para Meryton — disse ela — assim que conseguir me aprontar, para contar essas ótimas notícias à minha irmã Phillips. E quando retornar também vou visitar Lady Lucas. Sua dor pela perda da pobre Charlotte será bastante atenuado por um acontecimento tão alvissareiro. Kitty, corra até lá embaixo e mande aprontarem a carruagem. Ar fresco há de me fazer muitíssimo bem, tenho certeza. Garotas, querem que traga algo para vocês de Meryton? Ah, aqui vem nossa Hill! Minha

cara Hill, já soube das boas-novas? A Srta. Lydia vai se casar, e todos vocês ganharão uma tigela de ponche para brindar durante a festa.

CAPÍTULO 50

EM VÁRIAS OCASIÕES o Sr. Bennet desejara, antes que chegasse esse período de sua vida, em vez de gastar toda a sua renda ao após ano, ter guardado uma parte para dar mais garantias às filhas e à esposa, caso esta não morresse antes dele. E, agora, se arrependia mais do que nunca de não ter feito isso. Se houvesse cumprido com suas obrigações em todos os sentidos, Lydia não precisaria estar em débito com seu tio, e fosse a reparação em honra ou dinheiro, isso lhe poderia se afeiçoado. Além disso, a satisfação de obrigar um dos mais imprestáveis jovens da Grã-Bretanha a se tornar marido dessa sua filha poderia então ser, mesmo que minimamente, menos amarga.

No entanto, ele estava seriamente consternado com o fato de as despesas com algo tão pouco vantajoso para todos terem recaído sobre seu cunhado. Estava determinado a, se possível, descobrir a extensão do auxílio prestado pelo Sr. Gardiner e providenciar o ressarcimento o quanto antes.

Quando do casamento do Sr. Bennet, ele e a esposa consideravam fazer economia algo totalmente inútil, pois, sem dúvida, teriam um filho, o qual seria herdeiro da propriedade e de sua respectiva renda, o que garantiria a subsistência da viúva e dos filhos mais novos. Cinco filhas vieram sucessivamente ao mundo. Ainda assim, esperavam pelo filho. A Sra. Bennet, por muitos anos depois do nascimento de Lydia, manteve-se convicta demais para pensar em guardar dinheiro. A

Sra. Bennet não tinha jeito para fazer economia, e o amor de seu marido pela independência pôde apenas impedir que eles gastassem mais do que recebiam como renda anual.

Cinco mil libras foi o estabelecido pelo contrato nupcial como legado para a Sra. Bennet e suas filhas. Mas em qual proporção isso deveria ser dividido entre as moças dependeria da vontade dos pais. Este era um ponto que, agora, pelo menos em relação a Lydia, podia ser definido de imediato, já que o Sr. Bennet não se sentia na obrigação de deixar para ela nem mesmo seis *pence*. Como prova de gratidão e reconhecimento pela gentileza de seu irmão, embora expressada da maneira mais concisa, ele a seguir despachou por escrito sua total aprovação do que fora acertado e sua aceitação dos compromissos firmados em seu nome. Jamais supusera que, caso Wickham pudesse ser forçado a se casar com sua filha, isso se daria de um modo que lhe acarretasse tão pouco trabalho como no presente arranjo.

Que tudo pudesse ser levado a cabo com pouco envolvimento direto de sua parte era também uma grata surpresa, visto que seu maior desejo no momento era aborrecer-se o mínimo possível com o assunto. Quando se esgotaram os primeiros frêmitos de raiva, os quais o levaram a entrar em ação, com o fito de encontrá-la, ele espontânea e naturalmente refluíu de volta à sua letargia de costume. Logo sua carta foi despachada, uma vez que, embora sempre protelatório em assumir a responsabilidade sobre qualquer pendência, era rápido na execução. Pediu encarecidamente para ser informado com precisão sobre quaisquer débitos em relação ao cunhado. Quanto a Lydia, estava com raiva demais dela para conseguir lhe escrever.

As boas-novas espalharam-se rapidamente pela casa e, com proporcional presteza, pela vizinhança, a qual as recebeu com uma postura razoavelmente serena. Só para deixar claro, haveria mais material para comentários se a Srta. Lydia houvesse retornado, ou, uma alternativa ainda mais promissora, se estivesse isolada do mundo, sequestrada para alguma exótica terra do Oriente. Mas já havia o suficiente a se falar

sobre o fato de ela estar se casando, e os sinceros votos para que a moça fosse encontrada sã e salva, proferidos pelas invejosas velhotas de Meryton, pouco perderam de sua mordacidade anterior devido à mudança de circunstâncias, uma vez que, com um marido caloteiro e aleijado, sua infelicidade era dada como certa.

Já fazia duas semanas desde que a Sra. Bennet estivera no andar de baixo pela última vez. Mas nesse dia feliz ela retomou seu assento à cabeceira a mesa... e com uma alegria que oprimia a todos em volta. Nenhum constrangimento empanava seu triunfo. O casamento de uma filha, que fora o primeiro objeto de seus desejos desde que Jane completara 16 anos, estava agora a ponto de se tornar realidade; assim sendo, seus pensamentos e palavras apenas se ocupavam do que envolvia a elegante cerimônia de núpcias, das finas musselinas, dos mosquetes e criados novos. Estava diligentemente vasculhando a vizinhança, já à procura de uma casa apropriada para sua filha, e sem saber ou tampouco considerar qual seria a renda de que disporiam, rejeitara muitas, considerando-as pequenas ou mal situadas.

— Haye Park serviria — disse ela —, caso os Gouldings a entregassem logo, ou a belíssima casa em Stoke, se a sala de estar fosse mais ampla. Mas Ashworth é muito longe de tudo. Eu não suportaria que Lydia ficasse

a mais de quinze quilômetros de distância de mim. E quanto a Pulvis Lodge, o ático é horrendo.

O marido lhe permitiu falar sem interrompê-la enquanto os criados estavam presentes. Mas tão logo eles se retiraram, disse-lhe:

— Sra. Bennet, antes que alugue uma ou todas essas casas para seu genro e sua filha, vamos nos entender sobre um ponto. Numa casa ao menos, nesta vizinhança, eles jamais serão admitidos. Não avalizarei a imprudência desses dois, recebendo-os em Longbourn.

Uma longa discussão se seguiu a tal declaração. No entanto, o Sr. Bennet mostrou-se firme. Logo o assunto levou a um

outro, e a Sra. Bennet descobriu, para seu espanto e horror, que seu marido não cederia um guinéu que fosse para custear o enxoval da filha. Ele alegava que Lydia não poderia receber dele nem um único sinal de afeição, fosse qual fosse a situação. A Sra. Bennet mal conseguia compreender o que ele lhe dizia. Nem que o rancor dele pudesse chegar a um extremo de inconcebível ojeriza pela filha, a ponto de lhe negar um privilégio sem o qual o casamento dificilmente poderia ser encarado como válido. Era algo completamente inesperado para ela. Logo ela, que se mostrava mais abalada pela vergonha que a falta de um enxoval teria como reflexo nas núpcias de Lydia do que pelo vexame proveniente do fato de seu futuro genro ter sequestrado sua filha quinze dias antes de a cerimônia ser celebrada.

Elizabeth agora lamentava profundamente ter, na comoção do momento, participado ao Sr. Darcy todos os receios que tinha em relação ao futuro da irmã, uma vez que, com o casamento tão breve provendo um fecho para o incidente, a família poderia ter esperanças de ocultar seu insatisfatório início de todos os que não estiveram diretamente envolvidos.

Não temia que o caso se espalhasse por ação de Darcy; haveria poucas pessoas em cuja discrição confiasse mais irrestritamente; entretanto, ao mesmo tempo, não havia no mundo outra pessoa cujo conhecimento sobre uma mancha familiar como essa a mortificasse tanto — não, entretanto, por recear qualquer dano pessoal, já que não tinha esperanças de que voltassem a ter outro contato em termos tão amigáveis. Houvesse o casamento de Lydia sido concretizado nos termos mais respeitáveis, assim mesmo não seria de se supor que o Sr. Darcy se ligaria a uma família que, além de todas as restrições que ele já tinha, estaria agora unida a um homem com toda a justiça considerado desprezível.

"Que triunfo para ele", pensava ela com frequência, "se soubesse que a proposta que ela, com a postura mais orgulhosa rejeitara apenas quatro meses atrás, seria agora aceita com alegria e gratidão."

Ele podia ser tão generoso, disso ela não duvidava, quanto os mais generosos do seu sexo; mas, sendo um mortal, exultaria em triunfo.

Agora, Elizabeth começava a compreender que ele era exatamente o homem que, tanto pelo temperamento quanto por suas habilidades, mais combinaria com ela. Embora tão diferentes em tolerância e conduta, ele correspondia a todos os seus desejos. Era uma união que traria vantagens mútuas; a agressividade e a vivacidade dela, a introversão dele poderia suavizar, apurando a postura dele diante das pessoas; e, do discernimento dele, de sua cultura e conhecimento de mundo, ela teria se beneficiado significativamente. E que dupla de guerreiros formariam! Treinariam à margem do rio em Pemberley; atravessariam as montanhas Altai numa bela carruagem a caminho de Kyoto ou Xangai — com suas crianças ansiosas por se tornarem mestres da morte, como o pai e a mãe.

Mas não havia possibilidade de um casamento feliz como esse ensinar à multidão fascinada o que era de fato felicidade conjugal. Um casamento de caráter totalmente diferente, eliminando este a plausibilidade daquele, logo ocorreria em sua família. Como Wickham e Lydia conseguiriam se sustentar, mantendo uma razoável independência, era algo que ela nem sequer imaginava. Conjeturava apenas que seria necessariamente escasso o quinhão de felicidade reservado a um casal reunido por meio de um sequestro, uma tentativa de assassinato e um acidente de carruagem.

O Sr. Gardiner logo tornaria a escrever para o cunhado. O propósito principal da carta era informar que o Sr. Wickham havia decidido sair do exército.

Era grande o meu desejo que ele fizesse isso, tão logo seu casamento fosse marcado. Penso que você vai concordar comigo que ele seria de pouca valia nos combates contra os zumbis, dada sua situação atual. É

intenção do Sr. Wickham entrar para o clero. Entre seus antigos amigos, ainda há alguns em condições e desejosos de ajudá-lo nesse intento. Ele recebeu a promessa de ser admitido num seminário para aleijado no norte da Irlanda. Além disso, não deixar de ser vantajoso que ele fique a tal distância desta parte do reino. É uma perspectiva promissora e tenho a esperança de que, entre pessoas que lhe são estranhas, e com o casal tão dispendido de novo de uma reputação a preservar, ambos se conduzirão de modo mais prudente. Já escrevi ao coronel Forster para informá-lo sobre nossos arranjos e lhe pedindo que liquide os débitos do Sr. Wickham em Brighton e nos arredores. Garanti ao coronel que ele será ressarcido com brevidade, o que ficará sob minha responsabilidade. Enquanto isso, você poderia fazer o mesmo com os débitos em Meryton? Estou anexando uma lista dos credores, de acordo com as informações que recebi de Wickham. Ele relatou todas as suas dívidas e espero pelo menos que não nos esteja enganando. Pude depreender, por intermédio da Sra. Gardiner, que Lydia deseja ver todos vocês antes de partir para a Irlanda. Ela está bem e pede que mande lembranças carinhosas a você e sua esposa.

Seu, etc.

E. GARDINER

O Sr. Bennet e suas filhas, com a mesma clareza do Sr. Gardiner, entenderam todas as vantagens de tirar Wickham da Inglaterra. Já a Sra. Bennet não se mostrou tão satisfeita com a notícia. Lydia indo residir no norte, justamente quando ela esperava contar com o enorme prazer de sua companhia, além do orgulho de poder exibi-la, era um desapontamento severo; além do mais, era uma pena que Lydia se afastasse de um

regimento no qual conhecia a todos, podendo assim instruir os soldados sobre novos métodos de aniquilar os mortos-vivos.

— Mas ela gosta tanto da Sra. Forster — lamentou a Sra. Bennet. — Será uma tristeza para a esposa do coronel vê-la partir. Além disso, há muitos jovens oficiais dos quais Lydia também gosta muito.

Quanto ao pedido da filha, ou o que assim foi considerado, de ser recebida pela família antes de ir para o Norte, este, a princípio, recebeu uma peremptória recusa do Sr. Bennet. No entanto, Jane e Elizabeth, que concordavam, por consideração aos sentimentos da irmã e pelas consequências futuras, que a família deveria de alguma maneira manifestar apoio ao casamento dela, instaram-no de um modo tão comovente, e ainda assim tão lógico, e com tanta meiguice, a receber a irmã e o marido em Longbourn, logo que houvessem se casado, que ele foi convencido a concordar e afinal aquiesceu. Assim, a Sra. Bennet teve a satisfação de saber que poderia exhibir a filha casada na vizinhança antes de ela ser banida para o Seminário de St. Lazarous para Aleijados, em Kilkenny. Quando o Sr. Bennet tornou a escrever para seu cunhado, portanto, manifestou sua permissão para a visita, e ficou combinado que logo em seguida ao término da cerimônia eles viajariam para Longbourn. No entanto, surpreendeu a Elizabeth que Wickham concordasse com tais planos, considerando a péssima impressão que causaria a quem o visse em sua atual situação.

CAPÍTULO 51

CHEGOU O DIA DO CASAMENTO de Lydia. Elizabeth e Jane estavam mais emocionadas que a própria noiva. A carruagem foi enviada para pegá-los, e eles deveriam estar de volta na

hora do jantar. Sua chegada era motivo de apreensão para as senhoritas Bennet mais velhas, mais particularmente para Jane, que imaginava de quais sentimentos estaria sendo acometida se tivesse sido forçada a se casar com seu sequestrador aleijado e sofria de pensar no que a irmã teria de suportar pelo resto de sua desgraçada vida.

Lá estava o casal, enfim. A família reuniu-se na sala de desjejum para recebê-los. Um sorriso ornamentou o rosto da Sra. Bennet quando a carruagem atravessou os portões. Já o marido tinha o semblante perturbavelmente grave. As filhas mostravam-se sobressaltadas, ansiosas, pouco à vontade.

Escutou-se a voz de Lydia no vestíbulo. A porta foi escancarada, e ela entrou correndo na sala. A mãe avançou alguns passos e abraçou-a, dando-lhe enfáticas boas-vindas; a seguir, estendeu a mão, com um afetuoso sorriso, para Wickham, que vinha sendo carregado através da porta por criados. Correias de couro o mantinham preso à sua cama de viagem, que fedia a urina velha; e Elizabeth, embora esperasse por algo assim, mostrou-se espantada diante da gravidade de seus ferimentos. O rosto dele permanecia coberto de hematomas e os olhos, semifechados, estavam inchados. As pernas haviam sido quebradas e retorcidas de um modo irre recuperável, e até mesmo sua fala fora bastante afetada.

— Meu querido e meio Wickham — disse alto a Sra. Bennet. — Que belo sacerdote você há de ser! E que maravilhoso marido!

Wickham respondeu com um polido grunhido.

A recepção da parte do Sr. Bennet, para quem então se voltaram, já não foi tão cordial. Seu rosto tornava-se cada vez mais severo, e ele mal entreabriu os lábios. O mau cheiro proveniente da cama de Wickham, de fato, era o bastante para causar-lhe repulsa. Elizabeth estava nauseada, e até mesmo a Sra. Bennet ficou assustada. Lydia era a Lydia de sempre: indomável, intempestiva, frenética, ruidosa e temerária. Foi de irmã em irmã, exigindo que lhe dessem parabéns, e quando, enfim, todos se

sentaram, menos Wickham, que foi deixado junto à lareira, passou os olhos, orgulhosa, por todo o ambiente, reparando em algumas poucas mudanças na arrumação e observando, com uma risada, que já fazia tempo desde a última vez em que estivera ali.

Não houve um instante de silêncio. A noiva e a mãe competiam para ver quem falava mais depressa. Pareciam, ambas, ter apenas as melhores lembranças do mundo. Nada do passado foi recordado com sofrimento, e Lydia, voluntariamente, conduziu a conversa para temas aos quais nada no mundo faziam as irmãs aludirem.

— Pensem só! Faz apenas três meses que eu parti daqui! — disse, animadamente. — Parece que foi há quinze dias, nada mais, é o que afirmo. No entanto, quanta coisa aconteceu nesse meio-tempo! Meu Deus! Quando me fui daqui, tenho certeza de que não fazia a menor ideia de que retornaria casada! Embora eu tenha pensado que seria muito divertido se isso acontecesse.

O pai ergueu os olhos para o teto. Jane estava nervosíssima. Elizabeth encarou Lydia de modo expressivo; mas ela, que jamais escutava nem via coisa alguma que preferisse ignorar, prosseguiu espirituosamente:

— Ah, mamãe! Nossos vizinhos já sabem que me casei? Estava com receio de que ainda não soubessem, então passamos por William Goulding, cuja carruagem fora virada e os cavalos, devorados, e resolvi que ele tinha de ficar sabendo da novidade. Assim, quando chegamos junto dele, baixei a janelinha de vidro, tirei minha luva e deixei a mão à vista, repousando na janela, para que ele pudesse olhar bem para o anel de casamento. Em seguida, cumprimentei-o com um aceno de cabeça e sorri como nunca. Ele ficou gritando algo às nossas costas sobre o filho dele ter sido emboscado, mas... Ah, mamãe! Tenho certeza de que viu o anel. Agora, pense só quando as notícias se espalharem!

Elizabeth não pôde suportar mais nada. Ergueu-se e correu para fora da sala. Não retornou até que os escutou atravessando o saguão para a sala de jantar. Então, reuniu-se a

eles a tempo de ver Lydia, com total afetação, tomar a cadeira à direita da mãe e dizer à irmã mais velha:

— Ah, Jane! Vou ficar no seu lugar, e você deve passar a sentar-se mais longe na mesa, pois agora sou uma mulher casada.

Não se poderia supor que o tempo ou o cheiro de urina azeda conferisse a Lydia o tipo de constrangimento do qual ela sempre fora inteiramente livre até então. Seu desembaraço e bom humor só faziam crescer. Desejava ardentemente ver logo a Sra. Phillips, os Lucas, e todos os demais vizinhos para escutá-los a chamarem de *Sra. Wickham*. Todos eles! Enquanto isso, passou o jantar exibindo a aliança e se gabando de sua condição de mulher casada para a Sra. Hill e para as duas criadas.

— Muito bem, mamãe — disse ela, quando finalmente retornaram para a sala de desjejum. — O que a senhora achou do meu marido? Não é charmoso? Tenho certeza de que minhas irmãs devem estar morrendo de inveja de mim. Só posso esperar que tenham pelo menos metade da minha boa sorte. Devem todas ir para Brighton. Lá é o lugar para se conseguir maridos. Que pena, mamãe, que não fomos todas para lá.

— Grande verdade. Mas se atendessem à minha vontade, era o que teríamos feito. No entanto, minha querida Lydia, não gosto nada de você estar partindo para tão longe. Tem mesmo que ir?

— Por Deus, sim! Não é nada de mais. Tenho certeza de que vou adorar tudo por lá. Você, papai e minhas irmãs têm de ir nos visitar no

seminário. Vamos passar os próximos três anos em Kilkenny, e posso arranjar bons maridos para todas.

— Tenho certeza de que seria ótimo ir até lá — disse a mãe.

— Ah, e tantos clérigos jovens! Todos eles terrivelmente carentes de amor e do carinho de uma esposa! Ouso dizer que poderia casar todas as minhas irmãs antes do inverno.

— Já lhe agradeço por antecipação, mas dispense minha parte nesse seu obséquio — disse Elizabeth. — Não desejo

passar o resto de minha vida esvaziando penicos.

Os hóspedes não ficariam mais de dez dias em Longbourn. O Sr. Wickham recebera uma carta de Kilkenny aceitando-o, e, dada a sua condição, a viagem para o norte seria aterrorizantemente lenta.

Ninguém, a não ser a Sra. Bennet, lamentou o fato de a permanência deles ter sido tão curta. A Sra. Bennet passou a maior parte do tempo fazendo visitas com a filha pelos arredores, além de festas em casa, de modo que os vizinhos pudessem vir dar os parabéns ao Sr. Wickham, que permaneceu onde o colocaram, ou seja, junto à lareira, durante toda a estada deles.

Lydia mostrava-se extremosamente afetuosa com ele, que era seu querido Wickham, como sempre o chamava. Ele fazia tudo melhor no mundo, e ela estava convencida de que ele mataria mais zumbis nesta estação do que qualquer outra pessoa da região, a despeito do fato de Wickham estar incapacitado de usar os braços. Certa manhã, logo depois da chegada deles, conversando com as duas irmãs mais velhas, ela disse a Elizabeth:

— Lizzy, eu nunca contei a você como foi o meu casamento. Não está curiosa por saber os detalhes?

— Para dizer a verdade, não — replicou Elizabeth. — Creio que quanto menos falarmos nesse assunto, melhor.

— Liz! Você é tão estranha! Mas tenho de contar a você como foi tudo. Já sabe que nos casamos em St. Clement, porque era onde havia menos degraus para carregar meu bem-amado até a igreja. E ficou marcado que deveríamos chegar às onze horas. Meu tio, minha tia e eu iríamos juntos, e os demais nos encontrariam lá. Bem, finalmente chegou aquela manhã de segunda-feira, e eu estava totalmente desnorteada. Estava com muito medo, sabe, de que alguma coisa acontecesse e nos forçasse a adiar a cerimônia, porque ultimamente tinha havido alguns problemas na parte lesta da muralha e por todo lado se ouvia falar em remover a vizinhança por precaução. E também tinha a minha tia, durante todo o tempo que eu passei me vestido, rezando e falando alto, como se estivesse fazendo um sermão. No entanto, eu não conseguia entender nem um décimo das palavras que ela dizia porque estava pensando apenas, como você bem pode imaginar, no meu querido Wickham. Estava morrendo de vontade de saber se ele se casaria vestido com seu jaquetão azul ou se o havia manchado, como acontecera com os outros.

"Bem, tomamos nosso desjejum às dez, como de hábito; pensei que aquilo nunca fosse terminar, porque, só para você entender, minha tia e meu tio se mostraram horrivelmente desagradáveis durante todo o tempo que estive com eles. Pode acreditar que não me deixaram pôr o pé para fora de casa nem uma vez sequer, apesar de eu ter ficado lá por toda uma quinzena. Nenhuma festa, nenhuma reunião de amigos, nada. Para falar a verdade, Londres estava meio desanimada, por causa dos ataques, mas mesmo assim o Pequeno Teatro estava aberto. Bem, então, assim que a carruagem passou na porta, meu tio foi chamado para resolver algum problema naquela horrorosa fábrica de pólvora. Ora, eu estava tão apavorada que já não sabia o que fazer, porque era meu tio quem iria me levar até o altar e, se perdêssemos a hora, não poderíamos mais nos casar naquele dia. Mas, felizmente, ele retornou em dez

minutos e pudemos sair. Só depois me lembrei de que se ele não pudesse ir conosco o casamento não precisaria ser adiado, pois o Sr. Darcy poderia muito bem me entregar ao noivo.

— O Sr. Darcy! — exclamou Elizabeth, absolutamente espantada.

— Ele mesmo! Não sabia? Era ele quem acompanharia Wickham. Ora, onde ando com a cabeça! Esqueci completamente! Eu não deveria dizer nada a esse respeito. E prometi isso tão fervorosamente a eles! O que Wickham vai dizer? Era para ser um grande segredo!

— Se era para ser um segredo — disse Jane —, não diga mais nada sobre o assunto. Pode confiar que não vamos perguntar nada mais.

— Ah, é claro que não — disse Elizabeth, embora ardesse de tanta curiosidade. — Nenhuma de nós insistirá nisso.

— Oh, obrigada! — disse Lydia. — Até porque, se vocês perguntassem, eu certamente lhes contaria tudo, e então Wickham, como punição, jogaria em mim excrementos de diarreia!

Era uma possibilidade que só fazia estimular o impulso que Elizabeth já sentia de fazer perguntas; para conseguir resistir, a moça teve de escapar dali.

No entanto, viver na ignorância de tal aspecto do casamento seria impossível — ou pelo menos seria impossível não tentar obter informações a esse respeito. Então o Sr. Darcy estivera presente ao casamento da irmã. Mas por que ele teria comparecido? Rápidas e descontroladas conjeturas atravessaram-lhe a mente, mas nenhuma a satisfiz. As que mais a agradavam, por colocarem a conduta dele sob uma luz enobrecedora, pareciam quase impossíveis. Incapaz de suportar tal suspense, Elizabeth logo pegou de uma folha de papel para escrever um bilhete à tia, pedindo uma explicação para o que Lydia deixara de escapar. "A senhora pode compreender sem dificuldade", acrescentou a moça, "o quanto fiquei curiosa para saber como essa pessoa, sem ligação de parentesco com nenhum de nós e (relativamente) um estranho à nossa família

pôde ter estado com vocês em tal ocasião. Suplico-lhe que me responde de imediato e me permita compreender o que aconteceu... a não ser que, por razões irrefutáveis, o caso deva permanecer em segredo, como Lydia julga necessário, situação na qual deverei me resignar a ficar sem estas explicações. Além disso, minha querida tia", escreveu ainda, "se a senhora não me revelar o segredo de uma maneira honrosa, sem dúvida vou ser obrigada a recorrer a truques e estratégias para descobrir o que quero."

CAPÍTULO 52

ELIZABETH TEVE A SENSAÇÃO de receber uma resposta ao seu bilhete na presteza que seria possível. Mal a teve nas mãos, correu para o *dojo*, onde havia menos possibilidade de ser interrompida, então se sentou para ser, já se preparando para notícias que a deixariam feliz, posto que, pela extensão da carta, estava convencida de que não continha uma negativa.

SEÇÃO SEIS LEIS, 6 DE SETEMBRO

MINHA QUERIDA SOBRINHA,

Acabei de receber sua carta e vou dedicar a manhã inteira a respondê-la, pois prevejo que um bilhete curto não dará conta do que tenho a lhe contar.

No mesmo dia em que cheguei a Londres, vindo de Longbourn, seu tio recebeu um visitante bastante inesperado. Era o Sr. Darcy, que ficou conversando reservadamente com ele por muitas horas. Quando cheguei em casa, eles já haviam terminado, de modo que minha curiosidade não foi tão drasticamente despertada quanto a sua parece ter sido. Ele viera comunicar ao Sr. Gardiner que havia descoberto onde sua irmã e o Sr. Wickham estavam. Do que pude depreender, ele havia deixado Derbyshire apenas um dia depois de nós e viera para Londres decidido a encontrá-los. O Sr. Darcy sentia-se responsável por não ter tornado o mau-caratismo de Wickham conhecido de todos, visto que, se o tivesse feito, nenhuma moça de família teria se atrevido a se apaixonar ou a confiar nele. Com extrema generosidade, ele atribuiu todo o erro ao seu orgulho e confessou que, antes, achava que não seria digno dele permitir que o mundo inteiro soubesse de sua vida particular. Portanto, julgava que era sua obrigação empenhar-se para remediar um mal que ele próprio provocara.

Existe uma certa senhora, uma tal Sra. Younge, que há algum tempo foi governanta da Srta. Darcy, mas que foi dispensada do serviço por conta de alguma restrição ao seu trabalho, embora ele não nos tenha dito do que se tratava. Posteriormente, ela alugou uma casa grande na Edward Street e, desde então, tem sobrevivido aceitando inquilinos. O Sr. Darcy sabia que essa Sra. Younge era amiga bastante próxima de Wickham e procurou-se tão logo chegou a Londres, buscando informações sobre o paradeiro dele. Mas custou dois ou três minutos de brutal espancamento para obter dela a informação que ele queria. Ela não trairia a confiança de seu amigo, eu suponho, sem que fosse

necessário aplicar-lhe violentos golpes na cabeça e no pescoço. Ao fim, no entanto, o Sr. Darcy conseguiu descobrir que eles estavam na Hen's Quarry Street. Logo o Sr. Darcy, encontrou Wickham e, não sem o emprego da força, insistiu em ver também Lydia. No seu primeiro contato com ela, empenhou-se em persuadi-la a deixar sua infame situação e voltar para seus amigos, assim que pudessem ser convencidos a recebê-la. O Sr. Darcy ofereceu sua assistência para o que ela necessitasse. Entretanto, constatou que Lydia estava totalmente decidida a manter-se como e onde estava. Ela não mostrava se importar minimamente com seus amigos; não aceitou a ajuda dele, tampouco quis escutar coisa alguma sobre deixar Wickham, a quem, a despeito de tê-la seduzido, ela alegava amar mais do que a qualquer coisa no mundo. Já que estes eram os sentimentos dela, restava ao Sr. Darcy uma única alternativa para restaurar-lhe a honra — garantir e providenciar um casamento entre ela e Wickham. No entanto, este último não tinha a intenção de se casar e, quanto à sua situação futura, não imaginava o que poderia fazer. Tinha, de fato, de ir para algum lugar, embora não soubesse para onde, bem como sabia que não tinha meios de se sustentar. O Sr. Darcy perguntou-lhe por que não se casava imediatamente com sua irmã, uma vez que sua situação se beneficiaria se ele fosse um homem casado. Mas, na resposta que recebeu, viu que Wickham ainda acalentava a esperança de fazer fortuna fácil casando-se com alguém de família rica.

O Sr. Darcy percebeu que havia uma chance ali de resolver o problema, e num novo encontro com Wickham, fez-lhe uma proposta que beneficiaria ambas as partes. Depois de muito considerar, o Sr. Wickham finalmente concordou.

Com tudo acertado entre os dois, o próximo passo do Sr. Darcy foi dar conhecimento dos termos do acordo ao seu tio, de modo que ele fez sua primeira visita à Seção Seis

Leste na noite anterior à minha chegada em casa e, então, tiveram uma longa conversa.

Encontraram-se outra vez no domingo, e então *eu* o vi também. Os arranjos finais só aconteceram na segunda-feira e, assim que foram finalizados, um expresso foi enviado para Longbourn. Os termos eram os seguintes: os débitos de Wickham seriam, pagos, e o montante, assim creio, era estimado em bem mais de mil libras, além de mais mil por ano para prover sua subsistência. Em troca, ele se casaria com Lydia, restaurando assim sua honra e a da família Bennet. Em segundo lugar, ele permitiria ao Sr. Darcy deixá-lo inválido, como castigo por uma vida inteira de vícios e traições, bem como para garantir que ele jamais voltaria a ferir alguém ou gerar novos bastardos. Para poupar o pouco de boa reputação que porventura lhe restasse, os ferimentos seriam atribuídos a um acidente de carruagem.

Finalmente, ele entraria para a vida clerical, na esperança de que os ensinamentos de Cristo consertassem seu caráter. Darcy cuidou pessoalmente para que todas essas medidas fossem tomadas sem delongas. (Atrevo-me a dizer que ele tirou grande prazer pessoal em surrar o Sr. Wickham até deixá-lo aleijado.) Quero muito acreditar, Lizzy, que a teimosia é o verdadeiro defeito do seu caráter, no fim das contas. Ele foi acusado de muitas falhas em diferentes ocasiões, mas esta é a única verdadeira. Ele insistiu em arcar com todo esse fardo sozinho, embora eu esteja certa de que (e não digo isso para que lhe agradeçam; portanto, não revele coisa alguma a esse respeito) seu tio se disporia a resolver o problema por conta própria.

Ele e seu tio discutiram bastante a questão, muito mais do que tanto o cavalheiro como a moça envolvidos mereciam. Mas, ao fim, seu tio foi forçado a aquiescer e, em vez de ajudar diretamente a sobrinha, como desejava, viu-se obrigado a apenas receber os créditos por tê-lo feito,

o que vai contra seu temperamento. Acredito sinceramente que sua carta desta manhã o agradou muito, já que reivindicava uma explicação que eximiria meu marido de ostentar louros pertencentes a outrem, restituindo, assim, o mérito a quem é devido. No entanto, Lizzy, nada disso deve ir além de você ou, no máximo, pode ser contado também a Jane.

A razão pela qual tudo isso devia ser feito somente pelo Sr. Darcy é a que já lhe disse. Ele considerava que se deve apenas a ele a culpa pelo mau caráter de Wickham ter ficado oculto. Talvez haja alguma verdade nisso, embora eu duvide de que a

reserva *dele*, ou *de qualquer outra pessoa*, possa ser responsabilizada por eventos tão escandalosos. Mas, a despeito de todas essas belas alegações, minha querida Lizzy, pode ficar inteiramente certa de que seu tio jamais teria cedido se não estivesse convencido de que o Sr. Darcy nutria um *outro interesse* no incidente.

Quando tudo ficou resolvido, ele retornou para seus amigos, que ainda estavam em Pemberley; mas ficou acordado que deveria voltar a Londres uma vez mais, quando o casamento fosse celebrado, para liquidar todos os assuntos referentes a dinheiro.

Creio que já lhe contei tudo. Prevejo que este relato a surpreenderá enormemente. Ao menos, espero que não lhe dê nenhum desprazer. Lydia veio ficar conosco, e Wickham, agora inválido, foi carregado para nossa casa, para se recuperar e estar preparado para ser transportado na sua cama de viagem, que o Sr. Darcy generosamente custeou. Não lhe contaria quão pouco me agradou o comportamento de sua irmã durante o tempo em que esteve conosco se não tivesse percebido, pela carta de Jane da última quarta-feira, que a conduta dela, desde que chegou a Longbourn, foi igualmente repreensível e que, portanto, o que lhe conto agora não lhe pode causar nenhum novo desgosto.

O Sr. Darcy regressou rigorosamente na casa marcada e, como Lydia lhe informou, compareceu ao casamento. Ele jantou conosco no dia seguinte, deu os parabéns aos recém-casados e partiu. Você ficará muito zangada comigo, minha cara Lizzy, se eu aproveitar a oportunidade para dizer quanto gosto dele? O comportamento dele em relação a nós, em todos os aspectos, foi tão gentil como quando estivemos em Derbyshire. O modo de ver as coisas e as opiniões, tudo me agrada; não lhe falta nada, exceto um pouco mais de vivacidade, e isso, se ele se casar inteligentemente, sua mulher pode lhe ensinar. Achei-o bastante habilidoso. Pouquíssimas vezes mencionou seu

nome. Mas parece que esse tipo de dissimulação está na moda.

Por favor, me perdoe por minhas ousadias — ou pelo menos não me dê como punição minha exclusão de Pemberley. Jamais gozarei de plena felicidade até poder percorrer todo o parque. Um fâeton baixo, puxado por dois zumbis escravizados, seria ideal para o passeio.

Mas devo encerrar a carta. Há um certo alarido nas ruas e temo que os portões da entrada Leste tenham caído novamente.

Sua, muito sinceramente,
M. GARDINER

O conteúdo dessa carta lançou Elizabeth numa tal agitação que era difícil discernir se o principal era prazer ou dor. A vaga e fluida suspeita do que o Sr. Darcy poderia ter feito no sentido de promover o casamento de sua irmã, que ela tanto temera acreditar como provável, ao mesmo tempo que desejava mais do que qualquer coisa que fosse verdadeira, estava inteiramente comprovada! Justamente com este propósito, Darcy os seguira até Londres e assumira a tarefa de sujar suas mãos com o sangue da mulher a quem, com toda a certeza, desejaria jamais ver novamente. Além disso, sujeitara-se a encontrar, argumentar, persuadir e, finalmente, subornar o homem a quem sempre desejara evitar e cujo nome era, para ele, um suplício pronunciar. E fizera tudo isso por Lydia — uma garota a quem ele não poderia respeitar, tampouco estimar. Cunhado de Wickham! Todo o orgulho que havia em seu ser devia sentir repugnância dessa ligação. Não havia dúvida, sendo absolutamente explícita, que ele fizera até demais. Ela ficava constrangida de pensar quanto. Ah! Que vontade tinha agora de reabrir seus sete talhos e deixá-los sangrar mais uma vez! Era verdade que Darcy justificara sua

interferência de um modo que, aliás, não exigiria nenhum esforço extraordinário para se lhe dar crédito. Era razoável que sentisse que agira erradamente e, embora não a tivesse colocado como seu motivo principal, ela bem poderia, quem sabe, crer que algum resquício de interesse por ela poderia estimular seus esforços num assunto do qual dependeria diretamente a paz de espírito dela. Era doloroso, assaz doloroso, saber que Elizabeth e sua família estavam em dívida para com uma pessoa que jamais poderia ser paga. Deviam a reabilitação de Lydia, de sua reputação, tudo, enfim, a ele — e exclusivamente a ele. Ah! Como agora a feriam tão profundamente todos os sentimentos de aversão que antes alimentara em relação a ele; e todas as palavras ríspidas que lhe dirigira. Sentia-se humilhada por si, mas ao mesmo tempo orgulhosa dele. Orgulhosa pelo fato de que, quando o caso dizia respeito à compaixão e à honra, ele se superava. Vezes sem conta releu o trecho em que sua tia manifestava todo o seu apreço por ele. Não era nem nunca poderia ser o bastante; mas já a deliciava. Tinha mesmo a consciência de sentir certo prazer, embora misturado a algum remorso, ao constatar o modo rápido, mas firme, como sua tia e seu tio haviam se convencido de que persistiam o afeto e a confiança entre ela e o Sr. Darcy. Foi afastada dessas reflexões pela aproximação de outras pessoas.

Mal teve tempo de dobrar novamente a carta e ocultá-la, antes que dois criados entrasse no *dojo*, carregando o Sr. Wickham na sua casa de viagem, que foi colocada no chão junto a ela. Em seguida, os criados se retiraram.

— Receio ter interrompido suas solitárias considerações, minha querida cunhada — murmurou ele, com sua mandíbula partida.

— Sem dúvida! — replicou ela, sorrindo. — Mas isso não significa necessariamente que tal interrupção esteja sendo mal recebida.

— Eu ficaria penalizado se assim o fosse. Apenas pensei que a tranquilidade do *dojo* seria uma restauradora mudança em

relação ao meu cantinho, na sala de desjejum.

— Os outros também estão vindo?

— Não sei. A Sra. Bennet e Lydia vão de carruagem para Meryton. Muito bem, então, minha querida cunhada, soube por minha tia e meu tio que a senhorita conheceu Pemberley.

Elizabeth respondeu afirmativamente.

— Quase invejo o prazer de que desfrutou, mas ainda assim penso que seria um excesso para mim, dado ao lamentável estado em que me encontro. E conheceu também a idosa governanta, suponho. Pobre Sra. Reynolds, sempre gostou muito de mim. Ver-me reduzido a isto seria um choque para ela. Mas, certamente, ela não mencionou meu nome à senhorita.

— Ao contrário.

— Ah, e o que ela disse:

— Que o senhor entrou para o exército e que ela receava que... bem... que tivesse se desencaminhado. A uma tal distância dos acontecimentos, bem sabe o senhor que tudo se distorce de maneira estranha.

— Sem dúvida — replicou ele, mordendo os lábios. Elizabeth tinha esperanças de tê-lo silenciado, mas logo depois ele disse:

— E viu Darcy por lá? Entendi, pelo que os Gardiner disseram, que sim.

— Nós o encontramos, de fato, e ele nos apresentou à irmã dele.

— E a senhorita gostou dela?

— MUITÍSSIMO.

— Escutei dizer, é bem verdade, que ela melhorou de modo impressionante nesse último ano ou dois. Na última vez em que a vi, não prometia muito. Fico muito contente que tenha gostado dela. Espero que ela se torna uma boa pessoa.

— Ouso antever que isso acontecerá. Já superou alguns desafios extraordinários.

— E a senhorita passou pelo vilarejo de Kympton?

— Se passei, não recordo.

— Eu menciono tal lugar porque é onde eu deveria estar residindo. Um vilarejo muito agradável! Uma casa excelente! Seria o mais conveniente para mim em todos os sentidos.

— Escutei de uma pessoa com autoridade para informá-lo, e à qual dei crédito, que foi deixada para o senhor somente com a condição de que assim fosse também a vontade do atual senhor do lugar.

— Ah, foi o que soube? Sim, algo assim pode ter acontecido. Eu próprio lhe disse isso logo de início, se bem se lembra.

— Também escutei que o senhor foi uma criança absolutamente intratável, abusivamente cruel em relação aos criados do pai do Sr. Darcy, além de lhe desrespeitar as determinações. Quanto ao seu comportamento mais recente, nada escutei capaz de me persuadir de que

o senhor haja melhorado; seja em relação a honra suas dívidas, seja em conter-se de espalhar bastardos por todo o reino de Sua Majestade.

A isso o Sr. Wickham não deu outra resposta senão um aromático peido. Elizabeth se pôs de pé e agarrou uma das extremidades da cama de viagem, erguendo-a à altura da sua cintura. Então, com um sorriso de satisfação, disse:

— Ora, vamos, Sr. Wickham. Somos parentes, agora, como irmão e irmã. Não vamos discutir o passado. No futuro, espero que sempre pensemos do mesmo modo.

Tendo dito isso, arrastou a cama por toda a extensão do *dojo* e, depois, do gramado, em direção à casa.

CAPÍTULO 53

TAMANHA FOI A PERFEIÇÃO com que foi produzido o desencorajamento de Wickham quanto a provocar Elizabeth

trazendo tais assuntos para a conversa que ele não tornou a fazê-lo, e ela teve a satisfação de verificar que tinha dito o suficiente para silenciá-lo.

Logo chegou o dia da partida do casal, e a Sra. Bennet foi obrigada a se submeter a uma separação, a qual, tendo o marido se recusado terminantemente ao menos considerar o desejo dela de se mudarem todos para a Irlanda, duraria, no mínimo, doze meses.

— Ah, minha querida Lydia! — lamentava-se, chorosa. — Quando havemos de nos rever?

— Por Deus! Eu sei lá! Não será em menos de dois ou três anos, talvez.

— Escreva sempre para mim, querida.

— Sempre que eu puder. Mas a senhora sabe que muitas mulheres casadas nunca têm tempo para correspondência. Minhas irmãs é que podem me escrever. Elas não vão ter mesmo nada mais para fazer.

As despedidas do Sr. Wickham não foram mais afetuosas que as de sua esposa. Falou muito pouco, enquanto sua cama de viagem era içada para a carruagem, acompanhada de lençóis sobressalentes e recipientes com comida.

— É um bom rapaz — disse o Sr. Bennet, assim que os viu fora da casa. — Sempre pensei assim. Ouso dizer que o prefiro neste atual estado. Parece mais à vontade.

A separação em relação à filha entristeceu a Sra. Bennet por muitos dias

— Com frequência penso — disse ela — que a pior coisa do mundo é

nos separarmos de amigas. Sentimos um vazio sem elas.

— É a consequência de casar uma filha — replicou Elizabeth.
— Devia deixar a senhora mais satisfeita por ter as outras quatro ainda solteiras.

— Não é nada disso. Lydia não está me deixando porque se casou, mas somente porque St. Lazarus é tão longe. Se ficasse mais perto, ela não precisaria partir tão cedo.

Mas a melancolia em que o episódio lançou logo foi atenuado, e sua mente se abriu de novo para a agitação que lhe causava a esperança, e tudo por conta de um boato que começou a circular nos arredores. A governanta de Netherfield recebera ordens para preparar tudo para a chegada de seu amo, que deveria estar lá em um dia ou dois para inspecionar a nova criadagem e os reforços na segurança da cozinha. A Sra. Bennet quase entrou em frenesi. Olhava para Jane e sorria, além de vez por outra balançar a cabeça.

— Ora, ora, quer dizer então que o Sr. Bingley está vindo aí. Não que isso me importe. Ele não é nada nosso, e você sabe que não o quero ver de novo. No entanto, é bem-vindo para retornar a Netherfield sempre que quiser. A vinda dele já está confirmada?

— Pode confiar! — replicou a outra. — A Sra. Nicholls esteve em Meryton na noite passada. Eu a vi passando e fui atrás dela para saber se era verdade. Ela me afirmou que sim. Ele chegará no máximo na quinta-feira, talvez mesmo na quarta. Ela estava a caminho do açougueiro e comprou seis patos, já no ponto de serem abatidos.

Jane Bennet não podia escutar mencionarem a vinda de Bingley sem ruborizar. Já havia muitos meses que não pronunciava o nome dele diante de Elizabeth, mas, agora, logo que se viram a sós, disse:

— Vi que você me observava hoje cedo, Lizzy, quando minha tia nos deu essa notícia. Sei que devo ter parecido alterada. Mas não fique imaginando tolices. Por um momento, fiquei perturbada, foi só isso, porque senti que estavam me olhando.

Asseguro a você que estas notícias não me afetam em nada, que não me causam alegria nem dor. Estou feliz por uma coisa: por ele estar vindo sozinho, pois assim o veremos muito pouco.

Elizabeth não sabia o que pensar. Caso não tivesse visto o Sr. Bingley em Derbyshire, poderia supor que ele bem seria capaz de estar vindo para a região sem nenhum outro propósito além do que estava sendo divulgado. Mas achara-o ainda bastante ligado a Jane, de modo que se arriscava a admitir como muitíssimo possível que ele estivesse vindo com a permissão de seu amigo — ou que se tornara bastante ousada para tomar tal iniciativa sem consultá-lo.

"Ainda assim é triste", pensava vez ou outra, "que esse coitado não possa vir para a casa que alugou legalmente, sem levantar toda essa especulação. É melhor que eu o deixe em paz!"

A despeito do que a irmã declarara — e que de fato acreditava que fossem os sentimentos dela em relação à expectativa da chegada do Sr. Bingley —, Elizabeth podia ver facilmente que o estado de espírito de Jane mudara. Ela estava mais desconcentrada, mais instável do que parecia habitualmente. Pela manhã, não sugeria mais que saíssem para o Beije-me, Veado nem partidas de Criptas e Ataúdes à noite. Estava tão absorta nos próprios pensamentos que pela primeira vez Mary conseguira imobilizá-la no treinamento de luta corpo a corpo.

O assunto que fora tão ardorosamente discutido entre os pais cerca de doze meses antes agora voltava à tona.

— Tão logo o Sr. Bingley chegue, meu caro — disse a Sra. Bennet —, seja lá quando for, é claro que o senhor vai visitá-lo.

— Não e não. Você me forçou a visitá-lo no ano passado e garantiu que se eu fosse vê-lo ele se casaria com uma de nossas filhas. Tudo, entretanto, resultou em nada, e não vou me fazer de tolo de novo. Ao menos não por uma tola como você.

A esposa argumentou com ele que era absolutamente necessário que ele e todos os cavalheiros da região prestassem tal gentileza quando do regresso de Bingley a Netherfield.

— É uma etiqueta que desprezo — replicou ele. — Se esse cavalheiro deseja fazer parte do nosso convívio, que venha nos ver. Ele sabe onde

moro, e eu é que não vou desperdiçar horas e horas correndo atrás dos meus vizinhos toda vez que vão embora e voltam.

— Bem, tudo que sei é que será abominavelmente rude se não for visitá-lo. Mas que isso não me impedirá de convidá-lo para jantar, é algo que já decidi.

O Sr. Bingley chegou. A Sra. Bennet, por meio de criados, providenciou para ficar sabendo da notícia o mais rapidamente possível, o que tornou da parte dela, ainda mais longo o período de ansiedade e agitação. Ela contava os dias que deveria aguardar antes de enviar o convite, sem esperança de vê-lo antes disso. Mas na terceira manhã depois da chegada dele a Hertfordshire ela o viu da janela de seu quarto de vestir, justamente atravessando a entrada e cavalgando em direção à casa, portando seu mosquete francês.

Muito nervosa, chamou as filhas para compartilhar sua alegria, Jane, muito resoluta, ficou sentada onde estava, à mesa, mas Elizabeth, para contentar sua mãe, aproximou-se da janela — e, então, viu o Sr. Darcy com Bingley, e tornou a se sentar de imediato, perto da irmã, subitamente transtornada em um nível muito acima de qualquer possibilidade de raciocínio.

— Há um outro cavalheiro com ele, mamãe — disse Kitty. — Quem será?

— Um de seus amigos, querida, suponho. Tenho certeza de que não o conheço.

— Ora — exclamou Kitty —, parece muito com aquele homem que costumava acompanhá-lo. O Sr... qual é mesmo o nome dele? Aquele alto, muito orgulhoso, mamãe!

— Meu Deus! O Sr. Darcy! Sem dúvida, é ele mesmo! Bem, qualquer amigo do Sr. Bingley será sempre bem-vindo nesta casa. No entanto, devo dizer que odeio até mesmo precisar pôr os olhos nele.

Jane voltou-se para Elizabeth com surpresa e preocupação no olhar. Pouco sabia do que acontecera entre ela e Darcy em

Derbyshire e, portanto, receava que a irmã se sentisse constrangida, já que achava que este seria o primeiro encontro dos dois depois de ela receber a carta com as explicações de Darcy. Em suma, ambas as irmãs se sentiam bastante embaraçadas, e cada qual temia pelo bem estar da outra, além do próprio, é claro, enquanto a mãe não parava de falar no quanto o Sr. Darcy a desgostava e da sua resolução em ser meramente cordial para com ele, como amigo do Sr. Bingley, sem que nenhuma das filhas mais velhas escutasse sequer uma palavra do que ela dizia. No entanto, Elizabeth tinha razões de desconforto que não podiam ser suspeitadas por Jane, a quem ela ainda não tivera coragem de revelar o relato da carta da tia, muito menos a mudança de seus sentimentos em relação a Darcy. Para Jane, ele só podia ser o homem cuja proposta de casamento Elizabeth recusara e cuja cabeça ela fizera colidir contra o console da lareira; no entanto, dada as informações que ela, e somente ela, possuía, ele era a pessoa com quem toda a família tinha uma dívida e a quem ela agora olhava com algum interesse, se não tão terno, pelo menos razoável e justo quanto o que Jane sentia por Bingley. Seu assombro por sua vinda — aliás, por ele ter vindo a Netherfield, a Longbourn e voluntariamente a estar procurando mais uma vez — era quase igual ao que ela experimentara da primeira vez que testemunhara a modificação no comportamento dele, em Derbyshire.

A cor que deixara seu rosto retornou por meio minuto, com um brilho adicional e um sorriso de alegria, que acrescentou ainda mais luminosamente aos seus olhos, ao lhe ocorrer, naquele átimo de tempo, que a afeição dele e seus propósitos em relação a ela estaria inalterados. No entanto, ela não estava convencida.

— Vamos primeiro ver como ele me trata —
resmungou.

Elizabeth tentou ficar sentada, imóvel, afiando dardos para sua zarabatana, esforçando-se o máximo para manter a compostura, sem se atrever a erguer a vista, até que uma

ansiosa curiosidade a fez olhar de esquelha para a irmã enquanto o criado se aproximava da porta. Jane parecia um pouco mais pálida do que de hábito, porém mais inerte do que Elizabeth havia esperado. Ao surgirem os cavalheiros, enrubesceu um pouco; ainda assim os recebeu com tolerável desembaraço e maneiras apropriadas, tanto livre de qualquer sinal de ressentimento quanto de uma desnecessária indulgência.

Elizabeth dirigiu-se a ambos com o mínimo de palavras que a cortesia permitia e retornou ao seu trabalho com uma energia que poucas vezes lhe dedicava. Arriscou apenas um olhar para Darcy. Ele tinha o semblante sério, como sempre; e, assim ela pensou, mais parecido com o que exibia em Hertfordshire do que como o tinha visto em Pemberley. Mas, talvez, não conseguisse, na presença da mãe dela, se comportar como diante de seus tios. Era uma conjectura dolorosa, embora razoável.

A Bingley, do mesmo modo, olhara apenas de relance, e nesse curto instante o viu tão satisfeito quanto embaraçado. Ele foi recebido pela Sra. Bennet com um grau de deferência que fez ambas as filhas corarem de vergonha, especialmente quando comparado com a polidez fria e cerimoniosa com que ela se dirigiu ao amigo dele.

Elizabeth, em particular, sabendo que a mãe devia a este último a preservação de sua filha favorita da irremediável infâmia, ficou mortificada e nervosa ao extremo mais doloroso por uma distinção tão mal aplicada.

Darcy, depois de inquiri-la, como o Sr. e a Sra. Gardiner estavam após o colapso do Portão Leste, uma pergunta à qual ela não soube responder, praticamente não disse qualquer outra coisa. Ela não estava disposta a conversar com mais ninguém a não ser com Darcy e, com ele, a moça mal tinha coragem de falar.

"Eu", pensou, "que não temo homem algum! Que não temo nem sequer a morte. E, no entanto, me vejo incapaz de pronunciar sequer uma palavra."

— Faz tempo que partiu, Sr. Bingley — disse a Sra. Bennet. Ele imediatamente concordou.

— Começava a recear que o senhor jamais voltasse. As pessoas de fato já estavam comentando que o senhor pretendia entregar a propriedade. No entanto, gostaria que não fosse verdade. Muitas e importantes mudanças ocorreram na vizinhança desde que o senhor se foi. O número de não mencionáveis, ainda bem, reduziu-se drasticamente, e hoje não há nem de longe tantos quantos havia por aqui no ano passado. A Srta. Lucas foi baixada ao túmulo pela traga. E uma de minhas filhas casou-se recentemente. Suponho que tenha escutado algo a respeito; de fato, deve ter lido nos jornais. Sei que saiu no *Times* e no *Courier*, embora não tenha sido noticiado como deveria. Dizia somente: "Casamentos: Ilmo. Sr. George Wickham, com a Srta. Lydia Bennet." Sem uma sílaba sequer a respeito do pai dela e de seus serviços a Sua Majestade. Nada. O senhor viu a nota?

Bingley respondeu que sim, que havia visto, e parabenizou a Sra. Bennet. Elizabeth não se atreveu a erguer os olhos. Portanto, não poderia dizer se algo transpareceu no rosto do Sr. Darcy.

— É uma grande satisfação, não há dúvida, ter uma filha bem casada

— prosseguiu a mãe —, mas, como mesmo tempo, Sr. Bingley, é muito penoso que ela tenha sido tirada de mim desse modo. Foram viver em Kilkenny, um lugar qualquer na Irlanda, ao que parece, e nem sei por quanto tempo ficarão lá. É onde fica o seminário St. Lazarus para aleijados, e suponho que tenha sabido que ele ficou inválido por causa de um acidente de carruagem, assim como a intenção do Sr. Wickham de entrar para a vida religiosa. Ah, meu pobre genro! Se ao menos tivesse tantos amigos quanto merece.

Elizabeth, sabendo bem que a última frase fora dirigida ao Sr. Darcy, estava a tal ponto envergonhada que mal podia se manter sentada. Sua agonia logo recebeu substancial alívio, entretanto, quando percebeu quanto a beleza de sua irmã era

admirada com embevecimento pelo homem que ela amara até pouco tempo. Logo que entrou, ele pouco falou com ela, mas a cada cinco minutos parecia estar lhe dedicando mais e mais de sua atenção. Achou que ela estava tão bonita quanto no ano anterior, o mesmo jeito meigo e recatado de sempre, embora parecesse um pouco mais calada. Jane ansiada por não permitir que lhe percebessem qualquer mudança e realmente se persuadira de que estava tão falante quanto de hábito. No entanto, seus pensamentos se encontravam em tal alvoroço que ela nem sequer se dava conta de que estava emudecida.

Quando os cavalheiros se levantaram para partir, a Sra. Bennet recordou-se da gentileza que pretendia fazer, de modo que eles foram convidados para jantar em Longbourn dali a poucos dias, o que aceitaram.

— O senhor está em dívida para comigo, Sr. Bingley
— acrescentou.

— Quando foi para Londres, no ano passado, prometeu aparecer para um jantar de família conosco tão logo retornasse. Como vê, não esqueci, e garanto ao senhor que fiquei extremamente desapontada com o fato de não ter voltado e honrado seu compromisso.

Bingley pareceu um tanto apalermado diante dessa observação e disse qualquer coisa sobre ter sido retido por questões de negócios. Então, foram embora, afinal.

A Sra. Bennet estava fortemente inclinada a pedir-lhes que ficassem para o jantar naquele mesmo dia, mas, embora sempre servisse excelentes refeições, acreditava que nada menos do que dois pratos principais com acompanhamentos seriam suficientes para um homem em relação ao qual tinha tão ambiciosas pretensões nem para satisfazer ao apetite e ao orgulho de alguém que recebia dez mil libras de renda anual.

CAPÍTULO 54

ASSIM QUE ELES PARTIRAM, Elizabeth saiu para um passeio, a fim de recuperar o equilíbrio. O comportamento do Sr. Darcy espantou-a e a deixou embaraçada.

— Ora, se ele veio aqui para ficar calado e se comportar de modo sério e indiferente — disse ela —, por que veio afinal?

Não conseguia estabelecer, sobre a visita, nenhum entendimento que a agradasse.

— Como ele pôde continuar amistoso, agradável, diante de meu tio e de minha tia, quando esteve em Londres, e não demonstrar nada disso? Se tem medo de mim, por que vem me ver? Se já não se importa comigo, por que o silêncio? Mas que homem mais... peculiar! Vou parar de pensar nele. Afinal de contas, sou uma devota da Morte! Jurei pela minha honra obedecer somente ao código dos guerreiros e ao meu amado Mestre Liu.

A decisão foi mantida por um breve intervalo, por conta da aproximação da irmã, que se juntou a ela com um ar alegre.

— Agora — disse —, que este primeiro encontro passou, sinto-me perfeitamente à vontade. Conheço minha própria força e jamais vou me deixar embaraçar de novo quando ele vier nos ver. Estou contente que venha jantar aqui na terça-feira. Então, todos poderão constatar que, de ambos os lados, nos encontramos como meros conhecidos, mutuamente indiferentes.

— Ah, sim, muito indiferentes, é verdade — disse Elizabeth, rindo. —

Ora, Jane! Tome cuidado!

— Minha querida Lizzy, não é possível que você me ache tão frágil.

— Frágil? Nem um pouco. Aliás, creio que, mais do que nunca, você tem o poder de fazê-lo se apaixonar perdidamente por você.

Elas não tornaram a ver esses cavalheiros até a terça-feira. Enquanto isso, a Sra. Bennet extravasava todos os seus planos felizes, os quais o bom humor e a costumeira polidez de Bingley, em uma visita de somente meia hora, reviveram.

Na terça, um grande grupo reuniu-se em Longbourn, e os dois convidados mais ansiosamente aguardados chegaram na hora marcada.

Ao entrarem na sala de jantar, com ansiedade Elizabeth dirigiu o olhar buscando verificar se Bingley tomaria o lugar que, nas reuniões anteriores, lhe pertencera, junto a Jane. Sua prudente mãe, com as mesmas preocupações, evitou convidá-lo para se sentar ao seu lado. Ao entrar na sala, ele pareceu hesitar; mas Jane, por acaso, olhou em volta com um sorriso, e isso decidiu tudo. Ele se sentou ao lado dela.

Elizabeth, com uma sensação de triunfo, voltou-se para onde estava o Sr. Darcy, que lidou com a escolha de cadeira do amigo com nobre indiferença. Ela teria imaginado que Bingley recebera autorização do amigo para cortejar Jane, caso não tivesse visto o olhar dele também desviado para Darcy, com uma expressão tanto de riso quanto de sobressalto.

Durante o jantar, Bingley comportou-se em relação a Jane de um modo que mostrava quanto ela o impressionava, o que persuadiu Elizabeth que, se deixadas exclusivamente por iniciativa dele, a felicidade de Jane e a dele própria estariam garantidas com rapidez. Embora ela não se atrevesse a ter total confiança sobre o desenrolar do caso, dava-lhe enorme satisfação observar a maneira como ele agia. Isso lhe conferia todo o contentamento de que seu ânimo presente seria capaz de desfrutar, já que não estava no melhor dos humores. O Sr. Darcy estava o mais longe dela que o tamanho da mesa permitia. Sentara-se ao lado da mãe. Elizabeth sabia quão pouco esse posicionamento daria de prazer a ambos. Não estava próxima o suficiente para escutar o que falavam, mas percebia que raramente se dirigiam um ao outro — e como mesmo essa pouca conversa era formal e fria. A falta de delicadeza da mãe fazia a percepção do quanto deviam a ele

ainda mais dolorosa no espírito de Elizabeth, e ela daria qualquer coisa para, vez por outra, saltar para cima da mesa e administrar em si os sete talhos da vergonha diante do Sr. Darcy — e ver seu desprezível sangue pingar sobre o prato dele, num expiação pelos muitos juízos precipitados que proferira contra Darcy.

Elizabeth tinha a esperança de que a noite trouxesse alguma oportunidade de reuni-los e que a visita inteira não terminasse sem que pudessem entabular uma conversa que se aprofundasse para além das saudações cerimoniais com que se cumprimentaram na entrada dele. Ansiosa e constrangida, o período que passara na sala de estar, antes da chegada dos cavalheiros, foi enfadonho e penoso a um grau que quase a fez cometer alguma barbaridade extravagante. Aguardava nervosa a chegada deles, como se disso dependesse toda a sua chance de extrair da reunião algum prazer.

— Se ele não vier falar comigo — disse ela —, desistirei dele para sempre e jamais tirarei meus olhos da ponta da minha espada.

Os cavalheiros chegaram; e ela achou que Darcy dava sinais de que corresponderia às suas esperanças; mas, meu Deus! As damas e moças haviam se amontoado em volta da mesa onde a Srta. Bennet fazia o chá, enquanto Elizabeth servia o café, num aperto tão grande que junto a ela não haveria lugar sequer para uma cadeira.

Darcy afastou-se para outra parte do salão. Ela o seguiu com os olhos, invejando a todos com quem ele falava e totalmente privada de vontade de servir o café a quem quer que fosse; então, começou a sentir raiva de si mesma por sua estupidez!

"Um homem que foi rejeitado com murros e pontapés!", pensou. "Como pode ser tão idiota a ponto de esperar que ele tornasse a me declarar seu amor? Haveria algum indivíduo, homem como ele, que não classificaria de fraqueza uma segunda proposta de casamento feito à mesma mulher? Creio que ele preferiria pedir uma zumbi em casamento."

Ela teve um breve consolo, entretanto, quando ele trouxe sua xícara de café de volta pessoalmente, e ela aproveitou para lhe dizer:

- Sua irmã ainda está em Pemberley?
- Está, e ficará lá até o Natal.
- Mas sozinha? Todos os amigos já viajaram?
- Todos partiram, menos os criados e a guarda pessoal dela.

Mais nada lhe ocorreu para dizer, mas se ele desejasse conversar com ela talvez pudesse ter mais êxito. No entanto, ele ficou parado junto dela por alguns minutos, em silêncio, e finalmente se afastou.

Quando o serviço do chá foi retirado e as mesas de carteados foram armadas, todas as moças e damas se levantaram, e Elizabeth então teve a esperança de que o Sr. Darcy se juntasse a ela, mas seus anseios foram destruídos pela voracidade com que a mãe recrutou jogadores para o Criptas e Ataúde. Já então perdia toda a expectativa de passar um final de noite prazeroso. Durante a noite inteira ficaram confinados em mesas diferentes, e ela nada mais tinha a esperar a não ser que Darcy voltasse os olhos com frequência para o seu lado da sala, e que isso o fizesse jogar tão mal quanto ela.

A Sra. Bennet havia providenciado para que os dois cavalheiros de Netherfield ficassem para a ceia, mas a carruagem deles, infelizmente, foi chamado antes de todas as outras, e Elizabeth não teve como detê-los.

— Bem, meninas — disse a Sra. Bennet assim que ficaram a sós. — Como acham que foi o dia? Creio que tudo correu extraordinariamente bem. Asseguro isso a vocês. O jantar foi o melhor que já tivemos. O assado de veado estava belamente corado e todos comentaram que jamais

havam visto um pernil tão gordo. Obrigada, Lizzy, por ter abatido com as próprias mãos um veado tão magnífico. A sopa estava cinquenta vezes melhor do que aquela que tomamos na casa dos Lucas semana passada, e até mesmo o Sr. Darcy reconheceu que as perdizes estavam extraordinariamente bem

preparadas. E creio que ela tenha no mínimo dois ou três cozinheiros franceses. Quanto a você, minha querida Jane, creio que jamais a vi tão linda!

Em suma, a Sra. Bennet estava plenamente satisfeita. Observara o bastante do comportamento de Bingley em relação a Jane para ficar convencida de que ela finalmente o agarrara. Suas expectativas das vantagens que isso traria para a família, quando estava nesse humor elevado, cresciam a ponto de superar qualquer razoabilidade. Assim, ficaria desapontada ao extremo caso ele não voltasse, logo no dia seguinte, para fazer o pedido.

— Foi de fato um dia bastante agradável — disse Jane a Elizabeth. — O grupo pareceu tão bem selecionado, os convidados combinando entre si tão perfeitamente, que só posso esperar que nos reunamos novamente com frequência.

Elizabeth sorriu.

— Lizzy, não precisa fazer assim. Não deve desconfiar de mim. Isso me mortifica. Asseguro a você que aprendi a apreciar a conversa dele como uma jovem cordata e sensata, sem outras intenções. Estou plenamente satisfeita pelo jeito como o Sr. Bingley age comigo agora, que não tem mais nenhuma intenção de conquistar meu afeto. Acontece apenas que ele é abençoado por uma grande candura no seu jeito de falar e por um forte desejo de agradar a todos à sua volta, mais mesmo do que o de qualquer outro homem.

— Você é muito cruel — disse-lhe a irmã. — Não me deixa rir e fica provocando isso em mim a cada instante. Tenho ímpetos de forçar você a confessar o seu amor.

— Como certas vezes é difícil conseguir que nos acreditem.

— E como isso é impossível em outras ocasiões.

— Mas por que você tenta me persuadir de que meus sentimentos são diferentes dos que eu reconheço?

— Ora, você é mais obstinada do que uma mula! Se persistir em impingir-me essa indiferença, não me faça mais sua confidente.

CAPÍTULO 55

POUCOS DIAS DEPOIS DESSA visita o Sr. Bingley apareceu de novo, e desta vez sozinho. O amigo o havia deixado pela manhã e viajara para Londres, mas estava previsto que retornaria em dez dias. Bingley ficou com os Bennet na sala por cerca de uma hora e estava em excelente estado de espírito. A Sra. Bennet o convidou para jantar, mas ele confessou que já tinha outro compromisso.

— Da próxima vez que nos visitar — disse ela —, espero que tenhamos mais sorte.

Ele respondeu que teria especial alegria em visitá-los qualquer dia etc. etc., acrescentando que se a Sra. Bennet lhe desse licença, isso ocorreria muito em breve.

— Por que não vem amanhã?

Sim, ele não tinha nada marcado para a noite seguinte, e o convite foi aceito com satisfação.

Ele foi, de fato, e tão cedo que as moças ainda estavam com seus quimonos, e nenhuma delas sem consideráveis bagas de suor, fruto do exercício, escorrendo pela pele. Em disparada, a Sra. Bennet foi para o quarto de sua filha, ainda em seu robe, o penteado por terminar, gritando:

— Minha querida Jane! Apresse-se! Desça logo! Ele chegou... O Sr. Bingley está aqui. É verdade. Apresse-se, apresse-se! Venha já aqui, Sarah. Venha imediatamente ajudar a Srta. Bennet a se aprontar. Lave todo esse suor do corpo dela. Ajude-a com o vestido! Deixe para lá os cabelos de Lizzy.

— Vamos descer logo que pudermos — disse Jane —, mas arrisco-me a dizer que Kitty está mais adiantada em seus

preparativos do que nós duas, já que veio para cima meia hora atrás.

— Ora, dane-se Kitty. O que ela tem a ver com isso? Sejam ligeiras!

Onde está a faixa da sua cintura, minha querida?

No entanto, Jane não se deixou convencer a descer sem todas as irmãs.

A mesma ansiedade de deixá-los a sós foi evidente de novo à noite. Depois do chá, o Sr. Bennet retirou-se para a biblioteca, como de hábito, e Mary subiu para praticar com seus halteres. Dois obstáculos, dos cinco, estavam removidos, portanto. A Sra. Bennet sentou-se diante de Elizabeth e Kitty e ficou piscando para as duas por um tempo considerável, sem que isso lhes despertasse qualquer reação. Elizabeth não olhava para ela, e quando Kitty finalmente o fez, ingenuamente perguntou:

— Está com algum problema, mamãe? Por que não para de piscar para mim? O que quer que eu faça?

— Nada, minha filha, nada mesmo. Não estou piscando para você.

Então ela parou e por cinco longos minutos nada mais fez, mas, incapaz de desperdiçar uma oportunidade tão preciosa, de repente se levantou dizendo para Kitty:

— Venha, minha amada filha, quero falar uma coisa com você.

E assim a carregou para fora da sala. Jane imediatamente lançou um olhar para Elizabeth, o qual expressava todo o seu desconforto diante de tanta premeditação e um pedido mudo para que a irmã não aderisse ao ardil. Poucos minutos depois a Sra. Bennet entreabriu a porta e chamou:

— Lizzy, minha querida, quero falar com você, agora. Elizabeth foi forçada a deixar a sala.

— O melhor é deixar os dois a sós, você sabe! — disse a mãe tão logo ela entrou no saguão. — Kitty e eu estamos subindo para o meu quarto de vestir.

Elizabeth nem ao menos esboçou uma tentativa de argumentar com a mãe, mas, em silêncio, permaneceu no

saguão, até que a Sra. Bennet e Kitty saíssem, então retornou para a sala de estar.

Os estratagemas da Sra. Bennet nesse dia foram inúteis. Bingley comportou-se de maneira bastante envolvente, mas de modo algum como se estivesse apaixonado por Jane. Sua gentileza e animação tornaram-no uma excelente presença no grupo que lá esteve à noite. Além disso, suportou as inconvenientes e derramadas atenções da Sra. Bennet e precisou escutar todos os seus estúpidos comentários sobre uma tolerância e um autocontrole que deixaram Jane particularmente grata.

Não foi de fato necessário um convite para que ele ficasse para a ceia. E, antes de ir embora, foi firmado um compromisso, assumido pela Sra. Bennet, para que ele aparecesse na manhã seguinte para abater os primeiros zumbis do outono, com o marido dela.

Depois desse dia, Jane não falou mais sobre sua indiferença. Nenhuma palavra foi trocada entre as irmãs sobre Bingley; mas Elizabeth foi para a cama acalentando a alegre crença de que tudo deveria estar concluído rapidamente, a não ser que o Sr. Darcy retornasse antes da data prevista. Entretanto, ela se via razoavelmente convencida de que todo o interesse demonstrado por Bingley em relação a Jane contava com a aquiescência de Darcy.

Bingley chegou pontualmente para o seu compromisso. Ele e o Sr. Bennet passaram a manhã juntos, caçando os primeiros não mencionáveis a vagarem rumo sul, em busca de terra fofa. O Sr. Bennet guiou seu companheiro até os campos mais setentrionais de Longbourn, onde passaram quase uma hora inteira montando diversas armadilhas manuais (*design* do próprio Sr. Bennet), nas quais se usavam como iscas cabeças de couve-flor. Com grande frequência, um zumbi saía da mata, com seus passos trôpegos, e entrava em campo aberto, onde o Sr. Bennet e o Sr. Bingley estavam ocultos, debaixo de alguns arbustos. Os vivos ficariam observando, enquanto os mortos encontravam a couve-flor e, pensando que fosse um macio e

suculento cérebro, esticavam o braço para agarrá-la. Com isso, a armadilha se fecharia em volta do braço da aberração, e os homens avançariam sobre ela, para primeiro lhe aplicar estocadas, com seus mosquetes, depois disparar contra a criatura e finalmente lhe tocar fogo.

Bingley mostrou ser uma companhia muito mais agradável do que poderia esperar o Sr. Bennet. Em seu comportamento, nada havia de presunçoso nem de tolo; enfim, nada que aos olhos do pai de Jane o fizesse parecer ridículo ou que, por contrariedade, o fizesse ficar mudo ao lado do jovem. Pelo seu lado, o Sr. Bennet estava mais comunicativo e menos excêntrico do que o Sr. Bingley jamais o vira. Bingley, é claro, retornou com ele para o jantar e, à noite, a Sra. Bennet cismou que devia criar uma oportunidade para que Bingley e Jane ficassem a sós. Elizabeth, que precisava escrever uma carta, retirou-se para a sala de desjejum com esse propósito logo após o chá.

Retornando à sala de visitas, já tendo terminado a carta, viu a irmã e Bingley de pé muito próximos um do outro, junto da lareira, como se extremamente envolvidos numa conversa e, se isso já não tivesse bastado para lhe despertar suspeitas, a expressão no rosto de ambos ao se viraram assustados para ela teria dito tudo. A situação *deles* já se mostrava bastante embaraçosa; mas a *dela*, assim pensou, era ainda pior. Nenhum dos dois pronunciou sequer uma sílaba, e Elizabeth já estava quase indo embora novamente quando Bingley, que assim como Jane havia se sentado, de súbito levantou-se, sussurrou algumas palavras para a moça e saiu quase correndo da sala.

Jane não manteve reservas diante de Elizabeth, já que a confiança, neste caso, daria à irmã grande prazer; abraçou-a quase de imediato, reconhecendo, com a mais franca emoção, que era a pessoa mais feliz do mundo.

— É demais para mim — acrescentou. — Acima de quaisquer medidas! Não mereço uma coisa dessas. Ah, por que não estão todos contentes também?

As congratulações de Elizabeth foram dadas com uma sinceridade que palavras mal poderiam expressar. Toda frase

continha ternura e se transformava em mais uma fonte de alegria para Jane. Mas ela não se permitiu permanecer com a irmã nem dizer metade daquilo que falou ser dito, pelo menos no momento.

— Vou contar imediatamente à mamãe — disse Jane em voz emocionada. — De modo nenhum eu permitiria que recebesse a notícia de ninguém, a não ser de mim mesma. Ele já foi conversar com papai. Oh, Lizzy, é maravilhoso saber que o que tenho para contar vai dar tal prazer para toda a minha querida família. Que eu vou lhes proporcionar tamanha felicidade!

Jane, então, apressou-se a ir ao encontro da mãe, que estava no andar de cima, com Kitty.

Elizabeth, que foi deixada sozinha, agora sorria ao perceber a facilidade e a rapidez com que o assunto fora decidido e concluído, afinal, depois de lhes render tantos meses de expectativa e constrangimento.

Por ora, pouco importava a Elizabeth que ela estivesse perdendo sua companheira de batalhas mais confiável; sua confidente mais íntima e a única irmã de quem jamais temera presenciar a mais leve estupidez. Foi possuída por um sentimento de completo triunfo. Depois de toda a agonizante circunspecção de Darcy, toda a falsidade e dissimulação da Srta. Bingley, tudo chegar ao final mais feliz, sábio e razoável.

Em poucos minutos Bingley se juntava a ela, já que a conversa dele com o Sr. Bennet fora breve e objetiva.

— Onde está sua irmã? — perguntou.

— Com minha mãe, lá em cima. Arrisco dizer que descera outra vez num instante.

Ele então fechou a porta, aproximou-se dela e reivindicou os votos de felicidade e o afeto devidos a um futuro cunhado. Com sinceridade e entusiasmo, Elizabeth mais uma vez expressou a satisfação que lhe trazia a perspectiva daquele casamento. Apertaram-se as mãos com grande gentileza e então, até Jane descer, ela ficou escutando tudo o que o jovem tinha a dizer a respeito de sua própria felicidade e sobre as qualidades

superiores de Jane. Assim, a despeito de ele ser pouco treinado nas artes mortais, Elizabeth acreditou que, de fato, as expectativas de felicidade que nutria eram racionalmente embasadas, uma vez que ele e Jane eram bastante semelhantes em todos os demais aspectos que se pudesse imaginar.

Foi, portanto, uma noite de especial satisfação para todos ali. A alegria da Srta. Bennet transmitiu um brilho de meiga animação a suas faces, assim como a tornou mais linda do que nunca. Kitty sustentava um sorriso, pensando somente em quando chegaria a sua vez. A Sra. Bennet não tinha palavras para expressar com suficiente ênfase seu consentimento e quanto aprovava aquela união. Quando o Sr. Bennet juntou-se a eles para a ceia, a voz dele e suas maneiras demonstravam sem sombra de dúvida quanto estava feliz.

No entanto, de seus lábios não saiu sequer uma palavra que aludisse ao assunto até que o visitante os deixasse à noite. Logo que Bingley partiu, ele dirigiu-se à filha, dizendo:

— Jane, dou-lhe meus parabéns. Você será uma mulher muito feliz.

A moça imediatamente se aproximou dele e o beijou, agradecendo-lhe as palavras bondosas.

— Você é uma boa garota — replicou ele. — E deixa-me enormemente satisfeito saber que estará tão bem casada. Não tenho dúvidas de que vocês se darão muito bem em sua vida conjugal. O temperamento de ambos é em tudo semelhante. Os dois são tão condescendentes que jamais decidirão coisa alguma. Tão dóceis que todos os criados sempre os roubarão. E tão generosos que sempre gastarão mais do que ganham.

— Espero que não. Imprudência e irresponsabilidade em assunto de dinheiro seriam imperdoáveis em *mim*.

— Gastar mais do que ganham? Meu caro Sr. Bennet! — exclamou a esposa. — Do que está falando? Ora, ele tem uma renda de quatro ou cinco mil libras ao ano... muito provavelmente ainda mais. — Então, voltou-se para a filha e disse: — Ah, minha queridíssima Jane! Estou tão feliz! Sempre tive certeza de que você não poderia ser tão bonita à toa!

Lembro-me de que logo da primeira vez em que o vi, assim que ele chegou a Hertfordshire, no ano passado, eu pensei quão provável seria que vocês dois ficassem juntos. Ah, ele é o jovem mais bonito que já vi.

Wickham, Lydia, tudo estava esquecido. Jane agora, sem concorrentes, era sua filha predileta. Naquele momento, a mãe não se importava com nenhuma outra. As irmãs mais novas de pronto começaram a demonstrar interesse em regalias que Jane poderia lhes proporcionar.

Mary solicitou acesso à biblioteca de Netherfield, e Kitty implorou pela realização de bailes em casa todos os invernos.

A partir daí, evidentemente, Bingley se tornou um visitante diário de Longbourn. Com frequência aparecia antes do desjejum e sempre ficava até depois da ceia, a não ser quando algum horrendo vizinho, a quem jamais se conseguiria odiar o suficiente, o convidava para jantar, sentindo-se Bingley então obrigado a aceitar.

Os dias foram ficando mais curtos, e a quantidade de zumbis em Hertfordshire não parava de aumentar. As hordas agora se tornavam cada vez maiores, empurradas para o sul pelo endurecimento dos solos e pelos mosquetes de Sua Majestade. Sobrava pouco tempo a Elizabeth para conversar com sua irmã, já que ela, Kitty e Mary, todos os dias, eram chamadas a resolver este ou aquele problema. Verdade era que Jane não conseguia dedicar a ninguém suas atenções, senão a Bingley, quando este estava presente. Na ausência de Jane, ele sempre se aproximava de Elizabeth, com quem tinha enorme prazer de conversar, e quando Bingley estava ausente, era a vez de Jane buscar por semelhante consolo.

— Ele me deixou tão feliz — disse Jane, certa noite — ao me dizer que ignorava totalmente minha presença em Londres na primavera passada! Não acreditava que isso fosse possível.

— Já suspeitava disso — replicou Elizabeth. — Mas como ele explicou tal coisa?

— Foi obra das irmãs dele. Sem dúvida, não são simpáticas ao nosso relacionamento, o que não me espanta, já que ele

poderia ter feito uma escolha mais vantajosa sob diversos aspectos. Mas quando elas constatarem, como tenho esperanças de que aconteça, como o irmão está feliz comigo, vão se conformar e acabarão por se contentarem. Só então poderei ficar em bons termos com elas de novo, embora jamais tornemos a nos dar como antes.

— Ora, esse é o discurso mais inclemente — declarou Elizabeth — que já ouvi você proferir. Boa menina! Ficaria de fato envergonhada se a visse de novo ludibriada feito uma boba pelo afeto fingido da Srta. Bingley.

— Você acreditaria, Lizzy, que quando ele voltou para Londres, em novembro último, estava realmente apaixonado por mim e nada, a não ser estar persuadido de que eu lhe era indiferente ou outro cerco à cidade, o teria impedido de voltar para cá?

Elizabeth ficou satisfeita ao verificar que ele não havia denunciado a interferência do amigo, visto que, embora Jane tivesse o mais generoso

coração do mundo, sempre disposto a perdoar, ela sabia que esse episódio a teria indisposto contra Darcy.

— Sou verdadeiramente a mais afortunada criatura do mundo — disse Jane enfaticamente. — Ah, Lizzy, como pôde acontecer de eu ser mais abençoada do que as minhas irmãs? Se ao menos pudesse ver você tão feliz como estou. Se ao menos existisse um outro homem igual para você!

— Se coubesse a você me dar quarenta homens iguais, eu jamais poderia ser tão feliz quanto você. Até que eu tivesse o seu espírito, a sua bondade, nunca poderia ter também a sua felicidade. Não, não, deixe-me buscar meu consolo retalhando aberrações e, talvez, se eu tiver bastante sorte, possa, em algum momento, entrar um outro Sr. Collins.

Não poderia ser mantido segredo sobre os assuntos domésticos dos residentes de Longbourn. A Sra. Bennet arrogou-se o privilégio de cochichar um comentário para a Sra. Phillips, que, por sua vez, se arriscou mesmo sem permissão

para tanto, a fazer a mesma coisa para toda a vizinhança em Meryton.

Os Bennet foram rapidamente considerados como a mais afortunada família do mundo, contrastando com o fato de que, apenas algumas semanas antes, quando Lydia fugira, todos os haviam apontado como marcados pela desgraça.

CAPÍTULO 56

CERTA MANHÃ, MAIS OU menos uma semana depois de o noivado de Bingley e Jane ser firmado, num momento em que ele e as mulheres da casa estavam conversando na sala de estar, a atenção de todos foi atraída de súbito para a janela, pelo barulho de um veículo chegando. Viram então uma carruagem puxada por quatro cavalos atravessando o gramado. Eram cavalos dos correios e nem a carruagem, nem a libré do criado que a precedia lhes eram familiares. No entanto, como era certo que alguém vinha vê-los, Bingley prontamente propôs a Jane que evitassem o confinamento e precisar fazer sala ao intruso, fosse quem fosse, e que saíssem para dar uma volta no bosque, onde ela poderia lhe ensinar, como havia prometido, alguns fundamentos da luta corporal com veados. Rapidamente eles deixaram a sala juntos, enquanto as três remanescentes quedavam-se em conjeturas, embora pouco elucidativas, até que a porta foi escancarada e a visitante entrou, acompanhada de uma dupla de ninjas.

Era Lady Catherine de Bourgh.

Evidentemente, todas ali estavam preparadas para uma surpresa, mas o espanto delas superou qualquer expectativa.

A senhora adentrou a sala com uma expressão no rosto ainda menos amistosa do que de hábito e não deu resposta mais enfática à saudação de Elizabeth do que uma leve inclinação de cabeça. A seguir, dispensou seus guarda-costas e sentou-se,

sem pronunciar uma palavra sequer. Elizabeth dissera o nome da visitante à mãe logo à entrada de Sua Senhoria, que, aliás, não pediu para ser apresentada a ninguém ali.

A Sra. Bennet, tomada de assombro, embora lisonjeada por receber uma visita de tal importância, deferiu-lhe a maior cortesia. Depois de permanecer sentada por um instante em silêncio, ela disse, bastante secamente, a Elizabeth:

— Espero que esteja passando bem, Srta. Elizabeth. Essa senhora, suponho eu, seria a sua mãe?

Muito concisamente, Elizabeth respondeu que sim.

— E essa aí, suponho eu, seria uma de suas irmãs?

— Sim, Madame — respondeu a Sra. Bennet. — É a terceira das minhas quatro filhas. Minha caçula acaba de se casar e minha mais velha está passeando pela propriedade, com um jovem que, acredito eu, logo se tornará parte da família.

— A senhora tem uma propriedade bastante pequena, aqui —

replicou Lady Catherine, depois de um curto silêncio.

— Ouso dizer que não é mesmo nada se comparada a Rosings, minha senhora.

Elizabeth esperava que ela agora expressasse suas condolências pelo falecimento de Charlotte e do Sr. Collins, que, segundo imaginava, seria o único motivo possível para uma visita daquelas. Mas nada em relação a isso foi mencionado, e a moça ficou aturdida.

A Sra. Bennet, com enorme gentileza, suplicou a Sua Senhoria que aceitasse um refresco, mas Lady Catherine, sem rodeios — e também sem traço algum de polidez —, declinou ser servida de fosse o que fosse e, a seguir, erguendo-se, disse a Elizabeth:

— Srta. Elizabeth, parece haver um pequeno mas bem instalado *dojo* numa das laterais do gramado. Apreciaria vê-lo, se a senhorita me fizer a fineza de sua companhia.

— Vá, minha querida — exclamou a mãe. — Mostre tudo a Sua Senhoria. Creio que ela gostará de ver os artefatos.

Elizabeth obedeceu e, correndo ao seu quarto apanhar o para-sol, reencontrou-se com sua nobre visitante no andar de baixo. Atravessando então o vestíbulo, Lady Catherine abriu as portas para o salão de jantar e para a sala de estar e, declarando-os, depois de uma breve vistoria, aposentos com aspecto razoável, seguiu em frente.

A carruagem dela permanecia no portão. Elizabeth viu a gueixa que era camareira de Lady Catherine no interior do veículo. Seguiram em silêncio para o *dojo*. Elizabeth estava decidida a não se esforçar de modo algum para promover uma conversa com aquela mulher que se mostrava, mais do que nunca, insolente e desagradável.

"Como um dia pude achar que ela era igual ao sobrinho", perguntou-se a moça, examinando o rosto da idosa senhora.

Assim que entraram, Lady Catherine dirigiu-se a ela nos seguintes termos:

— Não creio, Srta. Bennet, que desconheça inteiramente o motivo de minha viagem até aqui. Seu coração e sua consciência devem dizer-lhe por que vim vê-la.

Elizabeth olhou-a com sincero espanto:

— Na verdade, a senhora está enganada, Madame. Não tenho a menor ideia ao que devo a honra de vê-la em minha casa.

— Srta. Bennet — replicou Sua Senhoria. — Sabe muito bem que não se deve tentar me ludibriar. No entanto, mesmo optando por essa falta de sinceridade, não espere que eu me comporte do mesmo modo. Meu caráter é célebre por sua franqueza e sua sinceridade, assim como minhas habilidades de matar já foram celebradas como únicas. Uma informação

absolutamente alarmante chegou a mim dois dias atrás. Fui comunicada de que não somente sua irmã está prestes a contrair um casamento bastante vantajoso, mas que também *você*, Srta. Elizabeth Bennet, iria por igual caminho. E que logo estaria noiva de meu sobrinho, do meu próprio sobrinho, o Sr. Darcy. Embora eu saiba que deva se tratar de uma escandalosa farsa, já que não o teria em tão má conta a ponto de julgar que

se interessaria por uma garota de berço inferior, imediatamente resolvi me deslocar até este lugar de forma a torná-la conhecedora dos meus sentimentos.

— Se acredita mesmo que é impossível que seja verdade — disse Elizabeth, enrubescendo com assombro e desprezo —, perguntou-me por que se deu o trabalho de fazer tão longa viagem. O que Vossa Senhoria pretende?

— Insistir para que essa notícia seja publicamente desmentida!

— Sua visita a Longbourn para ver a mim e a minha família — disse Elizabeth friamente — seria de fato uma confirmação, nada mais, se é que escutou mesmo essa informação.

— Se? Você tem a ousadia de fingir que desconhece o boato ao qual me refiro? Não foram vocês mesmas, desta casa, que meticulosamente o fabricaram? Não sabe que esse boato já se espalhou por toda parte?

— Jamais o escutei.

— E pode igualmente declarar que não há nenhum *fundamento* para isso?

— Não vou fingir que pretenda agir em relação a Sua Senhoria com a

mesma franqueza. A senhora pode perguntar o que quiser, e eu escolho o que vou ou não responder.

— Isso é intolerável. Srta. Bennet, insisto que me atenda. Meu sobrinho já lhe fez alguma proposta de casamento?

— Vossa Senhoria já afirmou que isso seria impossível.

— É o que deveria ser. E deve ser. Pelo menos enquanto ele tiver sua sanidade intacta. Mas os seus *ardis*, senhorita, e o seu poder de sedução são muito bem, num momento de maior ardor, capazes de tê-lo feito esquecer o respeito que ele deve ter por si mesmo e por sua família. Você talvez o tenha enfeitado com seus ordinários truques de salão chineses.

— Se o fiz, seria a última pessoa a confessá-lo.

— Srta. Bennet, tem certeza de que sabe quem eu sou? Já não escutou as canções sobre minhas vitórias contra as legiões de escravos de Satã? Não leu sobre minhas inigualáveis habilidades para matar? Sou praticamente a única parenta viva do Sr. Darcy, de modo que tenho o direito de estar a par de tudo o que lhe diz respeito, até mesmo dos assuntos mais íntimos.

— Habilidades tão poderosas! Uma matadora de zumbis tão maravilhosa! Ainda assim, quando teve uma dessas criaturas em sua própria casa, não teve percepção suficiente para se dar conta disso.

— Será você tão idiota a ponto de supor que eu não soubesse o que Charlotte era? Você é tão incapaz assim que não percebeu a generosidade do meu procedimento? Que eu queria apenas que meu novo pastor usufrísse de um pouco de felicidade? Diga-me, então: como acha que a transformação dela se deu tão lentamente? Por que eu a convidasse tão frequentemente para o chá... pelo prazer da companhia dela?

Não! Foi meu soro que a manteve viva por aqueles meses... tão poucos, mas tão felizes. Algumas gotas a cada vez na xícara dela.

— Uma tal experiência dificilmente poderia ser considerada *generosa*. A senhora nada fez a não ser prolongar o sofrimento de minha amiga!

— Permita que eu me faça corretamente compreendida. Essa união, à qual você tem pretensão de aspirar, jamais ocorrerá. Nunca! O Sr. Darcy está comprometido com *minha filha*. Agora, o que você tem a dizer?

— Somente isso: se assim é, a senhora não pode ter motivo algum para supor que ele tenha me feito alguma proposta.

Lady Catherine hesitou por um momento, mas logo replicou:

— O noivado deles é de um gênero peculiar. Desde que eram crianças, foram destinados um ao outro. Era o maior desejo da mãe dele, bem como o meu. Ainda estavam nos seus berços e já planejávamos, nós duas, esse casamento. E agora, no momento em que o desejo de ambas as irmãs seria realizado, com o matrimônio de seus filhos, seríamos frustradas por uma jovem de nascimento inferior, sem importância alguma no mundo e treinada logo na China? A senhoria terá perdido todo o senso de conveniência e de delicadeza? Não me escutou dizer que desde suas primeiras horas no mundo ele foi destinado à prima?

— Sim, escutei, e, na verdade, já o havia escutado antes. Mas por que isso me diria respeito? Se nenhuma outra objeção houve a que eu me case com seu sobrinho, sem dúvida não me deixarei ser impedida disso por saber que sua mãe e tia desejavam que ele se casasse com a Srta. de Bourgh. Se o Sr. Darcy, nem por obrigação de honra, nem por interesse natural, se vê ligado à prima, por que não caberia a ele escolher outra pessoa? E se for eu essa escolha, por que não deveria aceitá-lo?

— Por uma questão de honra, de decoro, de prudência e, sim, de interesse. É evidente, Srta. Bennet, por que você não deve esperar que a

família dele a reconheça, tampouco seus amigos, se você agir deliberadamente contra a opinião de todos. Você será censurada, desdenhada e desprezada por todos que tenham qualquer relação com ele. Seu matrimônio será tido como uma desgraça, e seu nome jamais será pronunciado por qualquer um de nós.

— Suas ameaças pesadas — replicou Elizabeth —, uma infelicidade de fato. Mas ocorre que a esposa do Sr. Darcy, necessariamente, desfrutará tamanha felicidade, inerente a tal condição, que será capaz, apesar de tudo, de não ter motivos para se arrepender.

— Menina obstinada e teimosa! Que vergonha! É esta a sua gratidão pela deferência que lhe dediquei na primavera passada? Julga que nada me deve por conta disso? Não estou habituada a ser contrariada.

— Nem eu estou habituada a ser intimidada.

— Não serei interrompida! Escute-me calada! Minha filha e meu sobrinho foram criados para se pertencerem. De ambos os lados, a riqueza deles é esplêndida. Foram destinados um ao outro por desejo de todas as vozes de ambas as casas, e o que poderia separá-los? A pretensão de uma jovem de fortuna recente e diminuta e cuja irmã foi envolvida há pouco num caso escandaloso com o filho do polidor de mosquetes do falecido Sr. Darcy? Um jovem sem nome de família, sem relacionamento notáveis ou fortuna?

— A fortuna de sua filha é de fato esplêndida. Mas, por favor, diga-me que outras qualidades ela possui? Ela é atraente? É treinada nas artes mortais? Tem ao menos força suficiente para brandir uma Katana?

— Como você se atreve? Diga-me de uma vez por todas: está noiva dele?

Embora Elizabeth não desejasse, apenas para não satisfazer a vontade de Lady Elizabeth, responder a esta pergunta, não poderia, depois de um instante de reflexão, dizer outra coisa que:

— Não, não estou.

Lady Catherine pareceu contente.

— E me promete jamais aceitar tal noivado?

— Preferiria morrer a ver minha honra tão ultrajada.

— Então, Srta. Bennet — disse Lady Catherine fechando seu para-sol e despindo seu casaco —, você vai morrer.

Tendo dito isso, colocou-se em posição de combate.

— Pretende me desafiar para um duelo, Vossa Senhoria? Aqui, no

dojo de minha família?

— Pretendo apenas livrar o mundo de uma menina insolente e preservar a dignidade de um homem superior a ela, a fim de que Pemberley não seja para sempre contaminada por seu mau cheiro.

— Se é assim — disse Elizabeth, deixando cair seu para-sol —, que este seja nosso primeiro e derradeiro combate.

Elizabeth afastou um pé do outro, assumindo a posição de base para a luta.

As duas damas — separadas por mais de cinquenta anos, mas mesmo assim não tão distantes quanto as suas habilidades de luta — permaneceram paradas por um momento, até que Lady Catherine, já com um plano de ataque inteiramente decidido, saltou para o alto com uma vitalidade bastante surpreendente para uma mulher da sua idade. Ela atravessou o ar, voando por cima da cabeça de Elizabeth, e desferiu um golpe no topo do crânio da moça com tamanha força que a levou a cair de joelhos. Se Elizabeth não estivesse em perfeita forma, o golpe, sem dúvida, teria partido sua coluna vertebral.

Lady Catherine aterrissou com leveza e, vendo sua adversária tentando se levantar, projetou-a num voo por toda a extensão do *dojo* com um mortal chute nas costas. Incapaz de recuperar o fôlego, Elizabeth lutava para conseguir se levantar, enquanto a idosa guerreira de novo avançava contra ela.

— Você não tem consideração pela honra e pelo prestígio de meu sobrinho! Garota insensível e egoísta! Não pensa em como

um matrimônio desses vai desgraçá-lo perante os olhos de todos?

Sua Excelência agarrou o vestido de Elizabeth e o pôs de pé.

— Muito bem, então. Tem algo a dizer antes que eu a envie para Satã.

— Somente... uma coisa... Vossa Senhoria...

Os olhos de Lady Catherine se arregalaram quando ela sentiu uma dor aguda na barriga. Ela soltou Elizabeth e cambaleou para trás, com o cabo da adaga de Elizabeth saindo de seu vestido. A moça aproveitou-se muito bem da perplexidade da mais velha, desferindo contra a cabeça, o pescoço e os seios de Sua Senhoria uma violentíssima combinação de golpes e um chute final que a jogou para cima, bastante alto para rachar duas vigas de madeira na sua cabeça.

Vindo de fora, os ninjas de Lady Catherine correram para o *dojo*, alarmados com o barulho.

Lá dentro, Lady Catherine estava caída no chão, inerte. Elizabeth estava de pé junto dela, aguardando qualquer sinal de vida — mas Sua Senhoria não se mexia.

"Meu Deus", pensou ela, "o que foi que eu fiz? Como poderá Darcy algum dia me perdoar por ter matado sua amada tia?"

O pensamento ainda atravessava sua cabeça quando Elizabeth, subitamente, se viu atirada ao chão pelas pernas de Lady Catherine. A senhora levantou-se e se pôs de pé num salto, e com uma risada sarcástica puxou a adaga de sua barriga e cravou-a na mão de Elizabeth, fincando a moça ao chão.

— Seriam necessárias habilidades muito superiores às suas para fazer escorrer pelo menos uma gota de suor pela minha pele. Garota fraca e tola! Enquanto houver vida neste velho corpo, você jamais terá a companhia de meu sobrinho de novo.

Os ninjas de Lady Catherine entraram já lançando estrelas da morta, mas foram rapidamente tranquilizados por sua ama, que tinha a vitória nas mãos.

— Afastem-se, caros ninjas. Quando eu a tiver decapitado, podem fazer o que quiserem com o corpo dela.

Enquanto Elizabeth lutava para se soltar, Sua Senhoria tirou da parede, onde estava pendurada, uma espada. Desembainhou-a e examinou sua lâmina brilhante:

— Admirável! Uma Katana tão boa quanto as que vi em Kyoto. Pena que passou todos estes anos na posse de uma família tão sem valor.

Lady Catherine ergueu os olhos, desviando-os da espada e certa de focá-los sobre sua adversária. Em vez disso, ela não viu coisa alguma — a não ser o *dojo* deserto e uma dupla de ninjas arrebatados e sem vida. Ela deparou com tal cena soltando uma risada alta.



— GAROTA FRACOTA E TOLA! ENQUANTO HOVER VIDA NESTE VELHO CORPO, VOCÊ JAMAIS TERÁ A COMPANHIA DE MEU

SOBRINHO DE NOVO.

— Mas quanta diversão! Devo admitir que se você tivesse sido derrotada com tão pouco esforço, eu ficaria muitíssima decepcionada.

Lady Catherine encaminhou-se para o centro do *dojo*, a espada em sua mão. Virou-se, então, esperando se atacada — mas nada aconteceu.

— Quanta covardia! — gritou. — Não tem coragem suficiente para me encarar? Seu mestre nada mais lhe ensinou além de recuar?

— Meu mestre — disse Elizabeth — ensinou-me que o caminho para curto para a derrota é subestimar o adversário.

Sua Senhoria olhou para o alto e viu Elizabeth pendurada numa viga, também com a espada na mão. A moça mergulhou para o solo, enquanto a idosa guerreira saltava para o alto. As espadas de ambas se encontraram no ar que as separava. Um feroz embate de lâminas preencheu o *dojo* com o retinir de aço contra aço. As duas se equiparavam, mas a juventude de Elizabeth lhe proporcionava a vantagem do maior vigor, de modo que ela se cansava menos rapidamente do que Sua Senhoria.

Depois de muitos minutos riscando o ar, atacando uma a outra com tal força que seria suficiente para mandar toda uma legião de guerreiros para o túmulo, Lady Catherine foi forçada a soltar a espada por um certo chute borboleta. Indefesa, Sua Senhoria recuou até a parede com a armaria, onde freneticamente agarrou um par de *munchakus*, que, no entanto, foram prontamente separados pela Katana de Elizabeth.

Elizabeth encostou Lady Catherine na parede e pressionou a ponta da espada contra sua garganta enrugada.

— Então? — disse Catherine. — Corte minha cabeça, mas faça isso depressa.

Elizabeth baixou a espada e com a voz ainda entrecortada por conta do exercício disse:

— Com que propósito? Para sofrer a reprovação irremediável do homem de quem tanto gosto? Não. Não, Sua Senhoria... Se estará viva para assistir ao casamento de sua

filha com ele, ou ao meu com ele, isso eu não sei. Mas a senhora viverá. E pelo resto de seus dias saberá que foi superada por uma garota por quem não tinha consideração e cuja família e cujo mestre insultou da maneira mais rude possível. Agora, eu lhe peço que vá embora.

Depois de ser acompanhada até a carruagem, Lady Catherine se voltou abruptamente e disse:

— Minha posição permanece inalterada. Não mando cumprimentos à sua mãe. Você não merece tal atenção. Estou seriamente aborrecida.

— Seria prudente da parte de Sua Senhoria subir logo em sua carruagem, sob pena de eu mudar de ideia e lhe corta a cabeça.

Com o mais profundo desgosto, a idosa senhora obedeceu. Sem sequer uma inclinação de cabeça, Elizabeth voltou-lhe as costas e retornou para casa.

Escutou a carruagem se afastar, enquanto subia para o andar de cima, tomando o cuidado de ocultar seus ferimentos. A mãe, impaciente, a seguiu, para perguntar se Lady Catherine não entraria de novo para repousar.

— Preferiu não fazê-lo — disse a filha.

— É uma mulher bastante imponente! E sua visita foi uma prodigiosa gentileza. Isso porque veio até aqui somente, suponho eu, para prestar suas condolências pelo falecimento do Sr. Collins e sua esposa. Arrisco dizer que ela estava passando por casa por Meryton e pensou em parar aqui para lhe fazer uma visita. Suponho que não tivesse nada em particular para lhe dizer, não é, Lizzy?

Elizabeth foi forçada a dissimular um pouco, já que seria impossível contar o que havia ocorrido de fato entre elas.

CAPÍTULO 57

A PERTURBAÇÃO EM QUE essa extraordinária visita lançou Elizabeth não seria facilmente superada; tampouco ela poderia, depois de sepultar os ninjas, se disciplinar a pensar no assunto menos do que o tempo todo. Tudo indicava que Lady Catherine havia de fato se dado o trabalho dessa jornada desde Rosings com o único propósito de romper um suposto noivado de Elizabeth com o Sr. Darcy. Mas de onde teria se originado a notícia desse noivado, Elizabeth nem sequer imaginava. Até que ela percebeu que, sendo *ele* amigo íntimo de Bingley e *ela* própria irmã de Jane, isso já era o suficiente, numa época em que a expectativa de um casamento deixava a todos ansiosos por mais outro, para alimentar o boato. Ela não podia negar que havia previsto que o casamento de sua irmã acarretaria contatos mais frequentes com Darcy. Entretanto, ela não conseguia deixar de sentir algum desconforto quanto às possíveis consequências do duela dela com Lady Catherine. Daquilo que ela dissera do empenho que dedicaria a evitar o casamento deles ocorreu a Elizabeth que ela relataria toda a batalha ao sobrinho; e quanto ele poderia ser influenciado pelos argumentos dela e pela natural admiração que sentia pela tia?

Se antes já estava hesitando sobre o que deveria fazer, a entrada em cena de uma parenta tão próxima deveria dirimir quaisquer dúvidas e determinar que ele assumisse uma expectativa de felicidade que a dignidade sem fissuras lhe garantiria. Nesse caso, ele não retornaria mais. Ou então Lady Catherine poderia ir ao encontro dele em Londres antes mesmo de voltar para sua propriedade, e a visão de sua tia, ainda vertendo sangue dos ferimentos recentes, lhe provocaria inúmeros sentimentos - dos quais o menos destacado não seria o rancor contra a pessoa que infligira na idosa senhora tal castigo.

A surpresa do restante da família, ao saber quem havia sido a visitante, foi enorme; mas obsequiosamente eles se satisfizeram

com a mesma suposição que apaziguara a curiosidade da Sra. Bennet, de modo que Elizabeth foi poupada de novas inquirições sobre o assunto.

Na manhã seguinte, no momento em que estava prestes a descer, foi abordada pelo pai, que saiu da biblioteca com uma carta na mão.

- Lizzy - disse ele —, eu estava indo procurá-la. Entre aqui, por favor.

Ela o seguiu para a biblioteca, e sua curiosidade por descobrir o que ele teria a lhe dizer foi aumentava pela suposição de que estaria, de algum modo, relacionado à carta que ele trazia. De repente, foi acometida pela ideia de que poderia ser uma correspondência de Lady Catherine e, desolada, ela antecipou todas as explicações que seria forçada a dar.

Elizabeth seguiu o pai até a lareira e ambos se sentaram. Então, ele disse:

- Recebi esta manhã uma carta que me espantou desmesuradamente. Como diz respeito principalmente a você, devo dizer- lhe do que se trata. Não sabia, até então, que tinha duas filhas prestes a contraírem matrimônio. Permita-me que eu a felicite por sua significativa conquista.

As faces de Elizabeth enrubesceram depressa, por conta da convicção de que seria uma carta do sobrinho, não da tia, e ela estava indecisa se devia se sentir satisfeita, porque ele, afinal, havia se explicado de vez, ou ofendida, pelo fato de a carta não ser dirigida a ela, quando seu pai retomou o que dizia:

- Você parece já saber do que se trata. As moças em geral têm aguda percepção para assuntos como esses. Mas penso que posso desafiar até mesmo a sua sagacidade a descobrir o nome de seu admirador. Esta carta é do coronel Fitzwilliam, um homem de quem, até recebê-la, jamais escutei falar.

- Do coronel Fitzwilliam? E o que ele pode ter a lhe dizer, meu pai?

- Algo muito a propósito, é claro. Começa expressando suas congratulações pelo casamento de Jane, a realizar em breve, do qual, ao que parece, ele foi informado por algum cavalheiro de

bom coração. Não vou provocar ainda mais a sua impaciência, lendo o que ele diz sobre cada tópico. O que há aqui, relacionado a você, é o que se segue:

Tendo, portanto, oferecido minhas sinceras congratulações pelo feliz evento, deixe-me agora acrescentar uma breve indicação sobre um outro, do qual fui alertado pela mesma pessoa. Sua filha, Elizabeth, assim se supõe, não terá por muito tempo o nome Bennet, depois de a irmã mais velha o ter deixado, e o companheiro em vista de seu destino pode, com justiça, ser considerado uma das mais ilustres personalidades deste reino.

- Tem alguma noção de quem ele esteja falando, Lizzy?

Esse jovem cavalheiro é abençoado de um modo peculiar, uma vez que possui todas as qualidades que um mortal possa desejar - patrimônio, esplêndido, linhagem nobre e grande influência no Estado. Mesmo assim, a despeito de parecer tão tentadora, deixe que eu o previna dos perigos em que o senhor pode incorrer por aceitar precipitadamente a proposta desse cavalheiro, a qual, é claro, o senhor terá a tendência de imediatamente ver como uma vantajosa oportunidade.

- Lizzy, você tem alguma ideia de quem seja esse cavalheiro? Mas agora é que vem:

O motivo de lhe recomendar cautela é o que se segue. Temos razões para imaginar que a tia dele e minha, Lady Catherine de Bourgh, não vê essa união com bons olhos.

- Veja, é o Sr. Darcy o tal homem. Agora, Lizzy, creio que a surpreendi de vez. Poderia meu missivista ter escolhido qualquer homem do nosso círculo de conhecimentos cujo nome pudesse ser menos verossímil para o assunto com o qual é relacionado? Logo o Sr. Darcy, que jamais olha para mulher alguma, a não ser para apontar defeitos, e que, provavelmente, jamais voltou os olhos para você em toda a sua vida! Pode imaginar tamanha asneira?

Elizabeth bem que tentou aderir ao deboche do pai, mas não conseguiu mais do que se forçar a um relutante sorriso. Ele jamais mirara sua ironia em algo que a desagradasse tanto.

- Não ficou surpresa?

- Ah, sim, é claro. Por favor, leia mais.

Depois de mencionar a possibilidade desse casamento à minha tia na noite passada, ela imediatamente expressou o que sentia a respeito; e foi quando se tornou evidente que, sob certas objeções por parte da família a respeito da filha, Lady Catherine jamais daria seu consentimento para o que qualificou de uma união tão desastrosa. Julguei que fosse minha obrigação dar imediato conhecimento ao senhor de que Elizabeth e seu nobre admirador devam estar prevenidos do que os ameaça e de que não devem se lançar apressadamente num casamento que não foi devidamente aprovado.

- O restante da carta é somente sobre ter tomado conhecimento da decapitação de Charlotte e do suicídio do Sr. Collins. Mas, Lizzy, sua aparência não é de quem não achou graça alguma. Espero que você não tenha se sentido ofendida com um relato tão fora de propósito.

- Oh, ao contrário, diverti-me imensamente com a carta. Mas, mesmo assim, é tão estranha...

- Sim, mas é exatamente isso que a torna tão divertida. Se houvesse se fixado num outro homem qualquer, não o seria. Mas a sólida indiferença dele e a reafirmada aversão que você lhe dirige fazem tudo isso deliciosamente absurdo. Por favor, Lizzy, o que disse a Lady Catherine sobre este casado? Ela veio aqui reforçar sua desaprovação?

A esta pergunta a filha respondeu somente com uma risada, como se a pergunta tivesse sido feita sem nenhuma desconfiança. Elizabeth jamais estivera tão desorientada quanto à necessidade de simular sentir o que não sentia. Foi necessário rir, quando preferiria chorar. Seu pai a mortificara com toda a crueldade com o que dissera sobre a indiferença do Sr. Darcy, e ela só poderia imaginar o que significava tamanha falta de percepção - ou mesmo temer que, em vez de ele estar enxergando pouco, ela é que estava fantasiando demais.

CAPÍTULO 58

PARA ENORME SURPRESA de Elizabeth, o Sr. Bingley trouxe Darcy consigo a Longbourn não muito depois da visita de Lady Catherine. Os cavalheiros chegaram bem cedo, e, antes que a Sra. Bennet tivesse tempo de contar que haviam recebido a visita da tia de Darcy, o que Elizabeth via como uma perspectiva assustadora, Bingley, que desejava ficar a sós com Jane, propôs que dessem todos um passeio pela propriedade. Houve concordância. A Sra. Bennet não tinha o hábito de caminhar; Mary jamais desperdiçava tempo com isso; mas os cinco restantes logo estavam prontos para sair. Bingley e Jane, no entanto, já de início permitiram que os demais tomassem distância deles. Ficaram bastante para trás, enquanto Elizabeth, Kitty e Darcy permaneceram juntos. Muito pouco foi dito entre

eles. Kitty tinha medo demais de Darcy para conseguir falar; intimamente, Elizabeth estava reunindo forças para tomar uma resolução desesperada; e talvez ele estivesse fazendo o mesmo.

Caminharam em direção à casa dos Lucas, pois Kitty desejava visitar Maria, e como Elizabeth não achou conveniente ir com ela, quando Kitty os deixou, ela prosseguiu corajosamente, sozinha, com Darcy. Chegara o momento de realizar o que havia decidido, e enquanto sua decisão não a abandonava, ela disse de imediato:

- Sr. Darcy, sou uma criatura bastante egoísta e, com o propósito de dar vazão aos meus próprios sentimentos, não tenho o cuidado de evitar ferir os seus. Não posso mais retardar o meu agradecimento ao senhor pela generosidade sem igual em relação à minha irmã. Desde que fiquei sabendo, esperava ansiosamente pela oportunidade de expressar-lhe toda a minha gratidão. Se as demais pessoas da minha família também soubessem dos fatos, eu não teria aqui somente a minha própria gratidão para expressar.

- Eu lamento, lamento muitíssimo - replicou Darcy, num tom de voz que traía surpresa e emoção —, que a senhorita tenha sido informada de algo que, sob uma perspectiva equivocada, possa ter lhe trazido contrariedades. Não pensei que a Sra. Gardiner merecesse tão pouca confiança.

- Não deve responsabilizar minha tia. Foi um descuido de Lydia que primeiramente me denunciou seu envolvimento no caso... e, é claro, eu não pude ficar tranquila até saber dos pormenores. Deixe que lhe agradeça de novo e de novo, em nome de minha família, por uma compaixão tão generosa, que lhe acarretou tantos problemas, e que me ofereça para me ajoelhar diante do senhor, me infligindo a seguir os sete talhos, para que o senhor possa ter a honra de pisotear meu sangue.

- Se a senhorita *tem* de me agradecer - replicou ele —, que seja em seu nome apenas. O desejo de lhe restaurar a felicidade, não o nego, foi um poderoso reforço aos demais motivos que me levaram a fazer o que fiz. Mas sua *família* não

me deve coisa alguma. Por mais que lhes tenha respeito, creio que somente pensei na *senhorita*.

Elizabeth estava bastante constrangida para pronunciar uma palavra sequer. Depois de uma curta pausa, seu acompanhante acrescentou:

- A senhorita é muito generosa para tentar me ridicularizar. Se seus sentimentos são ainda os mesmos de abril passado, diga-me isso de uma vez. *Meu* afeto e *minhas* intenções estão inalteradas, mas basta uma palavra da senhorita e silenciarei sobre esse assunto para sempre.

Elizabeth precisou forçar-se a falar e de pronto, embora de modo algum com fluência, deu-lhe a entender que seus sentimentos haviam passado por uma mudança tão substancial, desde o período ao qual ele aludiu, que agora a fazia receber com gratidão e prazer essa reiteração dos sentimentos da parte dele. A alegria que essa resposta produziu nele foi tamanha que, muito provavelmente, Darcy jamais sentira algo igual, e ele a seguir passou a se expressar com toda a sensibilidade e ternura que se espera de um homem ardentemente apaixonado. Se Elizabeth tivesse sido capaz de olhar em seus olhos, talvez tivesse visto quanto aquela genuína expressão dos mais profundos sentimentos tornava belo o rosto dele; entretanto, embora não fosse capaz de fitá-lo, ela podia escutar, e ele disse-lhe tudo aquilo que sentia, o que, provando a imensa importância que ela tinha para ele, fazia o afeto que Darcy lhe devotava ainda mais precioso.

Continuaram a caminhar, sem saber que rumo estavam tomando. Havia muito em que pensar, o que sentir e o que dizer para prestarem atenção a qualquer outra coisa. Ela logo percebeu que deviam seu presente bom entendimento aos esforços de Lady Catherine, que *de fato* foi vê-lo em Londres em sua viagem de volta e relatou-lhe os acontecimentos de sua jornada a Longbourn, o que a motivara e o mais essencial de seu duelo com Elizabeth; ressaltando enfaticamente a recusa desta em matá-la, quando tivera tal oportunidade, na crença de que tal demonstração de fraqueza anularia para sempre o

interesse de Darcy pela moça. No entanto, desafortunadamente para Sua Senhoria, o efeito foi exatamente o oposto.

- Foi o que me devolveu a esperança - disse ele —, considerando que, até então, mal me permitia ter alguma. Conheço o bastante do seu caráter para ter certeza de que, se a senhorita estivesse inteira e irrevogavelmente decidia contra mim, teria decapitado Lady Catherine sem um momento sequer de hesitação.

Elizabeth enrubesceu e riu enquanto replicava:

- Sim, você conhece bastante bem o meu *temperamento* para saber que eu seria capaz disso. Depois de insultá-lo tão abominavelmente cara a cara, não teria o menor escrúpulo de decapitar qualquer parente seu.

- Mas o que me disse que eu não mereci escutar? Isso porque, apesar de suas acusações estarem baseadas em julgamentos equivocadas, extraídos de premissas falsas, meu comportamento em relação à senhorita, na ocasião, deveria mesmo sofrer severa reprovação. Foi imperdoável e não posso pensar nisso sem me horrorizar.

- Não vamos discutir sobre a quem cabe a parte maior da culpa pelo que aconteceu naquela noite - disse Elizabeth. - A conduta de nenhum dos dois foi, se examinada com rigor, irrepreensível; mas, desde então, ambos, assim espero, apuramos nossa civilidade.

- Eu não conseguiria me perdoar com tanta facilidade. Ao recordar o que lhe disse naquela noite, assim como a minha conduta, os meus modos, as expressões que usei durante todo o episódio, me é agora, e assim tem sido há muito meses, doloroso a um ponto que não posso exprimir. Jamais esquecerei: "Se o senhor tivesse se comportado como um cavalheiro..." Foram estas as suas palavras. E você não sabe, não pode sequer imaginar, quanto me torturaram, embora tenha transcorrido

algum tempo, confesso eu, até que eu tivesse refletido com bastante lucidez para me permitir lhes fazer justiça.

- Sem dúvida, eu estava muito longe de esperar causar-lhe tamanha impressão. Não tenha a menor ideia de que o senhor as tivesse recebido dessa maneira.

Darcy mencionou a sua carta:

- Foi o que a fez pensar melhor a meu resposto?

Ela explicou quais haviam sido os efeitos da carta sobre ela e como, gradualmente, todos os seus preconceitos anteriores foram sendo removidos.

- Eu sabia - disse ele - que o que eu escrevia a faria sofrer, mas era necessário. Espero que tenha destruído essa carta. Há uma parte, em especial o começo, o que me dá medo de que a senhorita possa lê-la de novo. Lembro de algumas expressões que usei que seriam capazes de fazê-la me odiar.

- Não pense mais nessa carta. Os sentimentos da pessoa que a escreveu e da pessoa que a recebeu são tão imensamente diferentes agora do que eram então que toda circunstância desagradável que a envolve deve ser esquecida. O senhor deve aprender um pouco da minha filosofia. Somente pense no passado se as lembranças lhe proporcionarem prazer.

- Comigo, não é assim. Dolorosas lembranças se intrometem em meu íntimo sem que eu possa repeli-las. Por toda a minha vida tenha sido uma criatura egoísta em meus atos, embora não em meus princípios. Em criança, ensinaram-me o que era *certo*, mas não a corrigir meu temperamento. A mim foi dado o melhor treinamento, mas deixaram que eu o usasse com soberba e desdém. Desafortunadamente, a condição de minha família ter somente um filho homem... e por muitos anos um único *filho*... levou-a a me mimar, e meus pais, mesmo sendo ambas pessoas muito boas... principalmente meu pai, toda generosidade e gentileza... permitiram-me e até mesmo me encorajaram, se é que praticamente não me ensinaram, a ser egoísta e intolerante e a não me importar com coisa alguma que não fosse a defesa da minha propriedade e a pensar mal de todo o resto do mundo. Assim fui eu, dos 8 aos 28 anos; e assim continuaria sendo, se não fosse por você, minha querida, minha adorada Elizabeth! O que não devo a você? Você me ensinou uma lição... muito dura, é verdade, mas extremamente proveitosa. Por você eu fui devidamente humilhado. Vim para você sem a menor dúvida de que seria aceito. Você me

mostrou como minhas pretensões eram insuficientes para conquistar uma mulher que merece ser conquistada.

Depois de caminharem alguns quilômetros vagorosamente, e por demais absortos um no outro para se darem conta disso, verificaram, enfim, examinando com precisão a posição do sol, que era hora de voltar para casa.

- O que será feito do Sr. Bingley e Jane? - foi uma pergunta que introduziu efetivamente seus próprios assuntos. Darcy estava deliciado com o noivado do amigo e da irmã de Elizabeth, e fora Bingley quem o colocara a par de tudo.

- Devo perguntar se você ficou surpreso? - disse Elizabeth.

- De modo algum. Quando parti, pressentia que logo isso iria acontecer.

- O que significa que deu a sua permissão. Já o tinha adivinhado.

E, apesar de ele ter protestado, a moça continuou acreditando que fora exatamente o que ocorrera.

- À noite, antes de eu ir para Londres - disse ele —, diz a ele uma confissão que, creio, deveria ter feito tempos atrás. Contei-lhe tudo o que ocorrera e que transformara minha interferência em seus assuntos no passado absurda e impertinente. Foi grande a surpresa dele. Bingley jamais nutrira a menor suspeita. Além disso, disse-lhe que acreditava ter me enganado em supor, na época, que sua irmã lhe era indiferente. Pude então perceber com nitidez que a ligação dele com ela estava intacta e não tive dúvidas de que seriam felizes juntos.

Elizabeth não pôde evitar sorrir da felicidade com que ele dirigia o amigo.

- E foi de suas próprias observações que inferiu que minha irmã ama Bingley - perguntou ela - ou estava se baseando no que eu lhe dissera na primavera passada?

- Do que eu via! Eu a observara atentamente durante as duas visitas que fizera recentemente a Longbourn e ficara convencido do afeto dela.

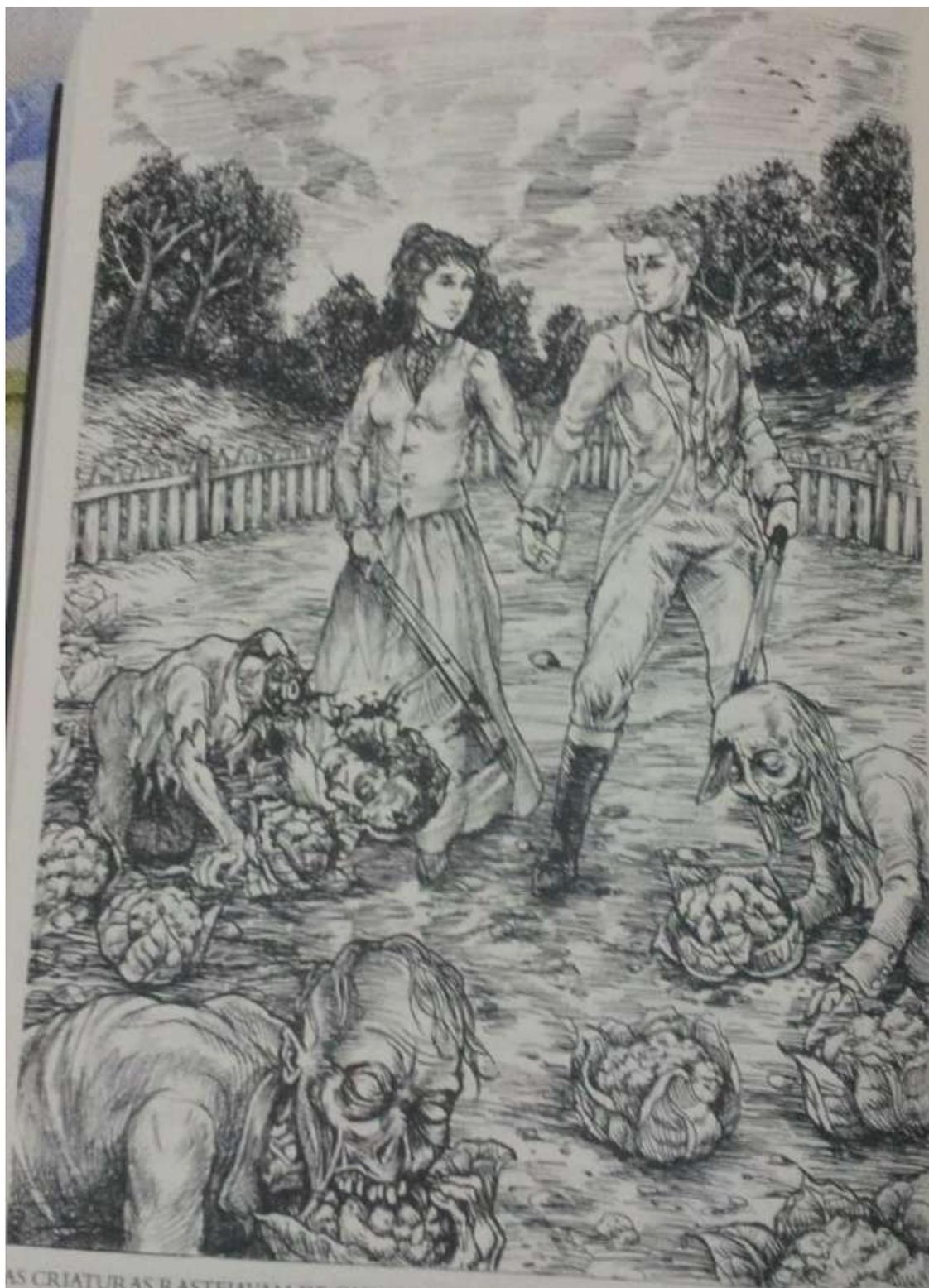
- E o fato de lhe dar essa garantia, suponho eu, levou Bingley a imediatamente ter convicção a respeito.

- De fato. Bingley é modesto ao extremo, sem nenhuma afetação. Sua timidez o impede de confiar apenas em seu próprio julgamento, principalmente num caso que envolve tanta ansiedade. A confiança que tem no meu discernimento torna tudo mais fácil. Mas eu fui obrigado a confessar uma coisa que por algum tempo, e não sem justiça, o

indagou. Ocorre que eu não podia mais ocultar que sua irmã estivera em Londres três meses antes, que eu soubera do fato e que, propositalmente, o escondera dele. Mas a raiva de Bingley durou, assim estou persuadido, não mais do que o período em que estive em dúvida sobre os sentimentos de sua irmã. A essa altura ele já me perdoou de coração.

Assim que alcançaram a casa, Elizabeth e Darcy defrontaram-se com uma horda de não mencionáveis, não mais do que uma dúzia, que se havia alojado num jardim a menos de dez metros da estrada. As criaturas rastejavam de quatro, mordiscando as cabeças cruas de couves-flores, que confundiam com cérebros. Elizabeth e Darcy riram ao ver a cena e por um momento estava decididos a seguir em frente, já que os zumbis não os haviam percebido. Mas, compartilhando um sorriso e um olhar, o casal se deu conta de que haviam ali deparado com a sua primeira oportunidade de lutar lado da lada.

E foi o que fizeram.



AS CRIATURAS RASTEJAVAM DE QUATRO, MORDISCANDO AS CABEÇAS CRUAS DE COUVES-FLORES, QUE CONFUNDIAM COM CÉREBROS.

CAPÍTULO 59

- **MINHA QUERIDA LIZZY**, onde, por Deus, você se meteu?

Foi esta a pergunta com que Jane recebeu Elizabeth assim que esta entrou em casa, assim como dos demais familiares logo que eles se sentaram à mesa. Tudo que ela pôde responder foi que ficaram passeando sem rumo certo e acabaram perdendo a noção do tempo. Suas faces ficaram vermelhas enquanto ela falava, mas nem isso, tampouco qualquer outra coisa, despertou suspeitas sobre o que ocorrera.

A noite foi tranquila. Aqueles cujo amor era de todos conhecido, conversaram muito e riram; aqueles cujo amor era mantido em segredo, ficaram em silêncio. Darcy não tinha um temperamento afeito a transbordar de contentamento, e Elizabeth, muito agitada e perplexa, já previa o que aconteceria naquela família quando sua nova situação fosse anunciada.

À noite, ela abriu seu coração para Jane. Embora a desconfiança estivesse muito distante dos hábitos comuns da moça, neste caso ela se mostrou absolutamente incrédula.

- Você está brincando, Lizzy. Não pode ser! Noiva do Sr. Darcy! Não, não, você não devia tentar me enganar. Sei muito bem que isso é impossível.

- Mas que começo pouco animador! Você era minha única esperança. Tenho certeza de que ninguém mais acreditará em mim, se nem você acredita. No entanto, estou dizendo a verdade. E sem nenhum exagero. Ele ainda me ama, e ficamos noivos.

Jane fitou-a, ainda hesitando:

- Mas, Lizzy, não pode ser. Sei muito bem quanto você o detesta!

- Você não sabe coisa alguma. Sobre isso a que você se refere, *tudo* agora deve ser esquecido. Pode ser que eu não tenha gostado tanto dele desde o começo como gosto agora. Mas este é um daqueles casos em que uma boa memória é imperdoável. Será esta a última vez que eu mesma hei de lembrar esse período.

Jane ainda estava inteiramente tomada pelo espanto. Elizabeth, mais uma vez, e agora com maior gravidade, assegurou-lhe de novo que estava dizendo a verdade.

- Deus do céu! Será possível? Mas agora só me resta acreditar em você - disse Jane, nervosa. - Minha querida Lizzy, eu deveria... eu felicito você, sinceramente, mas... tem mesmo certeza?... Perdoe a pergunta, mas tem mesmo certeza de que será feliz com ele?

- Não pode haver dúvidas quanto a isso. Já foi combinado entre nós que seremos o casal mais feliz do mundo. Mas você não ficou contente, Jane? Não vai apreciar tê-lo como cunhado?

- Muito. Muitíssimo. Nada poderia dar a Bingley e a mim mesma a maior satisfação. Mas em nossas conversas sempre consideramos isso impossível. E você o ama de verdade, Lizzy? Ah! Faça o que quiser, menos case sem amor. Está bem certa de que se sente como deveria se sentir em relação a ele?

- Ah, sim! Você somente se preocupará que eu sinta *mais* do que deveria sentir, quando eu der a notícia a todos.

- Como assim?

- Ora, quando eu confessar que o amo mais do que aos nossos jogos de Beije-me, Veado, receio que você vá se zangar.

- Minha queridíssima irmã, por favor, fale sério agora. Quero conversar seriamente com você. Deixe que eu saiba de tudo que há para

se saber do assunto... e sem rodeios. Conte-me: há quanto tempo está apaixonada por ele?

- É algo que veio se formando tão aos poucos que mal sei quando começou. Mas creio que devo fixar a data no dia em que pela primeira vez percebi como suas calças se avolumavam naquelas suas partes mais inglesas.

Uma nova advertência para que ela preservasse a sobriedade da conversa, entretanto, produziu o efeito desejado, e logo ela satisfez a Jane com solenes juramentos sobre seu amor a Darcy. Uma vez convencida deste ponto, a Srta. Bennet nada mais tinha a desejar.

- Bem, estou muito contente - disse ela - porque você será tão feliz quanto eu. Sempre o estimei. E por nenhuma outra razão que

não o amor dele por você. Só isso já me faria estimá-lo para sempre. Mas, agora, como amigo de Bingley e seu marido, somente Bingley e você mesma serão mais queridos por mim. Mas, Lizzy, você foi bastante dissimulada, reservada ao extremo em relação a mim. Como foi econômica quando me contou sobre o que se passou em Pemberley e Lambton.

Elizabeth contou-lhe os motivos de tanto segredo. No entanto, já não iria ocultar dela a participação de Darcy no casamento de Lydia. Foi tudo contado à irmã, e assim elas passaram metade da noite conversando.

- Pela bondade divina! - exclamou a Sra. Bennet, parando junto da janela, na manhã seguinte. - Aquele homem desagradável, o Sr. Darcy, está vindo para cá de novo, com o nosso querido Sr. Bingley! O que ele pretende, nos importunando desse modo com sua presença aqui sempre? Por que não vai dar tiros por aí ou fazer o que bem entenda, em vez de ficar nos impondo sua companhia? O que podemos fazer em relação a

ele? Lizzy, você tem de levá-lo a passear pelos arredores de novo, para que ele não se grude ao Sr. Bingley.

Elizabeth mal pôde conter a risada diante de obrigação tão bem-vinda. No entanto, se sentia envergonhada pelo fato de a mãe se referir a Darcy em termos tão rudes.

Assim que eles entraram, Bingley lançou-lhe o mais expressivo dos olhares e apertou-lhe a mão calorosamente, de modo a não deixar dúvidas de que estava a par de tudo, e logo dizia em voz alta:

- Sra. Bennet, por acaso não teria mais algumas alamedas nas cercanias nas quais Lizzy possa se perder hoje também?

- Acabei de sugerir ao Sr. Darcy, assim como a Lizzy e a Kitty - disse a Sra. Bennet —, a fazer uma caminhada até os campos de cremação do monte Oakham nesta manhã. É um passeio bonito e bastante longo, e creio que o Sr. Darcy nunca viu as fogueiras.

- Pode ser ótimo para os demais - replicou Bingley —, mas tenho certeza de que será um esforço excessivo para Kitty. Não é mesmo, Kitty?

Kitty reconheceu que preferia ficar em casa. Darcy declarou ter enorme curiosidade de ver as altas línguas de foto no alto do

monto e Elizabeth, com seu silêncio, aquiesceu. Ao subir para se preparar, a Sra. Bennet seguiu-a, dizendo:

- Lamento muitíssimo, Lizzy, que você seja forçada a entreter sozinha esse homem tão antipático. Entretanto, espero que não se importe. É tudo pelo bem de Jane, você sabe. E, depois, ele não fala mesmo quase nada, só uma coisa ou outra. Assim, você não precisa se obrigar a muito incômodo.

Durante a caminhada, ficou decidido que o consentimento do Sr. Bennet seria pedido à noite. Elizabeth reservou para si a tarefa de comunicar à mãe. Não era capaz de prever como ela reagiria, já que tinha dúvidas se toda a riqueza e importância de Darcy seriam o suficiente para superar a repulsa que a Sra. Bennet sentia por ele.

À noite, logo depois de o Sr. Bennet ter se retirado para a biblioteca. Elizabeth acompanhou com os olhos Darcy se levantando da cadeira para segui-lo, e a perturbação dela ao ver isso foi extrema. Não temia uma negativa por parte do pai, mas ele ficaria entristecido; e isso inteiramente por causa dela; lamentava que logo ela, em quem ele confiava como sua melhor guerreira, lhe causasse esse desgosto com sua escolha de vida; uma escolha que por certo o levaria às lágrimas e deixaria seu espírito pesaroso, por perdê-la. Eram pensamentos dolorosos, e lá ficou ela, melancólica, até que o Sr. Darcy retornou, e ela, ao olhá-lo, vendo o sorriso que ele trazia no rosto, sentiu um pouco de alívio. Em poucos minutos Darcy se aproximou da mesa onde ela estava sentada com Kitty e, fingindo observar admirado o trabalho que ela fazia, disse-lhe num sussurro: "Vá falar com seu pai, ele quer vê-la na biblioteca." Elizabeth levantou-se imediatamente.

Encontrou o pai andando de um lado para o outro na biblioteca, com uma expressão séria e ansiosa.

- Lizzy - disse-lhe. - Você sabe o que está fazendo? Estava fora do seu juízo quando aceitou esse homem? Você sempre o detestou, ora!

Quisera, e muito ardentemente, Elizabeth que suas opiniões do passado tivessem sido mais lúcidas e que as tivesse expressado de modo mais comedido. Isso lhe teria poupado explicações e declarações que seriam extremamente embaraçosas; no entanto,

agora eram necessárias, e foi assim que a moça garantiu ao pai a sinceridade de seu afeto pelo Sr. Darcy.

- Ele é rico, disso não pode haver dúvidas, e casando-se com le você pode obter roupas mais finas e carruagem mais vistosas do que Jane. Mas isso fará a sua felicidade?

- O senhor levanta alguma outra objeção - indagou Elizabeth - que não acreditar que sou indiferente a ele e a perda da minha espada?

- Absolutamente nenhuma. Todos sabemos que ele é uma pessoa orgulhosa e desagradável. E que Longbourn... de fato todo Hertfordshire ficaria em situação mais precária perdendo você. Mas nada disso significará coisa alguma, caso você o ame de verdade.

- Mas eu o amo! Amo, sim! - replicou ela, com lágrimas nos olhos. - Eu o amo. E, na verdade, ele não é tão orgulhoso assim. E é uma pessoa muito gentil. O senhor não o conhece direito, então, suplico-lhe que não me faça sofrer falando dele em tais termos.

- Lizzy! - murmurou o pai. - Já dei meu consentimento a ele. Aliás, o senhor Darcy é o tipo de homem a quem eu não me atreveria recusar coisa alguma que ele tenha se dignado de pedir. E agora dou esse mesmo consentimento a você, se está mesmo envolvida a casar-se com ele. Mas deixe que eu a aconselhe a refletir mais sobre o assunto. Conheço você, Lizzy. Sei que jamais será feliz, tampouco respeitará a si mesma, a não ser que goste muito do marido... a não ser que o considere como alguém superior a você. Sua habilidade extraordinária nas artes mortais a deixaria em imenso perigo num casamento sem estabilidade. Você dificilmente escaparia da desonra e da felicidade. Minha filhinha, não me condena ao remorso de ver você incapaz de respeitar aquele que será seu parceiro para toda a vida.

Elizabeth, cada vez mais emocionada, soou solene e sincera em sua resposta; e, afinal, de tanto repetir que fora verdadeira com seus sentimentos ao escolher o Sr. Darcy, de tanto explicar como acontecera a gradual mudança em sua estima em relação a ele, declarando sua sólida certeza de que o afeto que sentia não era intempestivo, que resistira ao teste de muitos meses de expectativa, enumerando também enfaticamente as qualidades de

Darcy, conseguiu conquistar a confiança do pai quanto a essa união.

- Bem, minha querida - concluiu o Sr. Bennet, quando ela parou de falar —, nada mais tenho a dizer. Se assim é, como você me diz, ele a merece. Eu não conseguiria permitir que ninguém com méritos inferiores tirasse você de mim.

Para completar a impressão favorável, ela então lhe relatou o que o Sr. Darcy, sem que lhe pedissem, fizera em favor de Lydia. Ele a escutou tomado de assombro.

- Não resta dúvida de que esta é uma noite espantosa! Quer dizer que foi tudo obra de Darcy: deu o dinheiro, pagou as dívidas do indivíduo e deixou-o aleijado! Tanto melhor. Vai me poupar uma montanha de problemas e de dinheiro. Se fosse coisa do seu tio, eu deveria e tinha a obrigação de lhe ressarcir. Entretanto, esses jovens ardentemente apaixonados fazem as coisas do seu próprio jeito. Vou me oferecer para cobrir seus gastos amanhã, ao que ele responderá apregoando o amor dele por você, e isso vai pôr um ponto final no problema.

Só então o Sr. Bennet recordou-se do embaraço dela ao ler a carta do coronel Fitzwilliam poucos dias antes; e depois de rir por alguns instantes finalmente permitiu que ela o deixasse, dizendo, quando ela saía:

- Se algum jovem aparecer querendo levar Mary ou Kitty; mande-o entrar. Estou sem nada o que fazer por hoje.

O espírito de Elizabeth agora estava aliviado de um enorme peso e, depois de meia hora de meditação a sós em seus aposentos, ela afinal conseguiu se reunir aos demais, razoavelmente composta. Era tudo recente demais para qualquer expansão maior de alegria, e assim a noite transcorreu serena; já nada de concreto havia para se temer, e ela sabia que se habituaria à nova situação com o tempo.

Quando a mãe subiu para o quarto de vestir à noite, Elizabeth seguiu-a e fez a importante comunicação. O efeito foi mais extraordinário. Quando a escutou pela primeira vez, a Sra. Bennet ficou absolutamente paralisada, sentada onde estava, incapaz de pronunciar uma sílaba que fosse. E assim permaneceu por muitos e muitos minutos, até conseguir reagir ao que a filha lhe dissera.

Afinal se recobrou, remexeu-se na cadeira, levantou-se, arriou de novo, sentada, com uma expressão de assombro, e persignou-se.

- Pela bondade celestial! Que bênção, Senhor! Mas como... Se então... O Sr. Darcy! Quem iria imaginar? Mas é verdade mesmo? Ah, minha adoradíssima Lizzy! Como você vai ser rica! Como vai ser importante! Só o que vai receber para suas *despesas miúdas*... E as joias! As carruagens! O marido de Jane nada representa diante de tudo isso... absolutamente nada. Estou tão satisfeita... e felicíssima! Que homem charmoso ele é. Tão bonito! Tão alto! Ah, minha querida Lizzy! Por favor, me perdoe por não ter gostado dele tanto assim no passado. Espero que ele desconsidere isso. Minha querida, minha querida Lizzy! Uma casa em Londres. Tudo o que há de mais elegante! Três filhas casadas! Dez mil ao ano, e muito possivelmente mais ainda. Vale tanto quanto um lorde! E uma licença especial. Você terá de se casar sob uma licença especial. Mas, minha adorada, agora me diga qual o prato predileto do Sr. Darcy, e eu mandarei prepará-lo amanhã.

Era um triste augúrio do que seria daí para a frente o comportamento de sua mãe em relação ao cavalheiro. Elizabeth ponderou consigo mesma que, embora convencida do mais ardoroso afeto de ambos e já contando com a aprovação dos mais próximos, ainda havia muito a desejar: a paz para a Inglaterra, a aprovação dos parentes do Sr. Darcy e uma mãe com a qual tivesse alguma coisa, qualquer que fosse, em comum. No entanto, o dia seguinte transcorreu muito melhor do que ela poderia esperar, já que a Sra. Bennet, afortunadamente, continuava tão estupefata diante de seu futuro genro que não se atrevia a falar com ele, a não ser no que lhe coubesse, como lhe oferecer mais chá ou tirar as migalhas das calças dele.

Elizabeth teve a sensação de ver seu pai superando suas habituais reservas para tentar se tornar mais próximo dele. O Sr. Bennet logo lhe assegurava que a cada hora que passava crescia sua estima por Darcy.

- Admiro bastante todos os meus três genros - disse ele. - Embora Wickahm - observou com um sorriso - seja talvez meu favorito, já que se remexe menos.

CAPÍTULO 60

COM HUMOR DE ELIZABETH logo recuperando a animação e a alegria, quis do Sr. Darcy que este lhe relatasse como havia se apaixonado por ela.

- Como começou? -- perguntou ela. - Posso compreender como tudo tenha ido adiante, uma vez tendo se iniciado; mas o que tocou você no primeiro instante?

- Não há como definir uma data, tampouco o lugar, a cena e as palavras que principiaram tudo. Foi há tanto tempo... Eu já abrigava o sentimento e não percebera quando entrou em mim.

- Não pode ter sido por causa da minha beleza, nem da minha habilidade com as artes mortais, já que tanto uma quanto a outro se equivalem às que você próprio possui. Quanto às minhas maneiras, o meu comportamento em relação a você, no mínimo, beirou a incivilidade, sobretudo porque jamais falei com você sem a intenção de magoá-lo. Então, seja sincero... O que você admirou em mim foi minha impertinência?

- Se está se referindo à vivacidade de seu espírito, sim!

- Mas poderia muito bem chamar de impertinência. É pouco mais do que isso. O fato é que você estava enojado de tanta cortesia ao seu redor, de tantas formalidades. Sentia uma certa repulsa em relação às mulheres que estavam sempre falando, pensando e buscando *sua* aprovação, nada mais. Eu surgiu de repente e despertei seu interesse porque sou bastante diferente *delas*. Conheço a euforia de pressionar meu pé sobre a cabeça de um inimigo derrotado, de tingir minha face e meus braços com o sangue dele ainda quente, de urrar para os céus pedindo a... não, desafiando... Deus a me mandar mais inimigos para matar. As gentis senhoritas, que tão assiduamente cortejam você, nada sabem desse sentimento de triunfo, e, portanto, jamais poderiam oferecer-lhe uma felicidade genuína. Pronto, aí está! Poupei você

do trabalho de reconhecer tudo isso e, considerando tudo, ao fim, percebo o que disse como

extremamente razoável. Só para deixar claro: você não enxergava nenhuma virtude em mim, mas ninguém pensa nisso quando se apaixona.

- Não havia virtude no seu afetuoso cuidado em relação a Jane quando ela esteve doente em Netherfield?

- Minha adorada Jane! Quem poderia dedicar-se menos a ela? Mas fazer disso uma virtude, ora, por favor! Minhas qualidades estão agora sob a sua proteção, e cabe a você decidir se deve enxergá-las ou não tanto quanto possível. Em retribuição, cabe a mim encontrar ocasião para provocá-lo e discordar de você com a máxima frequência. E vou começar de imediato, perguntando o que o fez chegar até aqui tão a contragosto? Por que se portou com tanta timidez comigo da primeira vez que nos visitou e depois jantou aqui? Por que, em especial, quando fez essa visita deu mostras de não ligar em absoluto para mim?

- Porque você se mostrou séria, ficou em silêncio e não me deu nenhum encorajamento.

- Mas eu me sentia constrangida.

- E eu também.

- Poderia ter falado mais comigo quando veio jantar aqui.

- Um homem menos tocado pela situação teria agido assim.

- Mas que falta de sorte que você tenha uma resposta razoável para me dar e que eu seja bastante razoável para levá-la em consideração. Mas eu me pergunto por quanto tempo você *teria* mantido esse comportamento se o caso fosse deixado por sua conta. Fico me perguntando quando você *teria* se resolvido a falar, se eu não o tivesse interpelado.

- O esforço injustificável de Lady Catherine para nos separar, bem como o poleiro onde ela se encaixa, foi o que dissipou todas as minhas

dúvidas. O fato de você ter se recusado a matá-la devolveu-me as esperanças, e eu, então, me tornei determinado a saber tudo de uma vez por todas.

- Lady Catherine foi infinitamente útil, o que deve fazê-la feliz, já que ela adora ser útil. Mas, diga-me, por que veio para Netherfield? Foi somente para uma cavalgada a Longbourn e para se sentir constrangido? Ou tinha planos mais consequentes?

- Meu verdadeiro propósito era vê-la e avaliar, se eu fosse capaz, se ainda poderia ter esperanças de fazê-la me amar. Já o propósito que admitia, ou pelo menos que admitia para mim mesmo, era ver se Jane ainda sentia interesse por Bingley e, nesse caso, fazer ao meu amigo a confissão que, efetivamente, fiz, depois.

- E algum dia terá coragem de anunciar a Lady Catherine o que irá acontecer?

- Como em você, em mim também não falta coragem. Mas estou carente de tempo e, assim, se você me der uma folha de papel, escreverei diretamente a ela.

- E se eu mesma não tivesse uma carta para escrever, me sentaria junto a você e admiraria o esmero da sua caligrafia do modo como uma jovem fez certa feita. Mas também tenho eu uma tia que não pode ser negligenciada por mais tempo.

Por falta de ânimo de confessar à tia quanto sua expectativa em relação ao Sr. Darcy haviam sido exageradas. Elizabeth ainda não respondera à longa carta da Sra. Gardiner. Mas, agora, havendo notícia que sabia que a deliciariam, estava quase envergonhada só de pensar que seu tio e sua tia haviam perdido três dias de felicidade. Portanto, escrevera o que se segue:

Eu devia ter lhe agradecido, minha querida tia, por sua longa, terna e elucidativa carta, tão detalhada. Mas, para dizer a verdade, estava transtornada demais para escrever. Na ocasião, a senhora exagerou nas suas suposições. No entanto, agora, pode supor o que bem entender e soltar as rédeas de sua fantasia, ceda à sua imaginação quaisquer voos que o assunto em questão permita e, a não ser que me acredite já casada; não estará enormemente equivocada. A senhora deve tornar a escrever muito em breve e elogiá-lo bem mais do que já o fez na sua última carta. Agradeço-lhe, de novo e de

novo, por não termos ido para os Lagos. Como eu pude ser tão idiota a ponto de desejar tal coisa? Sua ideia de uma charrete puxada a zumbis é deliciosa. Passearemos pelo parque inteiro todos os dias, açoitando-os até que seus membros se despreguem e caiam. Sou a criatura mais feliz do mundo. Talvez outras pessoas tenham dito isso antes, mas jamais com tal justiça. Sou mais feliz até mesmo do que Jane; ela meramente sorri, eu solto risadas. O Sr. Darcy lhe envia todo o amor do mundo, pelo menos o que pode deixar me dar. Vocês devem todos vir para Pemberley no Natal.

SUA, ETC.

A alegria que a Srta. Darcy expressou ao receber semelhante informação foi tão sincera quanto a felicidade de seu irmão ao enviá-la. Quatro páginas foram insuficientes para contar toda a satisfação e a sinceridade com que manifestava o desejo de ser amada e treinada por sua cunhada.

CAPÍTULO 61

UMA FELICIDADE QUE gratificava inteiramente seus sentimentos maternos foi o dia em que a Sra. Bennet se viu livre de suas duas filhas mais admiráveis. E pode-se adivinhar com que orgulho tão prazeroso ela fez sua primeira visita à nova Sra. Bingley e pôde conversar com a nova Sra. Darcy. Quisera eu poder dizer, pelo bem de sua família, que a realização que sentiu ao ver tantas de suas filhas casadas e felizes a tornara uma mulher mais sensata, amistosa e bem informada pelo restante de seus dias; entretanto, talvez haja sido uma sorte para seu marido, que tanto prazer

tirava de implicar com ela, que vez por outro a esposa se mostrasse nervosa, além de invariavelmente adoentada.

O Sr. Bennet sentia enormes saudades de sua segunda filha, e seu afeto por ela o tirava com frequência de casa, o que nada mais conseguia fazer. Ele se divertia indo a Pemberley, sobretudo quando menos o esperavam por lá.

Como o Sr. Bennet predissera, Hertfordshire também se ressentiu da falta de suas duas maiores guardiãs. Nos dias e meses seguintes, com apenas duas das mais jovens irmãs Bennet para proteger a região, os zumbis surgiram em número cada vez maior, até que o coronel Forster retornou com o regimento e mais uma vez se acenderam as fogueiras dos campos de cremação.

O Sr. Bingley e Jane ficaram somente um ano em Netherfield. Jane não suportou morar tão perto de Longbourn, sendo agora uma mulher casada, já que todo ataque dos não mencionáveis a fazia sentir falta de sua espada. O acalentado desejo das irmãs do Sr. Bingley foi então atendido - ele comprou uma propriedade no condado vizinho a Derbyshire, e Jane e Elizabeth, acrescentando-se a todas as demais fontes de felicidade, passaram a residir a menos de cinquenta quilômetros uma da outra. Decididas a manter suas habilidades bem condicionadas, embora Sua Majestade não mais exigisse que assim procedessem, seus maridos construíram para elas um chalé de treinos, precisamente no limite entre as duas propriedades, no qual ambas as irmãs se encontravam, alegremente, com frequência.

Kitty tirou grande proveito do fato de passar grande parte de seu tempo com suas irmãs mais velhas. Em convívio tão superior àquele que estava acostumada, foi enorme o seu progresso. Não tinha um temperamento tão ingovernável quanto Lydia e, afastada do mau exemplo dessa irmã, tornou-se, sob a atenção e a orientação adequadas, menos irascível, menos ignorante e menos insípida. Quando anunciou que desejava retornar a Shaolin, para uma estada de dois ou três anos, com a esperança de assim de tornar uma guerreira tão boa quanto Elizabeth, o Sr. Darcy ficou felicíssimo em assumir as despesas.

Mary foi a única filha que permaneceu em casa, tanto pela necessidade de haver pelo menos uma guerreira para proteger

Hertfordshire quanto pelo fato de a Sra. Bennet ser incapaz de ficar sozinha. Já que não tinha mais de ser mortificada pelas comparações entre a sua beleza e a das irmãs, começou a se abrir mais para o mundo, vez por outra fazendo amizades, algumas bem próximas, embora infrequentes, com soldados do regimento que retornada.

Quanto a Wickham e Lydia, o caráter de ambos não sofreu drásticas alterações por conta do casamento das irmãs. A despeito de tudo, não haviam perdido totalmente as esperanças de que Darcy pudesse ser convencido a lhes ajeitar a vida. A carta de congratulações que Elizabeth recebeu de Lydia por ocasião de seu casamento explicitava-lhe que havia essa expectativa, pelo menos da parte da esposa, se não dele mesmo. A carta tinha tal propósito:

MINHA QUERIDA LIZZY,

Desejo-lhe felicidades. Se você ama o Sr. Darcy pelo menos a metade do que eu amo meu querido e aleijado Wickham, você será muito feliz. É da grande valia ter você tão rica como irmã, e quando não tiver mais nada para fazer tenho esperanças de que se lembre de nós. Estou convencida de que Wickham gostaria muito de dispor de uma paróquia quando concluir o seminário e creio que não teremos dinheiro suficiente para nossa subsistência sem alguma ajuda. Qualquer paróquia, de cerca de trezentos ou quatrocentos ao ano, serviria. No entanto, não fale com o Darcy sobre isso se não achar conveniente. Preciso encerrar por aqui, já que meu bem amado se sujou novamente,

SUA ETC.

Elizabeth empenhou-se, ao responder, colocar um fim a toda intenção e uma nova tentativa nesse sentido, e mesmo das expectativas do casal. Algum auxílio, no entanto, estava em seu poder providenciar, tal como roupas de baixo, lençóis novos e

peças de carne salgada, que lhes enviava regularmente. Sempre lhe fora evidente que a renda de que dispunham, nas mãos de duas pessoas tão extravagantes em suas necessidades, e, sobretudo, imprudentes quanto a seus gastos, deveria ser insuficiente. Sempre que os estudos de Wickham requeriam a compra de um novo hinário para aleijados, ou um atril para aleijados, ou um púlpito para aleijados, Jane ou ela própria se ofereciam para arcar com uma pequena parte dos gastos, de modo a diminuir o peso da despesa sobre eles.

Embora Darcy jamais fosse aceitar recebê-lo em Pemberley, ele, em consideração a Elizabeth, ajudou Wickham em sua carreira. Lydia ocasionalmente visitava a propriedade, quando o marido estava pregando nos asilos de Londres. Já na casa dos Bingley, o casal, com frequência, esticava tanto suas estadas que até mesmo o bom humor de Bingley era exaurido, e ele chegava a ponto de, em meio à conversa, sugerir-lhe que era hora de partirem.

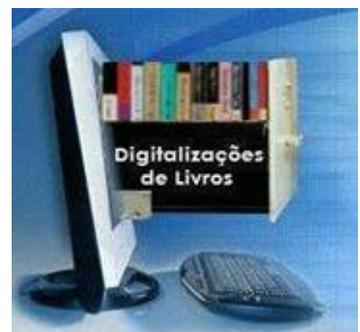
A Srta. Bingley ficou profundamente mortificada com o casamento de Darcy, mas, como achou aconselhável manter o direito de visitar Pemberley, deixou de lado todo o ressentimento. Agora gostava mais do que nunca de Georgiana, mostrava-se quase tão atenciosa para com Darcy quanto antigamente e, acima de tudo, comportava-se com todo o respeito e cordialidade em relação a Elizabeth.

Pemberley passou a ser lar de Georgiana, e o afeto entre cunhadas era exatamente o que Darcy esperava. Elas foram capazes de se gostar tanto quanto sempre haviam almejado em suas mais ousadas expectativas. Georgiana tinha Elizabeth na mais alta conta, embora no início escutasse com assombro - e quase se assustando - a maneira vigorosa e informal com que ela falava com seu irmão e se intimidasse com as histórias de Elizabeth sobre arrancar o coração ainda pulsante do peito de incontáveis inimigos. Sob a orientação da cunhada, a Srta. Darcy tornou-se uma guerreira melhor do que jamais imaginara, visto que, além de incrementar seu manejo da mosquetaria e das armas brancas, também começou a compreender que uma mulher pode tomar liberdades com seu homem, as quais um irmão nem sempre permite a uma irmã dez anos mais nova.

Lady Catherine mostrou-se profundamente indignada com o casamento de seu sobrinho, e sua resposta à carta que anunciava o noivado veio não escrita, mas sob a forma de um ataque de quinze dos ninjas de Sua Senhoria a Pemberley. Por algum tempo depois desse episódio todo contato fora rompido. Mas, ao cabo, persuadido por Elizabeth, Darcy buscou uma reconciliação. Após um pouco mais de resistência da parte de sua tia, seu ressentimento rendeu-se tanto ao afeto dela pelo sobrinho quanto por sua curiosidade de verificar como a esposa dele se conduzia. Afinal, concedeu fazer-lhes uma visita em Pemberley, a despeito da poluição a que foram submetidas suas florestas, não somente por conta da presença mundana, como do tio e da tia dela - com os quais Darcy e Elizabeth se davam nos melhores termos.

Como muitas vezes antes, o soro de Sua Senhoria provou-se inútil, uma vez que, conquanto retardasse alguns dos efeitos da estranha praga, de nada servia para detê-la em definitivo. Assim, a Inglaterra permaneceu sob a sombra de Satã. Os mortos continuaram a abrir caminho com suas mãos descarnadas para evadirem-se de seus caixões e criptas, banqueteados dos cérebros britânicos. Vitórias eram celebradas, derrotas eram lamentadas. E as irmãs Bennet, servas de Sua Majestade, guardiãs de Hertforshire, e dos segredos de Shaolin, bem como noivas da morte, eram agora, três delas, esposas de homens, suas espadas apaziguadas pela única força maior do que a de qualquer guerreiro.

FIM



[http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?
cmm=34725232](http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=34725232)

